STEPHEN KING

REVIVAL

SUMA de letras

STEPHEN KING

REVIVAL

Tradução
Michel Teixeira

Este livro é dedicado a algumas das pessoas que
pavimentaram meu caminho:

Mary Shelley

Bram Stoker

H.P. Lovecraft

Clark Ashton Smith

Donald Wandrei

Fritz Leiber

August Derleth

Shirley Jackson

Robert Bloch

Peter Straub

e a ARTHUR MACHEN, autor do conto
"O grande deus Pã", que me assombrou a vida toda.

Não está morto o que pode em eterno jazer
Em estranhos éons, mesmo a morte pode morrer.

— H.P.
Lovecraft

I

Quinto personagem. Montanha da Caveira.
Lago Plácido.

De certa maneira, nossa vida parece mesmo um filme. Família e amigos formam o elenco principal. Vizinhos, colegas de trabalho, professores e conhecidos são os coadjuvantes. Tem também os personagens com participações curtas: a caixa de supermercado com sorriso bonito, o garçom simpático do bar, os colegas de academia que encontramos três vezes por semana. Por fim, milhares de figurantes passam pela nossa vida como água pela peneira — são vistos uma única vez e nunca mais. O adolescente que folheia quadrinhos na Barnes & Noble, por quem você precisa passar (murmurando um "com licença" apressado) para chegar às revistas. A mulher parada no carro ao lado, no sinal de trânsito, que aproveita para retocar o batom. A mãe que limpa o sorvete do rosto do filho no restaurante de beira de estrada em que você parou para fazer um lanche. O homem que lhe vendeu um pacote de amendoins em um jogo de beisebol.

Às vezes, porém, entra em nossa vida alguém que não se encaixa em nenhuma dessas categorias. É o palhaço de mola que pula da caixinha vez por outra ao longo dos anos, não raro durante momentos de crise. No cinema americano, esse alguém é chamado de quinto personagem, ou agente de mudança. Quando ele surge em um filme, dá para saber que foi o roteirista quem o pôs ali. Mas e o roteiro da nossa vida? Quem escreve? O destino ou o acaso? Quero acreditar que seja o último. Quero mesmo, do fundo do coração. Quando penso em Charles Jacobs — meu quinto personagem, meu agente de mudança, minha Nêmesis —, não ouso acreditar que a presença dele em minha vida tenha qualquer ligação com o destino, pois isso significaria que todas aquelas circunstâncias terríveis — aqueles *horrores* — estavam fadadas a acontecer. Se for assim, a

luz não existe, e nossa crença nela é mera ilusão. Se for assim, vivemos na escuridão, como animais em uma toca, como formigas nas profundezas de suas colônias.

E não estamos sós.

Claire me deu um Exército de presente em meu aniversário de seis anos, e, em um sábado do mês de outubro de 1962, eu estava me preparando para uma grande batalha.

Venho de uma família grande, com quatro meninos e uma menina, e, por ser o caçula, sempre ganhei muitos presentes. Claire sempre me dava os melhores. Talvez por ser a mais velha, não sei, ou por ser a única menina, ou pelos dois motivos. Enfim: de todos os presentes incríveis que ela me deu ao longo dos anos, o Exército foi de longe o melhor. Nada menos que duzentos soldados de plástico verde, alguns com rifles, outros com metralhadoras, e uns dez grudados a armas em forma de tubo, que minha irmã explicou que eram morteiros. E também havia oito caminhões e doze jipes. Acho que o mais legal de tudo era a caixa, uma réplica de estojo militar em papelão com estampa de camuflagem em verde e marrom e a inscrição PROPRIEDADE DO EXÉRCITO DOS EUA em estêncil na frente. Embaixo dessa vinha outra, também em estêncil, feita por Claire: JAMIE MORTON, COMANDANTE.

Euzinho.

— Vi a propaganda na última página de um gibi do Terry — explicou ela, quando parei de gritar de alegria. — Ele não queria que eu recortasse, já que é um chato melequento...

— Isso mesmo! Eu sou o irmão mais velho, chato e melequento — interrompeu Terry, enfiando um dedo em cada narina. Ele tinha oito anos.

— Parem com isso agora mesmo — ralhou nossa mãe. — Nada de irmãos brigando em dia de aniversário, por favor e obrigada. Terry, tire os dedos do nariz.

— Enfim — continuou Claire —, eu copiei o cupom e enviei para a loja. Fiquei com medo de não chegar a tempo, mas chegou. Que bom que você gostou.

Ela me deu um beijo na testa. Claire sempre fazia isso. Tantos anos depois, eu ainda consigo sentir aqueles lábios macios.

— Adorei! — respondi, apertando o estojo militar camuflado contra o peito. — E vou adorar para sempre.

Isso foi depois do café da manhã, que teve panqueca de mirtilo com bacon, minha favorita. Nos aniversários, a comida servida era a favorita do aniversariante, e os presentes eram sempre entregues depois do café, ali na cozinha, equipada com forno a lenha, mesa comprida e um monstro de máquina de lavar, que sempre dava defeito.

— O "para sempre" do Jamie não dura mais do que cinco dias — zombou Con. Ele tinha dez anos, era magro (embora tenha encorpado depois) e já na época mostrava vocação para as ciências.

— Muito bem, Conrad — interveio nosso pai. Ele estava com a roupa de trabalho, um macacão que trazia seu nome, RICHARD, bordado com linha dourada no

bolso esquerdo. No direito, lia-se ÓLEO COMBUSTÍVEL MORTON. — Estou impressionado.

— Obrigado, meu velho.

— Por causa dessa sua língua comprida, você levou o grande prêmio: vai ajudar sua mãe a limpar a mesa do café.

— Mas é a vez do Andy!

— *Era* a vez do Andy — respondeu papai, colocando calda na última panqueca. — Pegue um pano de prato, seu linguarudo, e tente não quebrar nada.

— Vocês vão acabar estragando meu irmão com tanto mimo — devolveu Con, já pegando o pano de prato.

Connie não estava de todo errado sobre meu conceito de "para sempre". Cinco dias depois, o jogo Operação que Andy me dera já estava juntando poeira embaixo da cama (bem, estava mesmo faltando umas partes do corpo; Andy já tinha comprado assim, custara vinte e cinco centavos no bazar da Associação de Fazendeiros Eureka). O mesmo destino teve os quebra-cabeças que ganhei de Terry. O presente de Con, um projetor de slides de brinquedo, durou um pouco mais, mas acabou indo parar no fundo do armário e nunca mais foi visto.

De mamãe e papai ganhei roupas, porque meu aniversário cai perto do fim de agosto, logo antes do início das aulas, e naquele ano eu entraria na primeira série. Para mim, calças e camisetas novas eram tão empolgantes quanto a tela de barra de cores da TV, mas tentei demonstrar entusiasmo ao agradecer. Imagino que tenham percebido de cara, pois não é fácil para um menino de seis anos fingir empolgação... embora, infelizmente, essa seja uma habilidade que a maioria de nós aprende bastante rápido. De qualquer forma, as roupas foram lavadas no monstro, penduradas no varal do corredor lateral da casa e, por fim, dobradas e engavetadas na minha cômoda. Onde, é desnecessário dizer, permaneceram longe dos olhos e da lembrança até chegar setembro e ser hora de usá-las. Eu me lembro de um suéter que, na verdade, era bem bacana — marrom com listras amarelas. Quando vesti, fingi que era um super-herói chamado Vespa Humana: bandidos, cuidado com meu ferrão!

Mas Con estava errado sobre o Exército que vinha no estojo militar camuflado. Eu brincava com os bonecos todos os dias, o dia todo, em geral bem na frente do jardim de casa, em uma faixa de terra entre o gramado e a estrada dos Metodistas, que na época também era de terra. Com exceção da rota 9 e da estrada de mão dupla que levava até a montanha do Bode, onde ficava um resort para grã-finos, todas as ruas e estradas de Harlow eram de terra. Eu me lembro de ter visto minha mãe reclamando várias vezes por causa da poeira que entrava em casa nos dias secos de verão.

Em muitas tardes, Billy Paquette e Al Knowles, meus dois melhores amigos, brincavam de Exército comigo. No entanto, eu estava sozinho no dia em que Charles Jacobs surgiu em minha vida. Não sei por que Billy e Al não estavam por perto, mas me

lembro de estar feliz porque, para variar, estava brincando sozinho. Em primeiro lugar, não precisava dividir o Exército em três. Em segundo — e isso era o mais importante —, não haveria discussões sobre de quem era a vez de ganhar a batalha. Na verdade, eu achava injusto ter que perder uma única vez que fosse, afinal, eram *meus* soldados e *meu* estojo militar camuflado.

Quando confessei isso à minha mãe, em um dia quente no fim daquele verão, logo após meu aniversário, ela me pegou pelos ombros e me olhou nos olhos, o sinal inconfundível de que eu iria receber outra Lição de Vida.

— Esse negócio de "é meu" causa metade dos problemas do mundo, Jamie. Quando você está brincando com seus amigos, os soldados são de todos.

— Mesmo se a gente estiver brincando de ser inimigo?

— Mesmo assim. Quando o Billy e o Al vão para casa jantar e você guarda os soldados de volta na caixa...

— É um *estojo militar camuflado*!

— Certo, no estojo militar camuflado. Quando você guarda os soldados, eles são seus de novo. As pessoas fazem todo tipo de maldade umas com as outras, e você vai descobrir isso quando ficar mais velho, mas não tenho dúvida de que todo comportamento ruim nasce pura e simplesmente do egoísmo. Prometa que nunca vai ser egoísta, filho.

Prometer, eu prometi, mas continuei não gostando quando o Billy e o Al venciam.

Naquele dia de outubro de 1962, quando o destino do mundo estava por um fio por causa de uma pequena faixa de terra tropical chamada Cuba, eu lutava em ambos os lados da batalha, e acabaria vencendo de qualquer jeito. A motoniveladora da cidade tinha passado pela estrada dos Metodistas mais cedo ("Empurrando pedras para lá e para cá", como sempre resmungava meu pai), e o que não faltava era terra solta na rua. Peguei o bastante para construir primeiro uma colina, depois uma grande colina, então uma colina *enorme*, que batia quase nos meus joelhos. No começo, pensei em chamar de montanha do Bode, mas o nome não só era pouco original (afinal, a verdadeira montanha do Bode ficava a menos de vinte quilômetros), mas também sem graça. Depois de pensar um pouco, decidi chamar de montanha da Caveira. Até tentei cavar duas cavernas em formato de olho, mas a terra estava seca e os buracos sempre se fechavam.

— Fazer o quê — falei para os soldados de plástico guardados no estojo camuflado. — O mundo é cruel, e não dá para ter tudo. — Essa era uma das frases feitas favoritas do meu pai, e, com cinco filhos para criar, estou certo de que ele tinha razão para acreditar nela. — Vamos fazer de conta que as cavernas existem.

Coloquei metade do Exército no topo da montanha da Caveira, onde os soldados formaram um imenso pelotão. Os homens com morteiros foram os que ficaram mais legais ali em cima. Eram os chucrutes. Posicionei o Exército dos Estados

Unidos no limite do gramado. Os americanos levaram todos os jipes e caminhões, porque os veículos ficavam incríveis atacando a montanha íngreme. Eu sabia que alguns iam capotar, mas pelo menos parte deles chegaria ao topo e atropelaria os homens com morteiros, que suplicariam por misericórdia. E não teriam nenhuma.

— Até a morte! — bradei, enquanto organizava os últimos heróis americanos. — Hister, você é o próximo!

Eu estava começando a avançar com eles, linha por linha, imitando o barulho de metralhadora das histórias em quadrinhos, quando uma sombra cobriu o campo de batalha. Olhei para cima e vi um sujeito ali, parado. Ele bloqueava o sol da tarde, uma silhueta emoldurada por luz dourada — um eclipse humano.

Havia muita coisa acontecendo. Era sempre assim nas tardes de sábado, em nossa casa. Andy e Con estavam no grande quintal, jogando taco com os amigos, gritando e rindo. Claire estava no quarto com as amigas *dela*, botando discos para tocar na vitrola portátil: "The Loco-Motion", "Soldier Boy", "Palisades Park". Da garagem vinham as marteladas de papai e Terry, que trabalhavam no antigo Ford 51 que o velho chamava de Foguete da Estrada. Ou de Projeto. Certa vez o ouvi chamar o carro de monte de merda, uma expressão que eu adorei e uso até hoje. Quando quiser se sentir melhor, diga que alguma coisa é um monte de merda. Geralmente funciona.

Tanta coisa acontecendo, e mesmo assim naquele instante pareceu que tudo tinha parado. Sei que esse tipo de ilusão é causado por uma memória ruim (para não falar do baú lotado de associações sombrias), mas a lembrança é muito clara. De repente já não havia mais crianças gritando no quintal, discos tocando no segundo andar, barulhos vindos da garagem. Nem mesmo um pássaro cantava.

Então o homem se agachou, e o sol poente brilhou sobre seus ombros, me cegando por um instante. Levantei a mão para proteger os olhos.

— Desculpe, desculpe — disse o homem, e mudou de lugar para que eu conseguisse vê-lo sem precisar olhar para o sol. Da cintura para cima, vestia um casaco preto e uma camisa preta com colarinho de clérigo; da cintura para baixo, jeans e mocassim surrado. Parecia querer ser duas pessoas ao mesmo tempo. Aos seis anos, eu dividia os adultos em três categorias: gente grande nova, gente grande e velhos. Esse cara era gente grande nova. As mãos estavam nos joelhos, para que ele pudesse ver os Exércitos em combate.

— Quem é o senhor? — perguntei.

— Charles Jacobs.

O nome soava vagamente familiar. Ele estendeu a mão para mim. Cumprimentei-o na hora, pois, apesar de ter apenas seis anos, eu sabia me comportar. Todos sabíamos. Nossos pais se encarregaram disso.

— Por que a gola da sua camisa tem um buraco no meio?

— Porque sou ministro. A partir de agora, quando você for à igreja aos domingos, eu estarei lá. E se for aos encontros da Juventude Metodista, às quintas-feiras, também vai me encontrar.

— Nosso ministro era o sr. Latoure. Mas ele morreu.

— Eu sei. Sinto muito.

— Mas está tudo bem, porque minha mãe disse que ele não sofreu e foi direto para o céu. Só que ele não usava um colarinho assim.

— É porque Bill Latoure era um pregador leigo. Isso quer dizer que ele era tipo um voluntário, que manteve a igreja aberta quando não tinha mais ninguém. E foi uma ação muito boa da parte dele.

— Acho que meu pai já falou do senhor. Ele é diácono da igreja. Ele recolhe as oferendas. Mas às vezes reveza com os outros diáconos.

— Compartilhar é bom — respondeu Jacobs, ajoelhando-se ao meu lado.

— Você vai orar? — A ideia me pareceu meio alarmante. Orar era coisa que se fazia na igreja e na Juventude Metodista, que meus irmãos e minha irmã chamavam de Escola Noturna de Quinta. Quando o sr. Jacobs recomeçou os encontros, entrei no primeiro ano, exatamente como na escola. — Se o senhor quer falar com meu pai, ele está na garagem com Terry, mexendo no Foguete da Estrada. Meu pai está trabalhando, Terry só fica vendo, dando as ferramentas. Ele tem oito anos. Eu tenho seis. Acho que a minha mãe está lá nos fundos, vendo os garotos jogarem taco.

— A gente chamava esse jogo de bete, quando eu era criança — respondeu ele, sorrindo. Era um sorriso bonito. Gostei dele na hora.

— É mesmo?

— É, porque o taco que a gente usava para bater na bola era chamado de bete. Qual é o seu nome?

— Jamie Morton. Eu tenho seis anos.

— É, você já me contou.

— Acho que ninguém nunca orou no jardim da nossa casa.

— Eu não vou orar. Só quero ver seus Exércitos mais de perto. Quem são os russos e quem são os americanos?

— Esses no chão são os americanos, mas os que estão na montanha da Caveira são os chucrutes. Os americanos têm que conquistar a montanha.

— Porque ela está no meio do caminho — explicou Jacobs. — Atrás da montanha da Caveira fica a estrada para a Alemanha.

— Isso mesmo! E o chefe dos chucrutes! O Hister!

— Causador de tantos males.

— Hã?

— Deixa pra lá. Você se importa se eu chamar os vilões de alemães? "Chucrute" é meio cruel.

— Não é, não. É ótimo. Chucrute é alemão, e os alemães são chucrutes. O meu pai foi pra guerra, mas só no último ano. Consertava caminhões no Texas. O senhor foi pra guerra?

— Não. Era muito novo. Não tinha idade nem para a Guerra da Coreia. E como é que os americanos vão tomar a montanha, general Morton?

— Atacar! — gritei. — Disparem essas metralhadoras! Pá! Ratatatatatá! — Depois, fazendo voz mais grossa: — Pou, pou, pou!

— Um ataque direto contra o inimigo em terreno elevado parece um risco muito grande, general. Se eu fosse você, dividiria as tropas... assim... — sugeriu o sr. Jacobs, colocando metade dos americanos para a esquerda e a outra metade para a direita. — Isso cria um movimento de pinça, viu? — explicou ele, encostando o dedão no indicador. — Assim, você ataca o alvo dos dois lados.

— É, pode ser — refleti. Eu gostava da ideia de um ataque direto, com muita ação e muito sangue, mas também achava a sugestão do sr. Jacobs interessante. Era um

ataque sorrateiro. E sorrateiro pode ser muito bom. — Tentei fazer as cavernas, mas a terra está muito seca.

— Dá para ver — concordou ele, enfiando o dedo na montanha da Caveira e observando a terra escorrer para cobrir o buraco. Jacobs se levantou e bateu a poeira da calça jeans na altura dos joelhos. — Meu filho com certeza vai gostar de brincar com os seus soldados, daqui a um ou dois anos.

— Ele pode brincar agora, se quiser — respondi, tentando não ser egoísta. — Cadê ele?

— Ainda está em Boston, com a mãe. Tem muita coisa para encaixotar. Eles devem chegar aqui na quarta. Quinta, no máximo. Só que o Morrie é muito novinho para brincar com seu Exército. Ele ia jogar os soldados para tudo que é lado.

— Ele tem quantos anos?

— Só dois.

— Aposto que ele ainda faz xixi na calça! — gritei, e comecei a rir. Não foi muito educado, mas não consegui evitar. Crianças fazendo xixi na calça era engraçado demais.

— Ele faz, entre outras coisas — respondeu Jacobs, sorrindo —, mas tenho certeza de que quando crescer vai parar de fazer isso. Seu pai está na garagem, certo?

— É.

Foi então que lembrei onde tinha ouvido o nome dele antes — mamãe e papai estavam à mesa de jantar, conversando sobre o novo ministro que viria de Boston. "Ele não é meio jovem demais?", perguntou ela. "É, sim, e o salário dele será condizente", respondeu meu pai, com um sorriso. Os dois continuaram conversando sobre o reverendo, acho, mas não prestei atenção. Andy estava pegando purê de batata sem deixar para os outros, como sempre.

— Experimente fazer o ataque pelos flancos — lembrou Jacobs, retomando o assunto.

— Hã?

— O movimento de pinça — disse ele, juntando o dedão e o indicador mais uma vez.

— Ah, claro. Legal.

Experimentei e funcionou muito bem. Todos os chucrutes morreram. Mas não dava para dizer que a batalha tinha sido espetacular, por isso voltei ao ataque frontal, com caminhões e jipes se jogando contra a escarpa da montanha da Caveira e chucrutes tombando para trás em meio a gritos de desespero: "Aaaaahhh!".

Mamãe, papai e o sr. Jacobs se sentaram na varanda em frente à casa enquanto a batalha continuava, bebendo chá gelado e falando de coisas da igreja — além de meu pai ser diácono, minha mãe era uma das Senhoras Auxiliadoras. Não era a chefona, mas estava logo abaixo dela. Tinha que ver os chapéus chiques que ela usava. Eram pelo menos dez. Éramos felizes naquele tempo.

Minha mãe chamou meus irmãos, minha irmã e os amigos deles para conhecer o novo ministro. Eu também estava indo, mas o sr. Jacobs me fez um sinal para ficar, explicando à minha mãe que já tínhamos nos conhecido.

— Continue a batalha, general! — exclamou ele.

Continuei. Con, Andy e os amigos voltaram para o quintal e continuaram jogando. Claire e as amigas subiram de novo para o segundo andar e continuaram dançando (embora minha mãe tenha mandado abaixar a música, por favor e obrigada). O

sr. e a sra. Morton continuaram conversando com o reverendo Jacobs, e durante um bom tempo. Eu me lembro de ficar surpreso ao ver como os adultos tagarelavam. Era entediante.

Parei de prestar atenção neles porque estava travando a batalha da montanha da Caveira mais uma vez, e o fiz de diversas maneiras. No teatro de guerra mais interessante, adaptado do movimento de pinça do sr. Jacobs, parte do Exército americano manteve os alemães presos na frente de batalha, enquanto os outros deram a volta e emboscaram os chucrutes por trás. “O que ser isso?”, gritou um deles, logo antes de levar um tiro na cabeça.

Eu estava começando a ficar cansado da guerra e pensando em entrar para comer um pedaço de bolo (se é que Con, Andy e os amigos tinham deixado alguma sobra) quando a sombra se abateu outra vez sobre mim e meu campo de batalha. Olhei para cima e vi o sr. Jacobs com um copo d’água na mão.

— Peguei com a sua mãe. Posso mostrar uma coisa?

— Pode.

Ele se agachou de novo e derramou a água sobre o topo da montanha da Caveira.

— É uma tempestade! — gritei, fazendo barulho de trovões.

— Pode ser, se você quiser. E com raios. Agora veja só — disse ele, esticando dois dedos como se fossem chifres demoníacos, enfiando-os na terra molhada. Os buracos ficaram lá. — *Voilà*, cavernas.

Em seguida, ele pegou dois soldados alemães e os colocou ali dentro, completando:

— Vai ser difícil tirar esses homens daí, general, mas tenho certeza de que os americanos vão conseguir.

— Nossa! Obrigado!

— Se as cavernas desabarem de novo, é só botar mais água.

— Pode deixar.

— E não se esqueça de devolver o copo para a cozinha quando a batalha acabar. Eu não quero arrumar encrenca com sua mãe logo no meu primeiro dia em Harlow.

Prometi e estendi o braço.

— Toca aqui, sr. Jacobs.

Ele riu, apertou minha mão, depois desceu a estrada dos Metodistas em direção à casa paroquial, onde moraria com a família pelos três anos seguintes, até ser despedido. Fiquei olhando para ele enquanto se afastava, depois voltei à montanha da Caveira.

Antes que a guerra pegasse fogo, outra sombra se abateu sobre o campo de batalha. Dessa vez era meu pai. Ele se apoiou em um dos joelhos, com cuidado para não amassar nenhum soldado americano.

— E então, Jamie? O que achou do novo ministro?

— Eu gostei dele.

— Eu também. E sua mãe também. Ele é muito jovem para o trabalho, e, se for bom, nossa congregação vai ser a primeira dele. Mas acho que vai dar certo. Especialmente com a Juventude Metodista. Os jovens se entendem.

— Olha, papai, ele me ensinou a fazer cavernas. É só molhar a terra até ela quase virar lama.

— Estou vendo — disse ele, bagunçando meu cabelo. — Tome um bom banho antes do jantar. Quer que eu leve isso para você? — perguntou, pegando o copo.

— Quero, sim, por favor e obrigado.

Papai pegou o copo e voltou para casa. Voltei à montanha da Caveira, mas logo vi que a terra secara de novo, fazendo as cavernas desabarem. Os soldados foram enterrados vivos. Para mim, isso não era problema. Afinal, eles eram os vilões.

Hoje em dia, ficamos absurdamente preocupados com a ideia de sexo, e nenhum pai ou mãe em sã consciência deixaria um menino de seis anos visitar a casa de um recém-conhecido que morasse sozinho (mesmo que por apenas alguns dias), mas foi exatamente isso que minha mãe fez na segunda-feira seguinte, sem pestanejar.

O reverendo Jacobs — minha mãe me disse para chamá-lo assim, em vez de senhor — subiu a estrada dos Metodistas pouco antes das três da tarde e bateu na porta de tela. Eu estava na sala, brincando de colorir, enquanto mamãe assistia a *Disque para ganhar*. Ela escrevera para a emissora na esperança de ganhar o grande prêmio do mês, um aspirador de pó Electrolux. Minha mãe sabia que tinha pouca chance, mas dizia que quem espera só se cansa. Era uma piada.

— Você pode me emprestar seu caçula por meia hora? — perguntou o reverendo Jacobs. — Tem uma coisa na minha garagem que ele vai gostar de ver.

— O que é? — perguntei, já me levantando.

— Uma surpresa. Depois você conta tudo para sua mãe.

— Posso ir, mãe?

— Pode, mas primeiro tire a roupa da escola, Jamie. Enquanto ele se troca, que tal um chá gelado, reverendo Jacobs?

— Eu adoraria. A senhora poderia me chamar de Charlie?

Mamãe pensou por um instante, depois disse:

— Não, mas acho que posso chamá-lo de Charles.

Vesti jeans e camiseta e, como os dois estavam falando de coisas de adulto quando desci as escadas, saí de casa para esperar pelo ônibus escolar. Con, Terry e eu frequentávamos uma turma de séries múltiplas na rota 9, que ficava a apenas quatrocentos metros de casa, por isso íamos a pé, mas Andy estudava na Consolidated Middle, e Claire precisava cruzar o rio para assistir às aulas no Colégio Gates Falls, onde era caloura. ("Caloura, sim, mas nada de show", recomendou mamãe. Também era uma piada.) O ônibus os deixava no cruzamento entre a rota 9 e a estrada dos Metodistas, no sopé do morro dos Metodistas.

Vi os dois descendo do ônibus e, enquanto se arrastavam colina acima — discutindo como sempre, dava para ouvi-los da caixa de correio, onde eu estava —, o reverendo Jacobs saiu.

— Está pronto? — perguntou ele, me oferecendo a mão. Parecia algo perfeitamente natural.

— Estou.

Passamos por Andy e Claire na metade da descida. Andy perguntou aonde eu estava indo.

— Na casa do reverendo Jacobs — respondi. — Ele tem uma surpresa pra mim.

— Vê se não demora muito — recomendou Claire. — É sua vez de arrumar a mesa.

Ela olhou para Jacobs e logo desviou o olhar, como se fosse difícil encará-lo. Antes do fim do ano, minha irmã mais velha já estava completamente a fim do reverendo, e as amigas dela também.

— Trago ele de volta rapidinho — prometeu Jacobs.

Descemos a colina de mãos dadas até a rota 9, que levava a Portland, virando à esquerda, e a Gates Falls, Castle Rock e Lewinston, à direita. Paramos e olhamos para os lados, o que era ridículo, pois mal havia carros na rota 9 quando não era verão, depois passamos por campos de feno e de milho. Naquela época do ano, os pés de milho secavam e estalavam ao sabor da leve brisa do outono. Em dez minutos estávamos na casa paroquial, uma construção branca com persianas pretas, muito arrumadinha. Logo atrás ficava a Primeira Igreja Metodista de Harlow, o que também era ridículo, pois não havia outra igreja metodista em Harlow.

Só havia mais uma casa de adoração em Harlow, a Igreja Batista Missionária Siló. Para papai, os batistas siloístas variavam de moderadamente insanos a doidos varridos. Eles não andavam por aí em charretes, mas todos os homens e garotos usavam chapéus pretos para sair. As mulheres e garotas usavam toucas brancas e vestidos que chegavam até os tornozelos. Papai dizia que os siloístas afirmavam saber quando o mundo iria acabar; alegavam que estava escrito em um livro especial. Minha mãe dizia que, nos Estados Unidos, qualquer um podia acreditar no que quisesse, desde que isso não fizesse mal a ninguém... mas nunca disse que papai estava errado. Nossa igreja era maior que a Siló, só que muito simples. E não tinha campanário. Ela chegou a ter um, mas um furacão, por volta da década de 1920, o derrubou.

O reverendo Jacobs e eu passamos pela entrada de terra da garagem da casa paroquial. Fiquei interessado ao ver que ele tinha um Plymouth Belvedere azul, um carro muito legal.

— Câmbio manual ou automático? — perguntei.

— Automático. Presente do meu sogro.

— O que é sogro? É um tipo de ogro?

— O meu é — respondeu ele, e deu uma gargalhada. — Você gosta de carros?

— Todo mundo gosta de carros — respondi, referindo-me a todos na família... embora isso não valesse muito para minha mãe e Claire. Mulheres não conseguiam entender muito bem o apelo dos carros. — Quando o Foguete da Estrada ficar pronto, meu pai vai correr no circuito de Castle Rock.

— É mesmo?

— É. Bem, não é ele quem vai correr. Minha mãe falou que é muito perigoso. Mas alguém vai. Talvez o Duane Robichaud. Ele é dono da loja de brownies, junto com o pai e a mãe dele. E pilotou o carro 9 no autódromo, ano passado, mas o motor pegou fogo. Meu pai disse que ele está procurando outro carro.

— E os Robichaud vão à igreja?

— Hummm...

— Vou tomar isso como um não. Entre na garagem, Jamie.

O lugar era sombrio e cheirava a mofo. Fiquei com um pouco de medo das sombras e do cheiro, mas Jacobs parecia não se importar. Ele me levou cada vez mais para a penumbra, depois parou e apontou. Engoli em seco quando vi.

Jacobs deu uma risadinha, daquelas que as pessoas dão quando estão orgulhosas de alguma coisa.

— Bem-vindo ao lago Plácido, Jamie.

— Uau!

— Montei tudo enquanto espero Patsy e Morrie chegarem. Eu deveria estar cuidando da arrumação da casa, e *já fiz* muita coisa, como consertar a bomba d'água, mas *não tenho* muito mais a fazer até Pats chegar com os móveis. Sua mãe e as outras Senhoras Auxiliadoras fizeram uma faxina e tanto aqui, garoto. O sr. Latoure morava em Ilha de Orr, então ninguém ocupa esta casa desde antes da Segunda Guerra Mundial. Eu agradeci a ela, mas não vou ligar se você agradecer mais uma vez, por mim.

— Está bem. Pode deixar — respondi, mas duvido que tenha passado o segundo agradecimento adiante, porque mal consegui ouvir o que ele estava dizendo.

Toda a minha atenção estava voltada para a mesa que ocupava quase metade do espaço da garagem. Em cima dela havia uma maquete com várias colinas verdejantes que deixavam a montanha da Caveira no chinelo. Já vi muitas maquetes do tipo desde então, na maioria das vezes em vitrines de lojas de brinquedos, mas todas tinham trens elétricos complicados passando por elas. Não havia trens na mesa que o reverendo Jacobs montou, que nem era uma mesa de verdade, mas folhas de madeira compensada colocadas sobre cavaletes. Por cima da madeira ficava uma área rural em miniatura, com uns quatro metros de comprimento e quase dois de largura. Torres de eletricidade com meio metro de altura passavam em diagonal pela maquete, que era dominada por um lago com água de verdade, de um azul que brilhava até na penumbra.

— Eu vou ter que tirar a maquete daqui, senão o carro não vai caber na garagem. Patsy não iria gostar nada disso. — O reverendo se inclinou, apoiou as mãos nos joelhos e olhou para as colinas, as linhas de energia e o grande lago. Havia ovelhas e vacas de plástico pastando perto da água (elas estavam bastante fora de escala, mas na hora não percebi isso, nem me importaria se tivesse notado). Também se viam vários postes luminosos, o que era bastante peculiar, já que não havia ruas ou cidades para iluminar. — Aposto que você faria uma batalha e tanto com seus soldados aqui, não é?

— É — concordei, pensando que dava para lutar uma guerra inteira ali.

— Mas isso não pode acontecer — disse ele, balançando a cabeça —, porque no lago Plácido todos se dão bem e é proibido brigar. De certa forma, é como o paraíso. Eu pretendo levar o lago para o porão da igreja, depois de retomar os encontros da Juventude Metodista. Quem sabe você e seus irmãos não me ajudam? Acho que as crianças iriam gostar.

— Com certeza! — respondi e depois completei com algo que papai sempre dizia: — Pode apostar, pastor!

Ele riu e me segurou pelos ombros.

— Agora, você quer ver um milagre?

— Acho que sim — respondi, sem muita convicção.

Parecia assustador. De repente, percebi que estávamos sozinhos em uma velha garagem vazia, um buraco empoeirado que, pelo cheiro, parecia fechado há anos. A porta

para o mundo exterior ainda estava aberta, mas parecia a um quilômetro de distância. Eu gostava do reverendo Jacobs, mas, naquele momento, pensei que teria sido melhor ficar em casa, deitado no chão, colorindo, esperando para ver se minha mãe tinha ganhado a Electrolux e finalmente teria vantagem na batalha sem fim contra a poeira do verão.

Então o reverendo Jacobs passou a mão lentamente sobre o lago Plácido, e me esqueci do nervosismo. Um zunido baixo surgiu embaixo da mesa improvisada, lembrando o som que a nossa TV Philco fazia quando estava aquecendo, e todas as luzes dos pequenos postes se acenderam. Eram de um branco intenso, quase impossível de se olhar diretamente, e derramavam um brilho lunar sobre as colinas verdes e a água azul. Até as vacas e ovelhas de plástico pareciam mais realistas, certamente porque passaram a ter sombras.

— Caramba! Como você fez isso?

Ele riu.

— Um truquezinho bem legal, né? "E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa." Só que eu não sou Deus, então dependo da eletricidade, que é uma coisa maravilhosa, Jamie. É um presente de Deus que faz com que a gente se sinta um deus sempre que liga um interruptor. Você não acha?

— Acho, sim. Meu avô Amos fala que não tinha isso na época dele.

— Muita gente viveu nessa época, mas não vai demorar a chegar o dia em que todas essas pessoas não vão mais existir... e, quando isso acontecer, ninguém vai se dar muita conta do milagre que é a eletricidade. E que mistério ela é. Nós temos uma ideia de como ela funciona, mas saber como uma coisa funciona é muito diferente de saber o que ela é.

— Como é que você acende as luzes?

Ele apontou para uma prateleira atrás da mesa.

— Está vendo aquela lampadazinha vermelha?

— Aham.

— É uma célula fotoelétrica. Dá para comprar uma, mas esta fui eu que construí. Ela projeta um feixe invisível. Quando eu interrompo o feixe, as luzes em torno do lago Plácido se acendem. Se eu interromper de novo... assim — explicou ele, passando a mão sobre a maquete e fazendo as lâmpadas perderem força até emitirem um restinho de luz e se apagarem. — Viu?

— Legal! — exclamei, retomando o fôlego.

— Agora é sua vez.

Levantei a mão. De início, nada aconteceu, mas, quando fiquei na ponta dos pés, meus dedos interromperam o feixe. O zunido recomeçou por baixo da mesa, e as luzes se acenderam outra vez.

— Consegui!

— Pode apostar — disse ele, bagunçando meu cabelo.

— O que é esse barulho? Parece a TV lá de casa.

— Olhe debaixo da mesa. Vou acender as luzes do teto para você poder ver melhor.

Ele apertou um interruptor na parede, e um par de lâmpadas empoeiradas se acendeu. O cheiro de mofo continuava lá (e senti até o cheiro de algo mais — alguma coisa quente e oleosa), mas as lâmpadas espantaram parte da penumbra.

Eu me inclinei — naquela idade nem era preciso me inclinar muito — e olhei por baixo da mesa. Vi duas ou três coisas parecidas com caixas amarradas à parte de baixo das tábuas. Eram a fonte do zumbido e do cheiro de óleo.

— Baterias — explicou ele. — Também fui eu que fiz. Meu passatempo é a eletricidade. E engenhocas. — Ele abriu um sorriso. — Eu adoro engenhocas. Minha mulher fica doida com elas.

— Meu passatempo é lutar com os chucrutes — comentei, e logo me lembrei de que ele dissera que aquilo era meio cruel. — Quer dizer, com os alemães.

— Todo mundo precisa de um passatempo. E todo mundo precisa de um milagre ou dois, só para provar que a vida é mais do que uma longa caminhada do berço à cova. Quer ver mais um milagre, Jamie?

— Quero!

Havia outra mesa no canto, esta coberta de ferramentas, pedaços de fio, três ou quatro rádios de pilha, iguais aos da Claire e do Andy, só que desmontados, e pilhas médias e grandes. Também havia uma caixinha de madeira, que Jacobs pegou. Então, ele se ajoelhou para ficarmos na mesma altura e a abriu, tirando de dentro uma figura de túnica branca.

— Sabe quem é este?

Eu sabia, porque o cara era quase igual ao que estava no abajur fluorescente do meu quarto.

— Jesus. Jesus com uma mochila nas costas.

— Não é uma mochila qualquer. Veja só, é uma mochila para baterias — explicou Jacobs, abrindo uma dobradiça do tamanho de uma agulha de costura na parte de cima da mochila. Dentro, vi o que pareciam ser duas moedinhas brilhantes com pequenos pontos de solda. — Fui eu que fiz, também, porque as lojas não vendem nada tão pequeno ou poderoso como essas duas baterias. Quem sabe um dia eu consiga uma patente disso? Acho que consigo, mas... — ele balançou a cabeça — deixa pra lá.

Jacobs fechou a tampa da mochila e levou Jesus até a maquete do lago Plácido.

— Notou como a água é azul?

— Notei. É o lago mais azul que já vi!

Ele assentiu.

— E alguém diria que só isso já é um milagre... até olhar de perto.

— Hã?

— É só tinta. Eu fico meditando sobre isso às vezes, Jamie. Quando não consigo dormir. Como um pouco de tinta pode fazer águas rasas parecerem profundas.

Parecia uma coisa meio boba para se pensar, mas fiquei quieto. Depois ele meio que saiu do transe e colocou Jesus ao lado do lago.

— Eu pretendo usar isso nos encontros da Juventude Metodista, é o que chamamos de ferramenta de aprendizado, mas vou mostrar para você antes, ok?

— Ok.

— Eis o que diz o capítulo 14 do Evangelho Segundo Mateus. Quer aprender com a Divina Palavra de Deus, Jamie?

— Acho que quero — respondi, começando a ficar incomodado de novo.

— Eu sei que quer, porque o que aprendemos quando crianças é o que permanece por mais tempo. Então, vamos lá, escute bem: “E logo ordenou Jesus que seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante para o outro lado, enquanto

despedia a multidão. E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar". *Você* ora, Jamie?

— Toda noite.

— Bom menino. Voltando à história. "E, chegada já a tarde, estava ali só. E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, andando por cima do mar. E os discípulos, vendo-o andando sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram com medo. Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu, não temais." Essa é a história, Palavra da Salvação. É boa, não acha?

— Acho que é. Quando Jesus "dirigiu-se a eles", quer dizer que falou com eles, não é isso?

— Exatamente. Quer ver Jesus andar por cima do lago Plácido?

— Quero!

Jacobs mexeu embaixo da túnica branca de Jesus, e o boneco começou a se mexer. Quando chegou ao lago Plácido, não afundou, mas seguiu em frente, sereno, deslizando sobre a água, chegando ao outro lado em mais ou menos vinte segundos. Ali havia uma colina, e ele tentou subir, mas deu para ver que ia tombar. O reverendo Jacobs pegou o boneco antes disso e mexeu embaixo da túnica de Jesus para desligá-lo.

— Ele conseguiu! — exclamei. — Ele andou sobre a água!

— Bem... Sim e não — disse o reverendo, sorrindo. Mas, de certa forma, não era um sorriso divertido. Um dos cantos da boca estava virado para baixo.

— Como assim?

— Está vendo onde ele entrou na água?

— Estou.

— Coloque a mão. Veja o que descobre. Só cuidado para não encostar nas linhas de energia, porque tem eletricidade de verdade correndo por elas. Não muita, mas, se você encostar nelas, vai levar um choque. Ainda mais se estiver com as mãos molhadas.

Estendi a mão com cuidado. Não achei que ele estivesse tentando me pregar uma peça, como Terry e Con faziam, mas eu estava em um lugar estranho com um desconhecido e não tinha certeza do que iria acontecer. A água parecia profunda, mas era só uma ilusão criada pela tinta azul do reservatório e pelas luzes refletidas na superfície. Meu dedo só entrou até a altura do primeiro nó.

— Você não está no lugar certo — disse o reverendo Jacobs. — Vá um pouco mais para a direita. Sabe a diferença de direita e esquerda?

Eu sabia. Minha mãe tinha me ensinado. "Direita é a mão que você usa para escrever." Claro que isso não funcionaria com Claire e Con, que eram canhotos, ou, como meu pai costumava chamar, sinistros.

Mexi a mão e senti alguma coisa na água. Era um metal com uma ranhura.

— Acho que encontrei — disse ao reverendo Jacobs.

— Também acho. Você encostou no trilho no qual Jesus anda.

— É um truque de mágica! — Eu já tinha visto mágicos no *The Ed Sullivan Show*, e Con ganhara uma caixa de truques de aniversário, embora todas as peças, com exceção das Bolas Flutuantes e do Ovo que Desaparece, tivessem sumido.

— Isso mesmo.

— Igual a Jesus andando sobre as águas para chegar ao barco!

— Alguma vezes, e é isso que me assusta.

O reverendo me pareceu tão triste e distante que fiquei com medo outra vez, mas também senti pena dele. Não que eu fizesse a mínima ideia da razão daquela tristeza quando ele tinha um mundo de mentirinha tão legal como o lago Plácido na garagem.

— É um truque *muito* bom! — exclamei e dei um tapinha em sua mão.

Jacobs voltou de onde quer que estivesse e sorriu para mim.

— Tem razão. Acho que estou com saudades da minha mulher e do meu filho. Deve ser por isso que peguei você emprestado, Jamie. Mas preciso devolver você para sua mãe.

Quando chegamos à rota 9, ele me deu a mão outra vez, apesar de não haver carros vindo de qualquer direção, e caminhamos assim toda a colina, até chegar à estrada dos Metodistas. Eu não me importava, pois gostava de segurar a mão do reverendo. Sabia que ele estava me protegendo.

A sra. Jacobs e Morrie chegaram dias depois. Ele não passava de uma coisinha de fraldas, mas ela era linda. No sábado, véspera da primeira vez em que o reverendo Jacobs assumiu o púlpito da congregação, Terry, Con e eu ajudamos a transportar o lago Plácido até o porão da igreja, onde a Juventude Metodista se reuniria todas as noites de quinta. Com a água drenada, foi muito fácil ver como o lago era raso e onde ficava o trilho que o cruzava.

O reverendo Jacobs fez Terry e Con jurarem guardar segredo — porque, dizia, não queria estragar a ilusão dos pequeninos (o que fez eu me sentir grande, uma sensação muito boa). Eles juraram, e acredito que nenhum deles tenha dado com a língua nos dentes, mas as luzes do porão da igreja eram muito mais brilhantes que as da garagem da casa paroquial, e se alguém olhasse a maquete de perto logo perceberia que, apesar do tamanho, o lago Plácido era apenas uma poça larga. Também dava para ver o trilho com as ranhuras. Quando chegou o Natal, todos já sabiam como a coisa funcionava.

— É uma mentirada — disse Billy Paquette, em uma tarde de quinta. Ele e o irmão, Ronnie, odiavam a Escola Noturna, mas a mãe os obrigava a ir. — Se ele mostrar aquele negócio e contar a história de caminhar sobre as águas de novo, vou ter um treco.

Pensei em brigar com ele por causa disso, mas Billy era maior que eu. E também era meu amigo. Além do mais, estava certo.

II

Três anos. A voz de Conrad. Um milagre.

O reverendo Jacobs foi despedido por causa do sermão que proferiu de seu púlpito em 21 de novembro de 1965. Foi fácil encontrar a data certa na internet porque eu tinha uma referência: foi no domingo antes do Dia de Ação de Graças. Ele desapareceu de nossa vida uma semana depois e partiu sozinho. Patsy e Morris, apelidado pelas crianças da Juventude Metodista de Morrie Chaveirinho, já tinham partido, bem como o Plymouth Belvedere com câmbio automático.

As lembranças que guardo dos três anos entre o dia em que vi o lago Plácido pela primeira vez e o dia do Sermão Terrível são surpreendentemente claras, embora, antes de começar este relato, eu teria afirmado que me lembrava de pouca coisa. Afinal, argumentaria eu, quantos de nós conseguem se lembrar em detalhes de coisas que aconteceram quando tinham entre seis e nove anos? Mas a escrita é algo maravilhoso e terrível. Ela abre poços profundos da memória que antes estavam selados.

Acho que eu poderia deixar de lado o relato que me propus a escrever e, em vez disso, encher um livro — grande, por sinal — sobre aqueles anos e aquele mundo tão diferente deste em que vivo agora. Eu me lembro de minha mãe passando roupa de camisola, inacreditavelmente linda sob o sol da manhã. Também me lembro do calção de banho verde-oliva, largo e sem graça, que eu usava para nadar com meus irmãos na lagoa do Harry. Nós dizíamos que o fundo lamacento era bosta de vaca, mas era só lodo (*acho* que era só lodo). E não me esqueço das tardes sonolentas na única sala da escola West Harlow, metido no casaco de inverno e sentado no Canto da Soletração, tentando ajudar o burraldo do Dicky Osgood a soletrar *hipopótamo*. Eu até me lembro de ouvir o imbecil dizer: "P-p-por que eu p-p-preciso so-so-soletrar se eu nu-nunca nem vi um?".

Eu me lembro da rede de estradas de terra que cruzava a cidade, de jogar bola de gude no pátio da escola nos intervalos gélidos de abril e do som do vento agitando os pinheiros quando eu já estava deitado, depois de fazer minhas orações, esperando o sono chegar. E me lembro de papai saindo da garagem com a chave inglesa na mão, o boné com os dizeres ÓLEO COMBUSTÍVEL MORTON enfiado na cabeça, escondendo a testa, e sangue escorrendo pela graxa que cobria suas juntas. Eu me lembro de assistir a desenhos do Popeye no *The Mighty 90 Show*, o programa do cantor country Ken MacKenzie, e de ser obrigado a ceder a TV para Claire e as amigas, que chegavam em casa à tarde querendo ver a parada de sucessos e as roupas das garotas no *American Bandstand*. E me lembro de um pôr do sol tão vermelho quanto o sangue nas juntas das mãos de meu pai, e vejo como isso agora me deixa arrepiado.

Tenho milhares de outras lembranças, a maioria boas, mas não me sentei diante do computador para contar minha história em um mundo cor-de-rosa e abraçar a nostalgia. A memória seletiva é um dos grandes pecados da velhice, e não tenho tempo para isso. Nem tudo era bom. Morávamos no interior, e a vida lá era dura. Acredito que ainda seja.

Meu amigo Al Knowles prendeu a mão direita no classificador de batatas do pai e perdeu três dedos antes que o sr. Knowles conseguisse desligar aquela geringonça perigosa e difícil de operar. Eu estava lá e me lembro de ver como a esteira ficou vermelha. Também me lembro dos gritos de meu amigo.

Meu pai (junto com Terry, seu parceiro fiel, embora nada entendido do assunto) colocou o Foguete da Estrada para rodar — e, Deus, que ronco lindo e poderoso ele fazia ao acelerar! — e o emprestou a Duane Robichaud, com a lataria recém-pintada e o número “19” estampado na lateral, para a corrida no circuito de Castle Rock. Na primeira volta da primeira bateria, o idiota capotou com o carro, perda total. Duane saiu sem um arranhão.

— O volante devia estar solto — disse ele, dando aquela risada imbecil e jogando a culpa no carro.

Meu pai respondeu que o problema estava era no parafuso solto entre o banco e o volante.

— Espero que você tenha aprendido a nunca mais entregar nada de valor nas mãos de um Robichaud — ralhou mamãe, e papai enfiou as mãos tão fundo nos bolsos que a parte de cima da cueca chegou a aparecer, talvez para evitar que os punhos fossem parar onde não deviam.

Lenny Macintosh, filho do carteiro, perdeu um olho ao se agachar para ver por que uma bomba que ele colocara em uma lata de abacaxi vazia não tinha estourado.

Meu irmão Conrad perdeu a voz.

Então, não, nem tudo era bom.

No primeiro domingo em que o reverendo Jacobs ocupou o púlpito, havia mais presentes do que em todos os anos em que o gordo, grisalho e gentil sr. Latoure mantivera a igreja aberta, proferindo seus sermões bem-intencionados, porém obscuros, com os olhos sempre marejados no Dia das Mães, que ele chamava de Domingo das Mães (esses detalhes foram cortesia de mamãe, anos mais tarde, eu quase não me lembro do sr. Latoure). Em vez de vinte, havia, no mínimo, quatro vezes mais fiéis, e me lembro de como as vozes ressoaram durante o hino de louvor: "Glória a Deus das benventuras, deem-Vos glória as criaturas!". Eu fiquei todo arrepiado. A sra. Jacobs também fazia bonito no órgão, e seu cabelo louro — preso por uma faixa preta — refletia as luzes coloridas que iluminavam a igreja através da única janela com vitral.

Voltando da igreja para casa em família, com nossos sapatos dominicais levantando nuvenzinhas de poeira, eu fiquei atrás de meus pais, e por isso ouvi as palavras de aprovação da minha mãe. E também de alívio:

— Por ele ser tão novo e tudo o mais, achei que ouviríamos um sermão sobre direitos civis, contra o alistamento militar obrigatório, ou coisa assim. Mas acabamos recebendo uma bela lição inspirada na Bíblia. Assim, os fiéis vão continuar aparecendo, você não acha?

— Por um tempo, sim — respondeu meu pai.

— Ah, o grande barão do petróleo. O grande cético — retrucou ela, batendo carinhosamente no braço dele.

No fim das contas, de certa forma, ambos estavam certos. O comparecimento nunca despencou para os níveis do sr. Latoure — o que significava uns dez gatos-pingados no inverno, sentados todos juntos em busca de calor humano naquela igreja cheia de correntes de ar, aquecida por fogão a lenha —, mas diminuiu aos poucos para sessenta, depois cinquenta fiéis, até chegar a cerca de quarenta, flutuando em torno desse número como um barômetro em um dia instável de verão. Ninguém atribuiu a redução ao sermão do sr. Jacobs, que era sempre claro, agradável e inspirado na Bíblia (nada de temas espinhosos como bombas atômicas ou marchas pela liberdade); alguns fiéis simplesmente deixaram de ir.

— Deus não é mais importante para as pessoas — reclamou mamãe, após um dia de audiência particularmente baixa. — Chegará o dia em que eles vão se lamentar por isso.

Durante esses três anos, nossa Juventude Metodista também passou por um modesto renascimento. Na Era Latoure, era raro aparecerem mais do que uns dez jovens nas noites de quinta, e quatro tinham sobrenome Morton: Claire, Andy, Con e Terry. Na Era Latoure eu era considerado muito novo para participar, por isso Andy às vezes me dava uns cascudos e me chamava de moleque sortudo. Quando perguntei ao Terry como as quintas-feiras eram antes, ele fez uma expressão de tédio:

— A gente cantava os hinos, respondia às arguições sobre a Bíblia e prometia que nunca ia beber nem fumar. Depois ele falava que a gente devia amar nossas mães, que os católicos iam para o inferno porque adoravam ídolos e que os judeus só queriam saber de dinheiro. Ele também mandava a gente imaginar que Jesus estava ouvindo quando algum amigo contasse uma piada suja.

Sob o novo regime, no entanto, a frequência aumentou para uns trinta meninos e meninas entre seis e dezessete anos, tanto que foi preciso comprar mais cadeiras dobráveis para o porão da igreja. E a razão não era o Jesus mecânico que caminhava sobre as águas do lago Plácido, pois logo aquilo deixou de ser interessante, mesmo para mim. Também duvido que as fotos da Terra Santa nas paredes tenham feito alguma diferença.

Em grande parte, era a juventude e o entusiasmo dele que chamavam a atenção dos jovens. Jogos e brincadeiras se juntaram aos sermões, porque, como ele sempre frisava, a maioria das pregações de Jesus aconteceu ao ar livre, e isso tinha mais a ver com o cristianismo do que a igreja. As arguições sobre a Bíblia continuaram, mas aconteciam durante uma dança das cadeiras, e era muito comum que alguém caísse no chão enquanto procurava por Deuteronômio 14, versículo 9, ou Timóteo 2, versículo 12. Era bem engraçado. Também tinha o campo de beisebol, que Con e Andy ajudaram o reverendo a construir no quintal dos fundos. Em algumas quintas-feiras, os garotos jogavam beisebol e as garotas ficavam na torcida; nas outras, as garotas jogavam softbol e os garotos torciam (para que algumas garotas esquecessem que era a vez delas e fossem de saia).

O interesse do reverendo Jacobs pela eletricidade também tinha vez nas "conversas com jovens" das noites de quinta. Lembro-me de certa tarde em que ele esteve na nossa casa e pediu a Andy que fosse ao encontro da Juventude Metodista de suéter. Quando estávamos todos reunidos, ele pediu a meu irmão que ficasse diante de todos e disse que queria demonstrar como era o peso do pecado. "Embora eu saiba que *você* não é de pecar, Andrew."

Meu irmão sorriu, sem graça, e não disse uma palavra.

— Isso não é para assustar vocês, crianças — alertou o reverendo. — Alguns ministros acreditam nesse tipo de coisa, mas eu não. Só para vocês saberem.

Logo descobri que esse é o tipo de coisa que alguém diz logo antes de tentar matar você de medo.

Ele encheu alguns balões e pediu que imaginássemos que pesavam dez quilos cada um. Então levantou o primeiro e disse: "Este aqui é a mentira". Depois esfregou o balão contra a própria camisa em movimentos rápidos e encostou-o no suéter de Andy, onde ficou grudado como se tivesse cola no tecido.

— Este é o roubo. — E colou outro balão no suéter de Andy. — Aqui está a ira.

Não posso afirmar com certeza, mas acho que ele deve ter colado sete balões no suéter de cervo que minha mãe tricotara para Andy, um por pecado capital.

— Isso significa mais de cinquenta quilos de pecado — comentou o reverendo. — Um peso muito grande para carregar! Mas quem é que tira os pecados do mundo?

— Jesus! — respondemos em coro, obedientes.

— Correto. Quando vocês pedem perdão a Ele, vejam o que acontece — explicou, pegando um alfinete e estourando os balões um a um, inclusive o que se soltou

e precisou ser grudado de novo. Acho que todos pensamos que a parte de estourar os balões foi muito mais divertida que a parte da eletricidade estática santificada da lição.

A exibição mais impressionante da ação da eletricidade envolvia uma das invenções do próprio reverendo, que se chamava Escada de Jacó. Era uma caixa de metal mais ou menos do tamanho do estojo camuflado em que meu Exército de brinquedo morava. Dois fios que pareciam uma antiga antena de TV se estendiam para fora da parte superior. Quando ele colocou o invento na tomada (precisava de mais do que pilhas para funcionar) e ligou o interruptor que ficava na lateral, longas faíscas escalaram os fios, tão brilhantes que era quase impossível olhar para elas. Ao chegarem ao topo, atingiram o brilho máximo e desapareceram. Quando ele jogou um pouco de talco sobre o dispositivo, as faíscas brilharam em várias cores. Com isso, as garotas soltaram um "aah" de puro deleite.

Esse experimento também tinha uma mensagem religiosa — pelo menos na cabeça de Charles Jacobs —, mas seria um milagre eu lembrar. Alguma relação com a Santíssima Trindade, talvez. Quando a Escada de Jacó saía das nossas vistas, com as faíscas coloridas e a corrente que sibilava como um gato nervoso, essas ideias exóticas tendiam a se esvair como uma febre passageira.

Ainda assim, eu me lembro muito bem de um dos pequenos sermões. O reverendo estava sentado em uma cadeira virada ao contrário e nos olhava por cima do encosto. A mulher dele estava sentada na banqueta do piano, logo atrás, com as mãos recatadamente postas sobre o colo e a cabeça inclinada de leve. Talvez estivesse orando. Talvez estivesse apenas entediada. Sei que grande parte da audiência estava. Àquela altura, a maior parte da Juventude Metodista de Harlow estava começando a se cansar da eletricidade e de suas glórias.

— Crianças, a ciência ensina que a eletricidade é o movimento de partículas atômicas carregadas chamadas elétrons. Quando se movimentam, os elétrons criam uma corrente, e, quanto mais rápidos eles forem, maior a voltagem. Isso é ciência, e a ciência é ótima, mas também é *finita*. Sempre chega um ponto em que o conhecimento não basta. O que, exatamente, *são* elétrons? Átomos carregados, dizem os cientistas. Certo, até aqui tudo bem, mas o que são átomos?

Ele se inclinou sobre o encosto da cadeira, com os olhos azuis (que também pareciam eletrificados) fixos em nós.

— *Ninguém sabe com certeza!* E é aí que entra a religião. A eletricidade é uma das portas de Deus para o infinito.

— Eu queria que ele tivesse trazido uma cadeira elétrica e fritado uns ratinhos — resmungou Billy Paquette, certa noite, depois da bênção. — *Isso*, sim, seria interessante.

Apesar dos sermões frequentes (e cada vez mais chatos) sobre a santa voltagem, a maioria de nós ainda ansiava pela Escola Noturna de Quinta. Quando não estava falando de sua menina dos olhos, o reverendo Jacobs dava sermões interessantes, às vezes até divertidos, com lições extraídas das Escrituras. Ele falava de problemas cotidianos que todos enfrentávamos, desde *bullying* até a tentação de colar durante uma prova para a qual não havíamos estudado. Nós também gostávamos dos jogos, da maioria das lições e de cantar, porque a sra. Jacobs era ótima pianista e nunca estragava os hinos.

E ela ia além dos hinos. Em uma noite inesquecível, ouvimos e cantamos três músicas dos Beatles: "From Me to You", "She Loves You" e "I Want to Hold Your Hand". Minha mãe dizia que Patsy Jacobs era setenta vezes melhor ao piano que o sr.

Latoure, e, quando a jovem esposa do ministro pediu para investir parte do dinheiro das oferendas na contratação de um afinador de piano de Portland, os diáconos aprovaram seu pedido por unanimidade.

— Mas talvez seja melhor não tocar mais músicas dos Beatles — recomendou o sr. Kelton, o diácono mais antigo da Igreja Metodista Harlow. — As crianças podem ouvir esse tipo de coisa no rádio. Queríamos que você se ativesse a melodias mais... hum... *cristãs*.

A sra. Jacobs murmurou em concordância, com os olhos recatadamente voltados para baixo.

E tinha mais: Charles e Patsy Jacobs tinham sex appeal. Eu já mencionei que Claire e as amigas eram loucas por ele, e não demorou muito para que todos os garotos estivessem apaixonados por ela, porque Patsy Jacobs era linda. O cabelo era louro, a pele, lisa e suave, e os lábios, carnudos. Os olhos verdes eram um pouco puxados, e Connie dizia que Patsy tinha poderes mágicos, pois, sempre que ela virava os olhos verdes em sua direção, os joelhos dele se transformavam em água. Com essa aparência, poderia haver comentários caso ela usasse mais maquiagem além do batom em tons suaves, mas, aos vinte e três anos, isso era tudo. A juventude era a maquiagem de Patsy Jacobs.

Aos domingos, ela usava vestidos de comprimento absolutamente adequado, até os tornozelos ou as canelas, apesar de as bainhas das roupas femininas terem começado a subir naqueles anos. Nas noites de quinta, o figurino também era impecável, calça social e blusa (da Ship 'n' Shore, marca respeitadíssima na época, de acordo com minha mãe). Mesmo assim, as mães e avós da congregação a vigiavam de perto, porque a silhueta que aquelas roupas delineavam era do tipo que fazia os amigos de meus irmãos revirarem os olhos ou sacudirem as mãos como alguém que acabou de encostar na chama acesa de um fogão. Ela jogava softbol nas noites das garotas, e certa vez ouvi meu irmão Andy — que, se não me engano, tinha quase catorze anos à época — dizer que ver Patsy correndo pelas bases era, por si só, uma experiência religiosa.

Ela conseguia tocar piano nas noites de quinta-feira e participar da maioria das atividades da Juventude Metodista porque podia levar o filho junto. O menino era tranquilo e fácil de lidar, quase nunca chorava. Todo mundo gostava de Morrie. Se não me falha a memória, até Billy Paquette, aquele projeto de ateu, gostava de Morrie. Mesmo quando caía e ralava os joelhos, o máximo que o pequeno fazia era choramingar, e logo parava quando uma das meninas mais velhas o pegava no colo e embalava. Quando saíamos para jogar, ele seguia os meninos para todo lado, e, se não conseguia acompanhá-los, seguia as meninas, que também cuidavam dele nos Estudos Bíblicos e o ninavam ao ritmo da música durante a Hora Musical — daí o apelido de Chaveirinho.

Claire gostava muito dele, e tenho uma lembrança nítida — que, bem sei, deve ter sido formada por muitas lembranças sobrepostas — dos dois juntos no cantinho dos

brinquedos, Morrie na cadeirinha, Claire de joelhos ao lado dele, ajudando-o a colorir ou a formar uma cobra com dominós.

— Quando eu me casar, quero ter quatro filhos iguaizinhos a ele — disse ela à minha mãe, certa vez. Se não me engano, Claire já devia ter quase dezessete anos à época, e estava perto de concluir os estudos na Juventude Metodista.

— Só posso desejar boa sorte — respondeu minha mãe. — Em todo caso, espero que os seus sejam mais bonitos que o Morrie, Clairinha.

Minha mãe foi um pouco rude, mas não estava mentindo. Apesar de Charles Jacobs ser um homem bonito e Patsy Jacobs uma jovem realmente linda, Morrie Chaveirinho era tão sem graça quanto purê de batata. Tinha um rosto perfeitamente redondo, que me lembrava o Charlie Brown. O cabelo tinha um tom de castanho absolutamente comum. Embora os olhos do pai fossem azuis e os da mãe encantadoramente verdes, Morrie nascera com olhos castanhos. Ainda assim, todas as meninas o adoravam, como se ele fosse um filho-teste para os que viriam a ter na década seguinte, e os meninos o tratavam como irmão mais novo. Ele era nosso mascote. Era o Chaveirinho.

Em uma das quintas de fevereiro, meus quatro irmãos e eu voltávamos da paróquia com as bochechas vermelhas de tanto andar de trenó atrás da igreja (o reverendo Jacobs tinha instalado lâmpadas elétricas ao longo da ladeira), cantando “I’m Henry the Eighth” a plenos pulmões. Lembro que Andy e Con estavam animadíssimos, porque tinham levado nosso tobogã e colocado Morrie em uma almofada, na parte da frente. E ele ficou ali, andando com os dois sem medo nenhum, parecendo uma carranca na proa de um navio.

— Vocês gostam mesmo desses encontros, não é? — perguntou papai, acho que com um leve tom de espanto na voz.

— Gostamos! — respondi. — Fizemos umas mil arguições da Bíblia hoje, depois fomos para trás da igreja brincar com os trenós! A sra. Jacobs também andou de trenó, mas ela caía o tempo todo!

Eu ri, e ele riu comigo.

— Que ótimo, mas você está *aprendendo* alguma coisa, Jamie?

— A vontade do homem deve ser uma extensão da vontade de Deus — respondi, repetindo a lição daquela noite como um papagaio. — Além disso, se você usar o mesmo fio para conectar o terminal positivo com o negativo da pilha, vai acontecer um curto-circuito.

— Verdade — concordou ele. — Por isso é preciso ter cuidado quando você vai fazer uma chupeta em um carro. Mas qual é a lição cristã disso?

— Era sobre fazer uma coisa errada porque você acha que ela vai dar em uma coisa certa, e isso não funciona.

— Ah! — fez meu pai, pegando a última edição da revista *Car and Driver*, que trazia um belo Jaguar XK-E na capa. — Bom, sabe como é, Jamie: de boas intenções o inferno está cheio. — Ele pensou por um instante, depois acrescentou: — E iluminado com luz elétrica.

Aquilo o fez rir, e eu ri junto, mesmo não tendo entendido a piada. Se é que era piada.

Andy e Con eram amigos dos irmãos Norm e Hal Ferguson. Eles eram o que chamávamos de bichos da cidade, ou gente de fora. Os Ferguson moravam em Boston, então, via de regra, a amizade ficava restrita aos meses de verão. A família tinha um chalé no lago da Vista, a quase dois quilômetros da nossa casa, e as duas duplas de irmãos se conheceram em outro evento relacionado com a igreja, neste caso a Escola Bíblica de Férias.

Os Ferguson eram sócios do Resort da Montanha do Bode, e às vezes Con e Andy iam com eles de furgão para nadar e almoçar "no clube". Eles diziam que a piscina era mil vezes melhor que a lagoa do Harry. Terry e eu não dávamos muita bola — nosso poço bastava, e tínhamos amigos —, mas Claire ficava louca de inveja. Ela queria ver "como os grã-finos viviam".

— Eles vivem como a gente, querida — ponderava minha mãe. — Quem diz que os ricos são diferentes está errado.

Ao ouvir isso enquanto passava as roupas pelo espremedor da nossa velha máquina de lavar, Claire fechou a cara.

— Eu duvido *muito*.

— Andy falou que as garotas nadam de biquíni na piscina — comentei.

Minha mãe bufou.

— Isso é a mesma coisa que nadar de calcinha e sutiã.

— Eu queria um biquíni — retrucou Claire.

Acho que era o tipo de provocação em que garotas de dezessete anos são especialistas.

Minha mãe apontou para ela, o sabão pingando da unha cortada rente:

— É assim que garotas engravidam, mocinha!

— Então é melhor proibir o Andy e o Con de ir — retrucou Claire, rápida no gatilho. — *Eles* podem acabar engravidando umas garotas.

— Feche essa matraca — cortou minha mãe, olhando na minha direção. — Não são só as paredes que têm ouvidos.

Como se eu não soubesse o que engravidava as garotas: sexo. Os garotos deitam por cima delas e ficam indo e vindo *até chegar lá*. Quando isso acontece, uma coisa misteriosa chamada gozo sai do pinto dos garotos e entra na barriga das garotas, e nove meses depois é hora das fraldas e do carrinho de bebê.

Meus pais não proibiram Andy e Con de ir ao resort uma ou duas vezes por semana durante o verão apesar de minha irmã continuar rosnando feito cachorro feroz, e, quando os Ferguson apareceram nas férias de inverno, em fevereiro de 1965, e convidaram meus irmãos para esquiar, meus pais os mandaram para a Montanha do Bode sem nem pestanejar. E, no teto da perua, os esquis velhos e maltratados dos dois foram junto com os da família, estalando de novos.

Quando eles voltaram, havia um vergão vermelho-vivo de um lado a outro da garganta de Con.

— Você saiu da pista e bateu em um galho? — perguntou meu pai quando chegou para o jantar e viu a mancha.

Como era um excelente esquiador, Con ficou indignado.

— Nossa, claro que não, pai. Eu e o Norm estávamos apostando corrida. A gente estava lado a lado, fazendo o diabo...

Mamãe apontou o garfo para ele.

— Desculpa, mãe, fazendo de tudo para ficar na frente. Norm passou por uma ondulação e quase perdeu o equilíbrio. Ele esticou o braço, assim — mostrou Con, quase derrubando o copo de leite —, e o bastão dele acertou meu pescoço. Doeu pra... bem, doeu muito, mas já está melhor agora.

Não era verdade. No dia seguinte, a mancha vermelha tinha diminuído e parecia um colar roxo, mas a voz de Con tinha ficado rouca. À noite, ele mal conseguia sussurrar. Dois dias depois, estava completamente mudo.

Hiperextensão do pescoço, que causou estiramento do nervo laríngeo. Foi o diagnóstico do dr. Renault. O médico disse que já vira aquele tipo de problema antes e que, em uma semana ou duas, a voz de Conrad começaria a voltar. Até o fim de março, Connie estaria novinho em folha. Não havia com que se preocupar, tranquilizou ele, e não havia mesmo. Pelo menos para o médico, já que a voz *dele* estava ótima. O mesmo não valia para meu irmão. Em meados de abril, Con ainda estava escrevendo bilhetes e fazendo gestos quando queria algo. Ele insistiu em continuar indo à escola, apesar de os outros garotos terem começado a tirar sarro da cara dele, ainda mais no que dizia respeito ao problema da participação nas aulas, que Con resolveu (em certa medida, pelo menos) escrevendo SIM em uma palma da mão e NÃO na outra. Ele tinha uma pilha de cartões com mais frases escritas em maiúsculas. A que os colegas consideravam particularmente hilária era "POSSO IR AO BANHEIRO?".

Con parecia levar tudo na esportiva. Ele sabia que, se agisse de outro jeito, as provocações só iriam piorar. Certa noite, porém, entrei no quarto que ele dividia com Terry e o encontrei deitado na cama, chorando em silêncio. Fui até ele e perguntei qual era o problema. Pergunta estúpida, eu bem sabia, mas era preciso dizer *alguma coisa* em uma situação como aquela, e eu *conseguia* dizer alguma coisa, porque não tinha sido atingido na garganta com o Bastão de Esqui do Destino.

"*Sai daqui!*", articulou ele com os lábios. As bochechas e a testa, adornadas com espinhas recém-chegadas, estavam em chamas. Os olhos, inchados. "*Sai, sai!*" E, depois, o que me chocou: "*Some daqui, seu veadinho!*"

Os primeiros fios de cabelo branco começaram a aparecer na cabeça de mamãe na primavera daquele ano. Certa tarde, meu pai entrou em casa parecendo mais cansado do que de costume, e minha mãe disse que ele precisava levar Con a um especialista em Portland.

— Já esperamos demais — argumentou ela. — Aquele infeliz do George Renault pode falar o que quiser, mas eu sei o que aconteceu, e você também sabe. Aquele riquinho descuidado rompeu as cordas vocais do meu filho.

Meu pai se deixou cair na cadeira ao sentar à mesa. Nenhum dos dois me viu na antessala, demorando um tempo incomum para amarrar os tênis Keds.

— Não temos dinheiro para isso, Laura.

— Mas você teve dinheiro para comprar óleo de aquecimento em Gates Falls! — esbravejou ela, usando um tom de voz feio, quase de desprezo, que eu nunca tinha ouvido.

Papai ficou sentado, olhando para a mesa em vez de olhar para ela, embora ali não houvesse nada além da toalha de plástico em xadrez vermelho e branco.

— É *por isso* que não temos dinheiro. Estamos na corda bamba. Você sabe que tipo de inverno tivemos.

Todos sabíamos: um inverno quente. Quando a renda da família depende de óleo de aquecimento, você fica de olho nos termômetros entre o Dia de Ação de Graças e a Páscoa, torcendo para que a linha vermelha continue baixa.

Minha mãe estava na pia, com as mãos enterradas em uma nuvem de sabão. Em algum lugar por baixo da nuvem, os pratos retiniam como se ela quisesse quebrar todos, em vez de lavá-los.

— Você tinha que comprar, não é? — Ainda o mesmo tom de voz. Eu odiava aquela voz. Era como se ela estivesse fazendo pouco do meu pai. — O grande barão do petróleo!

— Eu fechei o negócio antes do acidente do Con — respondeu ele, ainda cabisbaixo. As mãos estavam enfiadas nos bolsos outra vez. — Fechei o negócio em agosto. Nós sentamos juntos e vimos o *Almanaque do Fazendeiro*. Ele previa um inverno frio e com muita neve, o mais frio desde o fim da Segunda Guerra, e decidimos que era a melhor coisa a fazer. Você fez os cálculos na sua máquina de somar.

O barulho dos pratos ficou ainda mais alto sob a nuvem de sabão.

— Pegue um empréstimo!

— Eu poderia, mas, Laura... me escute. — Por fim, ele ergueu a cabeça. — Talvez eu já tenha que pedir um empréstimo para que a gente sobreviva durante o verão.

— Ele é seu filho!

— *Eu sei, porra!* — rugiu meu pai. Aquilo me assustou, como deve ter assustado minha mãe, porque dessa vez os pratos sob a nuvem de sabão fizeram mais do que retinir. Eles quebraram. E quando ela levantou as mãos, uma delas estava sangrando.

Ela mostrou o sangue para papai com o mesmo gesto que meu irmão mudo mostrava SIM ou NÃO durante as aulas, e disse:

— Olha o que você me fez f... — Então ela me viu, sentado na pilha de lenha e olhando para a cozinha. — Já para fora! Vá brincar!

— Laura, não desconte no Jam...

— *Sai daqui!* — gritou ela. Era assim que Con teria gritado comigo, se tivesse voz. — *Deus odeia bisbilhoteiros!*

Mamãe começou a chorar. Eu corri porta afora, também chorando. Desci correndo a estrada dos Metodistas e cruzei a rota 9 sem olhar para os lados. Não tinha pensado em ir para a casa paroquial, estava transtornado demais para sequer pensar em procurar conselhos pastorais. Se Patsy Jacobs não estivesse no jardim em frente à casa, conferindo as flores que ela plantara no outono anterior, eu teria corrido até desmaiar. Mas ela *estava* ali fora, e me chamou pelo nome. Parte de mim só queria continuar correndo, mas — acho que já disse isso — eu era bem-educado, mesmo transtornado. Por isso, parei.

Ela foi até onde eu estava parado, cabisbaixo, recobrando o fôlego.

— O que aconteceu, Jamie?

Não respondi. Ela colocou os dedos sob meu queixo e ergueu minha cabeça. Vi Morrie sentado na grama ao lado dos degraus da varanda da frente, rodeado por caminhões de brinquedo. Ele me encarava de olhos arregalados.

— Jamie, me conte o que aconteceu.

Assim como havíamos aprendido a ser educados, também havíamos aprendido a manter a boca fechada sobre o que acontecia no seio familiar. Era o jeito ianque de ser. Mas a doçura dela me desarmou, e veio tudo aos borbotões: o sofrimento de Con (tão profundo que ficava além da compreensão de nossos pais, estou convencido disso, apesar da genuína preocupação dos dois), o medo de minha mãe de que as cordas vocais tivessem se rompido e o filho nunca mais conseguisse falar, a insistência dela em consultar um especialista e do meu pai em dizer que não dava para pagar. Acima de tudo, os gritos. Não contei a Patsy sobre a voz estranha que ouvi da boca da minha mãe, mas só porque não encontrei um jeito de explicar como era.

— Vamos lá para os fundos — disse ela, quando eu finalmente me cansei de falar. — Você precisa conversar com Charlie.

Depois que o Belvedere assumiu seu lugar de direito na garagem da casa paroquial, o barracão dos fundos se transformou na oficina de Jacobs. Patsy me fez entrar, e ele estava às voltas com um televisor sem tela.

— Quando eu acabar de montar essa gracinha, vou assistir aos canais de Miami, Chicago e Los Angeles — comentou ele, passando o braço sobre meus ombros e puxando um lenço do bolso de trás. — Seque os olhos, Jamie, e aproveite para assoar o nariz.

Enquanto me limpava, olhei fascinado para a TV sem tela.

— Você vai conseguir pegar mesmo canais de Chicago e Los Angeles?

— Não, era brincadeirinha. Estou só tentando construir um amplificador de sinal que consiga sintonizar alguma coisa além do Canal 8.

— Nós também temos o 6 e o 13. Mas no 6 tem muito chuvisco.

— Vocês têm uma antena no telhado. A família Jacobs tem que se virar com as anteninhas em cima da TV.

— E por que você não compra uma? Eles vendem lá na Western Auto de Castle Rock.

Ele sorriu.

— Boa ideia! Eu vou encarar os diáconos na reunião trimestral e dizer que quero gastar parte do dinheiro das oferendas em uma antena de TV para o Morrie ver *Mighty 90* e para que a patroa e eu possamos morrer de rir nas noites de terça com aquela família maluca do *Petticoat Junction*. Esqueça o que eu disse, Jamie. Conte o que deixou você tão nervoso.

Olhei em volta, procurando pela sra. Jacobs, na esperança de que ela me poupasse o trabalho de recontar tudo, mas a mulher já tinha saído de fininho. Ele me

pegou pelos ombros e me levou até um cavalete. Se eu fosse um pouco menor, não conseguiria me sentar nele.

— É o Con?

Claro que ele pensaria nisso. Um pedido para que a voz de Con voltasse fazia parte da última oração de todos os encontros de quinta à noite, assim como as orações para outros membros da Juventude Metodista que estavam passando por momentos difíceis (ossos quebrados era o que havia de mais comum, mas Bobby Underwood sofrera queimaduras e Carrie Doughty fora obrigada a rapar o cabelo e lavar a cabeça com vinagre depois que a mãe, aterrorizada, descobriu que o couro cabeludo da menininha estava infestado de piolhos). Mas, tal e qual a esposa, o reverendo Jacobs não fazia ideia do sofrimento de Con, nem de como o sentimento tinha contaminado toda a família como um germe nojento.

— Papai comprou óleo de aquecimento no verão passado — contei, começando a chorar e soluçar de novo. Eu odiava aquilo, soluçar era coisa de criancinha, mas eu não conseguia evitar. — Disse que o preço estava muito bom para não aproveitar, só que o inverno foi quente e o preço do óleo caiu para quinze centavos o galão e agora eles não têm dinheiro para pagar o médico, e, se você tivesse ouvido minha mãe, nem parecia que era ela falando, e às vezes ele enfia as mãos no bolso, porque... — E então a reticência ianque fez efeito e eu concluí: — Porque não sei.

Ele me ofereceu o lenço de novo e, enquanto eu secava o rosto, pegou uma caixa de metal de cima da mesa de trabalho. Fios brotavam em todas as direções, como cabelo malcortado.

— Eis o amplificador! Inventado por este que vos fala. Assim que eu terminar de montar, vou passar um fio para fora da janela, até o beiral. Depois vou conectar... *aquilo*. — Ele apontou para o canto, onde um ancinho estava preso na ponta do cabo, com os dentes de metal enferrujados apontando para cima. — A Antena Personalizada Jacobs.

— E vai funcionar?

— Não sei. Acho que sim. Mas, mesmo que funcione, acho que as antenas de televisão estão com os dias contados. Em dez anos, o sinal de TV será transportado por linhas telefônicas, e teremos muito mais do que três canais. Lá para 1990, o sinal vai ser captado de satélites. Eu sei que parece ficção científica, mas a tecnologia já existe.

Ele estava com aquela cara sonhadora de novo, e pensei: "Já se esqueceu do Con". Hoje, sei que não. Só estava dando tempo para que eu me recompusesse e, talvez, dando a si mesmo tempo para pensar.

— No início, as pessoas vão ficar maravilhadas, depois vão achar tudo normal. E vão dizer: "temos TV pelo telefone" ou "temos TV a satélite", mas estarão erradas. Tudo isso é um presente da eletricidade, que agora é tão básica e tão presente que é possível ignorar a presença dela. Muita gente fala "Isso aí é o elefante na sala", querendo dizer que é alguma coisa grande demais para ignorar, mas se a sala for realmente grande dá até para fazer de conta que o elefante não está lá.

— Menos na hora de limpar o cocô.

Isso o fez cair na gargalhada, e gargalhei junto, mesmo com os olhos ainda inchados de tanto chorar.

O reverendo foi até a janela e olhou para fora. Cruzou as mãos nas costas e ficou quieto por muito tempo. Depois se virou para mim e disse:

— Quero que você traga o Con à paróquia, hoje. Pode fazer isso?

— Posso — respondi, sem muito entusiasmo. Achei que ele estivesse pensando em mais orações e sabia que isso não faria mal algum, mas já havia orações demais na intenção do Con, e isso também não tinha ajudado.

Meus pais não fizeram objeção a que fôssemos à paróquia (precisei pedir a cada um por vez, porque eles mal se falaram naquela noite). Quem precisou ser convencido foi Connie, provavelmente porque nem mesmo eu estava muito confiante. No entanto, como tinha prometido ao reverendo, não me dei por vencido. Em vez disso, convoquei a ajuda de Claire. A crença dela no poder da oração era maior que a minha, e minha irmã tinha seus próprios poderes. Acho que por ser a única menina. Dos quatro irmãos Morton, só Andy — que tinha a idade mais próxima à dela — conseguia resistir quando ela nos lançava aquele olhar lindo e pedia alguma coisa.

Enquanto nós três cruzávamos a rota 9, com as sombras alongadas pelo nascer da lua cheia, Con — treze anos recém-feitos, cabelo escuro, esguio, metido em uma jaqueta xadrez desbotada herdada de Andy — pegou o bloquinho de notas que agora levava para todo lado. Ele não parou para escrever, então as letras saíram trêmulas: ISSO É BESTEIRA.

— Pode ser — respondeu Claire —, mas vamos ganhar biscoitos. A sra. Jacobs sempre dá biscoitos.

Também ganhamos Morrie, então com cinco anos e já de pijama, pronto para dormir. Ele correu direto para Con e pulou nos braços do meu irmão.

— Ainda não está falando?

Con balançou a cabeça.

— Meu pai vai consertar você. Ele trabalhou a tarde inteira. — Em seguida, estendeu os braços para minha irmã. — Claire, me pega! Se você me pegar vai ganhar um beijo, Clairinha!

Ela tirou o menino dos braços de Con, rindo.

O reverendo Jacobs estava no barracão, vestindo um jeans desbotado e suéter. No canto, um aquecedor elétrico emitia um brilho vermelho-vivo, mas a oficina ainda estava fria. Acho que ele estava ocupado demais com seus vários projetos para se lembrar de ligar o aparelho. A TV temporariamente sem olhos estava sob um cobertor, desses usados em mudanças.

Jacobs abraçou Claire e beijou sua bochecha, depois apertou a mão de Con, que logo levantou o bloquinho. MAIS ORAÇÕES, IMAGINO estava escrito na página.

Achei aquilo um pouco rude, e, pela testa franzida, percebi que Claire também, mas Jacobs se limitou a sorrir.

— Pode até ser que a gente ore, mas eu quero tentar uma coisa antes — respondeu ele, e se virou para mim. — A quem o Senhor ajuda, Jamie?

— Aqueles que se ajudam a si mesmos.

— A gramática pode melhorar, mas a frase é verdadeira.

Ele foi até a mesa de trabalho e trouxe o que parecia ser um cinto de tecido muito grosso ou o cobertor elétrico mais fino do mundo. O negócio tinha um fio pendurado que terminava em uma pequena caixa branca de plástico com um interruptor deslizante na parte de cima. Jacobs ficou parado com o cinto nas mãos, olhando para Con com expressão séria.

— Este é um projeto em que trabalhei vez por outra no ano passado. Eu o chamei de Estimulador Nervoso Elétrico.

— Uma das suas invenções — comentei.

— Não exatamente. A ideia de usar eletricidade para limitar a dor e estimular músculos é muito, muito antiga. Sessenta anos antes do nascimento de Cristo, um médico romano chamado Escribônio Largo descobriu que era possível aliviar dores nos pés e nas pernas se o doente pisasse com força em uma enguia-elétrica.

— Você inventou isso! — acusou Claire, rindo. Con não riu, estava fascinado pelo cinto de tecido.

— De jeito nenhum — respondeu Jacobs —, mas meu dispositivo funciona com pequenas baterias, que são invenção *minha*. Não seria fácil encontrar enguias-elétricas na região central do Maine, e seria ainda mais difícil colocar uma delas ao redor do pescoço de um garoto. E é isso que pretendo fazer com o meu ENE caseiro. Porque talvez o dr. Renault estivesse certo ao dizer que não houve ruptura das suas cordas vocais, Con. Vai ver elas só precisam pegar no tranco. Eu gostaria de fazer essa experiência, mas a decisão é sua. O que você acha?

Con assentiu com a cabeça. Nos olhos dele, vi uma expressão que há tempos estava ausente: esperança.

— E por que você nunca nos mostrou isso na Juventude Metodista? — perguntou Claire, em tom quase acusatório.

Jacobs pareceu surpreso e um pouco incomodado.

— Acho que nunca consegui pensar em como isso se ligaria a uma lição cristã. Até que Jamie veio me ver hoje. Eu estava pensando em testá-lo em Al Knowles, por causa daquele acidente infeliz, sabem?

Todos fizemos que sim. Os dedos perdidos no classificador de batatas.

— Ele ainda sente os dedos arrancados, diz que dói. Além disso, perdeu grande parte da capacidade de mexer a mão machucada por causa dos danos aos nervos. Como eu disse, há anos aprendi que a eletricidade pode ajudar em casos assim. Agora parece que você vai ser a minha cobaia, Con.

— Então ter o aparelho à mão foi apenas um golpe de sorte? — perguntou Claire. Eu não entendia por quê, mas aquilo parecia ser importante, ao menos para ela.

Jacobs olhou para minha irmã com ar de reprovação e disse:

— *Coincidência* e *golpe de sorte* são palavras que as pessoas de pouca fé usam para descrever os desígnios de Deus, Claire.

Ela corou e olhou para os próprios tênis. Enquanto isso, Con escrevia no bloquinho. Depois, levantou a página. VAI DOER?

— Acho que não — respondeu Jacobs. — A corrente é muito baixa. Minúscula, na verdade. Eu testei no meu braço, como se fosse um medidor de pressão, e só senti um formigamento igual ao que a gente tem quando o braço ou a perna está começando a acordar de uma dormência. Se você sentir *qualquer* dor, levante as mãos, que eu corto a corrente na hora. Vou colocar o aparelho em você. Vai ficar justo, mas não apertado. Você

vai conseguir respirar normalmente. A fivela é de nylon. Não dá para usar metal em um aparelho desses.

Jacobs colocou o cinto em volta do pescoço de Con. Parecia um cachecol bem grosso. Os olhos de meu irmão estavam esbugalhados e revelavam seu medo, mas, quando Jacobs perguntou se Con estava pronto, ele assentiu. Senti os dedos de Claire se fechando nos meus. Estavam frios. Pensei que Jacobs fosse começar uma oração naquele momento, pedindo que desse certo. De certa maneira, acho que ele orou. O reverendo se inclinou para olhar Con nos olhos e disse:

— Espere um milagre.

Meu irmão assentiu. Vi o tecido em torno do pescoço subir e descer quando ele engoliu em seco.

— Muito bem. Aí vamos nós.

Quando o reverendo Jacobs deslizou o interruptor no alto da caixa de controle, ouvi um leve zumbido. A cabeça de Con tremeu. A boca se contraiu de um lado, depois do outro. Os dedos começaram a tremular rapidamente e os braços, a tremer.

— Está doendo? — perguntou Jacobs, com o indicador flutuando por sobre o interruptor, pronto para desligar. — Se doer, levante as mãos.

Con fez que não com a cabeça. Então, com uma voz que parecia sair de uma boca cheia de cascalho, disse:

— Não... dói. *Quente*.

Claire e eu trocamos olhares ensandecidos, um pensamento tão forte quanto telepatia fluindo entre nós: "Eu ouvi isso?". Ela estava esmagando minha mão com tanta força que machucava, mas nem liguei. Quando olhamos para Jacobs, ele estava sorrindo.

— Não tente falar. Não por enquanto. Vou deixar o cinto funcionando por dois minutos contados no relógio. A menos que comece a doer. Então, levante as mãos, que desligo na hora.

Con não levantou as mãos, apesar de os dedos continuarem se mexendo para cima e para baixo, como se ele estivesse tocando um piano invisível. O lábio superior se levantou algumas vezes, em um rosnado involuntário, e os olhos tiveram alguns espasmos. Uma vez mais, com aquela voz rangente, pedregosa, ele disse:

— Eu... consigo... *falar*!

— Silêncio! — interrompeu Jacobs, com rigidez.

O indicador continuava sobre o interruptor, pronto para cortar a corrente, e os olhos acompanhavam o ponteiro dos segundos do relógio. Depois do que pareceu uma eternidade, o reverendo deslizou o interruptor e o leve zumbido cessou. Ele afrouxou a fivela e tirou o cinto por cima da cabeça do meu irmão. Con levou as mãos ao pescoço na mesma hora. A pele estava um pouco avermelhada, mas acho que era por causa do cinto, não da corrente elétrica.

— Agora, Con, quero que você diga: "A aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha". Se a garganta começar a doer, pare na hora.

— A aranha arranha a *rã* — repetiu Con, naquela estranha voz rangente. — A rã arranha a *aranha*. — Depois: — Preciso cuspir.

— Sua garganta está doendo?

— Não, eu só preciso cuspir.

Claire abriu a porta do barracão. Con saiu, limpou a garganta (fazendo um desagradável ruído metálico de dobradiças enferrujadas) e cuspiu uma placa de catarro

que me pareceu do tamanho de uma maçaneta. Ele se voltou para nós, massageando a garganta com uma das mãos.

— A aranha arranha a *rã*. — Ainda não soava como o Con que eu conhecia, mas as palavras já estavam mais claras e humanas. Os olhos dele se encheram de lágrimas, que começaram a rolar pelo rosto. — A rã arranha a *aranha*.

— Já basta, por ora — disse Jacobs. — Vamos entrar, e você aproveita para beber um copo d'água. Dos grandes. Você precisa beber muita água. Hoje e amanhã. Até que a sua voz esteja normal de novo. Vai fazer isso?

— Vou.

— Quando chegar em casa, diga olá para a sua mãe e o seu pai. Depois, eu quero que você vá para seu quarto, se ajoelhe e agradeça a Deus por trazer sua voz de volta. Vai fazer isso?

Con balançou a cabeça com veemência. Estava chorando como nunca, e não era o único. Claire e eu também estávamos. Só o reverendo Jacobs tinha os olhos secos. Acho que estava maravilhado demais para chorar.

Patsy era a única que não parecia surpresa. Quando entramos, ela apertou o braço de Con e, com voz impassível, disse:

— Você é um bom menino.

Morrie abraçou meu irmão, e Con o abraçou de volta com tanta força que os olhos do menino ficaram esbugalhados. Patsy trouxe um copo d'água da cozinha e Con bebeu tudo. Ao agradecer, sua voz já estava perto do normal.

— De nada, Con. Agora já passou bastante da hora de dormir do Morrie e de vocês irem para casa. — Ao subir as escadas de mãos dadas com Morrie, sem olhar para trás, ela completou: — Acho que seus pais vão ficar muito felizes.

Nunca vi alguém subestimar tanto uma reação.

Eles estavam na sala de estar assistindo a um episódio de *O homem de Virgínia*, ainda sem se falar. Mesmo com todo o meu entusiasmo e alegria, dava para sentir o gelo entre os dois. Andy e Terry estavam andando de lá para cá no andar de cima, reclamando um com o outro por causa de alguma coisa, como de hábito. Minha mãe tinha um quadradinho de crochê afegão no colo, inclinada para a frente, desenrolando o fio do cesto, quando Con disse:

— Oi, mãe. Oi, pai.

Meu pai olhou para ele boquiaberto. Minha mãe ficou estática, com uma das mãos no cesto e a outra segurando as agulhas. Ela ergueu a cabeça muito devagar e disse:

— O quê...

— Oi — repetiu Con.

Minha mãe gritou e saiu voando da cadeira, chutando o cesto de crochê para longe, e o agarrou como fazia algumas vezes, quando éramos pequenos, para nos dar uma sacudida quando tínhamos feito alguma coisa de errado. Mas, naquela noite,

ninguém foi sacudido. Ela tomou Con nos braços, chorando. Deu para ouvir Terry e Andy descendo do segundo andar em disparada para ver o que estava acontecendo.

— Fala mais alguma coisa! — gritou ela. — Fala mais alguma coisa para eu não achar que é só um sonho!

— Ele não deve... — Claire começou a explicar, mas Con a interrompeu. Porque agora podia.

— Eu te amo, mãe! Eu te amo, pai!

Meu pai pegou Con pelos ombros e examinou sua garganta de perto, mas não tinha nada para ver, a mancha vermelha tinha sumido.

— Graças a Deus! Graças a Deus, meu filho.

Claire e eu olhamos um para o outro, e mais uma vez o pensamento não precisava ser traduzido em palavras: o reverendo Jacobs também merecia graças.

Explicamos que, no início, Con deveria usar a voz com moderação, e, quando falamos da água, Andy foi até a cozinha e voltou com a enorme caneca de café de papai (que trazia impressos a bandeira canadense e a frase UM GALÃO IMPERIAL DE CAFEÍNA) cheia d'água. Enquanto Con bebia, Claire e eu nos revezamos para contar o que tinha acontecido, com uma ou duas intervenções de Con, que falou da sensação de formigamento quando o cinto foi ligado. A cada vez que ele interrompia, Claire o repreendia por falar.

— Não acredito — disse mamãe, várias vezes. Ela não conseguia tirar os olhos de Con, e o agarrava e abraçava sem parar, como se temesse que ele criasse asas, se transformasse em um anjo e saísse voando.

— Se a igreja não pagasse pelo óleo de aquecimento — disse meu pai quando terminamos a história —, o reverendo Jacobs nunca mais precisaria pagar por um litro que fosse.

— Depois a gente pensa em alguma coisa — comentou minha mãe, distraída. — Agora é hora de comemorar. Terry, pegue o sorvete que estava guardado no congelador para o aniversário da Claire. Vai ser bom para a garganta do Con. Ponha a mesa junto com o Andy. Vamos tomar tudo, então usem as taças grandes. Você não se importa, não é, Claire?

Minha irmã sacudiu a cabeça.

— Isso é melhor que festa de aniversário.

— Preciso ir ao banheiro — disse Connie. — Foi muita água. Depois eu tenho que orar. O reverendo mandou. Quero que todo mundo fique longe quando eu fizer isso.

Ele foi para o segundo andar. Andy e Terry foram até a cozinha para servir o sorvete napolitano (que chamávamos de morchocobau... engraçado como as lembranças voltam). Minha mãe e meu pai se sentaram de novo, olhando para a TV sem prestar atenção em nada. Vi mamãe estender a mão e papai pegá-la sem olhar, como se soubesse que estava ali. Aquilo me deixou feliz e aliviado.

Senti um puxão na minha mão. Era Claire. Ela me levou à cozinha, onde Andy e Terry estavam discutindo sobre o tamanho relativo das porções, e fomos até a área. Seus olhos brilhavam, arregalados.

— Você viu como ele ficou? — perguntou. Ou melhor, interrogou.

— Quem?

— O reverendo Jacobs, seu bobão! Viu como ele ficou quando perguntei por que não tinha mostrado o cinto na Juventude Metodista?

— É... vi...

— Ele disse que estava trabalhando no cinto há um ano, mas, se fosse verdade, já teria mostrado antes. Ele mostra *tudo* o que faz para a gente!

Eu me lembrava da expressão de surpresa dele, como se Claire o tivesse desmascarado (senti a mesma expressão no rosto mais de uma vez, quando fui pego em flagrante), mas...

— Você acha que era mentira?

Ela fez que sim com a cabeça.

— *Tenho certeza!* E a mulher dele? *Ela sabia!* Sabe o que eu acho? Que ele começou logo depois que você esteve lá. Talvez já tivesse a ideia, porque essas invenções elétricas não param de pipocar na cabeça dele, mas não tinha trabalhado nessa até hoje.

— Nossa, Claire, eu não acho...

Ela ainda estava segurando minha mão, e dessa vez a puxou com força e impaciência, como se eu estivesse preso em um lamaçal e precisasse de ajuda para sair.

— Você viu a mesa da cozinha? Ainda tinha um lugar arrumado, com o prato e o copo vazios. Ele nem jantou para continuar trabalhando. E, pelo estado das mãos dele, eu diria que trabalhou feito um demônio. Estavam vermelhas, e ele tinha bolhas em dois dedos.

— Ele fez tudo isso pelo Con?

— Acho que não — respondeu ela, sem deixar de me encarar.

— Claire! Jamie! Venham tomar sorvete! — chamou nossa mãe.

Claire nem olhou para a cozinha.

— De todas as crianças da Juventude Metodista, foi você que ele conheceu primeiro, e é de você que ele gosta mais. O reverendo fez isso por você, Jamie. Ele fez isso por você.

Claire foi para a cozinha e me deixou do lado da pilha de lenha, em estado de choque. Se ela tivesse ficado um pouco mais e me dado a chance de digerir a surpresa, eu teria contado minha própria intuição: o reverendo Jacobs ficara tão surpreso quanto nós.

Ele não esperava que o aparelho funcionasse.

III

O acidente. A história de mamãe.
O Sermão Terrível. Adeus.

Em um dia de semana quente e sem nenhuma nuvem em outubro de 1965, Patricia Jacobs colocou Chaveirinho no banco da frente do Plymouth Belvedere que ganhara de presente do pai e seguiu para o Mercado Red & White, em Gates Falls. "Foi fazê a feira", é o que teriam dito os ianques da época.

A cinco quilômetros dali, um fazendeiro chamado George Barton — um solteirão conhecido na cidade como George Solitário — saiu da garagem de casa com uma colheitadeira de batatas acoplada à traseira da picape Ford F-100. Pretendia dirigir por quase dois quilômetros, descendo a rota 9 até chegar à plantação, ao sul. A velocidade máxima que atingia com a colheitadeira acoplada era quinze quilômetros por hora, então se manteve na pista da direita, permitindo que qualquer veículo indo para o sul o ultrapassasse com segurança. George Solitário tinha consideração pelos outros. Era um bom fazendeiro. Também era bom vizinho, membro do comitê escolar e diácono da igreja. E também era, como contava de maneira quase orgulhosa, "pepilético". Embora logo acrescentasse que o dr. Renault prescrevera comprimidos que controlavam as convulsões "quase perfeitamente". Talvez sim, mas naquele dia ele teve um ataque ao volante da picape.

— Seria melhor que ele não dirigisse, quem sabe apenas nas plantações — diria o dr. Renault mais tarde —, mas como pedir a um fazendeiro como George que devolva a carteira de motorista? Ele não tem mulher nem filhos a quem entregar o volante. Tirar-lhe a carteira de motorista seria como pedir que ele vendesse a fazenda pela melhor oferta.

Pouco tempo depois que Patsy e Morrie saíram para o mercado, a sra. Adele Parker passou por Sirois Hill, uma curva fechada e traiçoeira que presenciara muitos

acidentes ao longo dos anos. Ela seguia com cuidado, e por isso (mal) teve tempo de parar antes de atropelar a mulher que subia cambaleante pelo meio da estrada. Com um dos braços, a mulher carregava um pacote gotejante agarrado ao peito. Um dos braços era tudo o que Patsy Jacobs conseguiria usar, já que o outro tinha sido arrancado na altura do cotovelo. Seu sangue jorrava por todo o rosto. Um pedaço do couro cabeludo estava pendurado ao lado do ombro, com mechas sangrentas de cabelo esvoaçando ao sabor da leve brisa de outono. O olho direito estava na bochecha. Toda a beleza daquela mulher fora arrancada em um só instante. Como é frágil, a beleza.

— Ajude meu bebê! — gritou Patsy, quando a sra. Parker parou o velho Studebaker e saiu. Além da mulher ensanguentada com o pacote gotejante, a sra. Parker viu o Belvedere de cabeça para baixo e em chamas. A frente destruída da caminhonete de George Solitário estava engavetada no carro. O próprio George estava tombado sobre o volante. Atrás da caminhonete, a colheitadeira de batatas estava tombada, bloqueando a rota 9.

— Ajude meu bebê!

Patsy estendeu o pacote, e, quando Adele viu o que era — não um bebê, mas um menininho com o rosto arrancado —, cobriu os olhos e começou a gritar. Quando olhou de novo, Patsy estava de joelhos, como se fosse orar.

Outra picape chegou a Sirois Hill e quase atingiu a traseira do Studebaker da sra. Parker. Era Fernald DeWitt, que prometera ajudar George com a colheita. Ele saltou da picape, correu até a sra. Parker e olhou para a mulher ajoelhada na estrada. Depois correu em direção ao local da colisão.

— Aonde você vai? — gritou a sra. Parker. — Ajude aqui. *Ajude essa mulher!*

Fernald, que combatera com os fuzileiros navais no Pacífico e vira cenas terríveis por lá, não se deteve. Ele respondeu por cima dos ombros:

— Ela e a criança não têm salvação. George talvez tenha.

E não estava errado. Patsy morreu muito antes de a ambulância chegar de Castle Rock, mas George Solitário viveu mais de oitenta anos. E nunca mais se sentou atrás de um volante.

Você poderia dizer: “Como é que você sabe de tudo isso, Jamie Morton? Você só tinha nove anos”.

O fato é que eu sei.

Em 1976, quando ainda era uma mulher relativamente jovem, minha mãe foi diagnosticada com câncer de ovário. Na época, eu estava na Universidade do Maine, mas não cursei nenhuma matéria do segundo ano de faculdade para ficar ao lado dela no fim. Embora nenhum dos jovens Morton fosse mais criança (Con estava do outro lado do mundo, no Havaí, fazendo pesquisas com pulsares nos Observatórios de Mauna Kea), todos voltamos para casa a fim de ficar com mamãe e ajudar papai, que estava abalado

demais para ser útil. Ele só conseguia zanzar pela casa ou fazer longas caminhadas pelo bosque.

Mamãe queria passar seus últimos dias em casa e deixou isso muito claro. Então, nós nos revezávamos para alimentá-la, dar os remédios ou simplesmente ficar a seu lado. Ela era pouco mais do que um esqueleto, à época, e precisava tomar morfina para a dor. A morfina é uma coisa engraçada, pois consegue erodir barreiras — aquela famosa reticência ianque — que, de outra forma, seriam inexpugnáveis. Era minha vez de lhe fazer companhia em uma tarde de fevereiro, mais ou menos a uma semana de sua morte. Era um dia de flocos de neve e frio cruel, com um vento norte que chacoalhava a casa e gritava por entre os beirais, mas do lado de dentro a temperatura estava boa. Na verdade, quente. Não esqueça que meu pai trabalhava com óleo de aquecimento, e, depois daquele ano assustador em meados da década de 1960, quando estivemos à beira da falência, ele se tornou um homem não só bem-sucedido, mas moderadamente rico.

— Tire os cobertores, Terence — pediu minha mãe. — Para que tantos? Estou pegando fogo.

— É o Jamie, mãe. Terry está na garagem com papai.

Tirei o único cobertor, fazendo aparecer uma camisola rosa terrivelmente alegre, que parecia não ter nada por baixo. O cabelo (já todo branco quando o câncer apareceu) tinha ficado ralo até não sobrar quase nada, e os lábios se afastaram dos dentes, fazendo com que eles parecessem grandes demais, meio equinos. Só os olhos eram os mesmos, ainda jovens e cheios de uma curiosidade dolorosa, como se perguntassem: "O que está acontecendo comigo?".

— Jamie, Jamie, foi o que eu disse. Posso tomar um comprimido? A dor está terrível, hoje. Nunca estive em um buraco tão fundo.

— Em quinze minutos, mãe. — Deveria ser em duas horas, mas eu não via que diferença isso faria, àquela altura. Claire sugeriu que déssemos todos, o que deixou Andy chocado. Ele foi o único a permanecer fiel à criação religiosa.

— Você quer mandar ela para o inferno? — perguntou ele.

— Ela não vai para o inferno se *nós* dermos os remédios — retrucou Claire, e achei o que ela disse bastante razoável. — Ela nem saberia. — E depois, quase partindo meu coração, já que era um dos ditos favoritos de mamãe: — Ela nem sabe mais se está indo ou voltando.

— Você não faria isso — disse Andy.

— Não — respondeu Claire, suspirando. Minha irmã tinha quase trinta anos e estava mais linda do que nunca. Porque finalmente estava apaixonada? Se estava, que amarga ironia. — Eu não tenho coragem para isso. Só tenho coragem para deixar que ela sofra.

— Quando ela estiver no paraíso, o sofrimento não vai passar de uma sombra — concluiu Andy, como se isso desse um fim à questão. Para ele, acho que dava.

O vento uivava, as velhas vidraças da única janela do quarto chacoalhavam, e minha mãe disse:

— Eu estou muito, muito magra. Fui uma noiva linda, todo mundo dizia, mas agora Laura Mackenzie está muito magra. — Sua boca se contorceu para baixo em um muxoxo de dor e sofrimento que lembrava o de um palhaço de circo.

Eu ainda tinha que passar três horas no quarto com ela, antes que Terry me rendesse. Talvez ela dormisse parte desse tempo, mas não naquele momento, e eu estava desesperado para fazer minha mãe não pensar na maneira como seu corpo estava se canibalizando. Eu poderia ter recorrido a qualquer coisa, mas aconteceu de ser Charles Jacobs. Perguntei se ela fazia ideia do paradeiro dele, depois que foi embora de Harlow.

— Ah, que época terrível — lamentou ela. — Que coisa terrível aconteceu com a mulher e o filhinho dele.

— É, eu sei.

Afetada pela droga, minha mãe moribunda me olhou com desprezo.

— *Você* não sabe. Não entende. Foi terrível porque não foi culpa de ninguém. Não dá para culpar o George Barton. Ele simplesmente teve um ataque epilético.

Depois ela me contou o que acabei de relatar. Ouviu a história da boca de Adele Parker, que disse que jamais conseguiria tirar a imagem da mulher moribunda da cabeça.

— O que eu nunca vou conseguir tirar da cabeça foi a maneira como ele gritava no Peabody — comentou ela. — Eu não sabia que um homem podia gritar daquele jeito.

Doreen DeWitt, mulher de Fernald, ligou para mamãe e lhe deu a notícia. Tinha uma boa razão para ligar primeiro para Laura Morton.

— Você tem que contar ao reverendo — disse ela.

Minha mãe ficou horrorizada diante da possibilidade.

— Ah, não! Eu não consigo!

— Você precisa — insistiu Doreen, pacientemente. — Não é o tipo de notícia que se dê pelo telefone e, com exceção daquela velha urubuzenta da Myra Harrington, você é a vizinha mais próxima.

Com todas as reticências levadas embora pela morfina, minha mãe me disse:

— Juntei toda a coragem que tinha para conseguir contar, mas tive que dar meia-volta na hora em que estava saindo de casa e ir até o banheiro dar uma cagada.

Minha mãe desceu a colina, cruzou a rota 9 e chegou à casa paroquial. Ela não disse, mas imagino que tenha sido a caminhada mais longa de sua vida. Bateu na porta, mas ele não atendeu de cara, embora desse para ouvir o rádio lá dentro.

— Como ele poderia ter ouvido? — perguntou minha mãe para o teto, comigo sentado a seu lado. — Na primeira vez, mal encostei os dedos na madeira.

Da segunda vez, ela bateu mais forte. Ele abriu a porta da frente e olhou para minha mãe através da porta de tela. Estava segurando um livro volumoso, cujo título

minha mãe se lembrava mesmo depois de tantos anos: *Prótons e nêutrons: o mundo secreto da eletricidade*.

— Oi, Laura — cumprimentou ele. — Está tudo bem? Você está muito pálida. Entre, entre.

Ela entrou. O reverendo perguntou o que tinha acontecido.

— Aconteceu um acidente horrível.

O olhar de preocupação do reverendo ficou mais profundo.

— Foi o Dick ou algum dos seus filhos? Quer que eu a acompanhe? Sente-se, Laura, parece que você vai desmaiar.

— Os meus estão bem. Foi... Charles, foi com a Patsy. E o Morrie.

Com cuidado, ele pôs o livro pesado sobre uma mesa do corredor. Este deve ter sido o momento em que ela viu o título, e não me surpreende que se lembre dele; nessas horas uma pessoa vê tudo e se lembra de tudo. Sei por experiência própria. Preferiria não saber.

— Eles estão muito feridos? — E, antes que ela respondesse: — Eles estão no Saint Stephen's? Devem estar, fica mais perto. Podemos ir na sua perua?

O Hospital Saint Stephen's ficava em Castle Rock, mas é claro que os dois não tinham sido levados para lá.

— Charles, você precisa se preparar para um choque terrível.

O reverendo a pegou pelos ombros — gentilmente, disse ela, não com força, mas, quando se inclinou para encará-la, seus olhos estavam em chamas.

— *Como eles estão, Laura? Como eles estão?*

Minha mãe começou a chorar.

— Eles morreram, Charles. Eu sinto muito.

Ele a soltou e deixou os braços caírem ao lado do corpo.

— Não, não morreram. — Era a voz de um homem constatando um fato.

— Eu devia ter vindo de carro. Devia ter trazido a perua, sim. Eu não pensei em nada, só vim.

— Não morreram — repetiu ele, depois se afastou e apoiou a testa na parede. — Não. — Então, bateu a cabeça com tanta força que fez tremer o quadro de Jesus carregando um cordeiro, pendurado ali perto. — Não! — Bateu de novo, e o quadro caiu da parede.

Ela o pegou pelo braço. Estava mole, sem energia.

— Charles, não faça isso. — E, como se ele fosse um de seus filhos, e não um adulto, completou: — Não, querido.

— Não. — Ele bateu a cabeça de novo. — Não! — Mais uma vez. — *Não!*

Dessa vez ela o segurou com as duas mãos e o puxou para longe da parede.

— Pare com isso! Pare com isso agora!

Ele a encarou, aturdido. Uma mancha de um vermelho-vivo atravessava a testa.

— Aquela imagem — contou minha mãe, anos depois, deitada em seu leito de morte. — Eu não conseguia suportar, mas precisava. Depois que a gente começa uma coisa assim, tem que terminar.

— Vamos lá para casa — pediu ela. — Vou dar uma dose do uísque do Dick para você. Precisa beber alguma coisa, e sei que aqui não tem nada do tipo...

Ele riu. Era um som chocante.

— ... depois vou levar você até Gates Falls. Eles estão no Peabody.

— No Peabody?

Ela esperou que Jacobs digerisse a notícia. Sabia tão bem quanto ela o que era o Peabody. Àquela altura, Jacobs já tinha oficiado dezenas de funerais.

— Patsy não pode ter morrido — disse ele, em um tom de voz paciente, professoral. — Hoje é quarta. Quarta é o Dia do Príncipe Espaguete, como diz o Morrie.

— Venha comigo, Charles.

Ela o pegou pela mão e o puxou, primeiro até a porta, depois até o lindo sol de outono. Naquela manhã, ele tinha acordado ao lado da mulher e tomado café da manhã de frente para o filho. Conversaram sobre coisas quaisquer, como as pessoas fazem. Nunca dá para saber. Qualquer dia pode ser o dia em que caímos, e nunca dá para saber.

Quando eles chegaram à rota 9 — banhada pelo sol e silenciosa, sem tráfego, como quase sempre —, ele virou a cabeça depressa, como um cachorro, na direção dos sons de sirene que vinham de Sirois Hill. No horizonte havia uma nuvem de fumaça. Ele olhou para mamãe.

— Morrie também? Tem certeza?

— Vamos, Charlie. ("Foi a única vez na vida em que o chamei de Charlie", contou ela.) Vamos lá, estamos no meio da rua.

Eles foram para Gates Falls em nossa velha perua Ford, passando por Castle Rock. O caminho era pelo menos trinta quilômetros mais longo, mas, naquele momento, minha mãe já tinha se recuperado do pior do choque e foi capaz de pensar com clareza. Queria evitar o local do acidente, mesmo que isso significasse ter que dar uma volta enorme para chegar.

A Casa Funerária Peabody ficava na rua Grande. O Cadillac funerário cinza já estava na entrada da garagem, e vários veículos estavam estacionados no meio-fio. Um deles era o enorme Buick de Reggie Kelton. Outro, que mamãe ficou tremendamente aliviada por ver, era o furgão com a inscrição ÓLEO COMBUSTÍVEL MORTON na lateral.

Papai e o sr. Kelton saíram pela porta da frente no momento em que mamãe levava o reverendo Jacobs, dócil como uma criança, em direção à entrada. Mamãe me contou que o homem olhava para cima, como se quisesse calcular quanto tempo levaria para que a folhagem ficasse mais colorida.

Meu pai abraçou Jacobs, mas ele não retribuiu o abraço. Só ficou ali, parado, com as mãos largadas ao lado do corpo, olhando para as folhas.

— Charlie, sinto muito por sua perda — disse Kelton, em tom grave. — Todos sentimos.

Eles o acompanharam até o cheiro exageradamente doce de flores. Música de órgão, baixa como um sussurro e de certa forma horrível, saía dos alto-falantes suspensos. Myra Harrington — Me-Maw para todos de West Harlow — já estava lá,

provavelmente porque estivera ouvindo na extensão da linha compartilhada com nossa casa quando Doreen ligou para mamãe. Ouvir as ligações dos outros era seu passatempo. Ela ergueu sua massa adiposa do sofá no saguão e puxou o reverendo Jacobs para junto do peito enorme.

— Sua doce e linda mulher e seu amado filho! — gritou ela, com a voz aguda e estridente de sempre. Mamãe olhou para papai, e os dois deram de ombros. — Pelo menos agora os dois estão no paraíso! Esse é o consolo! Salvos pelo sangue do Cordeiro e aninhados nos braços eternos! — Lágrimas rolaram pelas faces de Me-Maw, rasgando a grossa camada de pó compacto rosa.

O reverendo Jacobs se deixou abraçar e ficou lá. Depois de um minuto ou dois ("Quando comecei a desconfiar que ela não pararia até sufocá-lo com aqueles peitos enormes", contou mamãe), ele a afastou. Não com força, mas com firmeza. Então se virou para meu pai e o sr. Kelton e anunciou:

— Vou ver os dois agora.

— Agora não, Charlie — disse o sr. Kelton. — Espere um pouco. É só até o sr. Peabody deixar os dois apresentá...

Jacobs passou pela câmara ardente, onde uma velha senhora em um caixão de mogno esperava para fazer a última aparição pública. Continuou pelo corredor em direção aos fundos. Ele sabia aonde estava indo, poucos conheciam melhor o lugar.

Papai e o sr. Kelton saíram correndo atrás dele. Mamãe se sentou, e Me-Maw ficou sentada diante dela, com os olhos acesos sob uma nuvem de cabelo branco. Era velha, tinha mais de oitenta anos, e, quando nenhum dos netos ou bisnetos a visitava, só a tragédia ou o escândalo lhe despertavam para a vida.

— Como ele recebeu a notícia? — perguntou Me-Maw, sussurrando. — Você se ajoelhou com ele?

— Agora, não, Myra — respondeu mamãe. — Estou exausta. Só quero fechar os olhos e descansar por um minuto.

Mas não haveria tempo para descansar, porque logo em seguida veio um grito dos fundos da casa funerária, de onde ficavam as salas de preparação.

— Parecia o som do vento de hoje lá fora, Jamie — contou ela. — Só que cem vezes pior. — Por fim, mamãe desviou os olhos do teto. Preferia que não tivesse desviado, porque eu via a escuridão da morte por trás da luz daqueles olhos. — No começo, ele não falou nada, só uivou de dor e desespero. Quase desejei que tivesse continuado assim, mas não foi o que aconteceu. *"Cadê o rosto dele?"*, gritou Jacobs, *"Cadê o rosto do meu filhinho?"*.

Quem oficiaria o funeral? Era uma dúvida que me assolava (como quem corta o cabelo do barbeiro). Ouvi toda a história depois, mas não estava lá para ver. Mamãe decretara que só ela, meu pai, Claire e Con iriam ao funeral. Poderia ser perturbador demais para o restante de nós (ela com certeza estava pensando nos gritos assustadores que saíram da

sala de preparação de Peabody), e Terry e eu ficamos a cargo de Andy. Não gostei muito da ideia, porque muitas vezes ele era um babaca, ainda mais quando nossos pais não estavam em casa. Para um cristão fervoroso, ele gostava demais de beliscões e cascudos, daqueles que faziam ver estrelas.

Mas não houve beliscão ou cascudo no sábado em que ocorreu o funeral duplo de Patsy e Morrie. Andy disse que, se nossos pais não voltassem até a hora do jantar, esquentaria comida enlatada para todos. Nesse meio-tempo, era para assistirmos à TV de boca fechada. Depois, subiu para o quarto e não desceu mais. Por mais mandão e mal-humorado que fosse, Andy gostava de Chaveirinho, assim como todos nós e, claro, era apaixonado por Patsy (também como todos nós... com exceção de Con, que não ligava para garotas na época, e nunca ligaria). Talvez ele tenha subido para orar — vá para o seu quarto e tranque a porta, aconselha são Mateus —, ou simplesmente quisesse ficar sentado, pensando, tentando encontrar algum sentido naquilo tudo. A fé de Andy não foi destruída pelas duas mortes — ele continuou sendo um cristão renitente e fundamentalista até morrer —, mas deve ter sido muito abalada. Minha fé também não foi destruída pelas mortes. Foi o Sermão Terrível que conseguiu esse feito.

O reverendo David Thomas, da Congregação de Gates Falls, fez o elogio fúnebre a Patsy e Morrie em nossa igreja, e isso não causou olhares tortos porque, como meu pai explicou, "congregacionais e metodistas são todos a mesma coisa".

O que *realmente* causou olhares tortos foi o fato de Jacobs ter escolhido Stephen Givens para oficiar a cerimônia de sepultamento no Cemitério Willow Grove. Givens era o pastor (ele não se intitulava reverendo) da Igreja Batista Missionária Siló. Naquele tempo, seus congregados ainda se agarravam ferrenhamente às crenças de Frank Weston Sandford, um profeta do apocalipse que encorajava os pais a chicotear os filhos por pecadilhos ("Vocês são os bedéis de Cristo", aconselhava) e insistia em jejuns de trinta e seis horas... até para bebês.

Os batistas siloístas mudaram muito desde a morte de Sandford (e hoje não são muito diferentes de outros grupos protestantes), mas, em 1965, a nuvem de velhos boatos persistia, alimentada pelas vestimentas estranhas dos fiéis e pela crença de que o fim do mundo estava próximo, talvez em uma semana. No fim, porém, descobriu-se que nosso Charles Jacobs e o Stephen Givens deles eram amigos e se encontravam havia anos para tomar café em Castle Rock. Depois do Sermão Terrível, muita gente da cidade disse que Jacobs fora "infectado pelo siloísmo". Pode ser, mas, de acordo com papai e mamãe (e também Claire e Con, que, para mim, eram mais confiáveis), Givens foi calmo, confortador e adequado durante a breve cerimônia de sepultamento.

— Ele não falou em fim do mundo uma única vez — comentou Claire.

Eu me lembro de como, naquela noite, ela estava linda em um vestido azul-marinho (o mais próximo que possuía de uma roupa preta) e meia-calça de adulta. Também me lembro de que ela quase não comeu no jantar, só ficou empurrando a comida no prato até que tudo estivesse misturado, parecendo vômito de cachorro.

— Givens leu qual passagem da Bíblia? — perguntou Andy.

— Primeira Epístola aos Coríntios — respondeu mamãe. — A que fala que vemos por espelho em enigma.

— Boa escolha — disse meu irmão mais velho, com ar de quem sabia do que estava falando.

— Como ele estava? — perguntei a mamãe. — Como o reverendo Jacobs estava?

— Ele estava... quieto — respondeu, parecendo preocupada. — Meditando, eu acho.

— Não, não estava — disse Claire, afastando o prato. — Ele estava em estado de choque. Ficou lá sentado em uma cadeira dobrável na frente das sepulturas, e, quando o sr. Givens pediu que ele jogasse a primeira pá de terra e depois se unisse a ele na bênção, o reverendo continuou sentado com as mãos entre os joelhos e a cabeça pendendo para baixo. — Ela começou a chorar. — Isso tudo parece um pesadelo.

— Mas ele *se levantou* e jogou a terra — interveio meu pai, colocando o braço em volta dos ombros de Claire. — Depois de algum tempo, ele jogou. Um punhado em cada caixão. Não foi, Clairinha?

— Jogou — concordou ela, chorando ainda mais —, depois que aquele siloísta pegou as mãos dele e praticamente o obrigou.

Con ficara calado, e percebi que ele não estava mais à mesa. Eu o vi no quintal nos fundos da casa, em pé ao lado do olmo em que ficava nosso balanço de pneu. Estava agarrado à árvore, com a cabeça apoiada no tronco e os ombros tremendo.

Ao contrário de Claire, no entanto, ele comeu tudo. Eu me lembro bem. Comeu tudo o que tinha no prato e pediu para repetir, com a voz firme e clara.

Nos três domingos seguintes, os diáconos convidaram pastores para oficiar as cerimônias, mas o pastor Givens não foi um deles. Apesar de ter sido calmo, confortador e adequado em Willow Grove, eu já esperava que ele não fosse convidado. Além de reticentes por natureza e criação, os ianques também tendem a se sentir bem à vontade para serem preconceituosos em questões de religião e raça. Três anos depois, ouvi um de meus professores do Colégio Gates Falls dar mais um exemplo disso, em tom de espanto e revolta: "Por que alguém atiraria no reverendo King? Pelo amor de Deus, ele era um *bom* crioulo!".

Os encontros da Juventude Metodista foram cancelados após o acidente. Acho que todos ficamos contentes com isso — até Andy, também conhecido como Imperador das Arguições sobre a Bíblia. Estávamos tão despreparados para encontrar o reverendo Jacobs quanto ele estava para nos encontrar. Teria sido terrível olhar para o Canto dos Brinquedos, onde Claire e as outras meninas sempre entretinham Morrie (e a si mesmas). E quem tocaria piano durante a Hora Musical? Acho que alguém da cidade poderia ter feito isso, mas Charles Jacobs não estava em condições de pedir, e não seria a mesma coisa, de qualquer forma, sem o cabelo louro de Patsy balançando enquanto ela se movia ao ritmo dos hinos mais animados, como "Marchando para Sião". Aquele cabelo louro agora estava embaixo da terra, cada vez mais quebradiço, espalhado sobre um travesseiro de cetim em meio à escuridão.

Em uma tarde cinza de novembro, enquanto Terry e eu fazíamos estênceis de perus e cornucópias com spray nas janelas, a campainha do telefone soou uma vez longa e outra curta: ligação para nós. Minha mãe atendeu, falou brevemente e sorriu para nós dois.

— Era o reverendo Jacobs. Ele estará no púlpito no próximo domingo para oficiar o sermão de Ação de Graças. Não é ótimo?

Anos depois — eu já estava no ginásio e Claire, em casa, de férias da Universidade do Maine —, perguntei a minha irmã por que ninguém o interrompera. Estávamos no quintal, nos fundos da casa, empurrando o velho balanço de pneu. Ela não precisou perguntar de quem eu estava falando; aquele sermão de domingo tinha deixado uma cicatriz em todos nós.

— Porque ele parecia muito *racional*, eu acho. Muito *normal*. Quando todos se deram conta do que ele estava dizendo, já era tarde demais.

Talvez, mas eu lembro que Reggie Kelton e Roy Easterbrook o interromperam perto do fim, e eu sabia que algo estava errado mesmo antes de o reverendo começar, porque, naquele dia, ele não terminou a leitura das Escrituras com a conclusão habitual: "O Senhor seja louvado". Ele nunca se esquecia disso, nem no dia em que o conheci, quando me mostrou o pequeno Jesus elétrico andando por sobre o lago Plácido.

A passagem da Bíblia no dia do Sermão Terrível era do capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios, a mesma que o pastor Givens lera diante das covas — uma grande, uma pequena — em Willow Grove: "Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino, mas, quando me tornei homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido".

O reverendo fechou o grande volume da Bíblia no púlpito — não usou de força, mas todos ouvimos a batida. A Igreja Metodista de West Harlow estava cheia naquele domingo, com todos os bancos ocupados, mas fazia um silêncio de morte, nem uma tosse se ouvia. Eu me lembro de orar para que ele conseguisse terminar bem o sermão, que não desabasse em lágrimas.

Myra Harrington — Me-Maw — estava na primeira fila, e, embora estivesse de costas para mim, eu imaginava seus olhos meio enterrados nas órbitas gordurosas e amareladas, as íris brilhando com avidez. Minha família estava na terceira fila, onde sempre nos sentávamos. Mamãe tinha o rosto sereno, mas dava para ver as mãos, calçadas com luvas brancas, agarradas com tanta força à grande Bíblia em brochura que o livro estava torcido em forma de U. Claire tirara o batom com os dentes. O silêncio entre a conclusão da leitura da passagem bíblica e o início do que passou a ser conhecido em Harlow como o Sermão Terrível não deve ter durado mais do que cinco segundos, dez

no máximo, mas, para mim, pareceu se estender para sempre. O reverendo manteve a cabeça inclinada sobre a enorme Bíblia com acabamento dourado que ficava no púlpito. Quando finalmente olhou para cima e exibiu um rosto sereno e composto, um discreto suspiro de alívio perpassou a congregação.

— Estou passando por um período difícil e confuso — começou ele. — E nem preciso dizer isso a vocês, afinal esta é uma comunidade muito unida, e todos nos conhecemos. Todos me estenderam a mão da melhor forma possível, e sempre serei grato por isso. Gostaria de fazer um agradecimento especial a Laura Morton, que trouxe a notícia de minha perda com muita consideração e ternura.

O reverendo fez um gesto com a cabeça, dirigindo o olhar para minha mãe. Ela respondeu com o mesmo gesto, depois ergueu a mão enluvada para enxugar uma lágrima.

— Passei grande parte do tempo entre o dia de minha perda e esta manhã de domingo em reflexão e estudo. Gostaria de dizer também *em oração*, mas, embora tenha caído de joelhos repetidas vezes, não senti a presença de Deus, e por isso a reflexão e o estudo tiveram que bastar.

Silêncio na congregação, todos os olhos estavam sobre ele.

— Fui à Biblioteca de Gates Falls para consultar o *New York Times*, mas eles só têm a *Weekly Enterprise*, então rumei para Castle Rock, onde têm o *Times* em microfilme. "Buscai e encontrareis", é o que nos diz são Mateus, e estava certíssimo.

Uns poucos risinhos abafados saudaram a frase, mas se calaram depressa.

— Dia após dia, vasculhei os microfilmes até ficar com dor de cabeça, e gostaria de compartilhar com vocês algumas coisas que encontrei.

Ele tirou alguns cartões do bolso do paletó preto.

— Em junho do ano passado, três pequenos tornados assolaram a cidade de May, em Oklahoma. Embora tenham causado danos materiais, ninguém morreu. Os moradores da cidade se reuniram na igreja batista para cantar canções de louvor e orar em agradecimento. Enquanto estavam lá, um quarto tornado, um monstro de escala F5, varreu May e derrubou a igreja, matando quarenta e uma pessoas. Outras trinta ficaram gravemente feridas, entre elas crianças, que perderam braços e pernas.

Ele passou o cartão para baixo da pilha e leu o próximo.

— Talvez alguns de vocês se lembrem desta. Em agosto do ano passado, um homem e seus dois filhos saíram de barco a remo pelo lago Winnipesaukee. O cachorro da família estava com eles. O cachorro caiu na água e os dois meninos saltaram para resgatar o animal. Quando o pai viu que os filhos corriam risco de se afogar, pulou também, mas, sem querer, virou o barco. Os três morreram. O cachorro nadou até a margem.

Jacobs olhou para cima e chegou a sorrir por um momento. Era como o sol abrindo caminho por entre uma cortina de nuvens em um dia frio de janeiro.

— Tentei descobrir o que aconteceu com o cachorro, se a mulher que perdeu o marido e os filhos ficou com o animal ou mandou sacrificá-lo, mas essa informação não estava disponível.

Olhei discretamente para meus irmãos e minha irmã. Terry e Con pareciam apenas perplexos. Andy estava lívido de horror, ira ou as duas coisas, com os punhos cerrados no colo. Claire chorava em silêncio.

Cartão seguinte.

— Outubro do ano passado. Um furacão varreu a região litorânea de Wilmington, na Carolina do Norte, matando dezessete pessoas. Seis eram crianças que estavam na creche da igreja. Uma sétima ficou desaparecida. O corpo foi encontrado uma semana depois, em cima de uma árvore.

Seguinte.

— Este envolve uma família missionária que levava comida, remédios e o evangelho aos pobres no antigo Congo Belga, que hoje é, se não me engano, o Zaire. Eram cinco. Todos foram assassinados. Embora o artigo não diga com todas as letras, pois as notícias passam pelo filtro de publicação do *New York Times*, fica implícito que os assassinos talvez fossem canibais.

Um murmúrio de reprovação — com Reggie Kelton no centro — começou a surgir. Jacobs ouviu e ergueu a mão em um gesto quase de bênção.

— Acho que não é preciso entrar em mais detalhes, mencionando os incêndios, terremotos, revoltas e assassinatos, mas eu poderia. O mundo é sacudido por acontecimentos assim. No entanto, ler essas histórias me deu algum conforto, porque elas provam que não estou sozinho em meu sofrimento. O conforto é pequeno, no entanto, porque essas mortes, como as da minha mulher e do meu filho, parecem cruéis e excêntricas. Segundo nos dizem, Cristo subiu aos céus em seu corpo, mas é comum que nós, pobres mortais aqui da terra, sejamos deixados com horrorosos pedaços de carne mutilada e uma pergunta renitente, que não para de reverberar: por quê? Por quê? *Por quê?*

"Eu leio a Bíblia desde sempre: primeiro, sobre o joelho da minha mãe, depois na Juventude Metodista, depois na faculdade de teologia, e posso lhes dizer, meus amigos, que essa pergunta não é respondida em lugar algum das Escrituras. O mais próximo que a Bíblia chega com relação a esse assunto é na leitura dos Coríntios, em que são Paulo diz: 'Não é bom perguntar, meus irmãos, porque vós não entenderíeis'. Quando Jó perguntou ao próprio Deus, obteve uma resposta ainda mais dura: 'Onde estavas tu, quando eu fundava a terra?'. O que pode ser traduzido, na língua dos nossos paroquianos mais jovens, como 'Cai fora, seu trouxa'."

Nenhum risinho desta vez.

Jacobs ficou nos analisando, com um quase sorriso se esboçando nos cantos dos lábios, a luz da janela com vitral projetando diamantes azuis e vermelhos em sua bochecha esquerda.

— A religião deveria ser nosso conforto nas horas mais difíceis. Deus é nossa vara e nosso cajado, declara o grande salmo, Ele estará conosco e nos guiará quando fizermos a inevitável caminhada pelo Vale da Sombra da Morte. Outro salmo nos garante que Deus é nosso refúgio e nossa fortaleza, embora as pessoas que morreram naquela igreja de Oklahoma talvez contestassem a ideia... Isso se ainda tivessem bocas para contestar. E o pai e os dois filhos, afogados por tentarem resgatar o cachorro da família? Será que perguntaram a Deus o que estava acontecendo? Qual era a razão? E Ele respondeu: "Respondo a vocês em alguns minutos, rapazes", enquanto a água asfixiava seus pulmões e a morte escurecia a mente deles?

"Permitam-me repetir de maneira simples o que são Paulo quis dizer quando mencionou o espelho em enigma. Ele quis dizer que devemos aceitar tudo com fé. Se nossa fé for forte, iremos para o Céu, onde entenderemos tudo. Como se a vida fosse

uma piada e o Céu fosse o lugar onde a moral cósmica da história é finalmente explicada."

Ouviram-se soluços femininos na igreja, e o zum-zum-zum masculino de descontentamento ficou mais forte. Mas ninguém saiu ou se levantou para dizer ao reverendo Jacobs que ele deveria se sentar, pois estava à beira da blasfêmia. Estavam todos aturdidos.

— Quando me cansei de pesquisar mortes estranhas e muitas vezes profundamente dolorosas de inocentes, voltei a atenção para os vários ramos do cristianismo. Nossa, meus amigos, fiquei surpreso com a quantidade! Que Torre da Doutrina! Católicos, episcopalianos, metodistas, batistas primitivos e universais, mórmons, anglicanos, luteranos, presbiterianos, unitarianos, testemunhas de Jeová, adventistas do sétimo dia, quacres, shakers, ortodoxos gregos, batistas siloístas, não podemos nos esquecer deles, e mais uns cinquenta.

"Aqui em Harlow, todos temos linhas telefônicas compartilhadas, e me parece que a religião é a maior linha compartilhada de todas. Imagine como as linhas para o Céu devem ficar congestionadas nas manhãs de domingo! E sabem o que eu acho fascinante? Cada igreja dedicada aos ensinamentos de Cristo acredita que é a única a ter uma *linha direta* com o Todo-Poderoso. E, minha nossa, não posso me esquecer dos muçulmanos, judeus, teosofistas, budistas e aqueles que idolatram os Estados Unidos de maneira tão fervorosa quanto os alemães idolatraram Hitler naqueles oito ou dez anos de pesadelo."

Foi então que a debandada começou. Primeiro algumas pessoas do fundo, de cabeça baixa e ombros encolhidos (como se tivessem levado uma surra), depois cada vez mais gente. O reverendo Jacobs parecia nem notar.

— Algumas seitas e denominações são pacíficas, mas as maiores, as mais *bem-sucedidas*, foram construídas sobre o sangue, os ossos e os gritos daqueles que tiveram a audácia de não se curvar à ideia de Deus que elas queriam passar. Os romanos atiraram os cristãos aos leões; os cristãos arrancaram os membros de hereges, magos e bruxas; Hitler sacrificou milhões de judeus ao falso deus da pureza racial. Milhões foram queimados, alvejados, enforcados, atormentados, envenenados, eletrocutados e estraçalhados por cachorros... Tudo em nome de Deus.

Minha mãe soluçava alto, mas não olhei para ela. Não conseguia. Estava petrificado. De horror, sim, claro. Eu tinha apenas nove anos. Mas também sentia uma exultação incontrolável e incipiente, um sentimento de que finalmente alguém estava me dizendo a verdade jamais revelada. Uma pequena parte de mim torcia para que ele parasse, mas a maior parte desejava ardentemente que continuasse. E meu desejo foi atendido.

— Cristo nos ensinou a dar a outra face e a amar nossos inimigos. A maioria de nós segue o conselho da boca para fora, pois, quando somos atacados, tentamos devolver a agressão em dobro. Cristo expulsou os vendilhões do templo, mas todos sabemos que esses mestres do dinheiro rápido e fácil sempre retornam. Se você já participou de um vibrante bingo de igreja ou ouviu um pregador de rádio implorando por dinheiro, sabe exatamente do que estou falando. Isaías profetizou que chegaria o dia em que nossas espadas forjariam relhas de arados, mas tudo o que forjamos nesta era sombria foram bombas atômicas e mísseis balísticos intercontinentais.

Reggie Kelton se levantou. Estava tão vermelho quanto meu irmão Andy estava pálido.

— O senhor precisa se sentar, reverendo. O senhor está fora de si.

O reverendo Jacobs não se sentou.

— E o que recebemos pela fé? Pelo quinhão de sangue e riquezas que, século após século, demos a esta ou àquela igreja? A garantia de que o Céu espera por nós no fim de tudo, e que, quando chegarmos lá, a moral da história será explicada, e diremos: "Ah, sim! *Agora* entendi". Este é o grande pagamento. O que é instilado em nós desde nossos primeiros dias: Céu, Céu, Céu! Reencontraremos os filhos mortos, nossas queridas mães vão nos tomar nos braços! Essa é a cenoura. A vara com que nos açoitam é inferno, inferno, inferno! Um lugar de danação e tormento eternos. Dizemos a criancinhas tão novas quanto meu filhinho morto que elas podem arder no fogo eterno se roubarem uma bala ou mentirem sobre por que molharam os sapatos novos.

"Não existe prova desses destinos na vida após a morte, nem um traço de ciência, apenas uma certeza cega, agarrada à nossa poderosa necessidade de acreditar *que tudo faz sentido*. Mas quando eu estava nos fundos do Peabody, olhando para o cadáver desfigurado de meu filho, que queria muito mais ir para a Disney do que para o Céu, tive uma revelação. A religião é o equivalente teológico aos golpes de seguro fácil, em que você paga o prêmio ano após ano e depois, quando precisa dos benefícios pagos religiosamente, desculpem o trocadilho, descobre que a empresa que pegou seu dinheiro na verdade não existe."

Foi então que Roy Easterbrook se levantou no meio da igreja, que se esvaziava depressa. Era um gigante barbado que morava em um trailer velho na parte leste da cidade, perto da ferrovia de Freeport. Via de regra, ele só aparecia no Natal, mas tinha feito uma exceção naquele dia.

— Reverendo, disseram que havia uma garrafa de uísque no porta-luvas do seu carro. E o Mert Peabody disse que sentiu bafo de álcool na sua mulher, quando foi arrumar o corpo dela. Aí está a razão. Aí está o sentido. O senhor não tem coragem para aceitar a vontade de Deus? Está bem. Mas deixe esses aqui em paz.

Dito isso, Easterbrook deu as costas e saiu pisando duro.

Jacobs ficou imóvel, agarrado ao púlpito, os olhos em chamas no rosto branco, os lábios pressionados com tanta força que a boca desaparecera.

Foi então que meu pai se levantou.

— Charles, você tem que descer daí.

O reverendo Jacobs sacudiu a cabeça, como se precisasse esvaziá-la.

— É mesmo, Dick. Você está certo. Nada que eu diga vai fazer diferença.

Mas fez. Para um menininho, fez.

Ele se afastou do púlpito, olhou em volta como se não soubesse mais onde estava, depois se reaproximou, embora não houvesse mais ninguém para ouvi-lo, com exceção da minha família, dos diáconos e de Me-Maw, ainda plantada na primeira fila, com os olhos esbugalhados.

— Só mais uma coisa. Nós viemos do mistério, e é para o mistério que vamos. Talvez exista alguma coisa lá, mas aposto que não é Deus como qualquer igreja O entende. Basta ver a ladainha de crenças conflitantes para perceber. Uma cancela a outra, e não resta nada. Se quiserem a verdade, um poder maior que vocês, olhem para o raio, um bilhão de volts, cem mil amperes de corrente e temperaturas de mais de *vinte e cinco mil graus Celsius*. Isso é um poder superior, eu garanto. Mas aqui, neste prédio? Não.

Acreditem no que quiserem, mas digo a vocês: por trás do espelho em enigma de são Paulo, não há nada além de uma mentira.

O reverendo Jacobs deixou o púlpito e saiu pela porta lateral. A família Morton ficou sentada em meio ao tipo de silêncio que as pessoas devem ouvir após a explosão de uma bomba.

Quando chegamos em casa, minha mãe foi para o quarto grande dos fundos, dizendo que não queria ser incomodada, e fechou a porta. Ficou lá o restante do dia. Claire fez o jantar, e comemos praticamente em silêncio. Em dado momento, Andy começou a citar alguma passagem bíblica que desmentia completamente o que o reverendo dissera, mas papai o mandou fechar a matraca. Andy viu as mãos de papai enfiadas bem fundo nos bolsos e calou a boca.

Depois do jantar, meu pai foi para a garagem trabalhar no Foguete da Estrada II. Dessa vez, Terry — seu assistente fiel, quase um comparsa — não foi atrás, então eu o segui... mesmo que hesitante.

— Papai, posso perguntar uma coisa?

Ele estava debaixo do Foguete, deitado em uma esteira de mecânico, com um candeeiro elétrico na mão. Só as pernas, metidas em uma calça cáqui, estavam de fora.

— Pode, Jamie. Desde que não seja sobre essa maldita confusão de hoje cedo. Se for, você também pode fechar a matraca. Não vou falar disso por hoje. Amanhã teremos tempo de sobra. Vamos ter que enviar uma petição para a Conferência Metodista da Nova Inglaterra exigindo a demissão dele, e os integrantes da conferência *terão* que levar o caso ao bispo Matthews, em Boston. Ele fez uma bela de uma merda, e, se você disser à sua mãe que usei essa palavra, ela vai me bater como se eu fosse um bastardo.

Não sei se minha pergunta era sobre o Sermão Terrível ou não, mas sabia que precisava perguntar.

— O que o sr. Easterbrook falou é verdade? Ela bebeu mesmo?

A luz que se mexia embaixo do carro ficou imóvel. Depois meu pai saiu de lá para poder olhar para mim. Fiquei com medo de que estivesse com raiva, mas não. Estava apenas triste.

— Já tinha gente fofocando por aí, e imagino que a coisa vá crescer depois que o desmiolado do Easterbrook resolveu falar na cara, mas, sabe do que mais, Jamie? *Não* importa. George Barton teve um ataque epilético e estava na contramão quando ela fez a curva, e daí foi tudo por água abaixo. Não importa se ela estava sóbria ou completamente descontrolada. Nem o Mario Andretti conseguiria evitar a batida. O reverendo estava certo sobre uma coisa: as pessoas sempre querem encontrar razão para as coisas ruins da vida, mas às vezes não existe razão. — Ele levantou a mão que não segurava a lanterna e apontou o dedo sujo de graxa para mim. — Todo o resto é bobagem de alguém que está sofrendo tanto que perdeu a noção das coisas. E não se esqueça disso.

Na quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças, as escolas do distrito funcionavam em meio período. Mesmo assim, eu prometera à sra. Moran que ficaria para limpar os quadros-negros e arrumar a pequena biblioteca de livros velhos. Quando contei da promessa à minha mãe, ela assentiu, meio distraída, e me disse para chegar em casa antes do jantar. Já estava colocando um peru no forno, mas eu sabia que não podia ser o nosso: era muito pequeno para sete pessoas.

No fim das contas, Kathy Palmer (a CDF da turma, sempre havia uma) também ficou para ajudar, e terminamos o trabalho em meia hora. Pensei em ir até a casa de Al ou Billy para brincar de polícia e ladrão, ou algo assim, mas sabia que eles iam querer falar do Sermão Terrível e de como a sra. Jacobs matou a si mesma e ao filho porque estava caindo de bêbada, um boato que realmente acabou se transformando em verdade absoluta. Eu não queria tomar parte em nada daquilo, então fui para casa. Fazia um calor fora do normal, as janelas estavam abertas, e por isso ouvi minha irmã e minha mãe discutindo.

— *Por que* eu não posso ir? — perguntou Claire. — Quero que ele saiba que pelo menos algumas pessoas dessa cidade estúpida ainda estão do lado dele.

— Porque seu pai e eu achamos que vocês, crianças, devem ficar longe dele. — As duas estavam na cozinha, e naquele momento eu estava fazendo hora em frente à janela.

— Eu não sou mais *criança*, mãe. Já tenho dezessete anos!

— Sinto muito, mas com dezessete anos você ainda é criança, e vai pegar mal uma moça indo à casa dele. Acredite em mim.

— E para você não tem problema? Sabe que Me-Maw vai ver você, e em vinte minutos toda a cidade vai ficar sabendo! Se você vai, me deixa ir junto!

— Não, e chega de discussão.

— Ele devolveu a voz do Con! — gritou Claire. — Como é que você pode ser tão cruel?

Houve uma longa pausa, e depois minha mãe disse:

— É por isso que vou à casa do reverendo. Não para levar o almoço de amanhã, mas para que ele saiba que somos gratos, apesar das coisas terríveis que ele disse.

— Você sabe por que ele disse aquelas coisas! Ele acabou de perder a mulher e o filho e está completamente desorientado! Está meio maluco!

— Eu *sei* — respondeu minha mãe, com voz mais baixa, e tive que me esforçar para ouvir, porque Claire estava chorando. — Mas isso não muda o choque que as pessoas sofreram. Ele foi longe demais. Demais *mesmo*. Ele vai embora na semana que vem, e é melhor assim. Quando você sabe que vai ser demitido, melhor se demitir primeiro. Assim dá para manter alguma dignidade.

— Demitido pelos diáconos, imagino — disse Claire, quase com desprezo. — Ou seja, pelo meu pai.

— Seu pai não teve escolha. Quando você não for mais *criança*, talvez entenda e se coloque no lugar dele. Isso tudo está consumindo o Dick.

— Vá em frente, então. Só quero ver se umas fatias de peito de peru com batata vão compensar a maneira como ele está sendo tratado. Aposto que o reverendo nem vai comer.

— Claire... Clairinha...

— *Não me chame assim!* — gritou minha irmã, e depois a ouvi pisando duro até as escadas. Imaginei que se enfurnaria no quarto para chorar durante um tempo, depois esqueceria tudo, como acontecera dois anos antes, quando mamãe dissera que, aos quinze anos, ela era nova demais para ir ao drive-in com Donnie Cantwell.

Decidi me mandar para o quintal antes que mamãe saísse com o jantar especial. Fiquei sentado no balanço de pneu, sem me esconder, mas sem ficar à vista. Dez minutos depois, ouvi a porta da frente se fechar. Fui para o canto da casa e vi mamãe descer a rua segurando uma bandeja coberta por papel laminado, que brilhava sob o sol. Entrei e subi as escadas. Bati na porta do quarto de minha irmã, decorada com um enorme pôster do Bob Dylan.

— Claire?

— Vá embora — gritou ela. — Não quero falar com você!

O som começou a tocar Yardbirds no último volume.

Mamãe voltou para casa uma hora depois — uma visita bem longa para quem só entregaria uma travessa de comida —, e, apesar de Terry e eu estarmos assistindo à TV e brigando pelo melhor lugar do nosso velho sofá (no meio, onde as molas não espetavam o bumbum), ela mal nos viu. Con estava no segundo andar tocando o violão que ganhara de aniversário. E cantando.

David Thomas, da Congregação de Gates Falls, estava de volta ao púlpito no domingo seguinte ao Dia de Ação de Graças. A igreja estava cheia de novo, talvez porque todos quisessem ver se o reverendo Jacobs apareceria para tentar dizer mais coisas horríveis. Ele não deu as caras. Se tivesse dado, decerto o calariam antes mesmo de ele começar, talvez até o expulsassem à força. Os ianques levam a religião muito a sério.

No dia seguinte, segunda-feira, em vez de andar, corri os quatrocentos metros da escola até em casa. Tivera uma ideia e queria chegar em casa antes do ônibus escolar. Quando o veículo chegou, agarrei Con e o puxei até o quintal.

— Que bicho te mordeu? — perguntou ele.

— Você precisa ir até a casa paroquial comigo. O reverendo Jacobs logo vai embora, talvez até amanhã, e a gente tem que encontrar com ele antes. A gente tem que dizer que ainda gosta dele.

Con se desvencilhou de mim, batendo as mãos na frente da camisa da Ivy League, como se temesse que eu tivesse passado pulgas a ele.

— Você ficou maluco? Eu não vou lá. O reverendo falou que Deus não existe.

— Ele também deu um choque na sua garganta e salvou sua voz.

Con hesitou, incomodado.

— Ela acabaria voltando de qualquer jeito. O dr. Renault disse que voltaria.

— Ele disse que voltaria em até duas semanas. E isso foi em fevereiro. Ela só voltou em abril. *Dois meses depois*.

— E daí? Demorou um pouco mais, só isso.

Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Deixa de ser covarde.

— Fala isso de novo, que eu arrebento a sua cara.

— Por que você não vai para agradecer, pelo menos?

Con me encarou, com os lábios crispados e as bochechas vermelhas.

— A gente não pode ir lá, nossos pais proibiram. Ele é maluco. Deve tomar todas, que nem a mulher.

Fiquei sem palavras. Meus olhos se encheram de lágrimas. Não eram de tristeza, eram de ira.

— Além do mais — continuou ele —, tenho que juntar toda a lenha antes que papai chegue em casa, senão estou frito. Então esquece o assunto, Jamie.

Con me deu as costas e saiu. Meu irmão, que se tornou um dos mais renomados astrônomos do mundo — em 2011, descobriu o quarto planeta em uma "zona habitável", onde pode haver vida — me deu as costas. E nunca mais repetiu o nome de Charles Jacobs.

Na terça-feira, subi de novo correndo a rota 9 assim que a aula acabou, mas não fui para casa.

Havia um novo carro na entrada da garagem da casa paroquial. Bem, não exatamente novo. Era um Ford Fairlane 1958 com ferrugem nos estribos e uma rachadura no vidro da janela do passageiro. O porta-malas estava aberto, e, quando olhei lá dentro, vi duas malas e um grande dispositivo eletrônico que o reverendo Jacobs mostrara em um encontro da Juventude Metodista: um osciloscópio. Jacobs estava na oficina. Dava para ouvir o barulho de coisas sendo carregadas.

Parei ao lado do novo carro velho pensando no Belvedere, que agora era só sucata calcinada, e quase virei as costas e saí correndo para casa. Eu me pergunto se minha vida teria sido diferente se eu tivesse ido embora. Nem sei se estaria escrevendo esta história. Mas não dá para saber, não é? São Paulo estava certíssimo sobre o espelho em enigma. Olhamos para ele todos os dias e só vemos nosso próprio reflexo.

Em vez de correr, juntei toda a coragem que tinha e fui até o barracão. Jacobs estava guardando equipamentos eletrônicos em um caixote de madeira alaranjada, usando grandes folhas de papel pardo amassado para preencher os espaços vazios, e a princípio não me viu. Vestia calça jeans e camisa branca lisa. Sem o colarinho de clérigo. Via de regra, crianças não reparam muito nas mudanças dos adultos, mas, mesmo com nove anos, percebi que ele tinha emagrecido. O reverendo estava sob uma nesga de sol e, quando me ouviu entrar, olhou para mim. Havia novas rugas em seu rosto, mas, quando ele me viu e sorriu, elas desapareceram. Era um sorriso tão triste que trespassou meu coração.

Eu não pensei, só corri até ele, que abriu os braços e me levantou para beijar minha bochecha.

— Jamie! — exclamou ele. — Eu sou o Alfa e o Ômega!

— Há?

— Apocalipse, capítulo 1, versículo oito. "Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim." Você foi a primeira criança que encontrei quando vim para Harlow, e também vai ser a última. Estou muito, muito feliz que você tenha vindo.

Comecei a chorar. Eu não queria, mas não pude evitar.

— Sinto muito, reverendo Jacobs. Sinto muito por tudo. O senhor estava certo na igreja. Não é justo.

Ele beijou minha outra bochecha e me pôs no chão.

— Acho que eu não disse isso com essas palavras, mas você decerto pegou o espírito da coisa. Mas não leve o que eu disse a sério, eu estava fora de mim. Sua mãe sabe disso. Foi o que ela me disse quando trouxe aquele belo banquete de Ação de Graças. E ela me desejou tudo de bom.

Ouvir aquilo fez eu me sentir melhor.

— Ela também me deu um bom conselho: eu deveria ir para longe de Harlow, Maine, e recomeçar. Sua mãe disse que talvez eu reencontre a fé em um novo lugar. Duvido muito, mas ela estava certa quanto a ir embora.

— A gente nunca mais vai se ver.

— Nunca diga isso, Jamie. Os caminhos se cruzam o tempo todo neste nosso mundo, às vezes nos lugares mais estranhos. — Ele pegou um lenço no bolso de trás e enxugou as lágrimas em meu rosto. — De qualquer forma, eu nunca vou esquecer você. E espero que pense em mim de vez em quando.

— Vou, sim. — E depois, lembrando: — Pode apostar, pastor.

Jacobs voltou à mesa de trabalho, agora tristemente vazia, e terminou de embalar os últimos objetos, um par de grandes baterias quadradas que ele chamava de "pilhas secas". Fechou a tampa do caixote e começou a amarrar tudo com duas cordas grossas.

— Connie queria vir comigo para agradecer, mas ele tinha... hum... acho que era treino de futebol hoje. Alguma coisa assim.

— Tudo bem. Ele não tem que me agradecer por nada.

Fiquei chocado.

— Como assim? O senhor trouxe a voz dele de volta! Com o aparelho!

— É verdade, o aparelho. — Ele deu um nó na segunda corda e apertou bem forte. As mangas de sua camisa estavam dobradas, e vi que ele era muito musculoso. Eu nunca tinha notado. — O Estimulador Nervoso Elétrico.

— O senhor tem que fazer esse aparelho para vender, reverendo Jacobs! Vai ficar rico!

Ele apoiou o cotovelo no caixote, o queixo na mão e olhou para mim.

— Você acha?

— Acho!

— Eu duvido muito. E também duvido que o ENE tenha alguma coisa a ver com a recuperação do seu irmão. Eu construí o estimulador naquele dia mesmo, sabia? — contou ele, rindo. — E a energia veio de um motorzinho japonês bem pequeno que eu tirei do robozinho de brinquedo do Morrie.

— É mesmo?

— É. O *conceito* é válido, eu tenho certeza, mas protótipos como esse, construídos na hora, sem experimentos para verificar todas as etapas, quase nunca

funcionam. Ainda assim, eu achava que tinha uma chance, porque nunca duvidei do diagnóstico do dr. Renault. Era um estiramento do nervo, nada mais.

— Mas...

Ele levantou o caixote. Os músculos do braço se retesaram, mostrando as veias.

— Vamos lá, Jamie. Vem comigo.

Eu o segui até o carro. Ele colocou o caixote ao lado do para-lama traseiro, inspecionou o porta-malas e disse que precisava passar as malas para o banco de trás.

— Consegue carregar a pequena, Jamie? Não é pesada. Quando você vai viajar para longe, é melhor levar poucas malas.

— Para onde você vai?

— Não faço ideia, mas acho que vou saber quando chegar lá. Quer dizer, se essa coisa não pifar antes. Ele queima tanto óleo que daria para escoar toda a produção do Texas.

Carregamos as malas até o banco traseiro do Ford. Bufando com o esforço, o reverendo Jacobs colocou o enorme caixote no porta-malas. Bateu a tampa para fechar e depois se apoiou nela, me estudando.

— Você tem uma família maravilhosa, Jamie, e pais maravilhosos que realmente dão atenção a vocês. Se eu pedisse a eles que descrevessem os filhos, aposto que diriam que Claire é a mãezona, Andy é o mandão...

— *Disso* você pode ter certeza.

Ele sorriu.

— Toda família tem um, garoto. Eles diriam que Terry é o habilidoso e você, o sonhador. O que eles diriam sobre Con?

— O estudioso. Ou o cantor de música folk, já que ele ganhou um violão.

— Talvez, mas aposto que essas não seriam as primeiras coisas em que eles pensariam. Já percebeu como são as unhas do Con?

Eu ri.

— Ele rói sem parar! Uma vez meu pai disse ao Con que daria um dólar se ele ficasse uma semana sem roer, mas Con não conseguiu!

— Con é o nervoso, Jamie. É isso que seus pais diriam, se fossem absolutamente sinceros. É ele quem pode acabar tendo uma úlcera aos quarenta. Quando foi atingido no pescoço pelo bastão de esqui e perdeu a voz, ele começou a ficar com medo de que ela nunca voltasse. E, quando não voltou, ele ficou convencido de que era isso que ia acontecer.

— O dr. Renault disse...

— O Renault é um bom médico. Cuidadoso. Ele apareceu em um passe de mágica quando Morrie teve rubéola, e de novo quando a Patsy teve... bem, teve um problema de mulher. Ele cuidou muitíssimo bem dos dois. O problema é que ele não tem aquele ar de confiança dos melhores clínicos gerais. Aquele jeito de dizer: "Isso não é nada, você vai ficar bem rapidinho".

— Mas ele *disse* isso!

— Sim, mas Conrad não se convenceu porque Renault não é convincente. Ele cuida bem do corpo, mas não da mente. E é na mente que metade da cura acontece. Talvez até mais. Con pensou: "Ele está mentindo só para eu me acostumar a não ter voz. Depois vai me contar a verdade". É assim que o seu irmão funciona, Jamie. Ele vive à

beira de um ataque de nervos, e, quando alguém é assim, pode se tornar vítima dos próprios pensamentos.

— Ele não quis vir comigo hoje — confessei. — Eu menti.

— É mesmo? — Jacobs não pareceu muito surpreso.

— É. Eu chamei, mas ele ficou com medo.

— Não fique com raiva dele por isso. Quem tem medo vive um inferno particular. Dá para dizer que eles mesmos criam esse inferno, do mesmo jeito que Con fabricou a mudez, e é algo que não conseguem evitar. Eles merecem simpatia e compaixão.

Ele se virou para a casa paroquial, que já parecia abandonada, e suspirou. Depois se voltou para mim.

— Talvez o ENE tenha feito *alguma coisa*, mas duvido, apesar de ter todas as razões para acreditar que a teoria por trás dele é válida. Jamie, eu acho que iludi seu irmão. Ou, se você me permite o trocadilho, eu Con-fundi. É uma habilidade que tentam ensinar na faculdade de estudos religiosos, apesar de chamarem de "instilar a fé". Eu sempre fui bom nisso, o que me causava ao mesmo tempo orgulho e vergonha. Eu disse a seu irmão que esperasse um milagre, depois liguei a corrente e ativei meu glorioso zumbido da alegria. Assim que vi Con contorcendo os lábios e piscando, percebi que iria funcionar.

— Isso é incrível!

— É, sim, mas também é vil.

— Hã?

— Deixa pra lá. O importante é que você nunca deve contar isso a ele. Acho que ele não perderia a voz novamente, mas não é impossível. — O reverendo olhou para o relógio. — Sabe de uma coisa? Acho que não tenho mais tempo para continuar nosso encontro, se quiser chegar a Portsmouth hoje à noite. E é melhor você voltar para casa. Vamos guardar segredo da sua visita de hoje, combinado?

— Combinado.

— Você não passou em frente à casa da Me-Maw, passou?

Revirei os olhos, como se perguntasse se ele era tão burro assim, e Jacobs riu mais um pouco. Fiquei muito feliz por ver que conseguia fazê-lo rir, apesar de tudo.

— Cortei caminho pelo milharal dos Marstellar.

— Bom menino.

Eu não queria ir embora, nem queria que *ele* fosse.

— Posso perguntar só mais uma coisa?

— Ok, mas seja rápido.

— Quando o senhor estava dando o seu... hum... — Eu não queria usar a palavra *sermão*, pois, de alguma forma, ela parecia perigosa. — Quando estava falando na igreja, o senhor disse que um raio tinha, tipo, mais de vinte e cinco mil graus. É verdade?

O rosto dele se iluminou como só acontecia quando surgia o assunto eletricidade. A menina dos olhos dele, diria Claire. Meu pai chamaria de obsessão.

— Verdade *verdadeira*! Com exceção, talvez, de terremotos e tsunamis, o raio é a força mais poderosa da natureza. É mais poderoso que furacões e muito mais poderoso que tornados. Já viu um raio atingir a terra?

Balancei a cabeça.

— Só no céu.

— É lindo. Lindo e assustador. — Ele olhou para cima, como se procurasse por um, mas naquela tarde o céu estava azul, e as únicas nuvens eram flocos de algodão que se moviam lentamente para sudoeste. — Se algum dia você quiser ver um de perto... Conhece Longmeadow, não é?

Claro que eu conhecia. No meio do caminho que levava para o Resort da Montanha do Bode havia um parque público chamado Longmeadow. Dele, viam-se quilômetros e quilômetros adiante em direção ao leste. Em um dia muito claro, dava para ver até o deserto do Maine, em Freeport. Às vezes, até o oceano Atlântico depois dele. O piquenique de verão da Juventude Metodista acontecia em Longmeadow, em agosto.

— Se você subir a estrada depois de Longmeadow, vai chegar até o portão do Resort da Montanha do Bode... — disse ele.

— ... onde só dá para entrar se você for sócio ou convidado.

— Exatamente. O sistema de classes em pleno vigor. Mas, logo antes de chegar ao portão, tem uma estrada de cascalho que vai para a esquerda. Qualquer um pode entrar nela, porque são terras estaduais. Cerca de cinco quilômetros acima, a estrada acaba em um mirante chamado Teto do Céu. Eu nunca levei as crianças lá porque é perigoso. É só uma encosta de granito que acaba em uma queda de seiscentos metros. Não tem cerca, só uma placa dizendo para manter distância da borda. Na parte mais alta do Teto do Céu existe um mastro de ferro de seis metros. Ele está encravado profundamente na rocha. Não faço ideia de quem o colocou lá, nem por quê, mas já faz muito, muito tempo. O mastro já devia estar enferrujado, mas não está. E você sabe *por que não*?

Sacudi a cabeça.

— Porque ele já foi atingido por raios muitas vezes. O Teto do Céu é um lugar especial. Ele *atrai* raios, e o mastro de ferro é o ponto focal.

Ele olhava com jeito sonhador na direção da montanha do Bode. Ela não era grande, se comparada às montanhas Rochosas (ou às montanhas Brancas de New Hampshire), mas dominava as colinas do oeste do Maine.

— O trovão é mais alto lá, Jamie, e as nuvens ficam mais perto. A visão das nuvens de tempestade passando por lá faz uma pessoa se sentir muito pequena, e quando essa pessoa é afligida por preocupações... ou dúvidas... se sentir pequeno não é tão ruim. Dá para saber quando o raio vai cair, porque fica uma sensação de falta de ar. Uma sensação de... sei lá... de um fogo não consumado. O cabelo fica em pé, o peito fica pesado. Dá para sentir a pele tremendo. Daí você espera, e, quando o trovão vem, ele não estoura. Ele *quebra*, como acontece quando um galho coberto de gelo finalmente cede, só que cem vezes mais alto. Depois vem o silêncio... e então um *clique* no ar, como o som de um interruptor de luz daqueles antigos. O trovão se vai e o raio vem. É preciso deixar os olhos entreabertos, senão o clarão pode ofuscá-los, e aí não dá para ver o mastro de aço mudar de preto para um branco meio arroxeado e, por fim, vermelho como uma ferradura na forja.

— Uau!

Ele piscou e voltou do devaneio. Depois chutou o pneu do novo carro velho.

— Desculpe, garoto. Às vezes eu me deixo levar.

— Parece incrível.

— Ah, é muito mais que incrível. Vá lá algum dia, quando for mais velho, e veja por si mesmo. Só tenha cuidado perto do mastro. Os raios trincam as pedras e deixam um monte de lascas de seixo soltas. Se você escorregar, talvez não consiga parar. E agora, Jamie, eu tenho mesmo que ir.

— Queria que não tivesse. — Eu ainda sentia vontade de chorar, mas não me permiti.

— Eu sei, Jamie. E isso me deixa até emocionado, mas a vida é assim, querer não é poder. — Ele abriu os braços. — Agora me dê outro abraço.

Eu o abracei com força, respirando fundo, tentando guardar o cheiro do sabonete e do tônico capilar dele — Vitalis, o mesmo que meu pai usava. E que Andy estava começando a usar.

— Você era meu favorito — disse ele, em meu ouvido. — Este é outro segredo que é melhor guardar.

Eu só assenti. Não tinha por que contar que Claire já sabia disso.

— Deixei uma coisa para você no porão da casa paroquial. Se quiser, a chave está embaixo do capacho.

Ele me pôs no chão, beijou minha testa e depois abriu a porta do motorista.

— Esse carro está ruim demais — comentou, fazendo um sotaque ianque que me fez rir, apesar da tristeza. — Mas é ele que vai me levar estrada afora.

— Eu te amo! — declarei.

— Também te amo — respondeu ele. — Mas não chore por mim de novo, Jamie. Meu coração partido não aguentaria.

Não chorei de novo até que o reverendo fosse embora. Observei-o dando ré na entrada da garagem e continuei olhando até ele sumir de vista. Depois fui para casa. Na época ainda tínhamos uma bomba manual no quintal, então aproveitei para lavar o rosto naquela água congelante antes de entrar. Eu não queria que minha mãe visse que eu tinha chorado e perguntasse por quê.

Caberia às Senhoras Auxiliadoras fazer uma limpeza de cima a baixo na casa paroquial, removendo todos os traços da malfadada família Jacobs e deixando a moradia pronta para o novo pastor. Mas não havia pressa, pelo que dissera papai. As engrenagens do Bispado Metodista da Nova Inglaterra se mexiam devagar, e teríamos sorte se um novo ministro fosse designado no verão seguinte.

— Deixem a poeira assentar — foi o conselho de meu pai, e as Auxiliadoras o receberam de bom grado. Elas só começariam a trabalhar com vassouras, escovas e aspiradores de pó depois do Natal (Andy fez o sermão leigo naquele ano, e meus pais quase explodiram de orgulho). Até então, a casa paroquial ficou vazia, e alguns meninos da escola começaram a dizer que era assombrada.

Houve um visitante, porém: eu. Fui lá em um sábado à tarde, mais uma vez cortando caminho pelo milharal de Dorrance Marstellar, para evitar o olhar vigilante de

Me-Maw Harrington. Usei a chave sob o capacho e entrei. Foi assustador. Desdenhei da ideia de que o lugar estivesse assombrado, mas, assim que entrei, a imagem de Patsy e Chaveirinho atrás de mim — de mãos dadas, com olhos esbugalhados e apodrecendo — me veio muito fácil.

"Não seja estúpido", disse a mim mesmo. "Ou eles estão em outro lugar ou em lugar nenhum, como o reverendo Jacobs disse. Então deixe de ser medroso. Deixe de ser um garotinho assustado."

Deixar de ser um garotinho assustado naquele momento seria como não ter dor de barriga depois de comer muitos cachorros-quentes no sábado à noite. Mas não fugi. Queria ver o que ele deixara para mim. Eu *precisava* ver o que era. Então fui até a porta, onde ainda havia um pôster pendurado (Jesus de mãos dadas com um casal de crianças que pareciam o João e a Maria do meu livro de primeiro ano) com os dizeres VINDE A MIM AS CRIANCINHAS.

Acendi a luz, desci as escadas e vi as cadeiras dobráveis empilhadas contra a parede, o piano fechado e o Canto dos Brinquedos, onde a mesinha já não tinha mais dominós, livros de colorir ou giz de cera. O lago Plácido, no entanto, ainda estava lá, bem como a caixinha de madeira do Jesus Elétrico. Era isso que ele tinha deixado para mim, e eu estava terrivelmente desapontado. Ainda assim, abri a caixa e peguei o Jesus Elétrico. Coloquei o boneco na beira do lago, onde sabia que ficava o trilho, e comecei a mexer embaixo da túnica para ligá-lo. Então fui atingido pelo maior acesso de fúria da minha jovem vida. Foi súbito como um daqueles raios que o reverendo Jacobs me disse para ver no Teto do Céu. Girei o braço e arremessei o Jesus Elétrico contra a parede.

— *Você não existe!* — gritei. — *Você não existe! É tudo truque! Maldito seja, Jesus! Maldito seja, Jesus! Maldito, maldito, maldito seja, Jesus!*

Subi correndo as escadas, chorando tanto que eu mal conseguia enxergar.

No fim das contas, nunca mais tivemos ministro. Alguns padres da cidade tentaram preencher a lacuna, mas o comparecimento caiu para quase zero. No meu último ano de colégio, nossa igreja foi fechada e extinta. Eu não estava nem aí. Não acreditava mais. Não faço ideia do que aconteceu com o lago Plácido e o Jesus Elétrico. Quando voltei a descer as escadas da Juventude Metodista, muitos anos depois, ela estava completamente vazia. Tão vazia quanto o paraíso.

IV

Dois violões. Chrome Roses.
Raio no Teto do Céu.

Quando olhamos para trás, acreditamos que nossa vida forma padrões. Cada acontecimento começa a parecer lógico, como se algo — ou Alguém — tivesse mapeado todos os nossos passos (e tropeços). Tome como exemplo o aposentado boca-suja que, sem saber, me introduziu no ramo em que trabalhei durante vinte e cinco anos. Destino ou mero acaso? Eu não sei. Como vou saber? Eu nem estava lá no dia em que o Barbeiro Hector foi procurar seu velho violão Silvertone. Houve uma época em que eu diria que escolhemos nossos caminhos a esmo: primeiro isso, depois aquilo, e, então, aquilo outro. Hoje, eu sei.

Existem forças.

Em 1963, antes de os Beatles roubarem a cena, uma paixão breve e poderosa pela música folk tomou os Estados Unidos de assalto. O programa de TV que surgiu na hora certa para capitalizar essa onda se chamava *Hootenanny* e apresentava intérpretes caucasianos de inspiração negra, como Chad Mitchell Trio e New Christy Minstrels. (Caucasianos considerados *comunas*, como Pete Seeger e Joan Baez, não eram convidados a se apresentar.) Meu irmão Conrad era o melhor amigo do irmão mais

velho de Billy Paquette, Ronnie, e os dois assistiam a *The Hoot*, como chamavam o programa, todas as noites de sábado na casa dos Paquette.

Na época, o avô de Ronnie e Billy morava com a família. Ele era conhecido como Barbeiro Hector, profissão que exerceu durante quase cinquenta anos, embora fosse difícil imaginá-lo no papel. Espera-se que barbeiros, como garçons, sejam sujeitos agradáveis e de conversa fácil, mas Barbeiro Hector quase nunca falava. Ele ficava sentado na sala de estar, despejando tampinhas cheias de bourbon no café e fumando cigarrilhas Tiparillo. O cheiro delas inundava a casa. Quando falava, seu discurso era polvilhado de palavrões.

Mas ele gostava do *Hootenanny*, e sempre assistia ao lado de Con e Ronnie. Certa noite, quando um garoto branco cantou alguma coisa sobre uma garota que o largara e como isso o deixava triste, Barbeiro Hector bufou e disse:

— Que merda, garotos, isso não é blues.

— Como assim, vovô? — perguntou Ronnie.

— O blues é uma música *sofrida*. Parece que esse rapaz mijou na cama e está com medo de a mãe descobrir.

Os garotos riram da tirada, parte por diversão, parte pelo espanto de descobrir que Hector tinha ares de crítico musical.

— Esperem aí — disse ele, e subiu as escadas lentamente, agarrando o corrimão com a mão nodosa.

Demorou tanto que os garotos quase se esqueceram dele. Quando voltou, carregava pelo braço um violão Silvertone maltratado. O corpo, todo arranhado, só continuava inteiro graças a uma amarração de barbante puído. As tarraxas estavam tortas. Grunhindo e peidando, ele se sentou e colocou o violão sobre os joelhos ossudos.

— Desliga essa merda — ordenou ele.

Ronnie obedeceu. O programa daquela semana já estava no fim, mesmo.

— Eu não sabia que o senhor tocava, vovô.

— Não toco há anos. Parei por causa da artrite. Nem sei se consigo mais afinar essa putinha.

— Olha o palavrão, pai! — gritou a sra. Paquette, da cozinha.

Barbeiro Hector não deu atenção à filha. A menos que quisesse que ela lhe passasse o purê de batatas, quase nunca dava. Ele afinou o violão devagar, murmurando palavrões, depois tocou um acorde que parecia um pouco com música. “Dava para ver que ainda estava desafinada, mas ainda assim era muito legal”, dissera Con ao me contar a história.

— Uau — comentou Ronnie. — Que acorde é esse, vovô?

— Mi. Toda essa merda começa em mi. Mas espera, você ainda não ouviu nada. Deixa eu ver se ainda lembro como essa puta velha continua.

Da cozinha:

— Olha o palavrão, pai!

Ele continuou sem dar atenção, e começou a tocar o velho violão usando a unha calosa e amarelada pela nicotina como palheta. Começou devagar, murmurando mais palavras reprováveis, porém logo iniciou uma batida rápida e ritmada que fez os garotos se entreolharem, impressionados. Os dedos correram o braço do violão de cima a baixo, primeiro de maneira desengonçada, depois — à medida que as velhas sinapses da memória voltavam à vida — mais suave: de si para lá, para sol e de volta ao mi. Uma

progressão que toquei centenas de milhares de vezes, embora, em 1963, não fosse capaz de discernir um acorde em mi de um "acorde-me".

Com voz aguda e lamuriosa, completamente diferente da que usava ao falar (*quando* falava), o avô de Ronnie cantou:

— *Why don't you drop down, darlin, let your daddy see... you got something, darlin, keep on* worrying *me...*

A sra. Paquette veio da cozinha secando as mãos em um pano de prato e olhando como se tivesse visto uma ave exótica — um avestruz ou uma ema, digamos — passeando pelo meio da rota 9. Billy e a pequena Rhonda Paquette, que não devia ter mais de cinco anos, desceram até o meio das escadas e ficaram apoiados no corrimão, olhando espantados para o velhote.

— Aquela *batida* era muito diferente do que eles tocavam no *Hootenanny* — contou Con, mais tarde.

Barbeiro Hector começou a bater os pés no ritmo e a sorrir. Con disse que nunca tinha visto o velho sorrir antes, e aquilo foi meio assustador, porque ele parecia um vampiro cantante.

— *My mama don't allow me to fool around all night long… she afraid some woman might… might…* — cantou o velho. Depois, segurando a nota: — Miiight *not treat me right!*

— Vai, vovô! — gritou Ronnie, rindo e batendo palmas.

Hector entrou no segundo verso, no qual o valete de ouros dizia à dama de espadas para continuar fazendo o que ela fazia, mas então uma corda arrebentou: *TÓIN*.

— Ah, puta que pariu! — praguejou ele, e esse foi o fim do show improvisado do Barbeiro Hector.

A sra. Paquette arrancou o violão das mãos do pai (e a corda arrebentada passou perigosamente perto do olho dela) e disse que, se ele ia continuar falando assim, era melhor sair e se sentar na varanda.

Barbeiro Hector não foi para a varanda, mas voltou ao silêncio de sempre. Os garotos nunca mais o ouviram tocar ou cantar. Ele morreu no verão seguinte, e Charles Jacobs — ainda com popularidade crescente nos idos de 1964, o Ano dos Beatles — oficiou o funeral.

No dia seguinte a essa versão abreviada de "My Mama Don't Allow Me", de Arthur "Big Boy" Crudup, Ronnie Paquette encontrou o violão em um dos barris de lavagem nos fundos, deixado ali pela mãe revoltada. Ronnie o levou para a escola, onde a sra. Calhoun, professora de inglês que fazia as vezes de professora de música, lhe mostrou como trocar as cordas e afiná-las cantarolando as três primeiras notas de "Taps". Também deu a Ronnie uma cópia da *Sing Out!*, revista de música folk que mostrava as letras e os acordes de canções como "Barb'ry Allen".

Nos anos seguintes (com um breve hiato no período em que o Bastão de Esqui do Destino deixou Connie mudo), os dois aprenderam uma música folk atrás da outra, passando o velho violão de um para o outro enquanto aprendiam os mesmos acordes básicos que Leadbelly decerto tocou durante os anos na prisão. Ambos eram uma merda, mas Con tinha uma voz bem bonita — embora suave demais para soar convincente nos blues que adorava —, e os dois se apresentaram em público algumas vezes, sob a alcunha de Con e Ron. (Os dois tiraram na moeda para ver qual nome viria primeiro.)

Con acabou ganhando o próprio violão, um Gibson com acabamento em cerejeira. Era muito, mas muito melhor que o velho Silvertone de Barbeiro Hector, e foi ele que os dois usaram ao cantar coisas como "Seventh Son" e "Sugarland" na Noite de Talentos da Associação de Fazendeiros Eureka. Nossos pais davam todo o apoio, assim como os pais de Ronnie, mas a verdade é que nada substitui o talento.

Não dei muita atenção aos esforços de Con e Ron para alcançar o estrelato municipal como duo folk e mal notei quando o interesse de meu irmão pelo Gibson começou a diminuir. Depois que o reverendo Jacobs partiu de Harlow em seu novo carro velho, senti que havia um vazio em minha vida. Eu tinha perdido Deus e meu único amigo adulto, e durante muito tempo me senti triste e um pouco assustado. Minha mãe tentou me animar. Claire também. Até meu pai. Tentei ficar feliz de novo, e acabei ficando, mas, enquanto 1965 abria caminho para 1966 e depois 1967, o fim das músicas maltocadas no segundo andar, como "Don't Think Twice", nem chamou minha atenção.

Na época, Con estava ligado nas competições esportivas do colégio (era muito melhor atleta do que violonista) e, no que dizia respeito a mim... uma garota nova, chamada Astrid Soderberg se mudara para nossa cidade. Astrid tinha cabelo louro sedoso, olhos azul-violeta e pequenas ondulações no suéter que no futuro talvez se transformassem em seios de verdade. Estudamos juntos nos primeiros anos, mas acho que ela sequer notava minha existência — a menos que precisasse copiar meu dever de casa, é claro. Eu, por outro lado, pensava nela o tempo todo, e imaginava que, se pudesse tocar seu cabelo, teria um ataque cardíaco. Certo dia, peguei o dicionário Webster da estante de referências, levei até a carteira e escrevi, com muito capricho, ASTRID na definição de *beijo*, com o coração aos pulos e a pele pinicando. *Cair de amores* define bem esse tipo de paixão, porque eu de fato sentia que o chão me faltava.

Nunca me ocorreu pegar o Gibson de Con. Quando queria escutar música, eu ligava o rádio. Mas o talento é uma coisa assustadora e se anuncia de maneira silenciosa, porém firme, quando chega a hora. Como certas drogas viciantes, ele chega como um amigo muito antes de você perceber que é, na verdade, um tirano. Descobri isso por mim mesmo quando fiz treze anos.

Primeiro isso, depois aquilo e, então, aquilo outro.

Meu talento musical está longe de ser enorme, mas era muito maior que o de Con ou de qualquer um da família, que fique claro. Eu o descobri em um sábado nublado e

entediante do outono de 1969. A família toda — até Claire, que tinha chegado da faculdade para passar o fim de semana em casa — havia ido a Gates Falls assistir ao jogo de futebol americano. Con estava no penúltimo ano do colégio e era titular do ataque do Gates Falls Gators. Fiquei em casa porque estava com dor de estômago, embora não fosse tão ruim quanto fiz parecer. É que eu não era muito fã de futebol, e, além do mais, parecia que ia chover.

Fiquei vendo TV durante um tempo, mas estava passando futebol americano em dois canais e golfe no terceiro, o que era ainda pior. O antigo quarto de Claire passara a ser de Connie, mas alguns livros dela ainda estavam empilhados no armário, então pensei em ler alguma coisa da Agatha Christie. Claire disse que eram leituras fáceis, e era divertido dar uma de detetive junto com Miss Marple ou Hercule Poirot. Entrei e vi o Gibson em um canto, rodeado por uma pilha desarrumada de velhas revistas *Sing Out!*. Olhei para o instrumento encostado ali, esquecido, e pensei: "Será que eu consigo tocar 'Cherry, Cherry?'".

Lembro-me desse momento com tanta clareza quanto de meu primeiro beijo, porque o pensamento era exótico e desconhecido, algo totalmente desconectado de tudo o que passava pela minha cabeça ao entrar no quarto de meu irmão. Sou capaz de jurar sobre uma pilha de Bíblias. Não foi nem um pensamento. Foi mais como uma voz.

Peguei o violão e me sentei na cama de Con. Não encostei nas cordas de início, só pensei na música mais uma vez. Eu sabia que ela ficaria bem no Gibson de Connie porque "Cherry, Cherry" é construída em torno de um *riff* acústico (não que eu conhecesse o termo na época). Ouvi a canção na cabeça e fiquei pasmo ao perceber que conseguia não só escutar, mas também notar as mudanças de acordes. Eu sabia tudo sobre eles, exceto onde se escondiam no braço do violão.

Peguei uma edição qualquer da *Sing Out!* e procurei por um blues, qualquer blues. Encontrei um chamado "Turn Your Money Green", vi como fazer um mi ("Toda essa merda começa em mi", dissera Barbeiro Hector a Con e Ronnie) e toquei no violão. O som saiu abafado, mas fiel. O Gibson era um belo instrumento, que continuou afinado mesmo depois de ter sido deixado de lado. Apertei os três primeiros dedos da mão esquerda com mais força. Doeu, mas não me importei, porque o mi estava certo. O mi era divino. E correspondia perfeitamente ao som que estava na minha cabeça.

Con demorou seis meses para aprender "The House of the Rising Sun" e nunca conseguiu passar de ré para fá sem hesitar na hora de reorganizar os dedos. Eu aprendi o *riff* de três acordes de "Cherry, Cherry" — mi para lá, para ré e de volta a lá — em dez minutos, depois percebi que poderia usar os mesmos três acordes para tocar "Gloria", do Shadows of the Night, e "Louie, Louie", do Kingsmen. Toquei até as pontas dos dedos uivarem de dor e quase não conseguir abrir a mão esquerda. Quando finalmente parei, não foi porque queria, mas porque precisava. E mal podia esperar para recomeçar. Eu não estava nem aí para New Christy Minstrels, Ian & Silvia ou qualquer um desses idiotas do folk, mas poderia ter tocado "Cherry, Cherry" o dia inteiro: ela mexia comigo.

"Se eu conseguir aprender a tocar bem de verdade, Astrid Soderberg talvez passe a me olhar como algo além de uma fonte de deveres de casa", pensei. E mesmo isso seria apenas um ganho secundário, porque tocar preencheu aquele vazio em mim. Tocar uma música era algo que existia por si só, era uma verdade emocional, e me fez sentir gente de verdade outra vez.

Três semanas depois, em outro sábado à tarde, Con voltou para casa cedo, em vez de participar do tradicional churrasco pós-jogo oferecido pelos apoiadores do time de futebol. Eu estava sentado no topo da escada, arranhando “Wild Thing”. Achei que ele ficaria maluco de raiva e tomaria o violão, talvez me acusasse de sacrilégio por tocar idiotices de três acordes dos Troggs em um instrumento feito para canções de protesto sensíveis, como “Blowin’ in the Wind”.

Mas Con tinha marcado três *touchdowns* naquele dia, batido o recorde da escola em jardas percorridas em direção ao gol, e os Gators tinham se classificado para os *playoffs* da Classe C. Ele se limitou a dizer:

— Esta é a música mais imbecil que já tocou no rádio.

— Não é — respondi. — Acho que o prêmio vai para “Surfin’ Bird”. Que eu também sei tocar, se quiser ouvir.

— Deus me livre.

Ele podia usar o santo nome em vão porque mamãe estava no jardim, papai e Terry, na garagem, trabalhando no Foguete da Estrada III, e nosso irmão mais velho e carola já não morava mais conosco. Assim como Claire, Andy cursava a Universidade do Maine (que, segundo ele, estava cheia de “hippies inúteis”).

— Mas você não se importa de eu tocar, Con?

— Fique à vontade — respondeu ele, passando por mim na escada. Con tinha um grande inchaço na maçã do rosto e fedia a suor do futebol. — Mas, se quebrar, vai ter que pagar.

— Eu não vou quebrar.

Não quebrei mesmo, mas arrebentei muitas cordas. O rock and roll é mais cruel com as cordas do que o folk.

Em 1970, entrei no colégio em Gates Falls, do outro lado do rio Androscoggin. Aluno do último ano e uma verdadeira estrela, graças a suas proezas atléticas e a notas que o colocavam na Galeria de Honra, Connie nem me dava bola. Tudo bem, não tinha problema. Infelizmente, Astrid Soderberg também me ignorava, embora se sentasse na fileira ao meu lado na turma de orientação e durante a aula de Inglês I. Ela usava o cabelo em rabo de cavalo e a saia pelo menos dois dedos acima do joelho. Sempre que cruzava as pernas, eu morria. Minha paixão só fazia crescer, mas eu ficara ouvindo escondido as conversas de Astrid com as amigas na hora do almoço, sentadas nas arquibancadas do ginásio, e sabia que elas só tinham olhos para os garotos mais velhos. Eu era só mais um coadjuvante no grande épico que elas viviam: o início da vida escolar no ensino médio.

No entanto, outra pessoa me notou — um veterano alto, magro, desengonçado e cabeludo que mais parecia um dos hippies inúteis do Andy. Ele me procurou certo dia, enquanto eu almoçava no ginásio, duas fileiras acima de Astrid e sua turma de amigas que viviam rindo.

— Você é Jamie Morton? — perguntou ele.

Respondi que sim com certa cautela. Ele usava calça jeans *baggy* com remendos nos joelhos e tinha olheiras, como se não dormisse mais do que duas ou três horas por noite. Ou tocasse muita punheta.

— Vem comigo até a Sala de Música.

— Por quê?

— Porque eu estou mandando, calouro.

Torcendo para não levar uma surra, fui atrás dele, abrindo caminho entre a multidão de estudantes que riam, gritavam, se empurravam e fechavam com força seus armários. Eu sabia que alguém da série seguinte me bateria por qualquer razão — em tese, era proibido um aluno do segundo ano dar trote em calouros, mas, na prática, isso era bem comum —, mas não esperava isso de um veterano. Era raro veteranos notarem que os calouros sequer existiam, e meu irmão era um exemplo disso.

A Sala de Música estava vazia. Fiquei aliviado. Se o cara estava disposto a me dar porrada para mostrar quem mandava, pelo menos não teria a ajuda de um grupo de amigos. Mas, em vez de me enfiar a mão, ele a estendeu para um cumprimento. Os dedos eram moles e frios.

— Norm Irving.

— Prazer. — Eu não sabia se isso era verdade.

— Ouvi dizer que você toca violão, calouro.

— Quem contou?

— Seu irmão, o craque do futebol. — Norm Irving abriu um armário cheio de *cases* de guitarra. Pegou um deles, abriu as linguetas e revelou uma linda Yamaha preta. — SA 30. Comprei faz dois anos. Trabalhei de pintor com meu pai o verão inteiro. Ligue o amplificador. Não, o grande, não. Esse Bullnose bem à sua frente.

Fui até o pequeno amplificador e fiquei procurando um interruptor ou botão, mas não encontrei.

— Na parte de trás, calouro.

— Ah! — Encontrei um interruptor e liguei. Uma luz vermelha se acendeu e o amplificador começou a zumbir. Gostei daquele zumbido baixo de cara. Era o som da potência.

Norm pegou um cabo no armário de guitarras e plugou. Os dedos correram pelas cordas, e um som breve — *BRONC* — saiu do amplificador. Não tinha tom, não era musical, mas era absolutamente lindo. Ele me estendeu a guitarra.

— Quê? — Eu estava tão alarmado quanto empolgado.

— Seu irmão disse que você é bom na base. Então faz a base de alguma música.

Peguei a guitarra, e aquele *BRONC* saiu de novo do pequeno Bullnose a meus pés. O instrumento era muito mais pesado que o violão do meu irmão.

— Nunca toquei guitarra elétrica.

— É a mesma coisa.

— Quer que eu toque o quê?

— Que tal "Green River"? Consegue? — Ele levou a mão ao bolso da calça jeans *baggy* e me estendeu uma palheta.

Consegui pegar sem deixar cair.

— Qual o tom? Mi? — Como se eu precisasse perguntar. Toda essa merda começa em mi.

— Você que sabe, calouro.

Passei a correia pela cabeça e coloquei o apoio no ombro. A Yamaha ficou baixa, pois Norman Irving era muito mais alto, mas eu estava nervoso demais para sequer pensar em ajustar a altura. Toquei um mi maior e dei um pulo ao ouvir como soava alto na Sala de Música. Isso arrancou um sorriso de Norm, revelando dentes que ainda lhe dariam muitos problemas no futuro se ele não começasse a se cuidar, e me fez sentir melhor.

— A porta está fechada, calouro. Aumenta o volume e manda ver.

O volume estava no 5. Aumentei para o 7, e o som produzido — *WHAANGGG* — estava na altura certa.

— Eu canto mal pra cacete — falei.

— Não precisa cantar. Eu canto. Você só precisa fazer a guitarra base.

"Green River" tinha a batida básica do rock and roll — não era igual a "Cherry, Cherry", mas parecia muito. Toquei o acorde em mi de novo, ouvindo a primeira frase da música na cabeça e concluindo que estava certo. Norman começou a cantar. A voz era quase abafada pelo som da guitarra, mas consegui ouvir o suficiente para saber que ele cantava bem. "*Take me back down where cool water flows, yeah...*"

Mudei para lá, e ele parou.

— Continua em mi, não é? — falei. — Foi mal, foi mal.

Os três primeiros versos eram em mi, mas, quando mudei de novo para lá, o acorde para onde costuma ir a maioria dos rocks básicos, ainda estava errado.

— O que vem agora? — perguntei a Norman.

Ele me encarou, com as mãos no bolso de trás. Ouvi a música na minha cabeça, depois recomecei. Quando cheguei ao quarto verso, fui para dó, e estava certo. Tive que recomeçar mais uma vez, mas depois disso foi moleza. Só precisávamos de bateria, baixo... e uma guitarra solo, é claro. John Fogerty, do Creedence, tocava de um jeito que eu jamais conseguiria, nem nos meus sonhos mais delirantes.

— Me dá a guitarra — pediu ele.

Entreguei, desapontado por me separar dela.

— Obrigado por me deixar tocar — agradeci, andando em direção à porta.

— Espera aí, Morton. — Não era uma grande mudança, mas pelo menos eu tinha sido promovido da condição de calouro. — A audição não acabou.

Audição?

Ele pegou um *case* menor, abriu e tirou de lá uma Kay semiacústica arranhada — uma 900G, se quiser saber.

— Ligue no amplificador maior, mas abaixe o volume para 4. Essa Kay tem uma microfonia do caralho.

Obedeci. A Kay se encaixava melhor ao meu corpo que a Yamaha; eu não teria que ficar curvado para a frente para tocar. Peguei a palheta que estava presa entre as cordas.

— Pronto?

Fiz que sim.

— Um... dois... um-dois-três e...

Eu estava nervoso ao fazer a progressão simples de "Green River", mas, se soubesse como Norman tocava bem, acho que nem teria tentado, simplesmente teria saído correndo da sala. Ele tocou a guitarra solo exatamente como Fogerty, fazendo os mesmos *licks* que aparecem no velho single do selo Fantasy. Com isso, fui junto.

— Mais alto! — gritou ele. — Aumenta aí, e que se foda a microfonia!

Botei o amplificador no 8, e ele respondeu com tudo. Com duas guitarras juntas e uma microfonia absurda, que mais parecia uma sirene de polícia, a voz de Norm se perdeu no barulho. Não tinha importância. Peguei o *groove* e deixei a guitarra de Norm me levar. Era como surfar uma onda lisa que rodou durante dois minutos e meio sem quebrar.

Quando acabou, o silêncio tomou conta. Meus ouvidos zumbiam. Norm ficou olhando para o teto, pensando, depois assentiu.

— Não foi fantástico, mas também não foi horrível. Com um pouco de prática, você pode ficar melhor que o Snuffy.

— Quem é Snuffy? — perguntei, com os ouvidos ainda zumbindo.

— Um cara que vai mudar para Bostachussets. Vamos tentar "Needles and Pins". Você conhece, dos Searchers?

— Mi?

— Não, essa é em ré, mas não o ré maior puro. Você precisa fazer o hammer do mi junto. — Ele me mostrou como fazer o hammer do mi com o mindinho, e aprendi na hora. Não soava exatamente como no disco, mas chegava perto. Quando terminamos, eu estava pingando de suor.

— Ok — disse ele, tirando a guitarra do ombro. — Vamos até a área de fumantes. Preciso de um cigarro.

A área de fumantes ficava atrás do prédio da escola de vocação técnica. Era ali que ficavam os malucos e hippies, junto com as garotas que usavam saia justa, brincos compridos e maquiagem demais. Dois caras estavam acocorados do lado oposto ao da sala de aula de metalurgia. Eu já os tinha visto, bem como a Norman, mas não os conhecia. Um tinha cabelo louro-claro e muitas espinhas. O outro tinha um amontoado de cabelo ruivo e encaracolado que ia em nove direções. Pareciam manés, mas eu não me importava. Norman Irving também parecia um mané, mas era o melhor guitarrista que eu já tinha ouvido fora de um disco.

— Como ele é? — perguntou o louro. Ele se chamava Kenny Laughlin.

— Melhor que o Snuffy — respondeu Norman.

O outro de cabelo ruivo extravagante sorriu.

— Isso não quer dizer porra nenhuma.

— É, mas a gente precisa de alguém, ou não vai dar para tocar na feira agropecuária sábado à noite. — Ele sacou um maço de Kools e estendeu na minha direção. — Vai um?

— Não — respondi. E, depois, me sentindo absurdo por não conseguir evitar: — Desculpe.

Norman ignorou e acendeu o cigarro com um Zippo com uma serpente e a inscrição NÃO SE META COMIGO na lateral.

— Este aqui é o Kenny Laughlin. Baixo. O ruivo é o Paul Bouchard. Bateria. O tampinha é irmão do Connie Morton.

— Jamie. — Eu queria desesperadamente que aqueles caras gostassem de mim, que me deixassem entrar no grupo, mas não queria começar qualquer tipo de relação com eles em que fosse apenas o irmão mais novo do craque do futebol. — Meu nome é Jamie. — Estendi a mão.

Os cumprimentos foram tão moles quanto o de Norman. Já toquei com centenas de músicos desde a audição com Norman Irving na Sala de Música do Colégio Gates Falls, e quase todos tinham o mesmo aperto de mão de peixe morto. É como se os roqueiros achassem que precisam guardar todas as forças para o trabalho.

— Então, e aí? — perguntou Norman. — Quer entrar na banda?

Se eu queria? Se ele dissesse que eu precisava comer os cadarços do meu sapato como rito de iniciação, eu os teria arrancado dos ilhoses e começado a mastigar na hora.

— Claro, mas não posso tocar em lugares onde vendem cerveja. Só tenho catorze anos.

Surpresos, eles se entreolharam, depois gargalharam.

— A gente vai se preocupar em tocar no Holly e no Deuce-Four quando tiver um agente — retrucou Norman, soltando fumaça pelas narinas. — Por enquanto, vamos só tocar em bailes de adolescentes. Como o da Associação de Fazendeiros Eureka. Você é de lá, né? De Harlow?

— Do lamaçal — emendou Kenny Laughlin, espezinhando. — É assim que a gente que mora nesse cu do mundo chama.

— Olha, você quer tocar, não é? — perguntou Norman, levantando a perna para conseguir apagar o cigarro na bota velha e surrada estilo Beatles. — Seu irmão disse que você usa o Gibson, que não tem captador, mas você pode usar a Kay.

— O Departamento de Música não vai ligar?

— O Departamento de Música nem vai saber. Apareça na Associação de Fazendeiros quinta à tarde. Eu levo a Kay, mas vê se não quebra essa merda cheia de microfonia. A gente vai fechar o repertório e ensaiar. Leva um caderno para anotar os acordes.

O sinal tocou. Os estudantes guardaram os cigarros e começaram a se arrastar de volta para a escola. Quando ele passou, uma das garotas deu um beijo no rosto de Norman e um tapinha na bunda do jeans frouxo que ele usava. Ele nem pareceu notar, o que achei incrivelmente sofisticado. Meu respeito por ele aumentou mais um grau.

Nenhum dos meus colegas de banda esboçou qualquer reação ao sinal, então resolvi seguir meu rumo. Depois outro pensamento me passou pela cabeça, e me virei para eles.

— Qual é o nome da banda?

— A gente usava Gunslingers, mas começaram a achar que era meio, digamos, militarista — respondeu Norman. — Então agora somos os Chrome Roses. Foi o Kenny quem criou, quando a gente estava chapado, vendo uma feira de jardinagem na TV da casa do meu pai. Legal, né?

No quarto de século que se seguiu, toquei com J-Tones, Robin and the Jays e Hey-Jays (todos liderados por um guitarrista estiloso chamado Jay Pederson). Toquei com Heaters, Stiffs, Undertakers, Last Call e Andersonville Rockers. No alvorecer do punk, toquei com Patsy Cline's Lipstick, Test Tube Babies, Afterbirth e The World is

Full of Bricks. Toquei até com um grupo de rockabilly chamado Duzz Duzz Call the Fuzz, mas, na minha opinião, nunca houve um nome de banda melhor do que Chrome Roses.

— **Não sei** — disse minha mãe. Ela não parecia fula da vida, e sim prestes a ter uma dor de cabeça. — Você só tem catorze anos, Jamie. Conrad disse que esses garotos são *muito* mais velhos. — Estávamos à mesa de jantar, que parecia muito maior sem Claire e Andy. — Eles fumam?

— Não — respondi.

Minha mãe se virou para Con.

— Fumam?

Enquanto passava o creme de milho verde para Terry, Con respondeu, sem perder a pose:

— Não.

Quase dei um abraço nele. Tivemos nossas diferenças ao longo dos anos, como não poderia deixar de ser, mas irmãos sabem se dar as mãos quando a situação exige.

— Não é para tocar em bares nem nada do tipo, mãe — argumentei... sabendo, intuitivamente, que *haveria* bares, provavelmente muito antes de o caçula do Chrome Roses fazer vinte e um anos. — É só na Associação. E tem ensaio nesta quinta.

— E você precisa ensaiar muito — emendou Terry, irônico. — Passe outra costelinha de porco.

— Peça por favor, Terence — disse minha mãe, meio distraída.

— *Por favor*, passe outra costelinha de porco.

Meu pai passou a bandeja. Ele não disse nada, o que podia ser bom ou ruim.

— Como você vai para os ensaios? Aliás, como é que vai para... esses *shows*?

— O Norm tem um micro-ônibus da Volkswagen. Bom, na verdade é do pai dele, que deixa o Norm pintar o nome da banda na lateral!

— Duvido que esse Norm tenha mais do que dezoito anos — disse mamãe, que tinha parado de comer. — Como vou saber se ele dirige com cuidado?

— Mãe, eles *precisam* de mim! O cara da base se mudou para Massachusetts. Sem base, eles vão perder o show de sábado à noite. — Um pensamento cruzou minha cabeça como um meteoro: talvez Astrid Soderberg estivesse no baile. — É importante! Muito importante!

— Eu não gosto disso — disse ela, massageando as têmporas.

Meu pai falou por último.

— Deixe o garoto ir, Laura. Sei que você está preocupada, mas é nisso que ele é bom.

Ela suspirou.

— Tudo bem, então. Eu acho.

— Obrigado, mãe! Obrigado, pai!

Mamãe pegou o garfo, depois o largou de novo.
— Promete que não vai fumar cigarro nem maconha? E que não vai beber?
— Prometo — respondi, e mantive a promessa por dois anos.
Mais ou menos.

Minha lembrança mais clara do primeiro show na Feira da Associação de Fazendeiros Eureka nº 7 é o fedor do meu próprio suor quando nós quatro entramos no palco. Quando o assunto é suor, ninguém supera um adolescente de catorze anos. Tomei um banho de vinte minutos antes da estreia — até acabar a água quente —, mas, ao me abaixar para pegar a guitarra emprestada, eu fedia a medo. Quando pendurei a correia nos ombros, a Kay parecia pesar pelo menos cem quilos. Eu tinha uma boa razão para estar com medo. Mesmo levando em conta a simplicidade inerente ao rock and roll, a tarefa que Norm Irving me incumbira — aprender trinta músicas entre a tarde de quinta e a noite de sábado — era impossível, e eu lhe dissera isso.

Norm deu de ombros e me deu o conselho mais útil que já recebi como músico: se não souber, não faça nada.

— Além do mais — disse ele, mostrando os dentes podres em um sorriso malévolo —, vou tocar tão alto que eles nem vão ouvir você.

Paul fez um *riff* de bateria para chamar a atenção da multidão, terminando com uma batida forte no prato. Houve uma breve salva de palmas esperando o início. E havia todos aqueles olhos (milhões, ao que me parecia) voltados para o pequeno palco onde estávamos amontoados sob as luzes. Lembro-me de me sentir absolutamente idiota, metido em um colete de *strass* (um resquício do breve período em que os Chrome Roses foram os Gunslingers) e me perguntando se acabaria vomitando. Parecia bem improvável, já que eu só tinha beliscado o almoço e não conseguira jantar, mas a sensação era exatamente essa. Depois, pensei: "Vomitar, não, desmaiar. É isso que vai acontecer, vou desmaiar".

Só não desmaiei porque Norm não me deu tempo.

— Somos os Chrome Roses, ok? Quero que vocês se levantem e dancem. — Depois, para nós: — Um, dois, vocês sabem o que vem depois.

Paul Bouchard começou a batida que abre "Hang On Sloopy", e fomos em frente. Norm assumiu os vocais. Com exceção de algumas poucas músicas a cargo de Kenny, era sempre Norm quem cantava. Paul e eu fazíamos o backing vocal. No começo, eu ficava com muita vergonha de cantar, mas o sentimento passou quando ouvi como minha voz soava diferente — e adulta. Por fim, percebi que, no fim das contas, ninguém prestava muita atenção ao backing vocal... embora fossem sentir falta daquelas vozes se elas sumissem.

Vi os casais se levantando e começando a dançar. Era para isso que tinham ido, mas, bem no fundo do coração, eu não conseguia acreditar que dançariam — não ao som de uma banda em que eu estivesse tocando. Quando ficou claro para mim que não

seríamos expulsos do palco sob uma onda de vaias, senti uma euforia cada vez maior, quase um êxtase. Desde então, a quantidade de drogas que usei daria para ir à lua e voltar várias vezes, mas nem as melhores delas conseguiram se igualar a essa primeira sensação. *Nós* estávamos tocando. *Eles* estavam dançando.

Tocamos das sete às dez e meia da noite, com uma pausa de vinte minutos por volta das nove, quando Norm e Kenny largaram os instrumentos, desligaram os amplificadores e correram para o lado de fora querendo fumar. Para mim, aquelas horas se passaram como em um sonho, então não fiquei surpreso quando, durante uma das músicas mais lentas — acho que era "Who'll Stop the Rain" —, minha mãe e meu pai valsaram.

A cabeça dela estava no ombro dele. Mamãe estava de olhos fechados e tinha um sorriso sonhador no rosto. Os olhos de papai estavam abertos, e ele me deu uma piscadela quando os dois passaram diante do palco. Não havia razão para ficar envergonhado com a presença deles. Embora os bailes da escola e aqueles organizados pela Liga Atlética da Polícia no Rinque de Patinação de Lewiston buscassem um público estritamente adolescente, havia sempre muitos adultos quando tocávamos na Associação de Fazendeiros Eureka ou nos clubes da Ordem dos Elks e da Associação de Veteranos da II Guerra, em Gates Falls. A única coisa errada com o primeiro show foi que, apesar de várias amigas de Astrid estarem lá, ela não apareceu.

Meus pais saíram cedo, e Norm me levou para casa no velho micro-ônibus. Estávamos todos embriagados com o sucesso, rindo e revivendo o show, e, quando Norm me estendeu uma nota de dez dólares, eu não entendi a razão.

— A sua parte. Recebemos cinquenta pelo show. Vinte para mim, porque o ônibus é meu e toco guitarra solo, e dez para cada um de vocês.

Peguei o dinheiro com a sensação de estar vivendo um sonho e abri a porta lateral com a mão esquerda, que estava dolorida.

— Ensaio nesta quinta — disse Norm. — Desta vez é na Sala de Música, depois da aula. Só não vou poder deixar você em casa. Meu pai vai precisar de ajuda para pintar uma casa em Castle Rock.

Eu disse que tudo bem. Se Con não me levasse para casa, eu pediria carona. A maioria das pessoas que usavam a rota 9 entre Gates Falls e Harlow me conhecia e me levaria sem problemas.

— Você precisa trabalhar mais em "Brown-Eyed Girl". Ainda falta muito para ficar bom.

Eu disse que faria isso.

— E, Jamie... — continuou ele. Olhei em sua direção. — Nas outras você foi bem.

— Melhor que o Snuffy — comentou Paul.

— *Bem* melhor que aquele trouxa — acrescentou Kenny.

Aquilo quase compensou o fato de Astrid não ter ido ao baile.

Meu pai já tinha ido dormir, mas mamãe estava à mesa da cozinha com uma xícara de chá. Ela já tinha vestido a camisola de flanela, só que ainda estava de maquiagem, e achei que estava bem bonita. Quando sorriu, vi que seus olhos estavam marejados.

— Mãe, você está bem?

— Estou. Só estou feliz por você, Jamie. E com um pouco de medo.

— Não precisa ficar — disse eu, e lhe dei um abraço.

— Você não vai começar a fumar com esses garotos, vai? Promete.

— Eu já prometi, mãe.

— Prometa de novo.

Prometi. Quando se tem catorze anos, fazer promessas é ainda mais fácil que suar demais.

No segundo andar, Con estava lendo um livro de ciência deitado na cama. Era difícil acreditar que alguém leria um livro daqueles por prazer (ainda mais um craque do futebol), mas Connie lia. Ele abaixou o livro e disse:

— Você foi muito bem.

— Como é que você sabe?

Ele sorriu.

— Apareci por lá. Só por um minuto. Você estava tocando aquela porcaria de música.

"Wild Thing." Eu nem precisava perguntar.

Tocamos na Associação dos Veteranos na sexta seguinte e no baile do colégio no sábado. Neste, Norm mudou a letra de "I Ain't Gonna Eat Out My Heart Anymore" para "I Ain't Gonna Eat Out My Girl Anymore", transformando um coração despedaçado em sacanagem com a namorada. Os bedéis não se deram conta, pois nunca prestavam atenção às letras, mas os jovens perceberam e adoraram. O ginásio do Gates era grande o suficiente para fazer as vezes de amplificador, e o nosso som, ainda mais nas canções muito altas, como "Good Lovin'", era tremendo. Parafraseando "Cum On Feel the Noize", o clássico do Slade, "noize" fizemos um sonzão. Durante o intervalo, Kenny foi com Norm e Paul para a área de fumantes. Fui também.

Havia várias garotas lá, entre elas Hattie Greer, a que dera um tapinha na bunda do Norm no dia da minha audição. Ela passou os braços por seu pescoço e colou o corpo no dele. Norm colocou as mãos nos bolsos de trás dela, para aproximá-la. Tentei não ficar olhando.

Uma voz tímida veio de trás de mim.

— Jamie?

Eu me virei. Era Astrid. Ela estava de saia branca reta e blusa azul sem mangas. O cabelo estava liberto do rabo de cavalo da escola e emoldurava o rosto.

— Oi — cumprimentei. E como aquilo não pareceu suficiente: — Oi, Astrid. Não vi você lá dentro.

— Cheguei tarde porque precisei pegar uma carona com a Bonnie e o pai dela. Vocês são *muito bons*!

— Obrigado.

Norm e Hattie se beijavam com volúpia. Norm fazia muito barulho ao beijar, e o som lembrava a Electrolux da mamãe. Outro casal, mais silencioso, também se beijava,

mas Astrid não fez caso. Aqueles olhos luminosos nunca saíram do meu rosto. Ela usava brincos de sapo. Sapos *azuis* que combinavam com a blusa. A pessoa percebe todos os detalhes, em momentos como esse.

Ela parecia esperar que eu dissesse mais alguma coisa, então reforcei meu comentário anterior.

— Muito obrigado, mesmo.

— Você vai fumar?

— Eu? — De repente, me passou pela cabeça a ideia de que ela estava espionando para minha mãe. — Eu não fumo.

— Volta comigo para o salão, então.

Voltamos. Eram quase quatrocentos metros entre a área de fumantes e a porta dos fundos do ginásio. Queria que fossem quatrocentos quilômetros.

— Você está com alguém aqui? — perguntei.

— Só a Bonnie e a Carla. Não estou com nenhum garoto. Minha mãe e meu pai só vão me deixar namorar quando eu fizer quinze anos.

Então, como para me mostrar o que achava daquela bobagem, Astrid pegou minha mão. Quando chegamos à porta dos fundos, ela olhou para mim. Eu quase a beijei naquele momento, mas perdi a coragem.

Às vezes, os garotos são muito estúpidos.

Quando estávamos levando a bateria do Paul para a traseira do micro-ônibus, depois do baile, Norm falou comigo em um tom severo, quase paternal.

— Depois do intervalo, você perdeu completamente o rumo. O que aconteceu?

— Não sei. Desculpe, vai ser melhor da próxima vez.

— Espero que sim. Se tocamos bem, conseguimos shows. Se tocamos mal, não conseguimos nada. — Ele deu um tapinha na lateral enferrujada do micro-ônibus. — E a Betsy aqui não roda com bolhas de ar. Nem eu.

— Foi aquela garota — disse Kenny. — A lourinha bonita de saia branca.

Norm pareceu ter uma iluminação. Ele pôs as mãos nos meus ombros e me deu uma leve chacoalhada que combinava com o tom de voz paternal.

— Fique com ela, amiguinho. Assim que puder. Você vai tocar melhor.

Depois me deu quinze dólares.

Tocamos na Associação de Fazendeiros no Réveillon. Estava nevando. Astrid estava lá, usando um casaco de pele pesado com capuz. Eu a levei para debaixo da escada de saída de emergência e a beijei. Ela estava de batom com gosto de morango. Quando o beijo terminou, Astrid me fitou com aqueles olhos enormes.

— Pensei que você nunca fosse me beijar — disse ela, e deu risada.

— Mas foi bom, não foi?

— Beija de novo, que eu digo.

Ficamos ali até que Norm me cutucou o ombro.

— A festa acabou, crianças. Está na hora de tocar.

Astrid me deu um beijinho no rosto.

— Toque "Wild Thing". Eu adoro essa — disse ela, antes de sair correndo em direção à porta dos fundos, escorregando nos sapatos de dança.

Norm e eu fomos atrás.

— A tenda ficou armada?

— Hã?

— Deixa pra lá. Vamos tocar a música que ela pediu primeiro. Você sabe essa, né?

Eu sabia, porque a banda atendia a muitos pedidos. E adorei tocar, porque estava mais confiante com a Kay diante de mim, um escudo elétrico ligado e pronto para disparar.

Caminhamos até o palco. Paul fez o costumeiro *riff* de bateria para avisar que a banda estava de volta e querendo botar pra quebrar. Norm fez um sinal com a cabeça para mim, enquanto ajustava uma correia de guitarra que não precisava de ajuste. Fui até o microfone principal e disse em alto e bom som:

— Esta vai para Astrid, porque ela pediu e porque... "wild thing, I think I *love* you!" — citei a música, me declarando.

Apesar de caber a Norm — prerrogativa dele, como líder da banda — fazer a contagem para começar a música, dessa vez fui eu que puxei a banda: "um, dois, vocês sabem o que vem depois". Na plateia, as amigas de Astrid começaram a empurrá-la de um lado para outro, dando aqueles gritinhos agudos. Ela estava com o rosto vermelho e me soprou um beijo.

Astrid Soderberg me soprou um beijo.

Então, os rapazes do Chrome Roses tinham namoradas. Talvez fossem *groupies*. Talvez as duas coisas. Para quem está em uma banda, nem sempre é fácil dizer onde fica a linha divisória. Norm estava com Hattie. Paul estava com Suzanne Fournier. Kenny estava com Carol Plummer. E eu estava com Astrid.

Às vezes, Hattie, Suzanne e Carol se espremiam no micro-ônibus conosco, quando íamos para os shows. Astrid não podia ir junto, mas, quando Suzanne conseguia pegar o carro dos pais emprestado, Astrid recebia permissão para ir com as garotas.

Às vezes elas desciam para a plateia e dançavam juntas, mas quase sempre ficavam em seus próprios grupinhos e assistiam. Astrid e eu passávamos a maioria dos intervalos nos beijando, e comecei a sentir hálito de cigarro. Eu não ligava. Quando ela percebeu (garotas sempre dão um jeito de saber), começou a fumar perto de mim e algumas vezes até soprava um pouco de fumaça na minha boca, durante o beijo. Meu pau ficava tão duro que daria para rachar concreto.

Uma semana depois de completar quinze anos, os pais de Astrid deixaram que ela fosse conosco no micro-ônibus para o show na Liga Atlética da Polícia, em Lewiston. Ficamos agarrados durante todo o caminho de volta, e quando escorreguei a mão para dentro do casaco de Astrid, tentando apalpar um seio que era pouco mais do que uma azeitoninha, ela não a afastou, como sempre fazia.

— Isso é tão bom — sussurrou em meu ouvido. — Eu sei que é errado, mas é tão bom.

— Talvez seja por isso — respondi.

Às vezes, garotos não são estúpidos.

Demorou um mês até que ela me deixasse pôr a mão no sutiã, e dois até que me permitisse passar a mão por baixo da saia, mas, quando finalmente cheguei lá, ela admitiu que também era muito bom. No entanto, além disso ela não iria.

— Eu sei que vou engravidar na minha primeira vez — sussurrou ela certa noite, em meu ouvido, quando estávamos estacionados e as coisas ficaram especialmente animadas.

— Eu posso ir na drogaria. Posso ir até Lewiston, ninguém me conhece lá.

— Carol diz que às vezes arrebenta. Já aconteceu uma vez, quando ela estava com o Kenny, e ela passou o mês inteiro apavorada. Parecia que a regra não chegava nunca. Mas ela me falou de outras coisas que a gente pode fazer.

As outras coisas eram boas demais.

Tirei a carteira aos dezesseis e fui o único dos meus irmãos a passar de primeira na prova prática. Em parte, graças à Autoescola do Ed, mas principalmente graças a Cicero Irving. Norm vivia com a mãe — uma bondosa loura de farmácia que morava em Gates Falls —, mas passava a maioria dos fins de semana com o pai em um estacionamento de trailers de quinta que margeava a linha férrea de Harlow, em Motton.

Quando tínhamos show no sábado à noite, a banda — e as respectivas namoradas — se reunia no trailer do Cicero para comer pizza à tarde. Eles enrolavam e fumavam baseados, e, depois de dizer não durante quase um ano, desisti e experimentei. Achei difícil segurar a fumaça de início, mas, como muitos leitores sabem por experiência própria, a coisa acaba ficando fácil. Eu não era de fumar muito nessa época, só o suficiente para relaxar antes do show. Eu tocava melhor quando ainda tinha um restinho de onda, e nós ríamos demais naquele velho trailer.

Quando contei a Cicero que ia tentar tirar a carteira na semana seguinte, ele perguntou se a prova estava marcada para Castle Rock ou na cidade, o que significava Lewiston-Auburn. Quando respondi L-A, ele balançou a cabeça, com ar de sabedoria.

— Isso significa que você vai pegar o Joe Cafferty. Ele faz isso há vinte anos. A gente bebia junto no Mellow Tiger, em Castle Rock, quando eu era da polícia. Isso foi antes de Castle Rock crescer e passar a ter a própria delegacia.

Era difícil imaginar Cicero Irving — grisalho, olhos vermelhos, magro como um poste, quase sempre metido em uma velha calça cáqui e uma camiseta listrada — combatendo o crime, mas as pessoas mudam. Às vezes, vão ladeira acima, às vezes, ladeira abaixo. Muitas vezes, os que descem são empurrados por substâncias variadas, como aquela que ele vivia enrolando e compartilhando com os "compadres" adolescentes do filho.

— O velho Joey quase nunca dá a carteira de primeira — disse Cicero. — É meio que um código que ele segue.

Disso eu sabia: Claire, Andy e Con tinham sido reprovados por Joe Cafferty. Terry pegara outra pessoa (talvez o policial Cafferty estivesse doente no dia), mas, embora fosse um excelente motorista já na primeira vez, ficou uma pilha de nervos no dia e conseguiu bater em um hidrante na hora da baliza.

— Três coisas, se você quiser passar — ensinou Cicero, passando o baseado que tinha acabado de enrolar para Paul Bouchard. — Primeiro: fique longe dessa merda até o dia da prova prática.

— Ok.

Na verdade, isso era um alívio. Eu gostava da erva, mas fumar me fazia lembrar da promessa feita à mamãe sendo quebrada mais uma vez... embora eu me consolasse com o fato de que não fumava cigarros nem bebia, então ainda estava acima da média.

— Segundo: não se esqueça de tratá-lo por senhor. Obrigado, senhor, ao entrar no carro. Obrigado, senhor, ao sair. Ele gosta disso. Entendido?

— Entendido.

— Terceiro, e o mais importante de tudo: corte a porra do cabelo. Joe Cafferty odeia hippies.

Não gostei nem um pouco da ideia. Já tinha crescido sete centímetros desde que eu entrara para a banda, mas meu cabelo era lerdo demais. Tinha levado quase um ano para chegar perto dos ombros. Também houve muitas discussões capilares com meus pais, que diziam que eu estava parecendo um mendigo. O veredito do Andy foi ainda mais ácido. "Se você quer ficar parecido com uma garota, Jamie, por que não põe logo um vestido?"

Nada como um discurso cristão racional, certo?

— Se eu cortar o cabelo, vou ficar parecendo um nerd!

— Você já parece um nerd — disse Kenny, e todo mundo riu. Até Astrid (depois ela pôs a mão na minha coxa para amenizar a tensão).

— Pois é — disse Cicero Irving —, mas assim você vai parecer um nerd com carteira de motorista. Paulie, você vai acender esse baseado ou vai ficar só admirando?

Larguei a erva. Chamei o policial Cafferty de senhor. Cortei o cabelo ao estilo bom-moço, o que partiu meu coração, mas deixou o da minha mãe mais leve. Ao fazer a baliza, acabei encostando no para-choque do carro de trás, mas o policial Cafferty me deu a carteira mesmo assim.

— Vou lhe dar um voto de confiança, filho — disse ele.

— Obrigado, senhor, não vou desapontá-lo.

Quando completei dezessete anos, fizeram uma festa de aniversário na nossa casa, que agora ficava em uma rua pavimentada — a marcha do progresso. Astrid foi convidada, claro, e me deu um suéter que ela mesma tricotara. Vesti na hora, embora fosse verão e o dia estivesse quente.

Minha mãe me deu um conjunto de romances históricos de Kenneth Roberts em capa dura (que eu li). Andy me deu uma Bíblia com capa de couro (que também li, principalmente para torrar a paciência dele) com meu nome gravado em letras douradas. A inscrição na guarda era do Apocalipse, capítulo 3: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele comigo". A indireta — que eu tinha me perdido da religião — não era exatamente injustificada.

De Claire, que estava com vinte e cinco anos e era professora em New Hampshire, ganhei um ótimo blazer. Con, sempre meio pão-duro, me deu seis conjuntos de cordas de guitarra. Bom, pelo menos eram boas.

Minha mãe apareceu com o bolo de aniversário, e todo mundo cantou a velha música de sempre. Se Norm estivesse lá, provavelmente teria soprado as velinhas com aquela voz rock and roll. Como não estava, tive que soprar eu mesmo. Enquanto mamãe distribuía os pratos, percebi que não tinha ganhado nada de meu pai e de Terry — nem mesmo uma gravata hippie.

Depois do bolo e do sorvete (morchocobau, como sempre), vi Terry olhando de relance para papai. Papai olhou para mamãe, e ela deu um sorrisinho nervoso. Só agora, em retrospecto, percebo como era comum ver aquele sorriso nervoso no rosto dela, à medida que os filhos cresciam e caíam no mundo.

— Vem com a gente até o celeiro, Jamie — pediu papai, levantando-se. — Terence e eu temos uma coisinha para você.

A "coisinha" era um Ford Galaxie 1966. Estava lavado, polido e era tão branco quanto o luar sobre a neve.

— Ah, meu Deus! — exclamei, mas a voz quase não saiu e todo mundo começou a rir.

— A lataria estava boa, mas o motor precisava de uns cuidados — explicou Terry. — Papai e eu regulamos as válvulas, trocamos as velas, colocamos uma bateria nova... o básico.

— Pneus novos — completou papai, apontando para eles. — São do modelo mais básico, sem faixa branca, mas não são recauchutados. Gostou, filho?

Eu o abracei. Abracei os dois.

— Agora prometa para mim e para sua mãe que nunca vai pegar o volante depois de beber. Não faça a gente se entreolhar um dia e dizer que você usou nosso presente para se machucar ou machucar outras pessoas.

— Prometo.

Astrid — que dividiria uma ponta comigo enquanto eu a levava para casa de carro novo — agarrou meu braço.

— E eu vou fazer com que ele cumpra essa promessa — disse ela.

Depois de ir até a lagoa do Harry e voltar duas vezes (eu precisava fazer duas viagens antes de poder dar carona a alguém), a história se repetiu. Senti um puxão na minha mão. Era Claire. Ela me levou até a soleira da porta de entrada, como tinha feito no dia em que o reverendo Jacobs usou o Estimulador Nervoso Elétrico para devolver a voz de Connie.

— Mamãe quer que você faça outra promessa, mas está envergonhada demais para pedir. Então eu me prontifiquei.

Fiquei esperando.

— Astrid é uma boa moça. Ela fuma, dá para sentir o cheiro, mas isso não faz dela uma má pessoa. E tem bom gosto. O namoro de três anos com você é prova disso.

Fiquei esperando.

— Ela também é esperta. Logo vai estar na faculdade. Então, a promessa é a seguinte, Jamie: não a engravide no banco de trás do seu carro. Você promete?

Eu quase sorri. Se tivesse sorrido, teria sido metade por diversão e metade por chateação. Pelos dois anos anteriores, Astrid e eu tínhamos um palavra-código: "recesso". Significava masturbação mútua. Falei de camisinha várias vezes desde a primeira vez e cheguei a comprar um pacote com três (uma ficava na carteira, as outras duas, escondidas atrás do rodapé do meu quarto), mas ela dizia ter certeza de que o preservativo arrebentaria ou vazaria na primeira vez que tentássemos. Então... recesso.

— Você está fulo da vida comigo, não está?

— De jeito nenhum. Eu nunca fico com raiva de você, Clairinha.

E era verdade. A raiva estava guardada para o monstro com quem ela se casou, e essa nunca cessou.

Eu a abracei e prometi que não engravidaria Astrid. Essa promessa eu cumpri, embora tivéssemos chegado perto antes daquele dia na cabana próxima ao Teto do Céu.

Naqueles anos, Charles Jacobs às vezes me aparecia em sonhos — eu o via enfiando os dedos na montanha de mentirinha para fazer cavernas ou dando o Sermão Terrível com fogo azul circundando a cabeça como um diadema elétrico. Da minha consciência,

porém, ele desaparecera, até certo dia de junho de 1974. Eu tinha dezoito anos. Astrid também.

Estávamos de férias. O Chrome Roses tinha shows agendados para o verão inteiro (inclusive alguns em bares, e, relutantes, meus pais me deram permissão por escrito para tocar neles), e, durante o dia, eu trabalhava na lojinha de produtos da fazenda dos Marstellar, como fizera no ano anterior. A Óleo Combustível Morton estava indo bem, e meus pais podiam pagar a Universidade do Maine, mas eu devia fazer minha parte. No entanto, ainda faltava uma semana para começar o trabalho na lojinha, então Astrid e eu tínhamos tempo de sobra para ficar juntos. Às vezes íamos para minha casa; às vezes, para a dela. Muitas vezes passeávamos a tarde toda pelas estradas vicinais no Galaxie. Encontrávamos um lugar, parávamos, e então... recesso.

Naquela tarde, estávamos em uma pedreira desativada na rota 9, fumando um baseado de erva não muito boa da região. Estava abafado e nuvens de tempestade se formavam a oeste. Veio um trovão, e deve ter caído um raio. Eu não consegui ver onde, mas a estática afetou o alto-falante do carro, interrompendo por um instante "Smokin' in the Boys Room", música que os Roses tinham tocado em todos os shows daquele ano.

Foi então que o reverendo Jacobs voltou à minha mente como um hóspede há muito ausente, e liguei o carro.

— Apaga o baseado — falei. — Vamos dar uma volta.

— Para onde?

— Um lugar que alguém me indicou há muito tempo. Se ainda estiver lá.

Astrid guardou a ponta em uma latinha de balas e a enfiou embaixo do banco. Dirigi por uns dois ou três quilômetros descendo a rota 9, depois virei para oeste na estrada da montanha do Bode. Ali, as árvores se apinhavam dos dois lados da estrada, e o último raio de sol do dia nublado desapareceu enquanto as nuvens de tempestade se aproximaram.

— Se você está pensando no resort, eles não vão deixar a gente entrar — disse Astrid. — Meus pais deixaram de ser sócios. Disseram que precisam economizar caso eu consiga ir para a faculdade em Boston. — Ela torceu o nariz.

— Não é o resort.

Passamos por Longmeadow, onde a Juventude Metodista queimava umas carnes todo ano. As pessoas olhavam preocupadas para o céu, enquanto recolhiam toalhas e isopores e corriam para os carros. Os trovões estavam mais barulhentos, como se fossem vagões carregados atravessando o céu, e vi um raio cair em algum lugar do outro lado do Teto do Céu. Comecei a ficar animado. "É lindo", dissera Charles Jacobs naquele último dia. "Lindo e assustador."

Passamos por uma placa que dizia PORTÃO 1 RESORT MONT. FAVOR MOSTRAR CARTEIRA DE SÓCIO.

— Jamie...

— Deve ter uma entrada que leve até o Teto do Céu — expliquei. — Talvez não exista mais, mas...

A entrada ainda existia, e o caminho ainda era de cascalho. Virei um pouco rápido demais, e o Galaxie derrapou, primeiro para um lado, depois para o outro.

— Espero que você saiba o que está fazendo — disse Astrid.

Ela não parecia com medo por estar indo na direção de uma tempestade de verão; parecia interessada e até um tanto animada.

— Também espero.

A estrada ficou mais íngreme. Vez ou outra, a traseira do Galaxie ficava instável no cascalho solto, mas na maior parte do tempo aguentou firme. Cinco quilômetros depois da entrada, as árvores cessaram e o Teto do Céu apareceu. Astrid suspirou e se ajeitou no banco. Pisei no freio e cantei pneu até parar o carro.

À direita havia uma velha cabana com teto meio solto, coberto de musgo, e janelas com vidros quebrados. Pichações, a maioria apagadas demais para serem legíveis, dançavam em emaranhados ao longo das paredes cinzentas e sem pintura. Adiante e acima de nós estava o grande e protuberante paredão de granito. No topo, exatamente como Jacobs me contara, meia vida antes, havia um mastro de ferro erguido em direção às nuvens, que no momento estavam tão negras e tão baixas que parecia que daria para tocá-las. À esquerda, para onde Astrid olhava, colinas, campos e quilômetros a fio de bosques verde-acinzentados se estendiam em direção ao mar. Daquele lado, o sol ainda brilhava, fazendo o mundo brilhar junto.

— Meu Deus, isso estava aqui o tempo todo? E você nunca me trouxe?

— Eu nunca vim aqui. Meu antigo ministro me contou...

Foi tudo o que consegui dizer. Um raio brilhante caiu do céu. Astrid gritou e pôs as mãos na cabeça. Por um instante — estranho, terrível, maravilhoso —, pareceu que o ar tinha sido trocado por óleo elétrico. Senti todos os pelos do corpo, mesmo os mais finos, do nariz e das orelhas, se retesarem. Depois veio o *clique*, como se um gigante invisível tivesse estalado os dedos. Um segundo raio atingiu o mastro de ferro, acendendo o mesmo azul brilhante que vi dançando em torno da cabeça de Charles Jacobs nos sonhos. Tive que fechar os olhos para não ficar cego. Quando abri de novo, o mastro emitia um brilho vermelho-cereja. "Como uma ferradura na forja", dissera ele, e era exatamente assim. O trovão ribombava.

— *Quer ir embora?* — gritei. Era preciso gritar para conseguir me ouvir em meio à barulheira.

— *Não!* — gritou ela, em resposta. — *Vamos para lá.* — E apontou para o que restava da cabana.

Pensei em dizer a ela que estaríamos mais seguros no carro — poucos se lembram de como os pneus de borracha funcionavam como aterragem e protegem dos raios —, mas já houvera milhares de tempestades no Teto do Céu, e a velha cabana ainda estava de pé. Enquanto corríamos para lá de mãos dadas, percebi que havia uma boa razão para a cabana resistir. O mastro de ferro atraía os raios. Pelo menos até então.

Começou a chover granizo quando chegamos à porta aberta, pedaços de gelo do tamanho de pepitas atingiam o granito com estrondos.

— Ai, ai, *ai* — gritou Astrid, mas, ao mesmo tempo, ria.

Ela passou pela porta como uma flecha. Entrei bem na hora que mais um raio caiu, como a artilharia de algum campo de batalha apocalíptico. Este precedido por um *estalo*, em vez de um *clique*.

Astrid agarrou meu ombro.

— *Olha!*

Eu perdera o segundo golpe da tempestade contra o mastro de ferro, mas vi com clareza o que veio em seguida. Bolas de fogo de santelmo se chocavam contra a colina coberta de pedras e rolavam ladeira abaixo. Meia dúzia. Uma a uma, desapareceram da existência.

Astrid me abraçou, mas não foi suficiente. Ela agarrou meu pescoço e me *escalou*, as coxas enroscadas nos meus quadris.

— *Isso é fantástico!* — gritou ela.

O granizo se transformou em chuva, que veio em forma de dilúvio. O Teto do Céu sumiu em meio ao aguaceiro, mas nunca perdemos o mastro de ferro de vista, porque ele era atingido repetidas vezes e emitia um brilho azul ou lilás, depois vermelho, então perdia a cor até receber outra descarga.

Era raro uma chuva daquelas durar muito. Quando arrefeceu, vimos que a encosta de granito abaixo do mastro de ferro tinha virado um rio. Os trovões continuavam, mas começaram a perder força até silenciar de vez. Ouvíamos água corrente em toda parte, como se a terra estivesse sussurrando. O sol ainda brilhava a oeste, sobre Brunswick, Freeport e Jerusalem's Lot, onde vimos não um ou dois arco-íris, mas meia dúzia deles, interligados como anéis olímpicos.

Astrid me virou na direção dela.

— Tenho que contar uma coisa — disse ela, em voz baixa.

— O quê? — De repente, tive a certeza de que ela destruiria aquele momento transcendental me dizendo que tínhamos que terminar.

— Minha mãe me levou ao médico, mês passado. Ela disse que não queria saber se o nosso namoro era realmente sério, que isso não era da conta dela, mas precisava ter certeza de que eu estava me cuidando. Foi a expressão que ela usou. Ela falou: "Você só precisa dizer que quer porque seus ciclos são dolorosos e irregulares. Quando o médico me vir junto com você, isso vai bastar".

Acho que eu estava um pouco lento, por isso ela me deu um soco no peito.

— Anticoncepcionais, seu lerdo! Ovral. Agora está seguro, porque já menstruei desde que comecei a tomar. Eu estava esperando a hora certa, e, se a hora certa não for agora, não será nunca mais.

Aqueles olhos luminosos nos meus. Depois ela olhou para baixo e mordeu o lábio.

— Só não... não se empolgue demais, está bem? Pense em mim e seja gentil, porque estou com medo. Carol falou que a primeira vez dela doeu demais.

Tiramos as roupas um do outro — todas as peças, finalmente — enquanto as nuvens se abriam, o sol voltava a brilhar e o sussurro de água corrente ficava cada vez mais baixo. Ela estava com as pernas e os braços bronzeados. O resto do corpo continuava branco como neve. Os pelos pubianos eram dourados e acentuavam seu sexo, em vez de esconder. Havia um colchão velho em um canto, onde o teto ainda estava inteiro — não éramos os primeiros a usar a cabana para aquilo.

Ela me guiou para dentro, depois me fez parar. Perguntei se estava tudo bem. Astrid respondeu que sim, mas queria fazer ela mesma.

— Não se mexa, amor. Só não se mexa.

Não me mexi. Era uma agonia não me mexer, mas também era uma maravilha não me mexer. Ela ergueu os quadris. Escorreguei um pouco para dentro. Ela ergueu mais, e escorreguei mais um pouco. Eu me lembro de olhar para o colchão e ver o desenho desbotado, as marcas de terra e uma formiga solitária que passava. Então, ela ergueu os quadris mais uma vez. Eu escorreguei todo para dentro, e ela perdeu o ar.

— Ai, meu Deus!

— Está doendo? Astrid, está...

— Não, está maravilhoso. Acho... que você pode começar agora.

Comecei. *Nós* começamos.

Aquele foi nosso verão do amor. Transamos em vários lugares — uma vez no quarto de Norm, no trailer de Cicero Irving, quando quebramos a cama e tivemos que consertar —, mas, na maioria das vezes, usamos a cabana no Teto do Céu. Era o nosso lugar, e escrevemos nossos nomes em uma das paredes, entre meia centena de outros. Mas, naquele verão, não houve mais tempestades.

No outono, fui para a Universidade do Maine e Astrid foi para a Universidade de Boston. Supus que seria uma separação temporária — nós nos encontraríamos nas férias e, em algum ponto nebuloso do futuro, quando estivéssemos formados, nos casaríamos. Uma das poucas coisas que aprendi desde então sobre as diferenças fundamentais entre os sexos é essa: homens fazem suposições; mulheres, quase nunca.

No dia da tempestade, enquanto voltávamos para casa, Astrid disse:

— Fico feliz que minha primeira vez tenha sido com você.

Respondi que tinha ficado feliz também, sem fazer ideia do que estava implícito.

Não houve uma grande cena de separação. Nós apenas nos afastamos, e, se alguém arquitetou esse distanciamento, foi Delia Soderberg, a bela e silenciosa mãe de Astrid, que era sempre agradável, mas olhava para mim como um dono de loja examina uma nota de vinte dólares suspeita. "Talvez esteja tudo certo...", pensa o dono, "mas tem alguma coisa... meio estranha." Se Astrid tivesse engravidado, minhas suposições sobre o futuro talvez tivessem se mostrado corretas. E, quem sabe, poderíamos ter sido muito felizes: três filhos, garagem para dois carros, piscina no quintal e tudo o mais. Mas acho que não. Acho que os shows constantes — e as garotas que sempre orbitam bandas de rock — teriam nos separado. Olhando em retrospecto, tenho que admitir que as suspeitas de Delia Soderberg eram justificadas. Eu *era* uma nota falsa. Boa o suficiente para ser aceita na maioria dos lugares, mas não na loja *dela*.

Também não houve uma grande cena de rompimento com os Chrome Roses. No primeiro fim de semana em casa, depois de ir para a faculdade em Orono, toquei com a banda na Associação dos Veteranos, na sexta, e no Scooter's Pub, em North Conway, no sábado. Tocamos bem como sempre, e nosso cachê tinha subido para cento e cinquenta dólares por show. Eu me lembro de ter cantado "Shake Your Moneymaker", além de fazer um solo de gaita muito bom.

Mas, quando voltei para casa no dia de Ação de Graças, descobri que Norm tinha contratado um novo guitarrista base e mudado o nome da banda para Norman's Knights.

— Desculpa, cara — pediu ele, dando de ombros. — Os convites de show estavam chegando um atrás do outro, e não consigo trabalhar com um trio. Bateria, baixo e duas guitarras, isso é que é rock and roll.

— Tudo bem. Eu entendo.

E entendia mesmo, porque ele estava certo. Ou quase. Bateria, baixo, duas guitarras, e tudo começa em mi maior.

— Vamos tocar no Ragged Pony, em Winthrop, amanhã de noite, se quiser ir. Tipo artista convidado.

— Não, vou passar essa — respondi. Cheguei a ouvir o novo guitarrista base. Era um ano mais novo e já tocava melhor, tinha um estilo funkeado incrível. Além do mais, isso significava que eu poderia passar a noite de sábado com Astrid. E passei. Suspeito que já havia outros caras na jogada — Astrid era bonita demais para ficar sozinha —, mas ela era discreta. E adorável. Foi um bom dia de Ação de Graças. E não senti falta dos Chrome Roses (muito menos dos Norman's Knights, um nome ao qual eu nunca teria que me acostumar, o que era ótimo).

Bom. Quer dizer...

Quase não senti falta.

Certo dia, pouco antes do recesso de fim de ano, passei no Bear's Den do Memorial Union, tradicional ponto de encontro da Universidade do Maine, para comer um hambúrguer e tomar uma Coca. Na saída, parei e olhei o mural de avisos. Em meio ao mundo de cartões com ofertas de livros-texto, carros à venda e pedidos de carona para vários destinos, encontrei isto:

> BOAS NOTÍCIAS! Os Cumberlands vão se reunir! MÁS NOTÍCIAS! Estamos sem um base. Somos uma BANDA COVER QUE TOCA ALTO! Se você toca Beatles, Stones, Badfinger, McCoys, Barbarians, Standells, Byrds etc., apareça no Quarto 421 do Cumberland Hall e traga sua guitarra. Se você gosta de Emerson, Lake & Palmer e Blood, Sweat & Tears, fique longe e vá se fo**r.

Eu tinha uma Gibson SG vermelho-vivo e a levei até Cumberland Hall, onde conheci Jay Pederson. Por causa das restrições a ruídos durante as horas de estudo, tocamos com as guitarras desplugadas. Mais tarde, ligamos os amplificadores na área de recreação do dormitório. Botamos para quebrar durante meia hora, e entrei para a banda. Ele tocava

muito melhor do que eu, mas eu já estava acostumado com isso. Afinal, minha carreira no rock and roll começara com Norm Irving.

— Estou pensando em mudar o nome da banda para The Heaters — disse Jay. — O que acha?

— Desde que eu tenha tempo para estudar durante a semana e você faça uma divisão justa do cachê, não estou nem aí se você chamar de Cuzões do Inferno.

— O nome é bom, pau a pau com Doug and the Hot Nuts, mas acho que assim a gente não vai conseguir fazer muitos bailes de colégio. — Ele estendeu a mão, eu a apertei, e nos cumprimentamos naquele estilo de peixe morto. — Bem-vindo a bordo, Jamie. O ensaio é quarta à noite. Apareça lá, senão vou achar que você é um otário.

Eu podia ser muita coisa, mas otário não era uma delas. Apareci lá na quarta. Durante quase duas décadas, em mais de dez bandas e cem cidades, nunca deixei ninguém na mão. Um guitarrista base sempre encontra trabalho, mesmo que esteja tão chapado que mal consiga ficar de pé. Basicamente, tudo se resume a duas coisas: você tem que aparecer na hora e ser capaz de tocar acordes com pestana.

Meus problemas começaram quando parei de aparecer.

V

A fluida passagem do tempo.
Retratos com raios. Meu problema com drogas.

Quando me formei na Universidade do Maine (não entrei na lista de graduados com honra por um fio), tinha vinte e dois anos. Quando encontrei Charles Jacobs pela segunda vez, tinha trinta e seis. Ele aparentava ser muito mais jovem do que era, talvez por, na última vez que nos vimos, estar magro demais e consumido pela dor. Em 1992, eu aparentava ser bem mais velho do que era.

Sempre adorei cinema. Durante a década de 1980 vi muitos filmes, na maioria das vezes sozinho. Cochilei vez ou outra (*Atração mortal*, por exemplo — esse realmente era chato demais), mas quase sempre assistia até o fim, mesmo que estivesse muito doidão, surfando ao sabor do som, das cores e das mulheres de beleza inacreditável e com pouquíssima roupa. Livros são ótimos, e li bastante, e ver TV pode ser legal se você estiver preso em um quarto de hotel durante uma tempestade. Para Jamie Morton, porém, nada melhor do que ver um filme na telona. Só eu, a pipoca e a Coca tamanho enorme. E a heroína, é claro. Eu pegava um canudo extra na delicatéssen, mordia para dividir ao meio e usava para cheirar o pó nas costas da mão. Não usei agulha até 1990 ou 1991, mas acabei chegando lá. A maioria chega. Pode acreditar.

O que acho mais encantador no cinema é como o tempo passa de maneira fluida. A história pode começar com um adolescente meio nerd — sem amigos, sem dinheiro, com pais horríveis — e, de repente, ele se transforma no Brad Pitt no auge. A única coisa que separa o nerd do deus é um letreiro que diz 14 ANOS DEPOIS.

"É ruim desejar que o tempo passe mais rápido", dizia mamãe aos filhos — ainda mais quando sonhávamos com as férias de julho ainda em fevereiro, ou torcíamos para que o Halloween chegasse logo —, e provavelmente estava certa, mas não consigo

deixar de pensar que saltos temporais seriam ótimos para quem vive uma vida ruim, e entre o começo do governo Reagan, em 1980, e a Feira Estadual de Tulsa, em 1992, minha vida foi muito ruim. Houve blecautes, mas nenhum letreiro. Vivi todos os dias desses anos, e, quando não conseguia ficar doidão, alguns deles pareciam ter cem horas.

O fade in começa assim: os Cumberlands se tornaram os Heaters e os Heaters se tornaram os J-Tones. Nosso último show como banda de faculdade foi no enorme e hilário Baile de Graduação de 1978, no Ginásio Memorial. Tocamos das oito da noite às duas da manhã. Logo depois, Jay Pederson contratou uma vocalista popular da região, que tocava sax alto e tenor muito bem. O nome dela era Robin Storrs. Ela se encaixou perfeitamente na banda, e em agosto os J-Tones se tornaram Robin and the Jays. Viramos uma das principais bandas de festa do Maine. Fazíamos todos os shows que conseguíssemos, e a vida era boa.

Agora vem o fade out.

Catorze anos depois, Jamie Morton acordou em Tulsa. Não em um bom hotel, nem mesmo em um hotel de rede mais ou menos, mas em um pulgueiro chamado Fairgrounds Inn. Lugares assim eram a ideia que Kelly van Dorn tinha de economia. Eram onze da manhã, e a cama estava molhada. Não me surpreendi. Quando você apaga por dezenove horas com a ajuda da Madame H., molhar a cama é quase inevitável. Acho que aconteceria mesmo que alguém morresse no meio desse coma induzido, mas pelo lado bom: nunca mais acordaria de cueca ensopada.

Fui como um zumbi até o banheiro, fungando, com os olhos minando água, e tirei a cueca no caminho. A primeira parada foi o kit de barbear... mas não para fazer a barba. Minhas coisas ainda estavam lá, junto com uma bolsa de plástico fechada com durex contendo alguns gramas. Não havia razão para pensar que alguém entraria no quarto para roubar um estoque tão insignificante, mas conferir é um hábito para um viciado.

Isso feito, fui até a privada e me livrei da urina acumulada desde o acidente noturno. Ali, percebi que algo importante me escapara. Eu estava tocando com uma banda de country pop escalada para abrir para Sawyer Brown no grande Palco Oklahoma da Feira Estadual de Tulsa, na noite anterior. Era um show importantíssimo para uma banda como a White Lightning, que ainda tinha que ralar muito para chegar a Nashville.

— Passagem de som às cinco — avisara Kelly van Dorn. — Você vai estar lá, certo?

— Claro — respondi. — Não se preocupe comigo.

Ops.

Ao sair do banheiro, vi um bilhete dobrado debaixo da porta. Eu já fazia ideia do que dizia, mas peguei para ler, só para ter certeza. Era curto e nada amistoso.

Liguei para o Departamento de Música do Colégio Union e tive a sorte de conseguir um garoto que tocava o suficiente de base e slide *para nos apresentarmos. Ele ficou feliz de embolsar os seus seiscentos dólares. Quando você estiver lendo isso, estaremos a caminho de Wildwood Green. Nem pense em vir atrás. Você está despedido. Sinto muito por fazer isso, mas já chega.*

Kelly

P.S.: Acho que você não vai dar atenção a isto, Jamie, mas, se não ficar limpo, daqui a um ano vai estar na prisão. Isso com sorte. Sem sorte, estará morto.

Tentei meter o bilhete no bolso de trás, mas ele caiu no carpete verde quase careca — esqueci que estava sem roupa. Peguei de novo, joguei na lata de lixo e fui dar uma olhada pela janela. O estacionamento estava vazio, com exceção de um velho Ford e uma picape lata-velha de algum fazendeiro. O Explorer da banda e a van com os equipamentos, que o responsável pelo som dirigia, tinham sumido. Kelly não estava de brincadeira. Os malucos desafinados tinham me deixado para trás, e provavelmente foi o melhor para todos. Eu achava que, se tivesse que tocar mais uma música de bêbado ou de corno, perderia o resto de sanidade que tinha.

Decidi que a prioridade era renovar a diária do quarto. Eu não tinha a menor vontade de passar mais uma noite em Tulsa, ainda mais com a feira estadual a todo o vapor descendo a rua, mas precisava de um tempo para pensar no que fazer para encontrar trabalho. Também precisava dar um pico, e, se você não consegue achar alguém que venda drogas em uma feira estadual, é porque não está se esforçando.

Chutei a cueca molhada para o canto — "gorjeta para a camareira", pensei, ironicamente — e abri a mochila. Nada além de roupas sujas (eu planejava achar uma lavanderia no dia anterior, outra coisa que me escapou), mas pelo menos eram roupas sujas *secas*. Eu me vesti e cruzei o asfalto rachado da área externa em direção à recepção do hotel, primeiro andando feito um zumbi, depois me arrastando feito um zumbi. Minha garganta doía sempre que eu engolia. Só mais um detalhezinho para aumentar a diversão.

A moça na recepção era uma caipira de cara fechada com uns cinquenta anos, vivendo sob um vulcão de cabelo ruivo escovado. O apresentador do programa que passava no pequeno televisor não parava de falar com Nicole Kidman. Sobre a TV havia um quadro com a imagem de Jesus entregando um cachorrinho a um menino e uma menina. Eu não estava nem um pouco surpreso. No interiorzão do país, dá-se um jeito de misturar Cristo e o Papai Noel.

— O seu grupo já fez o check-out — disse ela, depois de encontrar meu nome no livro de registro. Tinha o sotaque da região, que lembrava um banjo mal afinado. — Eles saíram faz umas duas horas. Disseram que iam para a Carolina do Norte.

— Estou sabendo. Não faço mais parte da banda.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Diferenças criativas — expliquei.

A sobrancelha se levantou mais ainda.

— Vou ficar mais uma noite.

— Ah, ok. Dinheiro ou cartão de crédito?

Eu tinha uns duzentos dólares em dinheiro, mas a maior parte estava guardada para as drogas que eu pretendia comprar na feira, por isso dei a ela meu cartão. Ela ligou para a operadora e esperou, com o fone preso entre a orelha e um ombro carnudo, enquanto assistia a um comercial de toalhas de papel que poderia absorver poças d'água do tamanho do lago Michigan. Assisti junto. O programa retornou, Nicole Kidman ganhou a companhia de Tom Selleck, e a caipira continuou na linha. Ela parecia não se importar, mas eu, sim. As coceiras tinham recomeçado e a minha perna ruim estava começando a latejar. Quando outro comercial começou, a caipira voltou à vida. Ela rodou a cadeira, olhou pela janela o céu azul resplandecente de Oklahoma e falou depressa. Depois desligou e me devolveu o cartão.

— Negado. O que me deixa em dúvida sobre aceitar dinheiro. Se é que você tem algum.

Aquilo foi cruel, mas mesmo assim dei meu melhor sorriso.

— O cartão tem fundos. Eles cometeram um erro. Acontece o tempo todo.

— Então você não vai ter problemas para retificar em outro hotel — retrucou ela. ("Retificar"! Que palavra difícil para uma caipira!) — Tem outros quatro no quarteirão, mas não são lá essas coisas.

"Ao contrário desse Ritz-Carlton de beira de estrada", pensei, mas o que disse foi:

— Tente o cartão de novo.

— Querido, só de olhar para você já sei que não preciso.

Funguei, virando a cabeça para assoar o nariz na manga da minha camisa da Charlie Daniels Band. Tudo bem, ainda não tinha sido lavada. Ou melhor, fazia tempo que não via água.

— Como assim?

— Acontece que abandonei meu primeiro marido quando ele e os dois irmãos começaram a fumar pedra. Sem ofensa, mas sei bem o que estou vendo. A diária de ontem foi paga no cartão de crédito da banda, mas, agora que você é o que chamam de artista solo, o check-out é à uma da tarde.

— Na porta está escrito três.

Ela levou o dedo com unha malfeita até um cartaz à esquerda do calendário com o Jesus doador de cachorrinhos: DURANTE A FEIRA ESTADUAL, DE 25 DE SETEMBRO A 4 DE OUTUBRO, O CHEC-OUT SERÁ ÀS 13 HORAS.

— Check-out está escrito errado. Você deveria retificar isso.

Ela olhou para o cartaz, depois se voltou para mim.

— Pode até ser, mas a parte das 13 horas não precisa de retificação. — Ela olhou para o relógio. — Você tem uma hora e meia. Não me faça chamar a polícia, querido. Na época da feira estadual, eles ficam que nem mosca no mel. É só ligar, que chegam em um instante.

— Isso é o maior papo furado.

Foi uma época meio obscura para mim, mas eu me lembro da resposta tão claramente quanto se ela tivesse falado no meu ouvido dois minutos atrás.

— Na-na-ni-na-não, querido. Isso é a realidade.

Depois ela se voltou para a televisão, onde algum idiota sapateava.

Eu nunca tentaria comprar drogas em plena luz do dia, nem na feira estadual, por isso fiquei no Fairgrounds Inn até uma e meia (só para espezinhar a caipira). Depois peguei a mochila e o *case* e saí andando. Parei em um posto Texaco perto de onde a avenida North Detroit se torna South Detroit. Ali eu já mancava da perna esquerda e meu quadril latejava ao ritmo do coração. No banheiro masculino, cozinhei e injetei no oco do ombro esquerdo metade do que tinha. Veio aquela sensação de suavidade. A dor de garganta e a dor na perna começaram a ceder.

A perna esquerda boa se tornou a perna esquerda ruim em um dia ensolarado no verão de 1984. Eu estava em uma Kawasaki, e o velhote imbecil que vinha da direção oposta pilotava um Chevrolet do tamanho de uma lancha. Ele entrou na contramão e me deu uma escolha: jogar para o acostamento ou bater de frente. Fiz a escolha óbvia e consegui passar ileso pelo idiota. O erro foi tentar voltar para a estrada a sessenta e cinco quilômetros por hora. Conselho aos motociclistas novatos: virar a moto no cascalho a sessenta e cinco quilômetros por hora é uma péssima ideia. Caí e quebrei a perna em cinco lugares. Também despedacei o quadril. Pouco depois, eu descobriria a Alegria da Morfina.

Com a perna melhor e as coceiras e contrações aliviadas, saí do posto e segui adiante com um pouco mais de vigor, e, quando cheguei ao terminal rodoviário da Greyhound, perguntei a mim mesmo por que ficara preso a Kelly van Dorn e àquela porcaria de banda country por tanto tempo. Eu não tinha nascido para tocar baladas lacrimogêneas (em dó, tenha santa paciência!). Eu era roqueiro, não um caipira borra-botas.

Comprei uma passagem para o ônibus que ia para Chicago ao meio-dia do dia seguinte, o que também me deu direito a colocar no guarda-volumes a mochila e a Gibson SG — a única coisa de valor que ainda me restava. A passagem custou vinte e nove dólares. Contei o que restava sentado em uma cabine de banheiro. Eram cento e cinquenta e nove pratas, mais ou menos o que eu esperava. O futuro parecia mais brilhante. Eu chaparia na feira, encontraria um lugar para dormir — talvez um abrigo para sem-teto, ou então ficaria na rua mesmo — e no dia seguinte pegaria o ônibus para

a terra de Al Capone. Como na maioria das grandes cidades, havia um ponto onde instrumentistas e cantores se encontravam, contavam piadas, fofocavam e procuravam oportunidades de shows. Para alguns, isso não era fácil (quem tocava acordeão, por exemplo), mas sempre havia bandas em busca de um guitarrista base competente, e eu era um pouquinho melhor que isso. Em 1992, daria até para me arranjar na solo, se fosse necessário. E se não estivesse chapado demais. O importante era chegar a Chicago e conseguir um show antes que Kelly van Dorn espalhasse a notícia de que eu não era confiável, algo que aquela pinguça era bem capaz de fazer.

Com pelo menos seis horas de bobeira até anoitecer, cozinhei o resto daquela merda que tinha e enfiei onde funcionava melhor. Isso feito, comprei um livro de faroeste na banca de jornal, sentei em um banco com ele aberto no meio e cochilei. Quando acordei, dando uma série de espirros, eram sete da noite, hora de o ex-guitarrista base do White Lightning sair à caça de alguma parada boa.

Ao chegar à feira, o pôr do sol era apenas uma linha laranja amarga a oeste. Embora quisesse poupar a maior parte do dinheiro para a heroína, me dei o direito de pegar um táxi, porque não estava me sentindo bem. Só que não eram apenas as contrações e dores de sempre. A dor de garganta tinha voltado. Havia um ruído alto e incômodo em meus ouvidos e eu sentia o corpo quente. Disse a mim mesmo que o calor era normal, porque a noite estava abrasadora. Quanto ao resto, eu tinha certeza de que seis ou sete horas de sono resolveriam. E dava para dormir no ônibus. Eu queria estar na ponta dos cascos antes de me realistar no Exército do Rock and Roll.

Passei direto pela entrada principal da feira, porque só um idiota tentaria comprar heroína em uma exibição de maquinário ou de animais de corte e carga. Mais adiante estava a entrada do parque de diversões Bell's. Este anexo da feira estadual de Tulsa já não existe mais, mas, em setembro de 1992, o Bell's estava com força total. As duas montanhas-russas — a tradicionalíssima Zingo, de madeira, e a Wildcat, mais moderna — subiam e desciam, deixando uma trilha de gritos felizes a cada curva brusca e mergulho suicida. Havia grandes filas nos tobogãs aquáticos, no *twister* e no trem fantasma.

Ignorei tudo aquilo e segui com dificuldade para o meio das barracas de comida, onde o cheiro de massa frita e salsichas, normalmente tentador, me deixou um pouco enjoado. Havia um sujeito com a aparência correta zanzando perto da barraca de pescaria, e quase o abordei, mas meu sexto sentido de viciado ligou o alerta contra agente da Narcóticos quando cheguei perto. A camiseta que ele usava (COCAÍNA! CAFÉ DA MANHÃ DOS CAMPEÕES!) dava pinta demais. Continuei andando e passei pelas barracas de tiro ao alvo, de derrubar os pinos, de acertar a cesta de basquete e do roletrando. Eu me sentia cada vez pior, o corpo estava cada vez mais quente, e o zumbido, cada vez mais alto. A garganta doía tanto que eu sempre fechava os olhos ao engolir.

Mais adiante ficava um elaborado campo de minigolfe. Estava cheio de adolescentes que riam sem parar, por isso pensei ter chegado ao Marco Zero. Onde há adolescentes querendo se divertir à noite, há traficantes felizes em ajudá-los. E, óbvio, vi dois sujeitos com a aparência certa. Aquele a contemplar os presentes com olhos desconfiados e cabelos sujos há de reconhecê-los.

A área das barracas de jogos terminava em um entroncamento depois do minigolfe: um caminho levava de volta ao parque de exposições, o outro, à pista de corrida. Eu não tinha vontade de ir para qualquer lado, mas comecei a ouvir estranhos estalos elétricos à direita, seguidos por aplausos, risos e gritos de espanto. Ao me aproximar do entroncamento, dava para ver que cada estalo era acompanhado por um flash azulado que lembrava um raio. Um raio do Teto do Céu, para ser preciso. Eu não pensava naquele lugar havia anos. Fosse qual fosse, o truque tinha atraído um grande público. Decidi que os traficantes do minigolfe poderiam esperar mais uns minutos. Caras assim nunca vão embora enquanto houver néon aceso, e eu queria ver quem estava produzindo raios naquela noite quente e clara de Oklahoma.

Uma voz amplificada gritava:

— Agora que vocês viram o poder do meu Criador de Raios, o único do mundo, isso eu garanto, vou fazer uma demonstração do maravilhoso retrato que qualquer nota de dólar com a imagem de Alexander Hamilton pode comprar. Uma demonstração *impressionante* antes que eu abra meu Estúdio Elétrico e ofereça a vocês a oportunidade de tirar a foto mais fantástica da sua vida! Eu só preciso de um voluntário para que vocês vejam *exatamente* o que vão receber com os dez dólares mais bem gastos da sua vida! Algum voluntário? Alguém se habilita? É completamente seguro, eu garanto! Vamos lá, meus amigos, o país inteiro reconhece a coragem dos desbravadores de Oklahoma!

Havia um público considerável, com cinquenta ou sessenta pessoas diante de um palco alto. O painel de lona que ficava por trás tinha quase dois metros de largura e pelo menos seis de altura. Nele estava, quase tão grande quanto uma tela de cinema, a fotografia de uma bela jovem no que parecia ser um salão de baile. O cabelo negro estava preso em uma série de tranças e coques que deviam ter demorado horas para ficar prontos. O vestido era tomara que caia, e os seios se curvavam docemente por baixo do tecido. Ela usava brincos brilhantes e batom vermelho-sangue.

Diante da gigantesca moça no salão de baile havia uma câmera antiga, estilo século XIX, apoiada em um tripé e com aquela cortina preta que o fotógrafo podia jogar sobre a cabeça. Na posição em que fora colocada, porém, parecia que só retrataria a garota dos joelhos para baixo. Ao lado da câmera estava uma bandeja de flash de magnésio em um suporte. O mestre de cerimônias, que usava terno preto e cartola, tinha uma das mãos apoiada na câmera, levemente curvada, e eu o reconheci na hora.

Tudo isso está claro, mas minha lembrança do que aconteceu depois não é confiável — e admito isso de livre e espontânea vontade. Fazia tempo que eu era um completo viciado, e, nos dois anos anteriores, eu me rendera à agulha, primeiro só espetando a pele, depois, com frequência cada vez maior, buscando a veia. Estava mal-alimentado e muito abaixo do peso. Para completar, tinha febre. Era uma gripe forte, que chegou com força total. Ao acordar de manhã, pensei que era apenas o nariz escorrendo por causa da heroína, como de hábito, ou no máximo um resfriado. Mas, quando vi Charles Jacobs ao lado de uma velha câmera de tripé e diante de um painel de lona com a

inscrição RETRATOS COM RAIOS sobre uma moça gigante, pareceu que eu tinha mergulhado em um sonho. Não fiquei surpreso por ver meu antigo ministro, agora com toques grisalhos nas têmporas e rugas (ainda incipientes) emoldurando os lábios. Também não teria ficado surpreso se minha falecida mãe e minha falecida irmã tivessem se juntado a ele no palco vestidas de coelhinhas da *Playboy*.

Alguns homens ergueram as mãos ao pedido de voluntários, mas Jacobs sorriu e apontou para a bela garota que pairava sobre seus ombros.

— Sei que vocês são corajosos pra diabo, mas duvido que ficariam bem de tomara que caia.

A piada foi recebida por risadas divertidas.

— Quero uma *garota* — disse o homem que me mostrou o lago Plácido quando eu não passava de um moleque de calça curta. — Quero uma *linda* garota! Uma belezura de *Oklahoma*! O que acham, meus amigos? Concordam comigo?

O público bateu palmas para mostrar quanto concordava. E Jacobs, que decerto já escolhera a vítima, apontou o microfone sem fio na direção de alguém à frente da multidão.

— Que tal você, senhorita? Você é tão bonita que tenho certeza de que todos vão aprovar a escolha!

Apesar de estar em um canto, atrás de todo mundo, a multidão pareceu se abrir diante de mim como se eu estivesse possuído por alguma força de repulsão mágica. Acho que abri caminho usando os cotovelos, mas não me lembro de ter feito isso, e, se alguém me deu uma cotovelada de volta, também não registrei. Eu parecia flutuar para a frente. Todas as cores estavam mais brilhantes, os rodopios do carrossel e os gritos das pessoas na Zingo estavam mais altos. O zumbido em meus ouvidos aumentou até um tinido afinado: sol com sétima, acho. Cruzei uma atmosfera aromática, feita de perfume, pós-barba e laquê de lojas de produtos baratos.

A bela garota de Oklahoma protestou, mas as amigas não fizeram caso e a empurraram. Ela subiu os degraus do lado esquerdo do palco, com as coxas bronzeadas se insinuando sob a barra desfiada da saia jeans curta. Por cima da saia estava uma blusa verde que ia até o pescoço, mas deixava uma fenda de quase um dedo na altura dos seios. O cabelo era louro e comprido. Alguns homens assobiaram.

— Toda garota bonita tem sua própria carga positiva! — exclamou Jacobs, tirando a cartola.

Vi que ele cerrou a mão que segurava o chapéu. Por um instante tive sensações que não experimentava desde aquele dia no Teto do Céu: arrepios nos braços, cabelo eriçado na nuca, ar pesado demais nos pulmões. Então a bandeja ao lado da câmera explodiu com algo que com certeza não era flash de magnésio, e o painel de lona se acendeu com um brilho azul atordoante. O rosto da garota de vestido de festa foi apagado. Quando o atordoamento diminuiu, vi, no lugar dela — ou pensei ter visto —, a caipira cinquentona que me mandara embora do Fairgrounds Inn umas nove horas antes. Depois a garota do tomara que caia cintilante reapareceu.

A multidão ficou embasbacada, e eu também, mas não fiquei completamente surpreso. Era o reverendo Jacobs fazendo mais um de seus velhos truques, só isso. Também não me surpreendi quando ele colocou o braço em torno da garota, virou-a para nós, e, por um instante, pensei que fosse Astrid Soderberg, com dezesseis anos e

preocupada em não engravidar. Astrid, que às vezes soprava a fumaça de um Virginia Slims na minha boca e me deixava de pau duro por horas.

Então ela voltou a ser a mocinha bonita de Oklahoma, que saiu da fazenda para se divertir à noite.

O assistente de Jacobs, um garoto com espinhas e cabelo malcortado, saiu trotando com uma cadeira de madeira comum. Ele a colocou diante da câmera, depois fez um número cômico tirando a poeira da sobrecasaca fora de moda do chefe.

— Sente-se, querida — disse Jacobs, levando a moça até a cadeira. — Prometo que você vai achar tudo *chocante*, no melhor sentido!

Ele mexeu as sobrancelhas, e o jovem assistente simulou ter levado um choque. O público vaiou. Os olhos de Jacobs me encontraram, agora na primeira fila, passaram por mim e depois voltaram. Após um segundo de hesitação, ele desviou o olhar outra vez.

— Vai doer? — perguntou a garota, e vi que ela não se parecia com Astrid. Nem poderia. Era muito mais jovem do que minha primeira namorada devia ser naquela época e, onde quer que Astrid estivesse, o sobrenome com certeza não era mais Soderberg.

— Nem um pouco — garantiu Jacobs. — E, ao contrário de qualquer mulher que ouse dar um passo à frente, seu retrato será...

Ele desviou o olhar da moça, voltando-se para a plateia, dessa vez diretamente para mim.

— ... totalmente grátis.

Jacobs a colocou na cadeira e continuou o discurso, mas parecia mais hesitante, como se tivesse perdido o fio da meada. Ele continuou olhando para mim enquanto o assistente amarrava uma venda de seda branca sobre os olhos da garota. Se o apresentador estava distraído, o público não percebeu. Afinal, uma mocinha bonita estava prestes a ser fotografada aos pés da imagem gigante de uma linda mulher — vendada, ainda por cima —, e tudo era muito interessante. Assim como o fato de que a mocinha mostrava uma parte considerável das pernas, ao vivo, e a mulher mostrava uma parte considerável do colo, no painel.

— Quem vai querer — começou a mocinha bonita, e Jacobs prontamente posicionou o microfone diante dela, para que o público ouvisse — uma foto minha de olhos vendados?

— *O resto do corpo com certeza não está vendado, docinho!* — gritou alguém, e o público riu.

A garota juntou bem os joelhos, mas também deu um sorrisinho. O velho sorriso de quem está levando na esportiva.

— Querida, acho que você vai se surpreender — disse Jacobs, depois se virou para falar com a plateia. — Eletricidade! Apesar de não darmos muita atenção a ela, é a maior maravilha natural do nosso mundo! A grande pirâmide de Gizé não passa de um cupinzeiro, se comparada a ela! A eletricidade é a base da civilização moderna! Alguns dizem que a entendem, senhoras e senhores, mas ninguém entende a eletricidade *secreta*, a energia que une o universo em um todo harmonioso. E eu? *Eu* a entendo? Não. Não completamente. Mas conheço sua capacidade de destruição, de cura e de criação de beleza e magia! Qual o seu nome, senhorita?

— Cathy Morse.

— Cathy, tem um velho ditado que diz que a beleza está nos olhos de quem vê. Você, eu e todos que estão aqui vão testemunhar a verdade desse ditado hoje, e, quando você for embora, terá um retrato para mostrar aos seus netos. Um retrato que *eles* vão mostrar aos netos. E, se esses descendentes ainda não nascidos não ficarem maravilhados com isso, meu nome não é Dan Jacobs.

"E não é mesmo", pensei.

Eu estava cambaleando para a frente e para trás, como se ao sabor da música do carrossel e daquela outra que zunia em meus ouvidos. Tentei parar e percebi que não conseguia. Minhas pernas estavam estranhamente bambas, como se os ossos estivessem sendo removidos, centímetro por centímetro.

"Você é Charles, e não Dan. Acha mesmo que eu não reconheço o homem que devolveu a voz ao meu irmão?"

— Agora, senhoras e senhores, é melhor protegerem os olhos!

Em um gesto teatral, o assistente cobriu os dele. Jacobs girou depressa, levantou o pano preto na parte de trás da câmera e desapareceu debaixo dele.

— Feche os olhos, Cathy! — gritou ele. — Mesmo com a venda, um pulso elétrico tão poderoso pode deixar você atordoada! Vou contar até três! É um... é dois... e é... *três*!

Mais uma vez, senti o ar estranhamente mais denso. E não estava sozinho: a multidão deu um ou dois passos para trás. Depois veio um *clique* alto, como se alguém tivesse estalado os dedos ao lado do meu ouvido direito. O mundo se acendeu em uma explosão de luz azul brilhante.

— Aaaahhhh — fez a multidão. E, quando conseguiram ver novamente e perceberam o que tinha acontecido com o painel: — AAAAAAAAAAHHHHHHH!

O vestido de noite era o mesmo — prateado, cintilante e decotado. A convidativa curva do colo era a mesma, bem como o penteado complicado. Mas os seios agora eram menores e o cabelo era louro, não preto. O rosto tinha mudado, também. Era Cathy Morse quem estava no salão de baile. Então eu pisquei, e a mocinha bonitinha de Oklahoma tinha sumido. Era Astrid outra vez, Astrid como era aos dezesseis anos, o amor dos meus dias e a eventual luxúria das minhas noites.

Embasbacada, a multidão soltou um suspiro baixinho de admiração, e tive uma ideia ao mesmo tempo maluca e convincente: eles também estavam vendo pessoas de capítulos anteriores da própria vida, aquelas que partiram ou mudaram ao sabor da fluida passagem do tempo.

Depois era apenas Cathy Morse de novo, mas só isso já era impressionante demais: Cathy a seis metros de altura, usando um vestido caro que nunca teria usado na vida real. Os brincos de brilhante estavam lá, e, embora o batom da moça na cadeira fosse rosa-claro, o da Cathy gigante ao lado dela era vermelho-sangue.

E não havia qualquer sinal da venda.

"O velho reverendo Jacobs de sempre", pensei. "Mas ele aprendeu truques muito mais brilhantes que o Jesus Elétrico caminhando sobre o lago Plácido ou um cinto de pano com motor de brinquedo por dentro."

Ele saiu de debaixo do pano preto, jogou-o para trás e puxou uma placa da traseira da câmera. Depois mostrou a imagem ao público, que fez "AAAAAHHHHHH" mais uma vez. Ele se curvou, agradecendo, e se voltou para Cathy, que parecia intrigada. Entregou a placa à mocinha e disse:

— Pode tirar a venda agora, Cathy. Não tem mais perigo.

Ela puxou a venda para baixo e viu a foto na placa: uma garota de Oklahoma transformada em uma abastada cortesã francesa do *grand monde*. Cathy levou as mãos à boca, mas Jacobs estava com o microfone a postos e todos ouviram o "ai, meu Deus!".

— Agora, vire-se para lá — pediu ele.

A mocinha se levantou da cadeira, virou-se e jogou o corpo para trás diante da visão de si mesma a seis metros de altura com um verniz de alta classe. Jacobs passou um braço em torno da cintura da moça para sustentá-la. A mão que segurava o microfone também escondia algum tipo de controle, e, quando ele a fechou outra vez, a multidão fez mais do que "OOOOHHH". Algumas pessoas chegaram a gritar.

A Cathy Morse gigante girou lentamente, como uma modelo de passarela, revelando a parte de trás do vestido, muito mais decotada que a frente. Ela olhou por cima do ombro... e piscou.

Jacobs não se esqueceu do microfone — estava claro que já fazia aquilo há muito tempo —, e o público ouviu claramente a exclamação da verdadeira Cathy após a visão, como já tinham ouvido a primeira: "Meu Deus, que foda!".

Todos riram. Todos vibraram. E, quando viram que ela estava vermelha como um pimentão, vibraram ainda mais. A Cathy gigante que pairava sobre Jacobs e a mocinha bonita de Oklahoma estava mudando. O cabelo louro foi ficando cor de lama. Os traços enfraqueceram, embora o batom vermelho continuasse brilhante, como o sorriso do gato de *Alice no País das Maravilhas*.

E então voltou a ser a garota original. A imagem de Cathy Morse foi sumindo até deixar de existir.

— Mas *esta* versão nunca vai sumir — disse Jacobs, segurando outra vez a placa que parecia antiga. — Meu assistente vai revelar e emoldurar, e você pode vir pegar aqui antes de ir embora para casa.

— Preste atenção, engomadinho! — gritou alguém na primeira fila. — A moça vai desmaiar!

Mas Cathy não desmaiou. Só ficou com as pernas bambas por um instante.

Fui eu que desmaiei.

Quando abri os olhos, estava em uma cama *queen size*, com uma coberta até o queixo. Olhei para a direita e vi uma parede com painéis de madeira falsa. Olhei para a esquerda e vi uma boa cozinha: geladeira, pia, micro-ondas. Atrás dela havia um sofá, uma copa com mesa e quatro cadeiras e até uma poltrona de frente para uma TV embutida. Não consegui levantar o pescoço o suficiente para ver o compartimento da direção, mas, como músico itinerante que já viajara dezenas de milhares de quilômetros em veículos semelhantes (embora poucos tão grandes quanto aquele), eu sabia onde estava: um grande *motorhome*, provavelmente um Bounder. A casa de alguém longe de casa.

Eu ardia em febre. A boca estava seca como um deserto. Também estava com uma crise de abstinência absurda. Tirei a coberta de cima do corpo e comecei a tremer na mesma hora. Uma sombra se abateu sobre mim. Era Jacobs, segurando uma coisa linda: suco de laranja em um copo alto com um canudo dobrável se projetando para fora. A única visão melhor seria uma seringa carregada, mas uma coisa de cada vez. Estendi a mão em direção ao copo.

Ele puxou o cobertor para cima antes, depois se apoiou em um dos joelhos ao lado da cama.

— Vá devagar, Jamie. Você está bem doente.

Bebi. Caiu maravilhosamente bem na garganta. Tentei pegar o copo e tomar tudo, mas ele não deixou.

— Eu disse devagar.

Deixei a mão cair, e ele me permitiu beber mais um pouco. Desceu bem, mas, na terceira vez, meu estômago se contraiu e os tremores voltaram. Não era a gripe.

— Preciso de um pico — falei.

Estava longe de ser a maneira como eu esperava me reapresentar ao meu antigo ministro e primeiro amigo adulto, mas um viciado na fissura não tem vergonha. Além disso, ele devia ter um ou dois esqueletos no armário. Por que mais adotaria o nome Dan Jacobs, em vez de Charles?

— Eu sei. Vi as marcas. E pretendo manter você aqui, pelo menos até ficar curado desse vírus, ou seja lá o que for. Caso contrário, você vai começar a botar para fora qualquer comida que eu der, e não podemos correr esse risco, não é? Não com você no mínimo vinte quilos abaixo do peso.

Ele tirou do bolso uma garrafinha de vidro marrom. Tinha uma colherinha presa à tampa. Tentei pegar. Ele balançou a cabeça e a afastou de mim.

— Mesma coisa. Quem dirige sou eu.

Ele tirou a tampa, encheu aquela colher mínima de pó branco pardacento e colocou embaixo do meu nariz. Cheirei com a narina direita. Ele encheu a colherinha de novo, e dei tratos à narina esquerda. Não era o que eu queria — não era o *suficiente*, para ser exato —, mas os tremores começaram a diminuir, e passei a sentir que conseguiria mandar para dentro aquele delicioso suco de laranja gelado.

— Agora você pode dormir mais um pouco — disse ele. — Ou apagar, se é assim que você diz. Vou fazer uma canja. É da Campbell's, está longe de parecer com a da sua mãe, mas é só o que eu tenho.

— Não sei se consigo segurar a sopa no estômago — respondi, mas no fim das contas acabei conseguindo.

Quando terminei a caneca que ele me deu, pedi mais droga. Ele administrou mais duas porções minúsculas.

— Onde você conseguiu? — perguntei, enquanto ele guardava a garrafa no bolso da frente da jaqueta jeans que usava.

Jacobs sorriu, um sorriso que iluminou seu rosto e o fez parecer ter vinte e cinco anos de novo, com uma mulher que amava e um filho que adorava.

— Jamie, eu trabalho em parques de diversão e no circuito de feiras há muito tempo. Se não conseguisse encontrar drogas, seria cego ou idiota.

— Preciso de mais. Preciso de um pico.

— Não, você *quer* um pico, mas não é comigo que vai conseguir. Não tenho o menor interesse em ajudar você a ficar doidão. Só não quero que comece a ter convulsões e morra aqui onde eu me escondo. Vá dormir. Já é quase meia-noite. Se estiver melhor pela manhã, discutiremos várias coisas, inclusive como acabar com esse vício. Se não estiver, vou levar você para o hospital Saint Francis ou o Centro Médico da Universidade de Oklahoma.

— Duvido que você consiga fazer eles me aceitarem. Estou quase falido, e meu plano de saúde não passa de Tylenol comprado em lojas de conveniência.

— Como diria Scarlett O'Hara, vamos nos preocupar com isso amanhã, porque amanhã é outro dia.

— Blá-blá-blá — resmunguei.

— É você que está dizendo.

— Me dá mais um pouco. — As colherinhas que ele administrou foram tão úteis quanto um Marlboro Light para um sujeito que fumou cigarros mata-rato um atrás do outro a vida toda, mas cheirar um pouco ainda era melhor do que não cheirar nada.

Ele pensou, depois separou mais duas porções. Ainda mais avaras do que as anteriores.

— Acabei de dar heroína a um homem com uma gripe fortíssima — disse ele, rindo com ironia. — Só posso estar maluco.

Olhei embaixo das cobertas e vi que ele tinha tirado minha roupa e me deixado só de cueca.

— Cadê as minhas roupas?

— No closet. Precisei deixar separadas das minhas. Estavam com cheiro de bicho.

— Minha carteira está no bolso da frente da calça jeans. Tem um canhoto para retirar minha mochila e minha guitarra do guarda-volumes. Não estou nem aí para as roupas, mas preciso da guitarra de volta.

— Rodoviária ou estação de trem?

— Rodoviária. — Ele pode ter me dado a droga apenas em pó e em quantidades medicinais, mas ou era coisa muito boa ou bateu com toda a força no meu corpo exaurido. A sopa tinha aquecido meu estômago, e minhas pálpebras pareciam contrapesos de janelas com guilhotina.

— Vê se dorme, Jamie — disse ele, apertando meu ombro de leve. — Para vencer essa gripe, você precisa dormir.

Encostei no travesseiro. Era muito mais macio que o do Fairgrounds Inn.

— Por que você está dizendo que se chama Dan?

— Porque é meu nome. Charles Daniel Jacobs. Agora, vá dormir.

Eu ia, mas antes precisava perguntar mais uma coisa. Adultos mudam, é claro, mas, a menos que tenham sofrido alguma doença debilitante ou tenham sido desfigurados em um acidente, em geral é fácil reconhecê-los. Crianças, por sua vez...

— Você me reconheceu. Eu vi. Como?

— Porque sua mãe vive no seu rosto, Jamie. Espero que Laura esteja bem.

— Ela morreu. Claire também.

Não sei como ele absorveu a notícia. Fechei os olhos e, dez segundos depois, estava apagado.

Quando acordei, estava menos quente, mas os tremores tinham voltado com tudo. Jacobs encostou um termômetro de testa em mim e o deixou ali por mais ou menos um minuto, depois assentiu.

— Acho que você vai sobreviver — disse ele, e me deu mais duas pequeninas doses do vidrinho marrom. — Consegue se levantar e comer uns ovos mexidos?

— Primeiro, banheiro.

Ele apontou, e fui até o cubículo me apoiando nas paredes. Eu só precisava mijar, mas estava fraco demais para ficar de pé, então sentei e mijei no estilo mulherzinha. Quando voltei, ele assobiava enquanto fazia os ovos mexidos. Minha barriga roncou. Tentei me lembrar da última vez que tinha comido algo mais substancial que sopa em lata. Os frios do camarim antes do show de duas noites antes me vieram à mente. Se tinha comido alguma coisa depois disso, não conseguia lembrar.

— Engula devagar — instruiu ele, colocando o prato na mesinha da copa. — Você não quer botar tudo para fora, quer?

Comi devagar e raspei o prato. Jacobs se sentou diante de mim e bebeu café. Quando pedi um pouco, ele me deu meia xícara de café com muito creme.

— O truque com a foto... como é que você faz?

— Truque? Assim você me ofende. A imagem no painel é revestida com uma substância fosforescente. A câmera também é um gerador elétrico...

— Até aí eu entendi.

— O flash é muito poderoso e muito... especial. Ele projeta a imagem do fotografado na da moça em vestido de noite. Mas não dura muito, porque a área é muito grande. As fotos que eu vendo, por outro lado, duram muito mais.

— Muito mesmo? Ela vai conseguir mostrar a foto aos netos?

— Bem, não.

— Por quanto tempo, então?

— Dois anos, mais ou menos.

— Quando você já estará longe.

— De fato. E as imagens que interessam... — disse ele, batendo na têmpora. — Estão aqui. Para todos nós. Concorda?

— Mas, reverendo Jacobs...

Por um instante, vislumbrei o homem que deu o Sermão Terrível quando Lyndon Johnson era presidente.

— Não me chame assim, por favor. O bom e velho Dan basta. É o que sou agora. Dan, o Homem dos Retratos com Raios. Ou Charlie, se preferir.

— Mas ela se virou. A garota do painel virou 360 graus.

— Um mero truque de projeção de imagem em movimento. — Mas, ao dizer isso, Jacobs desviou o olhar. Depois se voltou para mim. — Você quer ficar melhor, Jamie?

— Eu *já estou* melhor. Deve ter sido um desses vírus de vinte e quatro horas.

— Não é um vírus de vinte e quatro horas. É gripe. E, se você tentar sair daqui para ir à rodoviária, ela vai voltar com tudo até o meio-dia. Fique aqui, e acho que vai ficar melhor em poucos dias. Mas não é da gripe que estou falando.

— Estou bem — respondi, mas foi minha vez de desviar os olhos.

O que trouxe meus olhos de volta foi a garrafinha marrom que ele segurava pela colher e balançava de lá para cá em uma cordinha de prata, como o amuleto de um

hipnotizador. Estendi a mão para pegar, mas ele a afastou.

— Há quanto tempo você usa?

— Heroína? Faz uns três anos. — Eram seis. — Sofri um acidente de moto. Meu quadril e minha perna ficaram em petição de miséria. Então me deram morfina...

— É claro.

— ... depois tiraram e passaram a administrar codeína. Aquilo era uma porcaria, então comecei a tomar xarope para tosse junto com os comprimidos. Hidrato de terpina. Já ouviu falar?

— Está brincando? No circuito ele é chamado de G.I. Gin, porque era o xarope que os soldados misturavam com bebida durante a guerra.

— Minha perna melhorou, mas não ficou completamente curada. Na época, eu tocava em uma banda chamada Andersonville Rockers, ou talvez já tivessem mudado o nome para Georgia Giants. Enfim: um dos caras me apresentou ao Tussionex. A dor melhorou muito... Você quer mesmo ouvir essa história?

— Com certeza.

Dei de ombros, como se para mim não tivesse muita importância contar ou não, mas, na verdade, foi um alívio poder botar tudo aquilo para fora. Antes daquele dia no Bounder de Jacobs, eu nunca tinha tocado no assunto. Nas bandas em que tocava, todo mundo virava a cara ou fazia vista grossa. Isso enquanto você continuar aparecendo e conseguir se lembrar dos acordes de "In the Midnight Hour" — que, acredite, estão longe de ser complicados.

— É outro xarope, mais forte que o hidrato de terpina, mas só para quem sabe como fazer dar barato. Para isso, você precisa amarrar o pescoço da garrafa e girar como se não houvesse amanhã. A força centrífuga separa o xarope em três níveis. O que dá barato, que é a hidrocodona, fica no meio. É só usar um canudo para chupar tudo.

— Fascinante.

"Não muito", pensei.

— Depois de um tempo, como eu ainda sentia dor, comecei a tomar morfina de novo. Então descobri que a heroína funcionava da mesma maneira pela metade do preço. — Sorri. — Digamos que existe uma bolsa de valores de drogas. Quando todo mundo começou a fumar crack, o preço da heroína despencou.

— A sua perna parece ótima — disse ele, com voz acolhedora. — A cicatriz é bem feia, e é óbvio que você perdeu massa muscular, mas não tanto. O médico fez um bom trabalho.

— Eu consigo andar, com certeza. Mas tente ficar apoiado em uma perna cheia de pinos e parafusos de metal três horas seguidas por noite, debaixo de luzes quentes e segurando uma guitarra de quatro quilos. Pode me passar sermão, pois você me estendeu a mão quando eu estava na pior, e por isso eu lhe devo uma, só não venha me falar de dor. Ninguém sabe o que você está sentindo a menos que já tenha passado pela mesma coisa.

Ele assentiu.

— Como alguém que já sofreu... perdas... eu entendo perfeitamente. Mas aposto que tem uma coisa que você já sabe, bem lá no fundo. É seu *cérebro* que está doendo e colocando a culpa na perna. O cérebro pode ser bem ardiloso.

Ele colocou a garrafinha de volta no bolso (e eu a vi desaparecer com profunda tristeza) e se inclinou para a frente, com os olhos fixos nos meus.

— Mas eu acho que consigo cuidar de você com um tratamento elétrico. Não há garantias, e o tratamento pode não curar o vício mental para sempre, mas acho que pode ajudar a controlar o jogo, como dizem os jogadores de futebol.

— Você quer me curar como curou o Connie, imagino. Quando aquele garoto acertou o bastão de esqui no pescoço dele.

Ele pareceu surpreso, depois riu.

— Você se lembra disso?

— Claro! Como eu ia esquecer?

Eu também lembrava que Con não quisera ir comigo visitar Jacobs depois do Sermão Terrível. Não era exatamente como Pedro negando Jesus, mas estava na mesma categoria.

— Uma cura dúbia, na melhor das hipóteses, Jamie. Há grandes chances de ter sido um efeito placebo. O que estou oferecendo é uma cura *de verdade*, uma que vai dar um curto-circuito nesse doloroso processo de abstinência. Pelo menos é nisso que eu acredito.

— Mas é claro que você *diria* isso, não é mesmo?

— Você está me julgando pelo personagem que uso no circuito de feiras, mas não passa disso, Jamie. Um personagem. Quando não estou com a roupa do show, tentando ganhar dinheiro, procuro dizer a verdade. Aliás, eu praticamente só digo a verdade quando estou trabalhando. Aquela foto *vai* impressionar os amigos da srta. Cathy Morse.

— Vai — concordei. — Quer dizer, por dois anos, mais ou menos.

— Pare de fugir do assunto e responda à minha pergunta. Você quer ficar melhor?

O que me veio à mente foi o P.S. do bilhete que Kelly van Dorn passou por debaixo da porta. Em um ano eu estaria na prisão, se não ficasse limpo. Isso se tivesse sorte.

— Fiquei limpo três anos atrás. — De certa forma, era verdade, embora eu *ainda* estivesse no Programa de Manutenção com Maconha, sabe? Aquele que a gente passa a fumar maconha para se livrar do vício em outras drogas. — Fiz tudo certinho, passei por tremedeiras, suores e borrões nas calças. Minha perna estava tão ruim que eu mal conseguia andar. Tive algum dano nos nervos.

— Acho que consigo cuidar disso também.

— Quem é você, então, algum tipo de milagreiro? Acha mesmo que vou acreditar nisso?

Jacobs estava sentado no tapete ao lado da cama, e foi então que se levantou.

— Já basta por agora. Você precisa dormir. Ainda falta muito para ficar bem.

— Então me dê alguma coisa que ajude.

Ele deu sem argumentar, e aquilo me ajudou. Só não foi o suficiente. Em 1992, a ajuda de verdade vinha pela agulha. E só por ela. Não dava para agitar uma varinha mágica diante daquela merda e fazer parar.

Ou, pelo menos, era o que eu achava.

Fiquei no Bounder de Jacobs quase a semana inteira, vivendo de sopa, sanduíches e doses de heroína administradas por via nasal que só foram suficientes para evitar as piores tremedeiras. Ele apareceu com a guitarra e a mochila. Eu tinha mais um kit na mochila, mas, quando fui olhar (era a segunda noite, e Jacobs estava entretendo as multidões no palco dos Retratos com Raios), as coisas não estavam mais lá. Implorei para que ele me devolvesse, junto com alguma heroína, para que eu cozinhasse e desse um pico.

— Nem pensar — disse ele. — Se você quiser injetar na veia...

— Eu só furo a pele!

Ele me lançou aquele olhar de "faça-me o favor".

— Se é isso que você quer, vai ter que encontrar o equipamento por si próprio. Você não tem condições de fazer isso hoje, mas amanhã vai estar melhor e, perto daqui, tenho certeza de que não vai demorar a encontrar. Só não volte mais.

— Quando é que eu recebo essa cura milagrosa?

— Quando estiver bem o suficiente para suportar uma pequena aplicação de eletricidade no lobo frontal.

Gelei quando ouvi isso. Botei as pernas para fora da cama dele (Jacobs estava dormindo no sofá-cama) e o vi tirando as roupas do show, pendurando-as com todo o cuidado e trocando-as por um pijama branco que parecia o de um figurante de filme de terror rodado em um hospício. Algumas vezes me perguntei se ele não deveria mesmo ser internado em um hospício, e não era por causa do show de magia apresentado no circuito de feiras. De vez em quando — principalmente ao falar dos poderes curativos da eletricidade —, ele tinha algo no olhar que não parecia normal. Nada muito diferente da expressão do então reverendo durante o sermão em que disse adeus ao emprego em Harlow.

— Charlie... — Foi assim que passei a chamá-lo. — Você está falando de tratamento com eletrochoque?

Ele me olhou com sobriedade enquanto abotoava a camisa do pijama de paciente de hospício.

— Sim e não. Não no sentido convencional, porque não pretendo tratá-lo com eletricidade convencional. Meu discurso parece inacreditável porque é isso que os clientes querem. Eles não vêm aqui em busca de realidade, Jamie, mas de fantasia. O fato é que existe mesmo uma eletricidade secreta, e ela tem muitos usos. Ainda não descobri todos, incluindo o que mais me interessa.

— Quer me contar qual é?

— Não. Eu fiz muitas apresentações cansativas. Preciso dormir. Espero que você ainda esteja por aqui de manhã. Se não estiver, a escolha é sua.

— Houve um tempo em que você diria que não existem escolhas verdadeiras, só os desígnios de Deus.

— Aquele era outro homem. Um jovem com crenças ingênuas. Vai me dar boa-noite?

Dei boa-noite, depois me deitei na cama que Jacobs cedeu. Ele não era mais ministro, mas, de várias maneiras, continuava personificando o bom samaritano. Eu não estava nu como o homem pilhado por ladrões a caminho de Jericó, mas não restava dúvidas de que a heroína tinha me roubado muita coisa. Charlie me dera comida, teto e droga suficiente para evitar que eu perdesse o controle. A pergunta era se eu estava

disposto a dar a ele uma chance para explodir minhas ondas cerebrais ou até me matar, descarregando megavolts de "eletricidade especial" na minha cabeça.

Por umas cinco vezes, talvez dez ou doze, pensei em levantar e me enveredar pela feira até encontrar alguém vendendo o que eu precisava. Aquela necessidade era como uma broca na minha cabeça, escavando cada vez mais fundo. Doses nasais de H não bastavam. Eu precisava de uma dose decente direto no sistema nervoso central. Certa vez, cheguei a colocar as pernas para fora da cama e pegar a camisa, determinado a sair e dar um fim no sofrimento, mas acabei me deitando de novo, tremendo, suando e me contorcendo todo.

Por fim, comecei a pegar no sono e me deixei levar, pensando: "Amanhã. Amanhã eu vou embora". Acabei ficando, entretanto. E, no quinto dia — acho que era o quinto —, Jacobs sentou ao volante do Bounder, ligou o motor e disse:

— Vamos dar uma volta.

Eu não tinha escolha, a menos que quisesse abrir a porta e pular do *motorhome*, porque já estávamos em movimento.

VI

Tratamento elétrico.
Excursão noturna. Um homem enfurecido.
Uma passagem para o *Mountain Express*.

A oficina elétrica de Jacobs ficava em West Tulsa. Não sei como essa região da cidade está hoje em dia, mas em 1992 era uma área industrial desolada com várias fábricas mortas ou moribundas. Ele entrou no estacionamento de um shopping praticamente falido na avenida Olympia e estacionou diante da Oficina de Lanternagem Wilson.

— O corretor me contou que estava vazia há muito tempo — disse Jacobs. Ele usava uma calça jeans desbotada e uma camisa polo azul. O cabelo estava lavado e penteado e os olhos faiscavam de empolgação. Fiquei nervoso só de olhar para ele. — Tive que alugar por um ano, mas ainda assim foi ridiculamente barato. Entre.

— Você precisa tirar essa placa e colocar a sua — falei. Com as mãos tremendo só um pouquinho, fiz o gesto de emoldurar. — Retratos com Raios, C. D. Jacobs, Proprietário. Ia ficar legal.

— Não vou ficar tanto tempo em Tulsa, e os retratos são só um jeito de ganhar dinheiro enquanto realizo meus experimentos. Trilhei um longo caminho desde meus dias de ministro, mas ainda há muito a percorrer. Você nem faz ideia. Entre, Jamie. Entre.

Ele destrancou uma porta e me fez entrar em um escritório sem móveis, embora desse para ver quadrados limpos no piso maltratado de linóleo, onde antes ficavam as pernas de uma mesa. Na parede fora pendurado um calendário de *curling*, aberto na folha de abril de 1989.

A oficina tinha um teto de metal corrugado, e pensei que estaria um forno sob o sol de setembro, mas a temperatura estava maravilhosamente fresca. Dava para ouvir o

barulho dos aparelhos de ar-condicionado. Quando ele ligou uma série de interruptores — modificados recentemente, a julgar pela maneira improvisada como os fios saíam dos buracos descobertos onde antes estavam as chapas —, uma dúzia de luzes brilhantes se acendeu. Não fossem o concreto escurecido pelo óleo e os poços retangulares onde antes havia elevadores de carros, daria para pensar que aquilo era um teatro em pleno funcionamento.

— Deve custar uma fortuna refrigerar este lugar — comentei. — Principalmente com todas essas luzes acesas.

— É muito barato. Fui eu que projetei os aparelhos de ares-condicionados. Eles gastam bem pouca energia, e a maior parte quem gera sou eu. Eu poderia gerar tudo, mas não quero a companhia de Força e Luz de Tulsa xeretando aqui para descobrir se fiz algum gato. Quanto às luzes... dá para pegar uma das lâmpadas com a mão sem se queimar. Aliás, elas nem esquentariam a pele.

Nossos passos ecoavam naquele espaço vazio. Nossa voz também. Era como estar na companhia de fantasmas. "Só estou assim por causa da abstinência", pensei.

— Ei, Charlie, você não está lidando com material radioativo, está?

Ele fez cara de nojo e balançou a cabeça.

— Energia nuclear é a última coisa que me interessa. É coisa para idiotas. Um beco sem saída.

— Então como é que você alimenta esse negócio?

— Eletricidade gera eletricidade, se você sabe o que está fazendo. E vamos parar por aí. Venha cá, Jamie.

Havia três ou quatro mesas compridas com materiais elétricos em um dos lados da sala. Reconheci um osciloscópio, um espectrômetro e um par de coisas que pareciam amplificadores Marshall, mas também poderiam ser algum tipo de bateria. Havia um painel de controle que parecia quase todo destruído e uma pilha de consoles com mostradores apagados. Cabos elétricos grossos serpenteavam para todos os lados. Alguns se enfiavam em caixas fechadas de metal que poderiam ser gabinetes da Craftsman, outros sumiam por trás do equipamento preto.

"Isso tudo pode ser uma fantasia", pensei. "Equipamentos que só funcionam na imaginação dele." Mas os Retratos com Raios não eram truque. Eu não tinha ideia de como eram feitos, a explicação fora vaga, mas ele *realmente* produzia as imagens. E, apesar de estar logo abaixo de uma daquelas coisas brilhantes, parecia que elas não emitiam calor.

— Parece que não tem muita coisa aqui — comentei, cético. — Eu esperava mais.

— Luzes piscantes! Interruptores cromados saindo de painéis de controle de ficção científica. Teletelas saídas de *Jornada nas Estrelas*. Talvez uma câmara de teletransporte ou um holograma da Arca de Noé em uma câmara de nuvens! — Ele riu, divertido.

— Nada disso — respondi, embora ele tivesse acertado em cheio. — É que parece meio... esparso.

— E é. Foi onde deu para chegar, até agora. Vendi uma parte dos meus equipamentos. Outras coisas, mais controversas, desmontei e deixei armazenadas. Fiz um bom trabalho em Tulsa, ainda mais levando em conta o pouco tempo livre. Manter o corpo e a alma em harmonia é um negócio chato, como você já deve saber.

Eu com certeza sabia.

— Mas fiz, sim, progressos em direção ao objetivo final. Agora preciso pensar, e acho que não consigo fazer isso depois de meia dúzia de apresentações por noite.

— E o seu objetivo final? Qual é?

Ele ignorou a pergunta de novo.

— Venha até aqui, Jamie. Quer alguma coisa antes de começarmos?

Eu não tinha certeza de que *queria* começar, mas com certeza queria alguma coisa. Não pela primeira vez, pensei em pegar a garrafinha marrom e sair correndo. O problema é que ele provavelmente me alcançaria e a pegaria de volta. Eu era mais jovem e estava quase curado da gripe, mas ele estava em melhor forma física. Para começo de conversa, Jacobs não tinha despedaçado o quadril e a perna em um acidente de moto.

Ele pegou uma cadeira de madeira manchada de tinta e a pôs diante de uma das caixas pretas que pareciam um amplificador Marshall.

— Sente-se aqui.

Só que não me sentei, pelo menos, não de cara. Havia uma foto em uma das mesas, do tipo que usa um pequeno apoio no verso para ficar em pé. Ele me viu estender a mão para pegá-la e chegou a se mexer para me conter. Depois parou e ficou onde estava.

Uma música no rádio consegue trazer o passado com instantaneidade feroz (apesar de caridosamente transitória): o primeiro beijo, algum momento alegre com os amigos ou uma passagem infeliz da vida. Eu não consigo ouvir “Go Your Own Way”, do Fleetwood Mac, sem pensar nas últimas e dolorosas semanas de vida de mamãe. Parecia que, naquela primavera, a música estava tocando toda vez que eu ligava o rádio. Uma foto pode ter o mesmo efeito. Olhei para a imagem e, de repente, tinha oito anos de novo. Minha irmã estava enfileirando o dominó com Morrie no Canto dos Brinquedos enquanto Patsy Jacobs tocava “Bringing in the Sheaves”, uma música gospel, ao piano, balançando no banco com o cabelo louro indo de um lado para outro.

Era uma foto de estúdio. Patsy estava usando um vestido solto com gola até o queixo, do tipo que saíra de moda anos antes, mas lhe caía bem. O menino estava em seu colo, de calça curta e colete. E lá estava o tufo de cabelo em pé, de que me lembro tão bem, na parte de trás da cabeça.

— A gente chamava seu filho de Chaveirinho — comentei, passando os dedos levemente sobre o vidro.

— É mesmo?

Não ergui a cabeça. A voz trêmula de Jacobs me fez temer o que poderia ver nos olhos dele.

— É, e todos nós, garotos, éramos apaixonados pela sua mulher. Claire também. Eu acho que a sra. Jacobs era tudo o que ela queria ser.

Ao pensar na minha irmã, meus olhos se encheram de lágrimas. Se dissesse que era porque estava fraco e sofrendo demais com a abstinência, estaria falando a verdade, mas não toda.

Passei as costas da mão pelo rosto e coloquei a foto no lugar. Quando olhei para Jacobs, ele estava ajustando um regulador de tensão que não parecia precisar de ajuste.

— Você nunca se casou de novo?

— Não. Nem cheguei perto. Patsy e Morrie eram tudo o que eu queria e de que precisava. Não se passa um dia em que não pense neles, nem um mês sem que eu sonhe

que estão bem. Eu penso comigo mesmo que o acidente é que foi um sonho. Depois, acordo. Mas, me diga uma coisa, Jamie: sua mãe e sua irmã, você não se pergunta onde elas estão? *Se* estão em algum lugar?

— Não. — Qualquer traço de crença que tivesse sobrevivido ao Sermão Terrível se perdera no colégio e na faculdade.

— Ah, entendo. — Ele largou o regulador e ligou a coisa que parecia um amplificador Marshall, do tipo que as bandas em que toquei raramente teriam condições de comprar. O bicho zumbia, mas não como um Marshall. O som era mais baixo e quase musical. — Bom, podemos começar?

Olhei para a cadeira, mas não me sentei.

— Você ia me deixar dar uma cheirada antes.

— É verdade. — Ele pegou a garrafinha marrom, analisou, depois me deu. — Como podemos esperar que esta será a sua última vez, por que não faz as honras?

Nem foi preciso repetir. Cheirei duas vezes com vontade, uma cafungada para cada narina, e teria feito de novo se Jacobs não tivesse tirado a garrafinha de mim. Ainda assim, a janela para uma praia tropical se abriu na minha cabeça. Uma brisa suave soprou, e de repente eu já não me importava com o que poderia acontecer às minhas ondas cerebrais. Sentei na cadeira.

Ele abriu um dos vários armários embutidos e trouxe um fone de ouvido maltratado, coberto com fita e com a espuma dos fones envolvida em tramas de metal, depois o plugou ao dispositivo que parecia um amplificador e o estendeu para mim.

— Se eu ouvir "In-A-Gadda-Da-Vida", vou sair correndo daqui — falei.

Ele sorriu e não disse uma palavra.

Coloquei o fone. A trama era fria contra meus ouvidos.

— Você já tentou isso em alguém? Vai doer?

— Não vai doer — respondeu Jacobs, ignorando a primeira pergunta. Como que para contradizer aquilo, ele me deu um protetor de boca do tipo que jogadores de basquete usam e sorriu diante da minha expressão.

— É só precaução. Coloque na boca.

Coloquei.

Ele tirou do bolso uma caixinha branca de plástico do tamanho de uma campainha.

— Acho que você vai... — Mas, logo depois, ele apertou um botão da caixinha, e eu perdi o resto.

Não tive um blecaute, não senti o tempo passar nem tive qualquer sensação de descontinuidade. Só um *clique* muito alto, como se ele tivesse estalado os dedos ao lado dos meus ouvidos, apesar de estar a pelo menos um metro e meio de mim. No entanto, de repente, Jacobs estava inclinado sobre mim, e não ao lado da coisa que parecia um

amplificador Marshall. A caixinha de controle branca não estava à vista, e meu cérebro estava com problemas. Tinha travado.

— Alguma coisa — falei. — Alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Aconteceu. Aconteceu. Alguma coisa aconteceu. Alguma coisa aconteceu, aconteceu, alguma coisa aconteceu. Aconteceu. Alguma coisa.

— Pare com isso. Você está bem — retrucou Jacobs, mas não parecia tão certo. A voz dele traía medo.

Eu não estava mais com o fone de ouvido. Tentei me levantar e, em vez disso, levantei a mão, como um colegial que sabe a resposta certa e está louco para ser escolhido pelo professor.

— Alguma coisa. Alguma coisa. Alguma coisa. Aconteceu. Aconteceu, aconteceu. Alguma coisa aconteceu.

Ele me estapeou, e com força. Tombei para trás, e teria caído se a cadeira não estivesse quase encostada na parte de metal da mesa de trabalho.

Baixei a mão, parei de repetir e só olhei para ele.

— Qual é o seu nome?

"Vou dizer alguma coisa aconteceu", pensei. "Nome: Alguma Coisa. Sobrenome: Aconteceu."

Mas não disse.

— Jamie Morton.

— Nome do meio.

— Edward.

— Meu nome.

— Charles Jacobs. Charles *Daniel* Jacobs.

Ele me entregou a garrafinha de heroína. Eu olhei, depois devolvi.

— Estou bem agora. Você acabou de me dar um pouco.

— Dei? — Ele me mostrou o relógio de pulso. Tínhamos chegado no meio da manhã. Já eram 14h15.

— Isso é impossível.

Ele pareceu interessado.

— Por quê?

— Porque nenhum tempo se passou. Só que... acho que passou. Não foi?

— Passou. Conversamos muito.

— Sobre o quê?

— Seu pai. Seus irmãos. A morte da sua mãe. E de Claire.

— O que eu falei sobre Claire?

— Que ela se casou com um homem que batia nela e não disse nada durante três anos porque sentia vergonha. Depois finalmente se abriu com seu irmão Andy e...

— O nome dele é Paul Overton. Ele era professor de inglês em uma escola chique de ensino fundamental, em New Hampshire. Andy foi até lá e esperou Overton no estacionamento. Quando ele apareceu, Andy bateu nele sem dó, até cansar. Todos amávamos Claire. Todo mundo, acho que até o Paul Overton, de certa forma. Mas ela e Andy eram os mais velhos e eram muito ligados. Foi isso que eu contei?

— Quase palavra por palavra. Andy disse: "Se encostar nela de novo, eu mato você".

— E o que mais eu disse?

— Que Claire saiu de casa, conseguiu uma ordem judicial que o obrigava a manter distância e pediu o divórcio. Ela se mudou para North Conway e conseguiu outro emprego como professora. Seis meses depois do divórcio, Overton foi até lá e matou Claire a tiros enquanto ela corrigia provas. Depois se matou.

Sim. Claire estava morta. O funeral dela fora a última vez em que os remanescentes da minha família grande, briguenta e geralmente feliz estiveram juntos. Um dia ensolarado de outubro. Quando terminou, fui para a Flórida só porque nunca tinha estado lá. Um mês depois, estava tocando com o Patsy Cline's Lipstick em Jacksonville. O combustível estava caro, e o clima era ameno na maior parte do tempo, por isso troquei o carro por uma Kawasaki. O que se mostrou uma péssima ideia.

No canto da sala havia uma pequena geladeira. Ele a abriu e me deu uma garrafa de suco de maçã. Bebi tudo em cinco goladas.

— Veja se consegue ficar de pé.

Levantei da cadeira e perdi o equilíbrio. Jacobs me pegou pelo cotovelo e me amparou.

— Até agora, tudo bem. Agora vá até o outro lado da sala e volte.

Andei, primeiro cambaleando como um bêbado. Ao voltar, porém, já estava bem. Sólido como uma rocha.

— Ótimo — continuou ele. — Você nem mancou. Mas vamos voltar para o parque de exposições. Você precisa descansar.

— Alguma coisa *realmente* aconteceu. O quê?

— Uma pequena reestruturação das suas ondas cerebrais, acredito.

— Você acredita?

— Acredito.

— Mas não tem *certeza absoluta*?

Ele pensou durante o que pareceu um longo tempo, mas pode muito bem ter sido apenas alguns segundos. Demorou uma semana para que eu voltasse a ter algo parecido com noção de tempo. Por fim, disse:

— Descobri livros importantes, muito difíceis de se conseguir, e agora tenho um longo caminho pela frente, nos estudos. Às vezes, isso significa assumir pequenos riscos. Apenas os aceitáveis. Você está bem, não está?

Pensei que era muito cedo para dizer, mas fiquei calado. Afinal, já estava feito.

— Vamos lá, Jamie. Eu tenho uma longa noite de trabalho pela frente e preciso descansar.

Quando chegamos ao Bounder, tentei abrir a porta e, de novo, acabei levantando a mão. O cotovelo travou, era como se as juntas tivessem virado aço. Durante um momento de terror, pensei que a mão nunca mais desceria e eu passaria o resto da vida com o braço levantado naquele gesto de "professora, professora, me chama". Depois destravou, baixei o braço, abri a porta e entrei.

— Vai passar — disse ele.

— Como você sabe, se não tem certeza absoluta do que fez?

— Porque já vi acontecer antes.

Quando estacionou no lugar de sempre, no parque de exposições, Jacobs me mostrou a garrafinha de heroína outra vez.

— Pode ficar, se quiser.

Eu não queria. A sensação era como a de um homem olhando para uma banana split logo depois de mandar para dentro um jantar de Ação de Graças de nove pratos. Você sabe que a bomba de açúcar é gostosa e sabe que, em outras circunstâncias, cairia dentro com vontade, mas não depois de se fartar de comer. Depois de se fartar de comer, banana split não é um objeto de desejo, é apenas um objeto.

— Mais tarde, talvez — respondi, mas o "mais tarde" não chegou até hoje.

Agora, na condição de quase idoso com um pouco de artrite que escreve sobre o passado, sei que nunca mais virá. Jacobs me curou, mas foi uma cura perigosa, e ele sabia disso. Quando alguém fala de riscos aceitáveis, a pergunta que cabe é: "Aceitáveis para quem?". Charlie Jacobs era um bom samaritano. Mas também era um cientista meio louco, e, naquele dia, na oficina abandonada, eu fui uma cobaia. Ele poderia ter me matado, e às vezes — muitas vezes, na verdade —, eu gostaria que isso tivesse acontecido.

Dormi o restante da tarde. Quando acordei, eu me sentia como uma versão antiga de Jamie Morton, lúcido e cheio de energia. Virei as pernas para a lateral da cama e o vi colocar as roupas de show.

— Charlie, me diz uma coisa.

— Se for sobre nossa pequena aventura em West Tulsa, prefiro não discutir o assunto. Por que a gente não espera e vê se você continua assim ou se a abstinência volta? Porcaria de gravata, nunca dou o nó direito, e o Briscoe é um inútil total.

Briscoe era o assistente, o rapaz que fazia as vezes de ator e distraía a multidão quando necessário.

— Não se mexa. Você está bagunçando tudo. Deixe comigo.

Fiquei atrás de Jacobs, passei os braços sobre seus ombros e amarrei a gravata. Sem a tremedeira nas mãos, foi fácil. Como acontecera com as pernas depois que o efeito da descarga no cérebro passou, minhas mãos estavam sólidas como uma rocha.

— Onde você aprendeu isso?

— Depois do acidente, quando eu consegui ficar de pé e tocar por umas horas sem cair, trabalhei com uma banda chamada The Undertakers. — Banda era maneira de dizer. Nenhum grupo em que eu era o melhor instrumentista merecia ser chamado de banda. — Nós usávamos casaca, cartola e gravata estilo texano. O baterista e o baixista brigaram por causa de uma mulher, o grupo acabou, e eu ganhei uma habilidade.

— Bem... obrigado. O que você queria me perguntar?

— É sobre o show dos Retratos com Raios. Você só faz fotos de mulheres. Não acha que está perdendo cinquenta por cento das oportunidades de negócio?

Ele deu aquele sorriso infantil que sempre dava quando comandava as brincadeiras no porão da casa paroquial.

— Quando inventei minha câmera fotográfica, que na verdade é um gerador combinado a um projetor, como você deve saber, até que eu *tentei* fotografar homens e mulheres. Eu trabalhava em um parque de diversões à beira-mar, na Carolina do Norte, chamado Joyland. Não existe mais hoje, mas era um lugar adorável, Jamie. Gostava muito de lá. No tempo em que trabalhei no parque, a área com as barracas de jogos, chamada Joyland Avenue, tinha uma Galeria de Vilões ao lado da casa dos espelhos, a Mysterio's Mirror Mansion. A galeria tinha figuras de papelão em tamanho natural com um buraco no lugar do rosto. Havia um pirata, um gângster com uma automática, uma mulher mal-encarada com uma metralhadora, o Coringa e a Mulher-Gato dos quadrinhos do Batman. As pessoas colocavam o rosto no vão das imagens e as fotógrafas itinerantes do parque, chamadas de Garotas de Hollywood, fotografavam.

— Foi assim que você teve a ideia?

— Foi. Na época eu me apresentava como sr. Elétrico, em homenagem ao Ray Bradbury, mas duvido que algum dos caipiras conhecesse a referência. Apesar de, na época, já ter inventado uma versão crua do projetor atual, nunca tinha me passado pela cabeça usá-lo no show. Eu geralmente usava a bobina de Tesla e um gerador de faíscas chamado Escada de Jacó. Cheguei a mostrar uma pequena Escada de Jacó para vocês, quando era ministro. Usei produtos químicos para fazer as faíscas mudarem de cor. Lembra, Jamie?

Eu lembrava.

— A Galeria de Vilões me fez perceber as possibilidades que meu projetor criava, e por isso inventei os Retratos com Raios. Mais um truque, diria você... mas isso me ajudou a avançar nos estudos, e ainda ajuda. Durante meu período em Joyland, usei um painel que mostrava um homem de smoking, além da moça bonita em vestido de noite. Alguns homens até participavam, mas, para minha surpresa, foram poucos. Acho que os amigos faziam troça quando os viam tão bem-vestidos. As mulheres nunca riem, porque *adoram* usar vestido de noite. E com todas as joias caras a que tiverem direito, se possível. Por isso, depois de ver a demonstração, elas fazem fila.

— Há quanto tempo você está na estrada?

Ele fez o cálculo, semicerrando um dos olhos. Depois os arregalou, em uma expressão de surpresa.

— Quase quinze anos.

Sacudi a cabeça, sorrindo.

— Você foi de pregador a vendedor ambulante.

Assim que terminei a frase, me dei conta de que era algo cruel, mas ver meu antigo ministro ganhando dinheiro em feiras ainda me dava um nó na cabeça. Ele não se ofendeu, no entanto. Apenas admirou o nó de gravata perfeito uma última vez e deu uma piscadela para mim.

— Não faz diferença. Em ambos os casos, é só questão de convencer os caipiras. Agora me dê licença que vou ali vender alguns raios.

Ele deixou a heroína na mesa que ficava no meio do Bounder. Olhei para ela de tempos em tempos, até cheguei a pegá-la uma vez, mas não tinha mais qualquer compulsão para usar. Para dizer a verdade, eu nem entendia por que tinha jogado fora parte da minha vida com aquilo. Toda a compulsão desenfreada parecia um sonho. Fiquei me perguntando se alguém mais se sentia assim quando a compulsão passava. Eu não fazia ideia.

Ainda não faço.

Briscoe se mandou em busca de outras oportunidades, como os ambulantes do circuito de feiras costumam fazer, e, quando perguntei a Jacobs se poderia ficar com o emprego, ele concordou na hora. Não era nada difícil, mas lhe poupou a tarefa de encontrar um caipira para levar e trazer a câmera, entregar a cartola e fingir ser eletrocutado. Ele até sugeriu que eu tocasse alguns acordes na Gibson durante as demonstrações:

— Algo cheio de suspense, que deixe os matutos com medo de que a garota seja mesmo eletrocutada.

Era fácil demais. Alternar entre lá menor e mi (os acordes-base de "House of the Rising Sun" e "The Springhill Mining Disaster", caso queira saber) sempre sugere um desastre iminente. Eu gostei, apesar de achar que um rufo lento de tambores teria tornado a coisa melhor.

— Não se apegue muito ao trabalho — aconselhou Charlie Jacobs. — Eu vou cair na estrada de novo. Quando a feira fecha, a frequência do Bell's praticamente desaparece.

— E vai para onde?

— Ainda não sei, mas já me acostumei a viajar sozinho. — Ele me deu um tapinha no ombro. — Não quero pegar você de surpresa.

Eu já esperava por isso. Depois das mortes da mulher e do filho, Charlie Jacobs era um artista estritamente solo.

As visitas à oficina se tornaram cada vez mais curtas. Ele começou a pegar alguns equipamentos e armazenar no pequeno trailer ancorado atrás do Bounder, para quando retomasse as andanças. Os amplificadores que não eram amplificadores não foram guardados, nem duas das quatro caixas de metal compridas. Concluí que ele queria recomeçar do zero, aonde quer que fosse. Era como se tivesse chegado ao fim de uma estrada e quisesse experimentar outra.

Sem as drogas (e sem a perna manca também), eu não tinha ideia do que fazer com a vida, mas viajar com o Rei da Alta Voltagem não estava nos planos. Eu era grato a Jacobs, mas, sem me lembrar dos horrores do vício em heroína (não mais, imagino, do que uma mãe se lembra das dores do parto), o sentimento já não era tão grande quanto se poderia esperar. Além disso, ele me dava medo. Ele e a tal eletricidade secreta. Jacobs falava dela em termos extravagantes — "segredo do universo", "caminho para o conhecimento absoluto" —, mas não a entendia de fato, não mais do que uma criancinha entende a arma que encontrou no closet do pai.

E, por falar em closets... Eu bisbilhotei, ok? E o que descobri foi um álbum cheio de fotografias de Patsy, Morrie e dos três juntos. As páginas tinham sido muito manipuladas e a encadernação estava frouxa. Não era preciso ser nenhum detetive para saber que ele olhava muito para aquelas imagens, mas nunca o vi fazendo isso. O álbum era um segredo.

Como a eletricidade.

Nas primeiras horas da manhã de 3 de outubro, pouco antes do fechamento da Feira Estadual de Tulsa, sofri outro efeito colateral da descarga elétrica cerebral. Jacobs me pagava pelos serviços (bem mais do que eles valiam), e eu tinha alugado um quarto, pago semanalmente, a cerca de quatro quarteirões do parque de exposições. Estava claro que ele queria ficar sozinho, não importava quanto gostasse de mim (se é que gostava), e achei que já havia passado da hora de devolver a cama.

Entrei no quarto à meia-noite, mais ou menos uma hora depois do último show da noite, e peguei no sono na hora, como quase sempre fazia. Com a droga fora do corpo, eu dormia bem. Naquela madrugada, porém, acordei duas horas depois, no quintal cheio de ervas daninhas da pensão. Uma casca gélida de lua pairava no céu. Debaixo dela estava Jamie Morton, praticamente nu, usando apenas um pé de meia e com uma tira de borracha amarrada no bíceps. Não faço ideia de onde a consegui, mas, acima dela, os vasos sanguíneos estavam saltados e perfeitos para um pico. Abaixo, meu antebraço estava branco, frio e dormente.

— Alguma coisa aconteceu — falei. Eu segurava um garfo (sabe Deus de onde viera) e o espetava sem parar na parte de cima do braço inchado. O sangue brotava de pelo menos meia dúzia de furos. — Alguma coisa. Aconteceu. Alguma coisa aconteceu. Ai, mãe, alguma coisa aconteceu. Alguma coisa, alguma coisa.

Eu me mandei parar, mas, de início, não consegui. Não estava exatamente fora de controle, mas fora do *meu* controle. Pensei no Jesus Elétrico rodando nos trilhos escondidos que cruzavam o lago Plácido. Eu me sentia como ele.

— Alguma coisa.

Espetada.

— Alguma coisa aconteceu.

Espetada-espetada.

— Alguma coisa...

Botei a língua para fora e mordi. O *clique* voltou, não nos ouvidos, mas enterrado nas profundezas da minha cabeça. A compulsão para falar e me espetar sumiu de repente. O garfo caiu da minha mão. Desfiz o torniquete improvisado, e meu antebraço começou a latejar à medida que o sangue voltava a correr nele.

Olhei para a Lua, tremendo e imaginando quem ou o que estivera me controlando. Porque eu *tinha* sido controlado. Quando voltei ao quarto (aliviado por ninguém ter me visto com o negócio balançando ao sabor da brisa), vi que tinha pisado em um vidro quebrado e estava com um corte feio no pé. Aquilo deveria ter me acordado, mas não acordara. Por quê? Porque eu não estava dormindo. Eu tinha certeza disso. Algo me tirara de mim, assumira o controle e dirigira meu corpo como se fosse um carro.

Lavei o pé e voltei para cama. Nunca contei a Jacobs sobre o acontecido — que bem isso faria? Ele teria sugerido que um corte profundo no pé sofrido em uma caminhada à meia-noite era um preço baixo a pagar pela cura milagrosa do vício em heroína, e com razão. Ainda assim:

Alguma coisa aconteceu.

Naquele ano, o último dia da feira estadual de Tulsa foi 10 de outubro. Cheguei ao Bounder por volta das cinco e meia da tarde, com tempo de sobra para afinar a guitarra e dar o nó na gravata de Jacobs — o que se tornara uma tradição. Nesse ínterim, alguém bateu à porta. Charlie foi atender de cara fechada. Ele tinha seis shows naquela noite, inclusive o último, à meia-noite, e não gostava de ser interrompido antes de começar.

— Se não for importante, gostaria que você voltasse de... — disse ele, abrindo a porta. Então um fazendeiro de macacão e boné da fábrica de tratores Case (um caipira de Oklahoma tão irritado quanto um caipira de Oklahoma pode ficar) lhe deu um soco na boca. Assustado, Jacobs recuou, tropeçou nos próprios pés e caiu, quase batendo a cabeça com força na mesinha da copa, o que o teria deixado inconsciente.

Nosso visitante entrou sem ser convidado, curvou-se e pegou Jacobs pelo colarinho. Eles tinham a mesma idade, mas o homem era muito maior e estava furioso. “Isso pode dar encrenca”, pensei. Claro que a encrenca já estava ali, mas eu estava pensando no tipo que termina em estada longa no hospital.

— Ela foi presa por sua causa! — gritou o caipira. — Seu desgraçado, agora ela vai ter ficha o resto da vida! Igual uma lata amarrada no rabo de um cachorro!

Eu nem pensei, só peguei uma panela vazia na pia e acertei a lateral da cabeça do homem com força. Não foi uma pancada dura demais, mas serviu para o caipira largar Jacobs e olhar para mim, estupefato. Lágrimas começaram a correr pelos sulcos de ambos os lados daquela cara consideravelmente grande.

Charlie se arrastou para longe, usando as mãos como apoio e os pés como impulso. Sangue jorrava do lábio inferior, que estava cortado em dois lugares.

— Por que você não bate em alguém do seu tamanho? — perguntei.

Estava longe de ser um discurso racional, eu sei, mas, quando nos metemos nesse tipo de confronto, o colegial volta na hora.

— Ela vai ter que ir no tribunal! — gritou o caipira, com aquele sotaque de banjo fora do tom. — E a culpa é desse idiota! Desse malandro que anda de lado que nem uma porqueira de *siri*!

Ele disse “porqueira de siri”. Disse mesmo.

Coloquei a panela no fogão e mostrei que estava de mãos vazias.

— Não sei do que o senhor está falando, e tenho certeza de que (eu quase disse Charles) o Dan também não sabe — falei com a minha voz mais tranquilizadora.

— Minha filha! Minha filha Cathy! Cathy Morse! Ele disse que a foto era de graça, porque tinha subido no palco, mas não era! A foto custou caro! A porqueira dessa

foto acabou com a vida dela, isso sim!

Passei um braço cauteloso pelos ombros dele. Pensei que o homem podia acabar comigo, mas, agora que a fúria inicial tinha passado, ele parecia apenas triste e perplexo.

— Vem comigo lá fora. Vamos encontrar um banco na sombra, e o senhor me conta tudo o que aconteceu.

— Quem é você?

Eu ia dizer "assistente do sr. Jacobs", mas ia parecer que eu era um zé-ninguém. Meus anos como músico me socorreram.

— Sou o agente dele.

— É? Você pode me dar uma compensação? Porque é isso que eu quero. A taxa dos advogados já quase me deixa quebrado. — Ele apontou o dedo para Jacobs. — E a culpa é sua! Toda sua, seu enrolador!

— Eu... eu não faço ideia... — Charlie passou a mão pelo queixo, enchendo-a de sangue. — Não faço ideia do que o senhor está falando, sr. Morse, isso eu posso garantir.

Eu só tinha levado Morse até a porta e não queria perder o terreno que tinha ganhado.

— Vamos discutir isso em um lugar com ar fresco.

O caipira deixou que eu o levasse para fora. Havia uma barraca de refrigerantes e sucos ao lado do estacionamento dos empregados, com mesas enferrujadas protegidas por guarda-sóis de lona furada. Comprei uma Coca grande e a entreguei ao homem, que derrubou um tanto de refrigerante na mesa e depois tomou metade do copo de papel em grandes goles. Então pressionou a palma da mão contra a testa.

— Eu sempre esqueço que não dá para tomar bebida gelada assim — disse ele. — Mete um prego na cabeça da gente, né?

— Verdade — concordei, pensando em mim, nu ao luar, espetando os dentes de um garfo contra o braço de veias saltadas. "Alguma coisa aconteceu." A mim e, ao que parecia, a Cathy Morse também.

— Pode me contar qual é o problema?

— A foto que ele deu pra minha filha, esse é o maldito problema. Ela fica andando pra cima e pra baixo com esse trem. As amigas começaram a rir dela, mas Cathy não está nem aí. Ela diz pra todo mundo: "É assim que eu sou". Tentei tirar essa porqueira da cabeça dela uma noite, e a mãe me mandou parar, porque uma hora ela ia largar mão disso. E parecia que tinha largado. Cathy deixou a foto no quarto uns dois ou três dias, acho. Foi para a escola de cabeleireiros sem ela. A gente achou que tinha acabado.

Não tinha. Em 7 de outubro, três dias antes, Cathy entrara na joalheria J. David em Broken Arrow, uma cidade a sudeste de Tulsa, carregando uma sacola. Os dois vendedores a reconheceram, porque ela aparecera por lá várias vezes depois de se tornar uma estrela graças à apresentação de Jacobs. Um deles perguntou se poderia ajudá-la. Cathy passou por ele sem dizer uma palavra, foi até a vitrine onde estavam as joias mais caras, tirou um martelo da sacola e o usou para quebrar o vidro. Ignorando o alarme e dois cortes graves o suficiente para precisar de pontos ("que vão deixar cicatrizes", lamentou o pai), Cathy enfiou a mão na vitrine e pegou um par de brincos de brilhante.

— Estes são meus — disse ela. — Combinam com meu vestido.

Morse mal tinha acabado a história quando dois jovens fortes com SEGURANÇA impresso nas camisetas pretas apareceram.

— Algum problema aqui? — perguntou um.

— Não — respondi. E não havia mesmo. Contar a história ajudara a acabar com a fúria do homem, o que era bom. E, de alguma forma, também acabara com sua energia, o que não era tão bom. — O sr. Morse já estava de saída.

O homem se levantou, segurando o que restava da Coca-Cola, com o sangue de Charlie Jacobs secando nos nós dos dedos. Ele olhou para a mão como se não soubesse de onde aquilo aparecera.

— Mandar a polícia prender ele não vai adiantar nada, né? — perguntou o sr. Morse. — Ele só tirou uma foto dela, é o que vão dizer. Maldição! E ainda foi de graça.

— Vamos, senhor — disse um dos seguranças. — Se o senhor quiser visitar a feira, posso carimbar sua mão.

— Não, senhor. Já basta de feira pra minha família. Estou indo pra casa. — Ele começou a se afastar, depois se virou. — Ele já fez isso antes, senhor? Ele já mexeu com a cabeça de outras pessoas como mexeu com a da minha Cathy?

"Alguma coisa aconteceu", pensei. "Alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa."

— Não — respondi. — De maneira alguma.

— Como se o senhor, sendo agente dele, fosse dizer que sim, mesmo que fosse verdade.

Depois o homem foi embora cabisbaixo, sem olhar para trás.

No Bounder, Jacobs trocou a camisa manchada de sangue e estava com um pano de prato cheio de gelo no lábio cada vez mais inchado. Ele me ouviu contar o que Morse dissera, depois pediu:

— Pode amarrar minha gravata de novo, por favor? Já estamos atrasados.

— Ei, ei, ei, ei. Você precisa curar essa moça, assim como me curou. Com o fone de ouvido.

Ele me lançou um olhar perigosamente próximo do desdém.

— Você acha que o Papai Querido vai me deixar chegar a menos de um quilômetro dela? Além do mais, o que tem de errado com ela... a compulsão... vai acabar diminuindo por conta própria. Ela vai ficar bem, e qualquer advogado que honre as calças que veste vai conseguir convencer o juiz de que a moça estava fora de si. Ela vai pegar uma pena leve, nada mais.

— Nada disso é novo para você, é?

Ele deu de ombros, ainda olhando na minha direção, mas sem me encarar.

— Houve uns efeitos colaterais de tempos em tempos, sim, mas nada tão espetacular quanto a tentativa de roubo da srta. Morse.

— Você é autodidata, não é? Na verdade, todos os clientes são cobaias, só não sabem. *Eu* fui uma cobaia.

— Você está melhor, não está?

— Estou.

Com exceção da maratona de espetadas na madrugada, é claro.

— Então, por favor, amarre minha gravata.

Quase não amarrei. Fiquei com raiva — não bastasse todo o acontecido, Jacobs ainda tinha se esgueirado pelos fundos e chamado os seguranças —, mas ainda estava em dívida com ele. Jacobs salvara minha vida, o que era bom. E agora eu levava uma vida *correta*, o que era ainda melhor.

Então, amarrei a gravata. Fizemos o show. Na verdade, fizemos seis. A multidão fez "aaaaahhhh" quando a queima de fogos de encerramento da feira se acabou, mas o barulho não chegava aos pés do que ouvíamos quando Dan, o Homem dos Retratos com Raios, fazia sua mágica. E, a cada garota que olhava com jeito sonhador para si própria no painel enquanto minha guitarra alternava entre lá menor e mi, eu me perguntava qual delas descobriria ter perdido um pouquinho da própria sanidade.

Um envelope colocado sob a minha porta. "Déjà-vu tudo de novo", diria Yogi Berra, o astro do beisebol. Só que desta vez eu não tinha mijado na cama, minha perna operada não doía, eu não tinha uma gripe forte nem estava andando de um lado para outro, inquieto, por causa da fissura em heroína. Eu me abaixei, peguei e abri.

Ele não era adepto de despedidas lacrimosas, isso eu admito. O envelope tinha outro envelope com passagens da companhia férrea Amtrak dentro, e havia uma folha de bloco de anotações, anexada com um clipe, com um nome e um endereço em Nederland, Colorado. Embaixo, Jacobs rabiscara três frases. "Este homem vai lhe dar trabalho, se você quiser. Ele me deve uma. Obrigado por amarrar minha gravata. CDJ."

Abri o envelope da Amtrak e encontrei uma passagem de trem só de ida de Tulsa a Denver no *Mountain Express*. Olhei para ela durante um bom tempo, pensando que talvez pudesse devolver e conseguir um reembolso em espécie ou usá-la para chegar ao ponto de encontro de músicos de Denver, na primeira parada. Meus dedos tinham ficado moles e minha técnica musical estava enferrujada. Eu também precisava levar em conta a questão das drogas. Na estrada, você as encontra em todo lugar. A mágica dos Retratos com Raios acabava em dois anos, mais ou menos, dissera Jacobs. Como eu poderia saber se não aconteceria o mesmo com a cura de vícios? Como *eu* poderia saber, se nem ele sabia?

Naquela tarde, fui de táxi até a oficina que Jacobs alugara em West Tulsa. Estava abandonada e completamente vazia. Não havia sequer um pedacinho de fio naquele chão manchado de graxa.

"Alguma coisa aconteceu comigo aqui", pensei. A questão era se eu colocaria de novo aquele fone de ouvido modificado, se tivesse a chance. Concluí que sim, e, embora não entendesse bem a razão, isso acabou me ajudando a me decidir sobre a passagem de trem. Resolvi fazer a viagem e, quando cheguei a Denver, peguei o ônibus até Nederland,

situada na parte alta da face oeste das Montanhas Rochosas. Ali, conheci Hugh Yates e comecei a vida pela terceira vez.

VII

Volta para casa. Rancho Wolfjaw.
Deus cura como o relâmpago.
Surdo em Detroit. Prismáticos.

Meu pai morreu em 2003, após enterrar a mulher e dois dos cinco filhos. Claire Morton Overton não completara trinta anos quando o ex-marido tirou sua vida. Minha mãe e meu irmão mais velho morreram aos cinquenta e um anos.

Pergunta: Onde estás, ó morte, o teu aguilhão?

Resposta: Em tudo que é lugar.

Voltei à nossa casa de Harlow para o funeral do meu pai. A maioria das ruas estava pavimentada, não só a nossa e a rota 9. Agora havia um conjunto habitacional no local onde íamos nadar e uma loja de conveniência Big Apple a cerca de um quilômetro da Igreja Batista Missionária Siló. Ainda assim, a cidade era a mesma. Nossa igreja ainda ficava no fim da rua, logo depois da casa de Myra Harrington (embora a própria Me-Maw já tivesse ido para o céu, escutar as conversas na grande linha compartilhada do outro lado da vida), e o balanço de pneu ainda estava pendurado na árvore do quintal. Acho que os filhos de Terry continuaram usando o balanço, embora agora já fossem velhos demais para esse tipo de coisa. A corda estava puída e escurecida pelo tempo.

"Talvez eu troque essa corda", pensei. Mas por quê? Para quem? Não para meus filhos, que nunca tive, e aquele lugar não era mais meu.

O único carro na entrada da garagem era um Ford 1951 maltratado. Parecia o Foguete da Estrada original, mas isso, obviamente, era impossível — Duane Robichaud destruíra o Foguete da Estrada I no circuito de Castle Rock na primeira volta da única corrida que o carro fez. Ainda assim, lá estava o adesivo das baterias Delco no porta-malas e o número 19 na lateral, pintado com tinta vermelho-sangue. Um corvo desceu e

se empoleirou na capota. Lembro que papai ensinara os filhos a fazer o sinal de proteção contra o olho do demônio, levantando o indicador e o mínimo diante de corvos ("Não tem nada de errado com eles, mas não custa se precaver", dizia ele), e então pensei: "Não estou gostando disso. Tem coisa errada aqui".

Dava para entender o fato de Con não ter chegado, pois o Havaí ficava muito mais distante que o Colorado, mas onde estava Terry? Ele e a mulher, Annabelle, ainda *moravam* ali. E os Bowie? Os Clukey? Os Paquette? Os DeWitt? E os funcionários da Óleo Combustível Morton? Meu pai vivera muito, mas com certeza não sobrevivera a todos os amigos na cidade.

Estacionei, saí do carro e vi que já não era o Ford Focus que eu tirara do estacionamento da Hertz em Portland. Era o Galaxie 1966 que meu pai e meu irmão me deram no aniversário de dezessete anos. No banco do passageiro estava o conjunto de romances de Kenneth Roberts em capa dura que mamãe me dera: *Oliver Wiswell*, *Arundel* e todos os outros.

"Isto é um sonho", pensei. "Um que já tive."

A percepção não me trouxe alívio, pelo contrário: só aumentou o terror.

Um corvo pousou no telhado da casa em que cresci. Outro se empoleirou no galho que segurava o balanço de pneu, aquele cuja casca fora removida, deixando-o exposto como um osso.

Eu não queria entrar na casa, porque sabia o que encontraria lá. Mesmo assim, meus pés me levavam para dentro. Subi os degraus, e, embora Terry tivesse me enviado uma foto da varanda reconstruída oito anos antes (talvez dez), a mesma tábua, a segunda de cima para baixo, emitiu o mesmo rangido mal-humorado ao ser pisada.

Eles me esperavam na sala de jantar. Não a família inteira, só os mortos. Minha mãe era pouco mais do que uma múmia, exatamente como no leito de morte, naquele fevereiro frio. Meu pai estava pálido e encarquilhado. Não muito diferente de como estava na foto do último cartão de Natal que Terry me enviara, logo antes do ataque cardíaco fatal. Andy estava corpulento — meu irmão magricela acumulara muita carne na meia-idade —, mas o rubor hipertenso dera lugar à palidez de cera da sepultura. Claire era a pior de todas. O insano do ex-marido não se satisfizera em apenas matá-la. Ela cometera a temeridade de abandoná-lo, e, por isso, só serviria a erradicação completa. Antes de meter uma bala no próprio cérebro, ele atirou no rosto da ex-mulher três vezes, as duas últimas quando ela jazia morta no chão da sala.

— Andy, o que aconteceu com você?

— Próstata. Eu devia ter ouvido os conselhos, irmãozinho.

Na mesa havia um bolo de aniversário bolorento. Enquanto eu assistia, a cobertura inchou, rachou, e uma formiga negra do tamanho de um moedor de pimenta saiu lá de dentro e subiu pelo braço de meu irmão morto, passou pelo ombro e chegou ao rosto. Minha mãe virou a cabeça. Eu ouvia os tendões secos estalando, um som que lembrava uma mola enferrujada segurando uma velha porta de cozinha.

— Feliz aniversário, Jamie — disse ela. A voz era áspera e inexpressiva.

— Feliz aniversário, filho. — Papai.

— Feliz aniversário, garoto. — Andy.

Então Claire se virou para me encarar, embora tivesse um único olho com o qual me ver.

"Não fale", pensei. "Se você falar, vou perder o juízo."

Mas ela falou, e as palavras vinham de um buraco coagulado cheio de dentes quebrados.

— Não a engravide no banco de trás do carro.

E minha mãe balançava a cabeça como um boneco de ventríloquo enquanto mais formigas enormes saíam do velho bolo.

Tentei cobrir os olhos, mas as mãos estavam pesadas demais. Estavam penduradas, inertes, ao lado do meu corpo. Atrás de mim, ouvi a tábua da varanda ranger, mal-humorada. Não uma, mas duas vezes. Dois recém-chegados, e eu sabia quem.

— Não. Chega. Por favor, eu não aguento mais.

Mas a mão de Patsy Jacobs pousou em meu ombro e as de Chaveirinho envolveram minha perna, logo acima do joelho.

— Alguma coisa aconteceu — disse Patsy, em meu ouvido.

Seu cabelo roçou minha bochecha, e eu sabia que pendia do couro cabeludo, arrancado da cabeça no acidente.

— Alguma coisa aconteceu — concordou Morrie, abraçando minha perna com mais força.

Então todos começaram a cantar. A música era "Parabéns pra você", mas a letra estava diferente.

"Aconteceu... COM VOCÊ! Aconteceu... COM VOCÊ! Aconteceu alguma coisa! Aconteceu... COM VOCÊ!"

Foi aí que comecei a gritar.

Tive esse sonho pela primeira vez no trem que me levou a Denver, embora, para sorte dos que estavam no vagão, meus gritos tenham emergido no mundo real como uma série de resmungos guturais vindos do fundo da garganta. Ao longo dos vinte anos seguintes, tive o mesmo sonho mais ou menos umas trinta vezes. E sempre acordo com o mesmo pensamento, tomado pelo pânico: "Alguma coisa aconteceu".

Na época, Andy ainda estava vivo e bem. Comecei a ligar para ele e pedir que fizesse exame de próstata. De início, ele só riu de mim, depois ficou irritado, lembrando que nosso pai ainda estava forte como um cavalo e tinha saúde suficiente para viver pelo menos mais vinte anos.

— Talvez, mas mamãe morreu de câncer, e foi jovem — retruquei. — Assim como a mãe dela.

— Caso você não tenha notado, nenhuma das duas tinha próstata.

— Acho que isso não importa para os deuses da hereditariedade. Eles simplesmente mandam o câncer para onde ele é mais bem-acolhido. Pelo amor de Deus, qual o problema? É um dedo no cu, dura dez segundos, e, desde que você não sinta as duas mãos do médico nos ombros, não tem por que se preocupar com a virgindade anal.

— Vou fazer quando chegar aos cinquenta — respondeu ele. — É a recomendação, e é o que vou fazer, ponto final. Fico feliz que agora você esteja limpo, Jamie. Fico feliz que esteja nesse trabalho novo no mundo da música, que pode até ser considerado emprego de adulto. Mas nada disso lhe dá direito de supervisionar minha vida. Deus faz isso por mim.

"Aos cinquenta anos será tarde demais", pensei. "Quando você tiver essa idade, a doença já vai ter se espalhado."

Por amor ao meu irmão (apesar de ele ter se tornado, na minha humilde opinião, um crentelho pregador meio irritante), resolvi apelar e falei com Francine, mulher dele. Eu podia dizer a ela o que Andy jamais aceitaria ouvir — que tive uma premonição muito forte. Por favor, Francie, *por favor*, convença seu marido a fazer o exame de próstata.

Ele cedeu ("Só para vocês dois calarem a boca") e fez um exame de antígeno prostático específico pouco depois de completar quarenta e sete anos, resmungando que aquela porcaria não era confiável. Talvez, mas até para meu irmão bibliafílico e medicofóbico era difícil argumentar contra o resultado: um dez redondo. A isso se seguiram uma viagem ao urologista, em Lewiston, e uma operação. Ele foi prognosticado como livre do câncer três anos depois. Um ano mais tarde — aos cinquenta e um —, Andy sofreu um derrame enquanto regava o jardim, e, antes que a ambulância o levasse ao hospital, já estava nos braços de Jesus. Isso foi no norte do estado de Nova York, onde aconteceu o funeral. Não houve missa em Harlow. Fiquei aliviado. Eu voltava para casa vezes demais em meus sonhos — e não tinha dúvidas de que esse era o efeito a longo prazo do tratamento de Jacobs para o vício em drogas.

Acordei mais uma vez do sonho em uma manhã clara de segunda-feira, em junho de 2008, e fiquei na cama por dez minutos, até conseguir me controlar. A respiração acabou voltando ao normal, e deixei para trás a ideia de que, se abrisse a boca, só sairia "Alguma coisa aconteceu", sem parar. Eu dizia a mim mesmo que estava limpo, sóbrio, e que aquilo ainda era a coisa mais importante da minha vida, o que a fizera mudar para melhor. Agora o sonho já estava menos frequente, e tinham se passado pelo menos quatro anos desde a última vez em que me pegara espetando a pele (com uma espátula, que causou zero dano). "Não é pior que uma cicatrizinha de cirurgia", disse a mim mesmo, e em geral conseguia pensar dessa maneira. Era só nos momentos logo após o sonho que eu sentia algo à espreita *por trás* dele, algo malévolo. E feminino. Eu já tinha certeza disso, mesmo então.

Quando acabei de tomar banho e me vestir, o sonho já era uma névoa fraca. Em breve se extinguiria de todo. Eu sabia, por experiência.

Eu morava em um apartamento de segundo andar na rua Boulder Canyon, Nederland. Em 2008, poderia ter comprado uma casa, mas a compra significaria uma hipoteca, e eu queria distância disso. Por ser solteiro, o apartamento me bastava. A cama

era *queen size*, como a do refúgio de Jacobs, e não faltaram princesas para compartilhá-la comigo ao longo dos anos. Naqueles dias já não havia tantas, e elas apareciam com menos frequência, como imagino que seria de esperar. Eu estava perto dos cinquenta e dois, a idade — uns anos mais, outros menos — em que adoráveis conquistadores começam a inevitável transformação em bodes velhos e desgrenhados.

Além disso, dava gosto ver minha poupança engordar aos poucos. Eu estava longe de ser sovina, mas estaria mentindo se dissesse que não ligava para dinheiro. A lembrança de acordar doente e falido no Fairgrounds Inn nunca me abandonou. Nem o rosto da caipira ruiva ao me devolver o cartão de crédito estourado.

— Tente o cartão de novo. — Tinha sido meu pedido.

— Querido, só de olhar para você, já sei que não preciso.

"Pois sim. Olhe para mim agora, docinho", pensava, enquanto dirigia meu 4Runner rumo ao oeste na estrada Caribou. Eu tinha engordado dezoito quilos desde a noite em que encontrara Charles Jacobs em Tulsa, mas os oitenta e seis quilos me caíam bem. Ok, minha barriga já não era lisa e meu nível de colesterol era duvidoso, mas antes eu parecia um sobrevivente de Dachau. Nunca me apresentaria no palco no Carnegie Hall ou em estádios com a E Street Band, mas ainda tocava — muito — e tinha um trabalho de que gostava e que fazia bem. Disse a mim mesmo, inúmeras vezes, que se alguém quer mais do que isso, está provocando os deuses. Então não os provoque, Jamie. E, se acontecer de você ouvir Peggy Lee cantando aquele clássico triste de Leiber e Stoller — "Is That All There Is?" — e se perguntar se é só isso mesmo, mude a estação até encontrar uma velha canção com batida contagiante.

Depois de quase sete quilômetros pela estrada Caribou, bem quando ela começava a ficar mais íngreme na subida das montanhas, virei na placa que dizia RANCHO WOLFJAW, 3KM. Digitei o código no teclado do portão e parei no estacionamento de piso de cascalho que indicava FUNCIONÁRIOS E ARTISTAS. Só vi esse estacionamento cheio uma vez, quando a Rihanna gravou um EP em Wolfjaw. E naquele dia havia ainda mais carros estacionados na estrada de acesso, chegando quase ao portão. A garota tinha uma comitiva e tanto.

Estrela Pagã (nome verdadeiro: Hillary Katz) já alimentara os cavalos duas horas antes, mas desci a fila dupla de cocheiras mesmo assim, dando-lhes pedaços de maçã e cenoura. Os animais eram, em sua maioria, grandes e lindos — eu pensava neles como limusines Cadillac de quatro patas. Mas meu favorito lembrava mais um Chevrolet maltratado. Bartleby, um tordilho sem linhagem conhecida, já estava em Wolfjaw quando cheguei lá com nada além de uma guitarra, uma mochila e os nervos em frangalhos, e ele já não era jovem. Quase todos os dentes tinham ficado onde Judas perdeu as botas, mas ele mastigava o pedaço de maçã com os poucos que lhe restavam, as mandíbulas ruminando preguiçosamente de um lado para outro. Os olhos castanhos e suaves estavam sempre me encarando.

— Você é gente fina, Bart — dizia eu, dando tapinhas em seu focinho. — E eu adoro gente fina.

Ele balançava a cabeça, como se dissesse que sabia.

Estrela Pagã — Pag, para os íntimos — estava alimentando as galinhas com a ração que carregava no avental. Como não podia acenar, gritou um olá roufenho, seguido pelos dois primeiros versos de “Mashed Potato Time”. Eu a acompanhei nos dois seguintes: “it’s the latest, it’s the greatest” etc. e tal. Estrela Pagã fazia backing vocal e, quando estava no auge, soava como uma das Pointer Sisters. Também fumava feito uma chaminé e, aos quarenta anos, soava mais como Joe Cocker em Woodstock.

O Estúdio 1 estava fechado e escuro. Acendi as luzes, liguei os equipamentos e conferi a ordem do dia para gravações. Eram quatro: uma às dez, outra às duas da tarde, uma às seis e outra às nove da noite, que provavelmente passaria da meia-noite. O Estúdio 2 estava tão ocupado quanto o 1. Nederland era um pequeno burgo de ar rarefeito aninhado na face oeste — são menos de mil e quinhentos moradores fixos —, mas tinha uma presença musical vital que ia muitíssimo além de seu tamanho. Os adesivos de para-choque que diziam NEDERLAND! NASHVILLE COM A CABEÇA NAS NUVENS! não eram totalmente exagerados. Joe Walsh gravou seu primeiro disco no Wolfjaw 1, quando o pai de Hugh Yates ainda era o dono do negócio, e John Denver gravou o último no Wolfjaw 2. Certa vez, Hugh colocou para tocar sobras de gravação em que Denver falava com a banda sobre um avião experimental que acabara de comprar, chamado Long-EZ. Ouvir aquilo me deixou arrepiado.

No centro da cidade, havia nove bares que tocavam música ao vivo todos os dias da semana e mais três estúdios de gravação. No entanto, o Rancho Wolfjaw era o maior e melhor de todos. No dia em que entrei timidamente no escritório de Hugh e lhe disse que Charles Jacobs me enviara, havia muitas fotos nas paredes, de gente como Eddie Van Halen, Lynyrd Skynyrd, Axl Rose (no auge) e U2. Apesar disso, a foto que mais o orgulhava — e a única em que ele aparecia — era das Staple Singers. “Mavis Staples é uma deusa”, disse ele. “A maior cantora dos Estados Unidos. Ninguém chega nem perto.”

Eu já havia gravado vários singles baratos e álbuns independentes ruins durante meus anos de aprendizado na estrada, mas nunca tinha me ouvido em uma gravadora grande até participar de uma sessão com Neil Diamond ao substituir um guitarrista base com mononucleose. Eu estava apavorado naquele dia — tinha certeza de que tombaria para a frente e vomitaria na minha SG —, mas desde então já toquei em várias sessões, principalmente como substituto, e umas poucas vezes a convite. O dinheiro nunca foi lá essas coisas, mas estava longe de ser ruim. Nos fins de semana, eu tocava com a banda da casa em um lugar chamado Comstock Lode, e fiquei conhecido por roubar a cena nos shows que fazia em Denver, fora do expediente. Também dava aulas de música para jovens do ensino médio aspirantes a instrumentistas em um programa de verão que Hugh inaugurou após a morte do pai. Era chamado de Rock-Atomic.

— Não posso fazer isso — reclamei, quando Hugh me sugeriu que assumisse mais essa função. — Eu não sei ler música!

— Você quer dizer que não sabe ler *partituras*. Mas com tablaturas você se vira muito bem, e isso é tudo o que a garotada quer. Para nossa sorte e para a deles, só precisam disso. Você não vai encontrar outro Segovia aqui nas montanhas, meu amigo.

Ele estava certo, e, quando meu medo passou, passei a gostar das aulas. Para começar, elas me faziam lembrar do Chrome Roses. Além do mais... Talvez eu devesse me envergonhar por dizer isso, mas o prazer de trabalhar com os adolescentes do Rock-Atomic era semelhante ao prazer de dar um pedaço de maçã a Bartleby e acariciar seu focinho toda manhã. Os garotos só queriam tocar rock, e a maioria descobria que conseguia... assim que dominassem as pestanas, que fique claro.

O Estúdio 2 também estava escuro, mas Mookie McDonald tinha esquecido a mesa de som ligada. Desliguei tudo e deixei um bilhete para lembrar que precisávamos conversar sobre o assunto. Ele era um bom técnico de mesa de som, mas quarenta anos de maconha nas ideias o deixaram meio esquecido. A minha Gibson SG estava ali, junto com os outros instrumentos, porque mais tarde eu participaria da demo de um grupo de rockabilly da região chamado Gotta Wanna. Sentei em um banquinho e fiquei tocando com os amplificadores desligados durante uns dez minutos. Toquei coisas como "Hi-Heel Sneakers" e "Got My Mojo Working", só para exercitar. Eu estava melhor do que em meus anos na estrada, muito melhor, mas, ainda assim, jamais seria um Eric Clapton.

O telefone tocou — só que, em estúdios, ele não toca de fato, só acende uma luz azul. Tirei a guitarra e atendi.

— Estúdio 2, Curtis Mayfield falando.

— Como está a vida no além, Curtis? — perguntou Hugh Yates.

— Escura. O lado bom é que não estou mais paralisado.

— Que bom ouvir isso. Venha aqui na casa-grande. Tem uma coisa que você precisa ver.

— Pô, Hugh, vai começar uma sessão de gravação daqui a meia hora. Acho que é a cantora country de pernas longas.

— Mookie vai preparar as coisas para ela.

— Vai nada. Ele nem chegou ainda. Além do mais, esqueceu a mesa ligada no 2. De novo.

Hugh suspirou.

— Vou falar com ele. Mas venha logo aqui.

— Ok. Mas deixa que *eu* falo com o Mookster, Hugh. É meu trabalho, certo?

Ele riu.

— Às vezes me pergunto onde foi parar aquele imprestável triste e caladão que eu contratei. Venha logo. Tem uma coisa aqui que vai deixar você maluco.

A casa-grande era uma fazenda de ocupação desordenada com o Continental *vintage* de Hugh estacionado na frente. O homem tinha uma queda por carros potentes, e podia se dar ao luxo. Embora Wolfjaw rendesse pouco mais do que o suficiente para pagar as contas, havia muito dinheiro com o sobrenome Yates investido em ações de primeira linha, e Hugh — divorciado duas vezes, com acordos pré-nupciais em ambos os casamentos e nenhum filho — era o último ramo da árvore genealógica da família. Ele

criava cavalos, galinhas, ovelhas e alguns porcos, mas isso era pouco mais do que um passatempo. O mesmo valia para os carros e a coleção de picapes com motores de alta potência. Para Hugh, o que importava mesmo era a música, a grande paixão de sua vida. Ele dizia ter sido músico, mas nunca o vi empunhar uma guitarra ou um instrumento de sopro que fosse.

— Música é o que importa de verdade — disse ele, certa vez. — A ficção científica se vai, os programas de TV se vão, e desafio você a me dizer o que viu no cinema dois anos atrás. Mas a música, não. A música permanece, até a música pop. *Principalmente* a música pop. Pode zombar de "Raindrops Keep Fallin' on My Head", se quiser, mas essa porcaria idiota ainda vai ser ouvida daqui a cinquenta anos.

Era fácil demais me lembrar do dia em que o conheci, porque Wolfjaw estava exatamente igual, com o mesmo Continental azul-petróleo com frisos nas janelas laterais estacionado na frente da casa. Eu é que mudei. Ele me recebeu à porta naquele dia de outono de 1992, apertou minha mão e me levou a seu escritório. Ali, sentou-se em uma cadeira de espaldar alto atrás de uma mesa tão grande que parecia aguentar um monomotor. Eu estava nervoso ao andar atrás dele. Quando vi aquelas caras famosas me olhando das paredes, o tiquinho de saliva que restava na boca secou.

Ele me olhou de cima a baixo — um visitante usando uma camisa suja do AC/DC e uma calça jeans ainda mais suja — e disse:

— Charlie Jacobs me ligou. Eu devo um enorme favor ao reverendo há anos. É muito maior do que eu jamais seria capaz de pagar, mas ele me disse que você quita a dívida.

Fiquei ali em frente à mesa, sem saber o que dizer. Eu sabia fazer audição para uma banda, mas aquilo era algo completamente diferente.

— Ele disse que você era viciado.

— Era — respondi. Não havia razão para negar.

— Disse também que era a Madame H.

— Verdade.

— Mas você está limpo agora.

— Estou.

Pensei que ele ia perguntar por quanto tempo, mas não perguntou.

— Sente-se, pelo amor de Deus. Quer uma Coca? Uma cerveja? Uma limonada? Chá gelado, talvez?

Eu me sentei, mas não conseguia relaxar e recostar na cadeira.

— Chá gelado está ótimo.

Ele usou o interfone da mesa.

— Georgia? Dois chás gelados, querida. — Depois, para mim. — Este é um rancho em pleno funcionamento, Jamie, mas os animais que me interessam são os que chegam com instrumentos.

Tentei sorrir, mas me senti um idiota, então desisti.

Se ele notou, não demonstrou.

— Bandas de rock, de country e artistas solo são nosso ganha-pão, mas também fazemos jingles para comerciais de rádios de Denver e gravamos de vinte a trinta audiolivros por ano. Michael Douglas gravou um romance do Faulkner aqui em Wolfjaw, e a Georgia quase mijou na calça. Ele parece fácil de lidar, mas, nossa, como é perfeccionista.

Não consegui pensar em uma resposta para aquilo, então continuei calado e torcendo para que o chá gelado chegasse logo. Minha boca estava seca como um deserto.

Ele se inclinou para a frente.

— Sabe do que um rancho precisa mais do que tudo?

Fiz que não, mas, antes que ele explicasse, uma jovem e bela negra entrou com dois copos de chá gelado com gelo até o topo e um raminho de menta em cada um, servidos em uma bandeja de prata. Espremi duas fatias de limão no chá, mas nem toquei no açucareiro. Nos meus anos de heroína, eu era uma formiguinha, mas, depois que coloquei aquele fone de ouvido na oficina, qualquer traço de doce me enjoava. Comprei uma barra de chocolate Hershey's logo que saí de Tulsa e descobri que não conseguia comer. Bastava o cheiro para me dar ânsia de vômito.

— Obrigado, Georgia — agradeceu Yates.

— Por nada. Não se esqueça do horário de visita. Começa às duas, e Les vai estar esperando por você.

— Não vou esquecer. — Ela saiu fechando a porta com delicadeza, e o homem se voltou para mim. — Todo rancho precisa de um capataz. O responsável pelos animais e pela plantação em Wolfjaw se chama Rupert Hall. Ele é ótimo, mas o meu capataz *musical* está se recuperando no Hospital Comunitário de Boulder. Les Calloway. Acredito que o nome não lhe diga nada.

Balancei a cabeça.

— E se eu falar dos Excellent Board Brothers?

O nome me era familiar.

— Uma banda instrumental, não é? De surf music, no estilo de Dick Dale and His Del-Tones.

— Exatamente. Meio estranho, já que são todos do Colorado, que fica igualmente longe dos dois oceanos. Eles tiveram uma música entre as quarenta mais pedidas: "Aloona Ana Kaya". O que é uma péssima tradução para o havaiano de "Vamos transar".

— Claro, eu me lembro. — Como não me lembraria? Minha irmã colocava essa música para tocar um bilhão de vezes. — É aquela que tem uma garota rindo o tempo todo.

Yates sorriu.

— Aquela risada foi a passagem deles para o estrelato como banda de uma música só, e eu fui o cara que a colocou no disco. Na verdade, a coisa não passa de um adendo. Foi na época em que o meu pai comandava isso tudo. E a garota que está se acabando de rir também trabalha aqui. Hillary Katz, embora hoje em dia ela prefira ser chamada de Estrela Pagã. Agora está sóbria, mas no dia da gravação estava tão chapada de gás hilariante que *não conseguia parar*. Gravei ali mesmo na cabine, ela nem percebeu. Foi o que fez aquele disco acontecer, e eles a incluíram por setecentos dólares.

Fiz que sim com a cabeça. Os anais do rock and roll estão cheios de golpes de sorte como esse.

— Bom, os Excellent Board Brothers saíram em turnê, depois a banda se acabou duas vezes. Sabe do que estou falando?

Claro que eu sabia, e por experiência própria.

— O dinheiro acabou, e a banda foi junto.

— Pois é. Les voltou para casa e veio trabalhar para mim. Ele é muito melhor produtor do que músico, e é meu braço direito em termos musicais há quinze anos. Quando Charlie Jacobs me ligou, minha ideia era transformar você no substituto dele, recebendo para aprender e aproveitando o tempo livre para fazer shows, a merda de sempre. A ideia ainda é essa, mas é bom que a sua curva de aprendizado seja íngreme pra cacete, rapaz, porque Les teve um ataque cardíaco semana passada. Ele vai ficar bem, pelo menos foi o que me disseram, mas vai precisar perder muito peso e tomar muitos comprimidos. Por isso, está pretendendo se aposentar em mais ou menos um ano. Isso me dá tempo de sobra para ver se você vai funcionar.

Quase tive um ataque de pânico.

— Sr. Yates...

— Hugh.

— Hugh, eu não conheço quase nada da indústria musical. Os únicos estúdios de gravação em que já estive são os que o grupo no qual eu estava tocando pagou por hora.

— Geralmente com os "paitrocinadores" do guitarrista solo pagando a conta — emendou ele. — Ou a mulher do baterista, que trabalha como garçonete oito horas por dia batalhando por gorjetas e vive com os pés em frangalhos.

Mais ou menos isso. Até que a mulher acordasse e pusesse o poltrão porta afora.

Ele se inclinou para a frente, com as mãos entrelaçadas.

— Ou você aprende ou não aprende. O reverendo disse que vai aprender. Para mim, isso basta. Tem que bastar. Tenho uma dívida com ele. Por ora, você só precisa ligar tudo nos estúdios, acompanhar a OD. Sabe o que é, não sabe?

— Ordem do dia.

— Isso, e trancar tudo à noite. Tem um cara que pode lhe mostrar como as coisas funcionam até o Les voltar. O nome dele é Mookie McDonald. Se você prestar a mesma atenção ao que Mookie faz errado quanto ao que ele faz certo, vai aprender muito. Não deixe o diário de gravação ficar com ele, aconteça o que acontecer. E mais uma coisa: se você fuma um, é problema seu, desde que chegue na hora e não comece um incêndio. Mas se eu ficar sabendo que você está se picando de novo...

Eu me obriguei a olhar nos olhos dele.

— Eu não vou voltar para aquela vida.

— Uma afirmação corajosa, mas já ouvi isso um monte de vezes, algumas delas de gente que já morreu. Mas às vezes calhou de o sujeito estar falando a verdade. Espero que seja o seu caso. Bem, só para deixar claro: se usar, você está fora, quite ou não. Fui claro?

Claríssimo. Cristalino.

Georgia Donlin estava tão bonita em 2008 quanto em 1992, apesar de ter engordado um pouco, das mechas grisalhas em meio ao cabelo negro e de usar lentes bifocais.

— Por acaso você não sabe o que deixou ele todo agitado hoje de manhã, sabe? — perguntou ela.

— Não faço ideia.

— Ele começou a praguejar, depois riu um pouco, então voltou aos palavrões. Disse "eu sabia", "aquele filho da puta" e depois arremessou alguma coisa, ao que parece. Só quero saber se alguém vai ser despedido. Se for o caso, vou dizer que estou doente e me mandar daqui. Não sei lidar com confrontos.

— Disse a mulher que jogou uma panela no entregador de carne no inverno passado.

— Aquilo foi diferente. O filho da puta ignorante tentou passar a mão na minha bunda.

— Um filho da puta de bom gosto — acrescentei, e, quando ela me fuzilou com o olhar, completei: — É verdade.

— Humpf. Há poucos minutos estava tudo quieto aqui. Tomara que ele não tenha tido um ataque cardíaco.

— Talvez ele tenha visto alguma coisa na TV ou lido no jornal.

— Ele desligou a TV quinze minutos depois que eu cheguei e cancelou a assinatura do *Camera* e do *Post* já faz dois meses. Disse que agora lê tudo na internet. Eu sempre digo: "Hugh, todas as notícias na internet são escritas por meninos jovens demais para fazer a barba e meninas que mal estrearam o primeiro sutiã. Não dá para confiar". Ele me acha uma velha que não sabe de nada. Não que diga isso, mas dá para ver nos olhos dele. Como se eu não tivesse uma filha estudando informática na Universidade do Colorado. Foi a *Bree* quem me disse para não confiar nessas porcarias de blogs. Vai lá logo, mas, se ele estiver imóvel naquela cadeira por causa de um infarto, não me chame para fazer massagem cardíaca.

Ela saiu cheia de atitude, com o mesmo passo macio da jovem que apareceu com o chá gelado no escritório de Hugh, dezesseis anos antes.

Bati na porta. Hugh não tinha morrido, mas estava largado atrás da mesa enorme, massageando as têmporas como alguém com enxaqueca. O laptop estava aberto diante dele.

— Você vai demitir alguém? — perguntei.

Ele olhou para mim.

— Hã?

— Georgia disse que vai tirar o dia de licença se você for demitir alguém.

— Eu não vou demitir ninguém. De onde a Georgia tirou isso?

— Ela disse que você jogou alguma coisa no chão.

— Besteira. — Ele fez uma pausa. — Bom, eu *realmente* chutei a lata de lixo quando vi a tal da história sobre os anéis sagrados.

— Conta *para mim* que história é essa de anéis sagrados. Depois eu dou outro chute na lata e vou trabalhar. Tenho dezesseis bilhões de coisas para fazer hoje, e ainda preciso aprender duas músicas para a sessão do Gotta Wanna. Talvez só me falte fazer um gol com a lata de lixo para começar bem o dia.

Hugh voltou a massagear as têmporas.

— Imaginei que isso poderia acontecer, sabia que ele tinha esse lado, mas jamais esperei algo parecido, algo tão... *grandioso*. Bom, é como diz o ditado: "Para que se contentar com pouco, se você pode ter tudo?".

— Não estou entendendo bulhufas.

— Mas vai entender, Jamie. Vai entender.

Estacionei a bunda na lateral da mesa.

— Todos os dias eu assisto ao jornal das seis da manhã enquanto faço abdominais e pedalo na bicicleta ergométrica, entendeu? Ainda mais porque ver a garota do tempo já traz benefícios aeróbicos. E hoje eu vi um comercial que fugia aos anúncios tradicionais de cremes antirrugas milagrosos e coleções de clássicos da Time-Warner. Eu não acreditei. Não dava para acreditar naquela porra. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que era verdade. — Ele riu, não um riso de "que engraçado", mas um riso de "não dá pra acreditar nessa porra". — Então desliguei a máquina emburrecedora e fui pesquisar mais na internet.

Comecei a dar a volta na mesa de Hugh, mas ele levantou a mão para me impedir.

— Antes eu preciso perguntar se você iria a um encontro comigo, Jamie. É para rever alguém que, depois de queimar a largada várias vezes, finalmente cumpriu seu destino.

— Iria, sim. Por que não? Desde que não seja um show do Justin Bieber. Estou velho demais para o Biba.

— Ah, mas isso é muito melhor do que o Biba. Dá uma olhada. Só não deixe fritar seus olhos.

Dei a volta na mesa e encontrei meu quinto personagem pela terceira vez. A primeira coisa que notei foi o olhar falso e piegas de hipnotizador. As mãos estavam posicionadas nas bochechas, e ele usava um anel grosso de ouro no dedo médio de ambas.

Era o pôster de um site cujo título era TURNÊ DE REAVIVAMENTO E CURA DO PASTOR C. DANNY JACOBS 2008.

TENDA DOS VELHOS TEMPOS DE REAVIVAMENTO!

13-15 de junho
PARQUE DE EXPOSIÇÕES DO CONDADO DE NORRIS
30km a leste de Denver

APRESENTANDO O EX-CANTOR DE SOUL AL STAMPER

APRESENTANDO AS GOSPEL ROBINS COM DEVINA ROBINSON

E

EVANGELISTA C. DANNY JACOBS

O MESMO DANNY JACOBS DO PROGRAMA A HORA DO PODER DE CURA DO EVANGELHO

RENOVE SUA ALMA ATRAVÉS DA MÚSICA
REAVIVE SUA FÉ ATRAVÉS DA CURA
MARAVILHE-SE COM A HISTÓRIA DOS ANÉIS SAGRADOS,
CONTADA POR NINGUÉM MENOS QUE O PASTOR DANNY!

"Traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos. Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha." Lucas 14, 21 e 23

TESTEMUNHE O PODER DE DEUS PARA MUDAR SUA VIDA!

SEXTA, 13: 19H
SÁBADO, 14: 14H E 19H
DOMINGO, 15: 14H E 19H

DEUS FALA COM VOZ MANSA E DELICADA (1 REIS 19, 12)
DEUS CURA COMO O RELÂMPAGO (MATEUS 24, 27)

VENHA UM!
VENHAM TODOS!
SEJAM RENOVADOS!

Na parte inferior estava a foto de um menino largando as muletas enquanto uma congregação assistia com expressão de júbilo maravilhado. A legenda abaixo da foto dizia: "Robert Rivard, curado de DISTROFIA MUSCULAR em 30/5/2007 em Saint Louis, Missouri".

Fiquei perplexo como, imagino, alguém ficaria se visse a notícia de que um velho amigo foi morto ou preso por um crime grave. Ainda assim, parte de mim — a parte mudada, a parte curada — não estava surpresa. Essa parte vinha esperando que aquilo acontecesse. Hugh gargalhou e disse:

— Cara, parece que você acabou de engolir um passarinho que entrou voando na sua boca. — Depois falou em voz alta o único pensamento coerente que eu tinha na cabeça naquele momento. — Parece que o reverendo voltou a usar seus velhos truques.

— Pois é — concordei, depois apontei para a referência ao Evangelho de Mateus. — Mas este versículo não é sobre cura.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não sabia que você era versado na Bíblia.

— Tem muita coisa sobre mim que você não sabe, porque nunca conversamos sobre ele. A verdade é que conheço Charlie Jacobs desde muito antes de Tulsa. Quando eu era criança, ele era ministro da nossa igreja. Foi o primeiro trabalho pastoral dele, e eu achava que seria o último. Até agora.

O sorriso de Hugh desapareceu.

— Você está de sacanagem comigo. Quantos anos ele tinha, dezoito?

— Acho que uns vinte e cinco. Eu tinha seis ou sete.

— Ele já curava pessoas nessa época?

— Não. — Com exceção do meu irmão Con, claro. — Naquele tempo ele era um metodista completo, do tipo que toma suco de uva na comunhão em vez de vinho. Todo mundo gostava dele. — Pelo menos até o Sermão Terrível. — Ele largou tudo depois que a mulher e o filho morreram em um acidente.

— O reverendo era casado? Tinha um filho?

— Pode acreditar.

Hugh ponderou.

— Então ele tem direito de usar pelo menos uma das alianças, se é que *são* alianças. Duvido muito. Dá uma olhada nisso.

Ele foi até a aliança no topo do site e clicou em TESTEMUNHOS DE MILAGRES. A tela passou a mostrar uma sequência de vídeos do YouTube. Tinha pelo menos uma dúzia.

— Hugh, se você quiser encontrar Charlie Jacobs, vou ficar feliz de ir junto, mas realmente não tenho tempo para papear sobre ele agora.

Ele me olhou de perto.

— Você *não* parece alguém que engoliu um passarinho. Parece alguém que acabou de levar um soco no estômago. Dá uma olhada nesse vídeo, que eu deixo você ir.

No meio do vídeo estava o menino do pôster. Quando Hugh clicou, vi que o clipe, que durava pouco mais de um minuto, já tinha mais de cem mil visualizações. Não era exatamente um viral, mas chegava perto.

Quando o vídeo começou a passar, alguém enfiou o microfone da emissora KSDK na cara de Robert Rivard. Uma mulher que não aparecia nas imagens perguntou:

— Pode descrever o que aconteceu na hora da suposta cura, Bobby?

— Bom, dona, quando ele pegou minha cabeça, eu senti as alianças sagradas, uma de cada lado, bem aqui — disse Bobby, apontando para as têmporas. — Ouvi um estalo, parecido com um galho seco. Acho que desmaiei por uns segundos. Depois um... Eu não sei... um *calor* desceu pelas minhas pernas... e... — O menino começou a chorar. — E eu consegui ficar em pé. Eu consegui andar! Eu fiquei curado! Deus abençoe o pastor Danny!

Hugh voltou a se sentar.

— Eu não vi todos os testemunhos, mas *todos* os que eu *vi* são basicamente assim. Isso faz você se lembrar de alguma coisa?

— Talvez — respondi, com cautela. — E você?

Nós nunca tínhamos discutido o favor que o reverendo fizera a Hugh — grande o suficiente para, com um telefonema, convencer o dono do Rancho Wolfjaw a contratar um ex-viciado em heroína que mal tinha ficado limpo.

— Não agora que você está sem tempo. Vai fazer o que no almoço?

— Vou pedir uma pizza. Depois que a cantora country for embora, vem um cara de Longmont... o registro diz que é um "barítono que canta música popular"...

Hugh pareceu pensar por um instante, depois deu um tapa na testa.

— Ah, meu Deus, é o George Damon?

— É esse o nome.

— Jesus, pensei que esse maluco estava morto. Já faz muitos anos, desde antes de você chegar. O primeiro disco que ele fez com a gente foi *Damon Does Gershwin*. E isso foi muito antes da era do CD, embora provavelmente já existissem mesas de oito canais. Todas as músicas, e digo *todas mesmo*, pareciam com Kate Smith cantando "God Bless America". Deixe que o Mookie cuida dele. Eles são da mesma época. Se o Mookster fizer merda, você conserta na mixagem.

— Tem certeza?

— Tenho. Se vamos ver o reverendo nessa pregação pra boi dormir, antes vou querer que você me conte o que sabe. Acho que a gente já devia ter conversado sobre isso há anos.

Ponderei sobre o assunto.

— Certo, mas uma mão lava a outra. Eu digo o que sei, você diz o que sabe. Uma troca ampla, geral e irrestrita de informações.

Ele entrelaçou as mãos no meio da protuberância considerável da camisa estilo caubói e se reclinou na cadeira.

— Nada do que eu me envergonhe, se é nisso que você está pensando. É que é muito... inacreditável.

— Eu vou acreditar.

— Talvez. Antes de sair, me conte sobre o versículo de Mateus e como você sabe disso.

— Eu não sei citar o que diz exatamente, depois de tantos anos, mas é algo como "assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda de Jesus". Não é sobre cura, mas sobre o apocalipse. E eu me lembro disso porque era uma das citações favoritas do reverendo Jacobs.

Olhei para o relógio. A cantora country de pernas longas — Mandy qualquer coisa — sempre chegava cedo e já devia estar sentada nos degraus de entrada do Estúdio 1 com o violão ao lado, mas havia uma última coisa que eu precisava saber.

— O que você quis dizer quando falou que duvidava que fossem alianças?

— Ele não usou as alianças em você quando tratou do seu probleminha com drogas, usou?

Pensei na oficina abandonada.

— Não. Fones de ouvido.

— Quando foi? Em 1992?

— Foi.

— Minha experiência com o reverendo foi em 1983. Ele deve ter atualizado o *modus operandi* no meio-tempo. Depois voltou aos anéis, porque eles parecem mais religiosos que um fone de ouvido. Mas aposto que avançou com o trabalho desde a minha época... *e* a sua. É a cara do reverendo, não acha? Sempre tentando subir mais um nível.

— Você o chama de reverendo. Ele estava pregando quando você o conheceu?

— Sim e não. É complicado. Vá lá, saia logo daqui, a garota já deve estar esperando. Talvez ela esteja de minissaia. Isso vai fazer você parar de pensar no pastor Danny.

De fato, ela *estava* usando minissaia, e as pernas eram definitivamente espetaculares. Mas eu mal as notei, e não conseguiria dizer uma música que ela tenha cantado no dia sem conferir o registro. Minha cabeça estava em Charles Daniel Jacobs, vulgo reverendo. Agora conhecido como pastor Danny.

Mookie McDonald ouviu calado e cabisbaixo o pito sobre a mesa de som, sempre balançando a cabeça em sinal de concordância, e no fim prometeu que ia melhorar. E realmente melhorou. Por um tempo. Então, duas ou três semanas depois, voltei a encontrar a mesa ligada no 1, no 2, ou em ambos. Acho a ideia de prender alguém por fumar maconha um absurdo, mas não tenho dúvida de que o uso diário, a longo prazo, é receita certa para o ECA, ou Esquecimento Canabítico Agudo.

Ele ficou feliz quando eu disse que a gravação seria com George Damon.

— Sempre adorei esse cara! — exclamou Mookster. — Tudo o que ele canta parece...

— Kate Smith cantando "God Bless America". Eu sei. Divirta-se.

Havia uma área de piquenique bonita e aconchegante em um bosque de amieiros atrás da casa-grande. Georgia e duas secretárias estavam almoçando ali. Hugh me levou a uma mesa bem distante da delas e tirou dois sanduíches embalados e duas latinhas de refrigerante da grande bolsa masculina que carregava.

— Peguei de salada de frango e de atum da Tubby's. Pode escolher.

Escolhi atum. Comemos em silêncio por um tempo, à sombra das grandes montanhas, e então Hugh disse:

— Eu também tocava base, sabia? E era bem melhor que você.

— Muitos são.

— No fim da carreira, eu tocava em uma banda de Michigan chamada Johnson Cats.

— Dos anos 1970? Os caras que usavam camisas do Exército e tinham um som parecido com o do Eagles?

— Na verdade, a banda aconteceu no início dos anos 1980, mas, sim, éramos nós. Tivemos quatro singles nas paradas de sucesso, todos do primeiro álbum. E sabe o que chamou a atenção para ele? O título e a jaqueta militar, duas ideias minhas. O disco se chamava *Your Uncle Jack Plays All the Monster Hits*, e tinha o meu velho tio Jack Yates na capa, sentado na sala de estar de casa tocando ukulele. O som era pesado, cheio de distorção. Era de esperar que não ganhasse o Grammy de melhor álbum. Estávamos na era do Toto. Maldita "Africa". Que merda de música.

Hugh parou e pensou.

— Enfim, eu já estava no Cats fazia dois anos, e sou eu no disco de sucesso. Toquei nos dois primeiros shows da turnê, depois tive que desistir.

— Por quê? — perguntei, pensando que só podia ter sido um problema com drogas. Naquela época, sempre era. Mas ele me surpreendeu.

— Fiquei surdo.

A turnê do Johnson Cats começou em Bloomington — no Circus One —, depois seguiu para o Congress Theater, em Oak Park. Lugares pequenos, shows de abertura com bandas de rock pesado da região. Depois Detroit, onde os grandes shows estavam programados para começar: trinta cidades, com o Johnson Cats abrindo para Bob Seger e a Silver Bullet Band. Rock de arena. Coisa fina. Tudo com que um roqueiro poderia sonhar.

O zumbido no ouvido de Hugh começou em Bloomington. De início, ele não deu muita atenção, pensando que era apenas o preço a pagar por vender a alma para o rock and roll — qual músico que se preze não sofria com zumbidos, de vez em quando? Bastava olhar para Pete Townshend, Eric Clapton, Neil Young. Então, em Oak Park, a vertigem e os enjoos começaram. Na metade da apresentação, Hugh cambaleou até os bastidores e vomitou em um balde cheio de areia.

— Ainda me lembro da placa acima do balde — contou ele. — USO APENAS PARA INCÊNDIOS PEQUENOS.

Ele terminou o show — sabe-se lá como —, foi à frente do palco para reverenciar o público e voltou cambaleando para os bastidores.

— Qual é o problema? Bebeu? — perguntou Felix Granby.

Era o guitarrista solo e o vocalista, o que significava que *ele* era o Johnson Cats, para a maior parte do público, pelo menos a parte que agitava de verdade.

— Gastroenterite — respondeu Hugh. — Está melhorando.

E ele pensou que melhoraria. Com os amplificadores desligados, o zumbido parecia ter diminuído, mas voltou na manhã seguinte, e, além do barulho infernal, Hugh não conseguia ouvir quase nada.

Dois músicos do Johnson Cats estavam diante de uma catástrofe: Felix Granby e o próprio Hugh. Três dias depois haveria um show no Silverdome, em Pontiac. Capacidade para noventa mil. Com Bob Seger, o queridinho de Detroit, como atração principal, o lugar estaria praticamente lotado. O JC estava no auge da fama, e, no rock and roll, oportunidades assim quase nunca se repetem. Por isso, Felix Granby fez com Hugh o que Kelly van Dorn, do White Lightning, fez comigo.

— Eu não guardo ressentimentos — disse Hugh. — Se fosse o contrário, é bem provável que eu fizesse o mesmo. Ele contratou um músico que trabalhava no estúdio L'Amour, em Detroit, e foi esse cara que subiu no palco com ele, naquela noite no Dome.

Granby o demitiu em pessoa, não falando, mas escrevendo bilhetes e segurando-os para que Hugh lesse. Granby explicou que, enquanto os outros integrantes do JC vinham de famílias de classe média, Hugh tinha muito dinheiro. Ele poderia voltar ao Colorado em um assento confortável na primeira classe do avião e se consultar com os melhores médicos. Em letras garrafais, o último bilhete de Granby dizia: RAPIDINHO VOCÊ VOLTA A TOCAR COM A GENTE.

— Até parece — disse Hugh, enquanto estávamos sentados à sombra, comendo nossos sanduíches do Tubby's.

— Você ainda morre de saudade, não é?

— Não. — E depois de uma longa pausa: — Morro, sim.

Hugh **não voltou ao Colorado**.

— Se voltasse, com certeza não seria de avião. Eu achava que minha cabeça ia explodir quando passasse de seis mil metros de altitude. Além disso, não queria voltar para casa. Só queria lamber as feridas, que ainda não tinham cicatrizado, e Detroit era um lugar tão bom quanto qualquer outro para isso. Bom, pelo menos foi disso que eu me convenci.

Os sintomas não regrediram: vertigem, enjoo e zumbido incessante e infernal, às vezes mais fraco, às vezes tão alto que Hugh pensava que a cabeça iria rachar. De tempos

em tempos, os sintomas regrediam como uma maré vazante, e ele conseguia dormir por dez ou até doze horas seguidas.

Embora pudesse ir para um lugar melhor, Hugh estava morando em um hotel pulguento na avenida Grand. Durante duas semanas, adiou a ida ao médico, morrendo de medo de estar com um tumor maligno e inoperável. Quando finalmente se obrigou a se consultar em uma clínica de pronto-socorro na estrada Inkster, um médico hindu que parecia ter uns dezessete anos ouviu, balançou a cabeça, fez alguns exames e instruiu Hugh a ir ao hospital para fazer mais exames, além de indicar medicamentos experimentais contra enjoo que lamentava muito não poder receitar.

Em vez de ir ao hospital, Hugh começou a fazer safáris longos e inúteis (quando a vertigem permitia, é claro) para tudo que é lado daquele fabuloso trecho de rua de Detroit conhecido como 8-Mile. Certo dia, passou diante de uma loja de rua com rádios, guitarras, toca-discos, toca-fitas, amplificadores e TVS na vitrine empoeirada. De acordo com o letreiro, ali era a Eletrônicos Novos e Usados do Jacob... embora, para Hugh Yates, todos os aparelhos parecessem completamente detonados, e nenhum novo.

— Não sei dizer bem por que entrei. Talvez tenha sido um restinho de saudade dos equipamentos de som. Talvez autoflagelação. Talvez só tenha pensado que o lugar teria um ar-condicionado e eu quisesse fugir do calor... cara, eu estava redondamente enganado. Ou talvez tenha sido o letreiro acima da porta.

— O que dizia?

Hugh sorriu para mim.

— Pode confiar no reverendo.

Hugh era o único cliente. As prateleiras estavam lotadas de equipamentos muito mais exóticos que os exibidos na vitrine. Alguns eram novos: medidores, osciloscópios, voltímetros e reguladores de tensão e de amplitude, retificadores, inversores de frequência. E outras coisas que ele não reconheceu. Havia fios elétricos espalhados pelo chão e outros amarrados em toda parte.

O proprietário surgiu, vindo de uma porta emoldurada por luzinhas piscantes de Natal ("É bem provável que uma sineta tenha tocado quando eu entrei, mas com certeza não ouvi", disse Hugh). Meu velho quinto personagem usava calça jeans desbotada e uma camisa branca lisa abotoada até o colarinho. A boca se moveu em um "Olá" e algo que deve ter sido um "Em que posso ajudar?". Hugh acenou, balançou a cabeça e ficou olhando as prateleiras. Pegou uma Stratocaster e a tocou, se perguntando se estava afinada.

Jacobs o observou com interesse, mas sem aparentar qualquer preocupação, apesar do cabelo de roqueiro de Hugh — desgrenhado, mal-lavado e na altura dos ombros — e das roupas sujas. Cerca de cinco minutos depois, quando Hugh estava começando a perder o interesse e se preparando para voltar ao pulgueiro de hotel onde estava hospedado, a vertigem voltou. Ele cambaleou, tentou se segurar e acabou

derrubando uma caixa de som desmontada. Quase se recuperou, mas, como não estava comendo muito, tudo ficou cinza, e, antes que caísse no chão de madeira empoeirado, mudou para preto. É exatamente igual à minha história, só que em outro lugar.

Quando acordou, estava no escritório de Jacobs com um pano frio na testa. Hugh pediu desculpas e disse que pagaria por qualquer coisa que tivesse quebrado. Piscando, surpreso, Jacobs se afastou. Uma reação que Hugh tinha visto muitas vezes nas semanas anteriores.

— Desculpe por estar falando tão alto — disse Hugh. — Não consigo me ouvir. Fiquei surdo.

Jacobs pegou um bloco de notas da primeira gaveta da mesa cheia de cacarecos (eu conseguia visualizar todos os pedaços de fios e baterias espalhados por ela), escreveu e levantou a folha para Hugh.

"Recente? Vi você c/ a guitarra."

— Recente — concordou Hugh. — Tenho um negócio chamado doença de Ménière. Eu sou músico. — Ele pensou no que disse, depois gargalhou... e não conseguiu se escutar, embora Jacobs tenha respondido com um sorriso. — Na verdade, eu *era* músico.

Jacobs virou a página do bloco, escreveu depressa e a mostrou a Hugh: "Se é Ménière, acho que posso ajudar".

— **Obviamente, ele ajudou** — completei.

O horário de almoço havia acabado, e as garotas já tinham voltado para dentro. Apesar das tarefas a fazer — várias —, eu não tinha a menor intenção de ir embora antes de ouvir o restante da história.

— Ficamos sentados no escritório dele durante muito tempo... A conversa é lenta quando alguém precisa escrever o que quer falar. Perguntei como ele poderia me ajudar. Ele escreveu que nos últimos tempos estava testando um estimulador nervoso elétrico transcutâneo, ENET, para simplificar. Disse que a ideia de usar eletricidade para estimular nervos danificados datava de milhares de anos e tinha sido inventada por um romano...

Na minha memória, uma porta enferrujada se abriu.

— Um romano chamado Escribônio — afirmei. — Ele descobriu que, se um sujeito com a perna ruim pisasse em uma enguia-elétrica, às vezes a dor passava. E "últimos tempos" era enrolação, Hugh. O reverendo já mexia com o tal do ENET antes de ele ser oficialmente inventado.

Ele me fitou, sobrancelhas arqueadas.

— Continue — falei.

— Ok, mas vamos voltar a isso depois, certo?

Assenti com a cabeça.

— Mostra o seu que eu mostro o meu. O trato foi esse. Vou lhe dar uma dica: tem desmaio na minha história também.

— Bem... Eu disse a ele que a doença de Ménière era um mistério: os médicos não sabiam se tinha a ver com os nervos, se era um vírus que causava uma produção crônica de fluido no ouvido médio, se era uma bactéria, ou até algo genético. Ele escreveu: "Todas as doenças são elétricas por natureza". Respondi que aquilo era loucura. Ele apenas sorriu, virou outra página e escreveu por mais tempo. Depois me entregou o bloco. Eu não me lembro exatamente de tudo, já faz muito tempo, mas nunca vou me esquecer da primeira frase: "A eletricidade é a base de toda a vida".

Aquilo era a cara de Jacobs. Aquela frase era mais característica do que uma impressão digital.

— O resto dizia algo do tipo: "Tome seu coração como exemplo. Ele funciona com microvolts. A corrente é fornecida pelo potássio, um eletrólito. Seu corpo transforma potássio em íons, que são partículas eletricamente carregadas, e os usa para regular não só o coração, mas o cérebro e TODO O RESTO". As últimas palavras estavam escritas em maiúsculas. Ele as circulou. Quando devolvi o bloco, ele desenhou uma coisa muito depressa, depois apontou para meus olhos, meus ouvidos, meu peito, minha barriga e minhas pernas. Por fim me mostrou o desenho. Era um raio.

Claro que era.

— Vá direto ao ponto, Hugh.

— Bem...

Hugh **disse que precisava pensar no assunto**. O que ele não disse (mas certamente pensou) era que não fazia a menor ideia de quem era Jacobs. O sujeito podia ser um desses malucos que zanzavam por vários lugares nas grandes cidades.

Jacobs escreveu que entendia a hesitação de Hugh e que também tinha suas próprias dúvidas.

— Eu sei que o mero fato de oferecer um tratamento já é muito estranho. Afinal, a gente não se conhece.

— E tem perigo? — perguntou Hugh, em uma voz que já começava a perder tom e inflexão, se tornar robótica.

O reverendo deu de ombros e escreveu.

— Não vou mentir, aplicar eletricidade diretamente pelos ouvidos é arriscado. Mas é BAIXA VOLTAGEM, OK? Acho que o pior efeito colateral que você pode sofrer é mijar na calça.

— Que maluquice. Nós dois somos malucos só de discutir isso.

O reverendo deu de ombros de novo, mas, dessa vez, nada escreveu. Apenas o encarou.

Hugh se sentou no escritório, segurando o pano (ainda úmido, mas já morno), considerando seriamente a proposta de Jacobs, e parte de sua mente achou que, mesmo

conhecendo o homem há tão pouco tempo, considerar aquilo a sério era perfeitamente normal. Ele era músico, tinha ficado surdo e fora descartado por uma banda que ajudara a fundar e estava prestes a fazer sucesso no país inteiro. Outros instrumentistas e pelo menos um grande compositor — Beethoven — conviveram com a surdez, mas o martírio de Hugh não se restringia à mera perda da audição. Havia enjoos, vômitos, diarreia, batimentos cardíacos descontrolados. E, pior de tudo, aquele zumbido quase constante. Ele sempre pensara que a surdez significava silêncio. Não era verdade, pelo menos não em seu caso. Hugh Yates tinha um alarme contra ladrões soando sem parar dentro da cabeça.

E havia ainda outro fator. Uma verdade não reconhecida até então, mas vislumbrada de tempos em tempos, de canto de olho. Ele ficara em Detroit porque estava tomando coragem. Havia várias lojas de penhor na 8-Mile, e todas vendiam ferro. Será que o que aquele sujeito estava oferecendo era pior do que ter o cano de uma .38 de segunda mão enfiado entre os dentes e apontado para o céu da boca?

Com uma voz robótica e alta demais, ele disse:

— Que se foda. Vá em frente.

Hugh **contou o restante** da história olhando para as montanhas, e, enquanto falava, a mão direita mexia na orelha direita. Acho que ele nem se deu conta disso.

— Ele colocou a placa de FECHADO na janela, trancou a porta e abaixou as cortinas. Depois me fez sentar em uma cadeira de cozinha ao lado da caixa registradora e colocou um estojo de aço do tamanho de uma caixa de sapato no balcão. Dentro dele havia dois anéis de metal embrulhados no que pareciam ser fios de ouro. Eram quase do tamanho daqueles brincos enormes que Georgia usa quando faz o cabelo. Sabe?

— Sei.

— Tinha um dispositivo de borracha na parte de baixo de cada aliança, além de um fio que saía de cada uma. Eles iam até uma caixa de controle do tamanho de uma campainha. Ele abriu a parte de baixo da caixa e me mostrou o que parecia ser uma pilha AAA. Relaxei. Pensei que *aquilo* não podia fazer um estrago muito grande, mas fiquei bem menos tranquilo quando ele colocou luvas de borracha, do tipo que as mulheres usam quando lavam louça, e pegou as argolas com pinças.

— Acho que as pilhas AAA do Charlie são diferentes das comuns. São muito mais poderosas. Ele chegou a falar com você sobre a eletricidade secreta?

— Meu Deus, muitas vezes. Era a menina dos olhos de Jacobs. Mas isso foi depois, e eu nunca entendi bem. E tenho certeza de que ele também não. Ele ficava com um olhar...

— Perplexo — completei. — Perplexo, preocupado e empolgado, tudo ao mesmo tempo.

— Assim mesmo. Com as pinças, ele colocou as argolas contra as minhas orelhas e pediu que eu apertasse o botão da caixa de controle, porque estava com as mãos

ocupadas. Eu quase não consegui, mas pensei em todas as pistolas exibidas naquelas vitrines das lojas de penhor e apertei.

— Depois você desmaiou. — Não foi uma pergunta, porque eu tinha certeza disso, mas ele me surpreendeu.

— Tive uns blecautes, é verdade, e o que chamo de "prismáticos", mas esses vieram depois. Na hora só houve um *estalo* enorme no meio da minha cabeça. Minhas pernas se esticaram e minhas mãos se ergueram como se eu fosse um estudante desesperado para dizer ao professor que sabia a resposta certa.

Isso me trouxe lembranças.

— E também fiquei com um gosto na boca — continuou Hugh. — Como se eu tivesse chupado moedas. Perguntei a Jacobs se podia beber água e me *ouvi* perguntando, e foi aí que comecei a chorar. Chorei por um bom tempo. Ele me abraçou. — Por fim, Hugh parou de olhar as montanhas e me fitou. — Depois disso, eu teria feito qualquer coisa por ele, Jamie. *Qualquer coisa*.

— Conheço bem essa sensação.

— Quando consegui me controlar, ele me levou de volta à loja e colocou um fone de ouvido Koss em mim. Sintonizou uma rádio FM e abaixou o volume da música aos poucos, enquanto perguntava se eu conseguia ouvir. Eu ouvi até a hora em que ele chegou ao zero, e quase sou capaz de jurar que ainda assim conseguia ouvir alguma coisa. Ele não só me devolveu a audição, como ela estava melhor do que quando eu tinha catorze anos e comecei a tocar em uma banda.

Hugh perguntou como poderia pagar Jacobs. Na época, ele era apenas um sujeito mal-ajambrado que precisava de um corte de cabelo e um bom banho. O reverendo pensou um pouco.

— Vamos fazer o seguinte — disse ele, por fim. — Tenho poucas oportunidades de negócio aqui, e algumas pessoas que entram na loja são muito mal-encaradas. Vou levar todas essas coisas para uma empresa de armazenamento que fica no Lado Norte enquanto decido o que fazer. Você poderia me ajudar.

— Posso fazer melhor que isso — disse Hugh, ainda saboreando o som da própria voz. — Eu alugo o espaço e contrato uma empresa de mudanças para transportar tudo. Sei que eu não tenho cara de quem pode pagar por isso, mas posso. Juro.

Jacobs pareceu horrorizado com a ideia.

— De forma alguma! As coisas que eu vendo são basicamente lixo, mas meus equipamentos são valiosos, e, além de tudo, muitas das coisas no meu laboratório, que fica nos fundos, são frágeis. A sua ajuda já me basta. Só que, primeiro, você precisa descansar um pouco. E comer, para ganhar peso. Você passou por um momento difícil. Gostaria de ser meu assistente, sr. Yates?

— Se é isso que você quer... — disse Hugh. — Sr. Jacobs, ainda não consigo acreditar que escuto o senhor falando.

— Em uma semana, você nem vai dar mais atenção a isso — respondeu ele, fazendo pouco caso. — É assim que funciona com milagres. Não adianta lutar contra, é a boa e velha natureza humana. Mas, como nós *compartilhamos* um milagre neste canto abandonado de Detroit, prefiro que você não me chame de sr. Jacobs. Pode me chamar de reverendo.

— O senhor era da igreja?

— Exatamente — respondeu ele, e deu um sorriso. — Reverendo Charles D. Jacobs, principal prelado da Primeira Igreja da Eletricidade. Prometo que não vou fazer você trabalhar demais. Não temos pressa, faremos tudo no nosso tempo.

— **Aposto que você caiu nessa** — zombei.

— Como assim?

— Ele não queria que você contratasse uma equipe de mudança nem seu dinheiro. Ele queria seu tempo. Acho que estava estudando você. Procurando efeitos colaterais. O que *você* pensou?

— Na época? Nada. Eu estava flutuando em uma nuvem de alegria. Se o reverendo me pedisse que roubasse um banco em Detroit, talvez eu tivesse tentado. Mas, olhando em retrospectiva, você pode ter razão. Não havia muito trabalho, no fim das contas, porque ele não tinha quase nada para vender. Havia mais equipamentos nos fundos, mas, usando uma empresa de mudança, poderíamos ter tirado toda aquela tralha da 8-Mile em dois dias. Só que ele fez toda a coisa demorar mais de uma semana. — Hugh pensou. — É, tem razão. Ele estava me observando.

— *Estudando*. Procurando efeitos colaterais. — Olhei para o relógio. Eu tinha que estar no estúdio em quinze minutos, e, se demorasse mais na área de piquenique, iria me atrasar. — Venha comigo até o Estúdio 1, daí você me conta sobre os efeitos.

Fomos juntos, e Hugh me contou sobre os blecautes que se seguiram ao tratamento elétrico de Jacobs para surdez. Eram breves, mas frequentes, nos primeiros dias, e não havia uma sensação real de inconsciência. De repente, ele se via em um lugar diferente ou descobria que cinco minutos tinham se passado. Ou dez. Em duas ocasiões, aconteceu enquanto ele e Jacobs carregavam equipamentos e coisas de segunda mão na velha van de uma empresa de tubos e conexões que o reverendo pedira emprestada (talvez de alguém que também tivesse sido curado milagrosamente, mas, se era o caso, Hugh nunca descobriu — Jacobs ficava de boca fechada sobre isso).

— Eu perguntei ao Jacobs o que aconteceu durante esses blecautes, mas ele respondeu que não houve nada, que continuamos levando as coisas de um lado para outro e conversando normalmente.

— Você acreditou nele?

— Na época, sim. Agora, não sei.

Certa noite — cinco ou seis dias após o tratamento —, Hugh estava sentado em uma cadeira no hotel-pulgueiro, lendo um livro, quando de repente se viu no canto da sala, olhando para a parede.

— Você estava falando? — perguntei, pensando: "Alguma coisa aconteceu. Alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa".

— Não, mas...

— O quê?

Ele balançou a cabeça ao se lembrar.

— Eu tinha tirado a calça e colocado o tênis de novo. Eu estava ali, de pé, usando apenas cuecas e tênis Reebok. Louco, né?

— *Muy loco*. Quanto tempo esses lapsos duraram?

— Na segunda semana foram só dois. Na terceira, nenhum. Mas uma coisa durou mais tempo. Uma coisa nos meus olhos. Esses... acontecimentos. Os prismáticos. Nem sei que outro nome dar a eles. Aconteceram mais de dez vezes ao longo dos cinco anos seguintes. Depois nunca mais voltaram.

Chegamos ao estúdio. Mookie estava esperando por nós com um boné dos Broncos virado para trás, parecendo o skatista mais velho do mundo.

— A banda está lá dentro, ensaiando. — Depois, abaixando a voz. — Caras, eles são uma merda.

— Avise que vamos começar um pouco mais tarde — falei. — Compensamos o atraso no fim da sessão.

Mookie olhou para Hugh, para mim e de novo para Hugh, avaliando a situação.

— Ei, ninguém vai ser demitido, vai?

— Não, a menos que você esqueça a mesa de som ligada de novo — disse Hugh. — Agora entre lá e deixe os adultos conversarem.

Mookie se despediu e entrou.

Hugh se voltou para mim.

— Os prismáticos eram muito mais estranhos que os blecautes. Eu nem consigo descrever. É como dizem: só estando lá para saber.

— Tente, pelo menos.

— Eu sempre sabia quando iam acontecer. O dia passa e eu vou fazendo as coisas de sempre, sabe? A rotina. Então, de uma hora para outra, parece que a minha visão fica mais *potente*.

— Como a audição após o tratamento?

Ele balançou a cabeça.

— Não, isso foi real. Meus ouvidos ainda estão melhores do que eram antes do tratamento do reverendo, e sei que um exame de audição provaria isso, mas nunca me dei ao trabalho de fazer. Por outro lado, a visão era... sabe como os epiléticos conseguem prever que um ataque está chegando ao sentir um tremor nos pulsos ou algum cheiro que não existe?

— Precursores?

— Isso. A sensação de que a minha visão está ficando mais potente é um precursor. O que acontecia depois eram... cores.

— Cores?

— O mundo se enche de vermelhos, azuis e verdes nas bordas das coisas. As cores vêm e vão. Era como se eu olhasse por um prisma, mas um que ampliasse as coisas

ao mesmo tempo em que as despedaçava. — Ele deu tapinhas na testa, em um leve gesto de frustração. — Isso é o melhor que consigo descrever. E, durante os trinta ou quarenta segundos que dura, é como se eu olhasse através do mundo e enxergasse outro mundo por trás. Um mundo *mais real*. — Ele olhou para mim, sério. — Os prismáticos eram assim. Nunca falei deles com ninguém. Eles me dão muito medo.

— Você nunca contou ao reverendo?

— Teria contado, mas ele já tinha ido embora quando o primeiro aconteceu. Sem grandes despedidas, só um bilhete dizendo que surgira uma grande oportunidade de negócios em Joplin. Isso foi uns seis meses depois da cura milagrosa, e eu já estava de volta a Nederland. Os prismáticos... eram bonitos de um jeito que nunca vou conseguir descrever, mas espero que não aconteçam mais. Porque se o outro mundo estiver lá mesmo eu não quero ver. E, se estiver na minha mente, quero que fique dentro dela.

Mookie saiu.

— Eles estão prontos para começar, Jamie. Posso gravar alguma coisa, se quiser. Não tem como eu fazer bobagem, porque esses caras fazem o Dead Milkmen soar como os Beatles.

Podia até ser, mas eles tinham pagado a sessão em dinheiro vivo.

— Não precisa, eu entro já. Peça mais dois minutos.

Ele desapareceu.

— Então — disse Hugh. — Eu mostrei o meu, mas você ainda não mostrou o seu. E ainda quero saber.

— Eu tenho uma hora por volta das nove da noite. Vou até a casa-grande e conto. Não vai demorar. Minha história é basicamente a mesma que a sua: tratamento, cura, efeitos colaterais que foram perdendo a força e depois desapareceram. — Nem tudo era bem verdade, mas eu tinha uma sessão de gravação para fazer.

— Nenhum prismático?

— Não. Outras coisas. Tourette sem os palavrões, por exemplo. — Decidi guardar os sonhos com parentes mortos para mim, pelo menos por enquanto. Talvez eles fossem *meu* vislumbre do outro mundo de Hugh.

— Temos que nos encontrar com ele. — Hugh agarrou meu braço. — Precisamos fazer isso.

— Acho que você tem razão.

— Mas sem um grande jantar de reencontro, ok? Eu nem quero falar com ele, só observar.

— Está bem — respondi, e olhei para a mão dele. — Agora me deixe ir, antes que você deixe meu braço roxo. Tenho músicas para gravar.

Ele me soltou. Entrei no estúdio e comecei a ouvir o som de uma banda punk tentando emular sem sucesso o estilo jaqueta de couro e alfinetes que os Ramones tinham feito tão bem na década de 1970. Quando olhei para trás, Hugh ainda estava lá, olhando para as montanhas.

"O mundo além do mundo", pensei, depois tirei aquilo da cabeça — ou tentei — e fui trabalhar.

Só fui me render e comprar um laptop um ano depois, mas não faltavam computadores nos Estúdios 1 e 2 — em 2008, já gravávamos quase tudo em programas do Mac. Então, quando tive um tempo livre por volta das cinco da tarde, pesquisei C. Danny Jacobs no Google e achei milhares de referências. Parecia que eu tinha perdido muita coisa desde a primeira aparição de "C. Danny" em cadeia nacional, dez anos antes, mas não me culpei. Eu quase não vejo TV, e meu interesse em cultura popular gravitava em torno da música. Além disso, meus dias de igreja tinham se acabado fazia muito tempo. Não era de espantar que eu tivesse perdido o pregador cujo verbete na Wikipédia o chamava de "Oral Roberts do século XXI".

Jacobs não tinha uma congregação enorme, como Roberts, mas seu programa *A hora do poder de cura do Evangelho* não faria feio diante do pioneiro da religião na TV, pois era transmitido de costa a costa em canais a cabo cujo preço de arrendamento de horário era baixo e o retorno em "oferendas amorosas", provavelmente alto. Os shows eram gravados nas Tendas dos Velhos Tempos do Reavivamento, que cruzavam quase todo o país (com exceção da Costa Leste, onde, ao que parece, as pessoas são um pouco menos crédulas). Em fotografias feitas ao longo dos anos, vi Jacobs ficar mais velho e mais grisalho, mas o olhar nunca mudou: fanático e, de alguma forma, ferido.

Mais ou menos uma semana antes de Hugh e eu fazermos nossa viagem para ver Jacobs em seu habitat natural, liguei para Georgia Donlin e perguntei se ela poderia me dar o telefone da filha — a que estudava informática na Universidade do Colorado. O nome da moça era Brianna.

Bree e eu tivemos uma conversa muito interessante.

VIII

O show na tenda.

O parque de exposições do Condado de Norris ficava a cento e dez quilômetros de Nederland, o que nos deu tempo de sobra para conversar. Mas não falamos quase nada até estar a leste de Denver, só ficamos sentados olhando para a paisagem. Com exceção do sempre presente cinturão de fumaça de poluição sobre Arvada, era um dia perfeito de fim de verão.

Então Hugh desligou o rádio, que tocava um fluxo perene de clássicos do rock na KXKL, e disse:

— Seu irmão Conrad teve algum efeito colateral permanente depois que o reverendo curou a laringite, ou sei lá o quê?

— Não, mas isso não me surpreende. Jacobs disse que a cura era falsa, só um placebo, e sempre achei que ele estava falando a verdade. Devia estar, mesmo. Não esqueça que era um Jacobs jovem e diferente, que tinha como ideia de grande projeto melhorar a qualidade da recepção da TV. A mente do Con só precisava de permissão para melhorar.

— Acreditar é um negócio poderoso — concordou Hugh. — Assim como ter fé. Pense só em todos os grupos e artistas solo que fazem fila para gravar, apesar de quase ninguém mais comprar CDs. Você fez alguma pesquisa sobre C. Danny Jacobs?

— Pesquisei muito. A filha da Georgia está me ajudando.

— Também pesquisei por conta própria e aposto que muitas curas são iguais à do seu irmão. Pessoas com doenças psicossomáticas que decidem que estão curadas quando o pastor Danny encosta aqueles anéis mágicos de Deus.

Podia ser verdade, mas, depois de ver Jacobs trabalhando no parque de exposições de Tulsa, tinha certeza de que ele descobrira o segredo para reunir uma multidão: era preciso dar aos caipiras alguma coisa palpável para que eles se interessassem pelo show. Mulheres que diziam ter sido curadas da enxaqueca e homens que alegavam que a dor no ciático sumira eram ótimos como propaganda, mas coisas assim não tinham muito efeito visual. Não eram Retratos com Raios.

Havia mais de vinte sites de repúdio a ele, um deles chamado C. DANNY JACOBS: FRAUDE DA FÉ. Centenas de pessoas postaram nesses sites dizendo que os "tumores cancerosos" removidos pelo pastor Danny eram fígado de porco ou intestino de bode. Embora o público não pudesse entrar com câmeras nos serviços de C. Danny, e o filme fosse confiscado caso um dos "ajudantes de palco" visse alguém tirando fotos, muita coisa acabou vazando. Na verdade, a maior parte parecia complementar os vídeos oficiais do site de C. Danny. Outras, no entanto, mostravam uma gosma reluzente nas mãos do pastor Danny que parecia mesmo intestino de bode. Meu palpite era que os tumores *eram* falsos — essa parte do show tinha todo o jeito de enrolação, e provavelmente era. Só que isso não significava que tudo o que Jacobs fazia era falso. Éramos dois homens em um Lincoln Continental do tamanho de um barco para comprovar.

— Você teve sonambulismo e movimentos involuntários — disse Hugh. — De acordo com o site WebMD, essa doença é chamada de mioclonia. Transitória, no seu caso. E também sentiu necessidade de espetar coisas no braço, como se, bem no fundo, ainda quisesse se picar.

— Verdade.

— Eu tive blecautes em que falava e andava por aí. Pareciam amnésia alcoólica, só que sem o álcool.

— E os prismáticos.

— É. E tem a garota de Tulsa de quem você me falou. A que roubou os brincos. O roubo descarado mais temerário da história.

— Ela pensava que os brincos eram dela porque estavam na foto que Jacobs tirou. Aposto que também ficou rodando butiques de Tulsa atrás do vestido.

— Ela se lembra de quebrar a vitrine?

Balancei a cabeça. Fazia um bom tempo que eu tinha saído de Tulsa. Cathy Morse fora a julgamento, e Brianna Donlin encontrara um texto curto a respeito, na internet. Cathy alegara não se lembrar de nada. O juiz acreditou. Ele ordenou que a moça passasse por uma avaliação psicológica e a deixou sob custódia dos pais. Depois disso, ela saiu de cena.

Hugh ficou quieto por um tempo. Assim como eu. Ficamos olhando a estrada à frente. Depois de passarmos das montanhas, ela seguia reta como uma corda de guitarra até a linha do horizonte. Por fim, ele disse:

— Por que isso, Jamie? É por dinheiro? Depois de trabalhar no circuito de feiras durante uns anos, um belo dia ele acorda e pensa "arrá, isso aqui é troco, eu devia começar um ministério de cura e ganhar dinheiro de verdade"?

— Talvez, mas nunca me pareceu que Charlie Jacobs estivesse muito interessado em dinheiro. Ele também não está mais nem aí para Deus, a menos que tenha mudado totalmente desde que largou o ministério na minha cidadezinha, e não vi qualquer sinal de sentimento religioso em Tulsa. Tudo o que importava para ele eram a mulher e o

filho. O álbum que encontrei no *motorhome* estava desmilinguido de tanto uso, e tenho certeza de que ele ainda se interessa muito pelos experimentos que faz. No que diz respeito à eletricidade secreta, ele parece o Come-Come dos Muppets com biscoitos.

— Não entendi.

— Obcecado. Se tivesse que dar um palpite, eu diria que ele precisa de dinheiro para continuar avançando com os vários experimentos. Mais do que conseguiria ganhar se continuasse se apresentando em feiras agropecuárias.

— Então a cura não basta? Não é o objetivo final?

Eu não tinha certeza, mas duvidava que a cura *fosse* o objetivo. Fazer uma tenda de cura era, sem dúvida, fazer piada com a religião que ele rejeitara e também uma forma de ganhar dinheiro depressa com as "oferendas amorosas", mas Jacobs não me curara por dinheiro. Aquilo fora uma ajuda cristã vinda de um sujeito capaz de rejeitar o rótulo, mas não os dois pilares básicos do ministério de Jesus: caridade e compaixão.

— Não sei aonde ele quer chegar — respondi.

— Você acha que *ele* sabe?

— Na verdade, acho que sim.

— A eletricidade secreta. Eu me pergunto se ele pelo menos sabe o que ela é.

Eu me perguntava se ele se importava em saber. O que era algo assustador para se pensar.

A Feira do Condado de Norris acontecia durante a primeira quinzena de setembro. Alguns anos antes, eu estivera por lá com uma amiga, e a feira fora das grandes. Desta vez, como estávamos no meio do verão, o parque de exposições estava vazio, com exceção de uma única tenda enorme de lona. Oportunamente, a tenda fora erguida no que era a ponta mais pobre da área de jogos e atrações quando a feira estava em pleno funcionamento — a parte ocupada por barracas de jogos viciados e de showzinhos com mulheres de topless. As espaçosas vagas de estacionamento estavam cheias de carros e picapes, muito velhos e com adesivos de para-choque com frases como JESUS MORREU POR MIM, EU VIVO POR ELE. Coroando a tenda, provavelmente ligada ao mastro principal, estava uma enorme cruz elétrica com listras vermelhas, brancas e azuis. Lembrava um poste de barbeiro. De dentro vinham o som de um grupo gospel e as palmas ritmadas do público. Muita gente ainda entrava. A maioria era grisalha, mas também havia muitos jovens.

— O povo está se divertindo — comentou Hugh.

— Com certeza. É como naquela música do Neil Diamond, sobre o show itinerante e a salvação pelo amor.

Com o vento fresco soprando das planícies, fazia agradáveis dezoito graus fora da tenda, mas lá dentro devia estar pelo menos dez graus mais quente. Vi fazendeiros de macacão e senhoras com rostos felizes e corados. Vi homens de terno e mulheres em vestidos elegantes, como se tivessem saído direto do escritório em Denver. Havia um

contingente de mexicanos que trabalhava nos ranchos da região usando jeans e camisas de trabalho, alguns com o que pareciam ser tatuagens feitas na prisão à mostra sob as mangas arregaçadas. Também vi gente com tatuagens de lágrimas. Na primeira fila estava a Brigada das Cadeiras de Rodas. A banda de seis músicos era cheia de suingue e botava pra quebrar. À frente, desfilando exuberância em volumosos robes cor de vinho, estava meia dúzia de mulheres obesas: Devina Robinson e as Gospel Robins. Elas exibiam os dentes brancos, que se destacavam no rosto negro, e batiam palmas sobre a cabeça.

Devina foi dançando até a frente do palco, microfone sem fio em punho, deu um grito musical que lembrava Aretha no auge e começou a cantar.

"Trago Jesus no coração,
Trago sim, trago sim!
Vivo a glória do Senhor,
Vivo sim, vivo sim!
Porque todos os pecados
Ele tirou de mim, tirou de mim!"

Ela incitou os fiéis a cantarem junto, o que todos fizeram de bom grado. Hugh e eu tomamos nossos lugares nos fundos, porque, naquele momento, a tenda, que já devia abrigar mil pessoas, só tinha lugares de pé. Hugh se inclinou para a frente e gritou em meu ouvido: "Que pulmão! Ela é fantástica!".

Assenti e comecei a bater palmas no ritmo. Eram cinco versos cheios de "sim" e "mim", e, quando Devina terminou, o suor escorria de seu rosto e até a Brigada das Cadeiras de Rodas estava no clima. Ela fechou com chave de ouro dando outro grito no estilo de Aretha, com o microfone erguido bem alto. O organista e o guitarrista solo seguraram o último acorde a vida inteira.

Quando finalmente fecharam a música, ela gritou:

— Quero ouvir todo mundo dizendo "Aleluia", gente bonita!

Todo mundo disse.

— Agora repitam, porque vocês conhecem o amor de Deus!

Todos repetiram, porque conheciam o amor de Deus.

Satisfeita com o coro, ela perguntou se eles estavam prontos para ouvir Al Stamper. Eles responderam que estavam mais do que prontos.

A banda começou a tocar uma música lenta e sensual. O público se sentou nas fileiras de cadeiras dobráveis. Um negro careca entrou no palco, cheio de vigor, carregando seus mais de cento e trinta quilos com uma calma encantadora.

Hugh se aproximou para poder falar mais baixo.

— Ele era dos Vo-Lites nos anos 1970. Na época, era magro como um poste e tinha um *black power* tão grande que daria para esconder uma mesa de café. Achei que estivesse morto. Com toda a cocaína que ele cheirou, já era para ter batido as botas.

Stamper na mesma hora confirmou a frase.

— Eu era um grande pecador — confidenciou à plateia. — Agora, graças a Deus, sou apenas um grande comilão.

Todos riram. Ele riu junto, depois ficou sério de novo.

— Fui salvo pela graça de Jesus e tive meus vícios curados pelo pastor Danny Jacobs. Alguns de vocês devem se lembrar das músicas seculares que cantei no Vo-Lites, e uns *poucos* talvez se lembrem das que cantei como artista solo. Hoje eu canto músicas diferentes, aquelas enviadas por Deus e que antes eu rejeitava...

— Jesus seja louvado! — gritou alguém no meio do público.

— Está certo, irmão, louvado seja Seu nome, e é isso que vou fazer agora.

Ele começou a cantar "Let The Lower Lights Be Burning", um hino de que eu me lembrava bem da infância. Cantava com uma voz tão profunda e sincera que fez minha garganta doer. Quando terminou, a maioria dos fiéis acompanhava, com os olhos brilhando.

Ele cantou mais duas músicas (a melodia e a batida da segunda sem dúvida soavam como as de "Let's Stay Together", de Al Green), depois chamou as Gospel Robins de volta ao palco. Elas cantaram, ele cantou junto. Eles fizeram um som cheio de alegria em nome do Senhor e lançaram aquela congregação em um frenesi de "Deus é bom" e "vá para Jesus". Com a multidão de pé batendo palmas até ficar com as mãos vermelhas, as luzes da tenda se apagaram, com exceção de uma branca e brilhante do lado esquerdo do palco, e foi por ali que C. Danny Jacobs entrou. Era o Charlie que eu conhecia, não havia dúvida, e também o reverendo de Hugh, mas o homem tinha mudado muito desde a última vez em que eu o vira.

O casaco preto e volumoso — parecido com o que Johnny Cash usava no palco — escondia parcialmente como ele tinha emagrecido, mas o rosto esquelético entregava a verdade. E havia outras verdades ali. Acho que a maioria das pessoas que sofreram grandes perdas na vida — grandes tragédias — chega a uma encruzilhada. Talvez não logo depois do acontecido, mas quando o choque passa. Pode levar meses, pode levar anos. E então, como resultado do que aconteceu, a pessoa se expande ou se encolhe. Sei que isso parece papo *New Age*, mas não vejo por que retirar o que disse. Sei do que estou falando.

Charles Jacobs se encolhera. A boca era uma linha pálida. Os olhos azuis ainda estavam em chamas, mas eram prisioneiros de uma rede de rugas e pareciam menores. Cheios de escudos, de certa forma. O jovem com tanta vitalidade que me ajudara a fazer cavernas na montanha da Caveira quando eu tinha seis anos, o homem que me ouvira com tanto carinho quando contei sobre a mudez de Con... parecia um velho diretor de escola da Nova Inglaterra prestes a passar sermão em um aluno peralta.

Depois ele sorriu, e tive pelo menos a esperança de que o jovem adulto que se tornara meu amigo ainda estivesse em algum lugar dentro daquele mestre de cerimônias gospel. O sorriso acendeu o rosto inteiro. A multidão aplaudiu. Em parte, acho que por alívio. Ele ergueu as mãos, depois as baixou.

— Sentem-se, irmãos e irmãs. Sentem-se, meninos e meninas. Vamos nos irmanar.

Todos se sentaram novamente, o que causou um grande farfalhar das cadeiras. A tenda ficou em silêncio. Todos os olhos estavam nele.

— Trago boas-novas que já foram ouvidas antes: Deus ama vocês. Sim, cada um de vocês. Os que levaram uma vida correta e os que se afundaram em pecado até o

pescoço. Ele os ama tanto que lhes deu seu Filho unigênito: João, capítulo 3, versículo 16. Na véspera da crucificação, Seu filho orou para livrá-los do mal: João, capítulo 17, versículo 15. Quando Deus corrige, quando nos dá fardos e aflições, Ele o faz por amor: Atos, capítulo 17, versículo 11. E não poderia Ele tirar esses fardos e aflições no mesmo espírito de amor?

— *Sim, Deus seja louvado!* — disse uma voz exultante da Brigada das Cadeiras de Rodas.

— Estou aqui diante de vocês, um caminhante na face da América e um portador do amor de Deus. Vocês me aceitam, como eu os aceito?

Todos gritaram que aceitavam. O suor escorria pelo meu rosto, pelo de Hugh e de todos que estavam ao nosso lado, mas o rosto de Jacobs estava seco e brilhante, embora o holofote que o iluminava com certeza esquentasse ainda mais o ar em torno dele. Para não falar do casaco preto.

— Eu tinha uma esposa e um filho. Houve um terrível acidente, e eles morreram afogados.

Aquilo foi como um balde de água fria. Ele mentiu quando não havia razão para mentir, pelo menos nenhuma que eu percebesse.

O público murmurou — quase gemeu. Muitas mulheres choravam; alguns homens também.

— Eu virei a cara para Deus e O amaldiçoei em meu coração. Então perambulei pela selva. Ah, fui a Nova York, Chicago, Tulsa, Joplin, Dallas e Tijuana, Portland do Maine e Portland do Oregon, mas era tudo igual, tudo selva. Eu me afastei de Deus, mas nunca me afastei da memória da minha mulher e do meu filhinho. Deixei de lado os ensinamentos de Jesus, mas nunca deixei de lado isto aqui.

Ele ergueu a mão esquerda, mostrando um anel dourado que parecia largo e grosso demais para uma aliança de casamento comum.

— Fui tentado por mulheres, claro. Sou homem, e a mulher de Potifar sempre está entre nós, mas permaneci fiel.

— Deus seja louvado! — gritou uma mulher. Uma que provavelmente pensava que reconheceria a mulher de Potifar se visse aquela prostituta fogosa em roupas de matrona.

— E então, certo dia, depois de recusar uma tentação incomumente poderosa... incomumente *sedutora*... tive uma revelação de Deus, como teve Saulo na estrada para Damasco.

— *Palavra do Senhor!* — gritou um homem, erguendo as mãos para o céu (ou para o topo da tenda, pelo menos).

— Deus me disse que eu tinha trabalho a fazer, e que o trabalho seria aliviar os fardos e as aflições dos outros. Ele veio a mim em um sonho e me disse para usar *outra* aliança, uma que significasse meu casamento com os ensinamentos de Deus por meio da Sagrada Escritura e dos ensinamentos de Seu filho, Jesus Cristo. Eu estava em Phoenix, trabalhando em um show ímpio em um parque de diversões, e o Senhor me disse para entrar no deserto sem água nem comida, como qualquer peregrino do Velho Testamento na face da Terra. Ele me disse que lá eu encontraria a aliança do meu segundo e último casamento. Disse que, se eu permanecesse fiel a este casamento, faria uma grande obra do bem e voltaria a me reunir com minha mulher e meu filho no paraíso, e nosso casamento verdadeiro seria reconsagrado por Seu trono sagrado e Sua luz sagrada.

Houve mais gritos e exclamações. Uma mulher que usava um tailleur chique, meia-calça cor de pele e sapatos baixos elegantes se jogou no chão no meio do corredor e começou a testemunhar em uma língua que parecia feita apenas de vogais. O homem que a acompanhava — marido ou namorado — se ajoelhou ao lado, protegendo sua cabeça com as mãos, sorrindo com ternura, incentivando-a.

— Ele não acredita em uma palavra disso — afirmei, atônito. — Cada palavra é uma mentira. Como é que eles não enxergam?

Mas não enxergavam, e Hugh não me ouviu. Ele tinha o olhar fixo, petrificado. A tenda era um tumulto de alegria, com a voz de Jacobs se erguendo acima de tudo, abrindo caminho entre hosanas por obra e graça da eletricidade (e de um microfone sem fio).

— Por todo o dia, eu andei. Encontrei comida que alguém tinha deixado em uma lixeira na área de descanso e comi. Encontrei meia garrafa de Coca-Cola ao lado do caminho e bebi. Então Deus me disse para sair da trilha e, mesmo que já estivesse escurecendo e melhores caminhantes que eu já tivessem morrido no deserto, àquela altura, fiz como Ele mandou.

"A trilha dele já devia ter chegado aos subúrbios, naquele momento", pensei. "Talvez a North Scottsdale, onde vivem os ricaços."

— A noite estava nublada e escura, nenhuma estrela aparecia. Logo depois da meia-noite, no entanto, as nuvens se abriram e o luar brilhou sobre uma pilha de pedras. Fui até lá e encontrei... isto.

Ele levantou a mão direita. No dedo médio estava outro anel dourado e grosso. O público irrompeu em aplausos e aleluias. Continuei tentando encontrar algum sentido naquilo e não consegui. Ali havia pessoas que usavam computadores para entrar em contato com amigos e ler as notícias do dia, que consideravam satélites meteorológicos e transplantes de pulmão uma coisa normal, que esperavam viver trinta ou quarenta anos a mais do que os bisavós. E, no entanto, ali estavam, caindo em uma história que fazia o Papai Noel e a Fada dos Dentes parecerem realidade nua e crua. Jacobs enfiava aquela merda goela adentro deles, e todos adoravam. Tive a ideia perturbadora de que ele também estava adorando, o que era ainda pior. Aquele não era o homem que eu conhecera em Harlow nem o que me acolhera aquela noite em Tulsa. Apesar disso, quando penso em como ele tratou o pai de Cathy Morse, um fazendeiro confuso com o coração despedaçado, preciso admitir que aquele homem já estava sendo gestado.

"Não sei se ele odeia essas pessoas, mas com certeza as despreza", pensei.

Ou talvez não. Talvez só não se importasse com nada daquilo. Com exceção do que estaria na cesta de oferendas no final do show, claro.

Enquanto isso, Jacobs continuava o testemunho. A banda começou a tocar enquanto ele falava, incendiando a multidão ainda mais. As Gospel Robins dançavam e batiam palmas, e o público acompanhava.

Jacobs contou sobre as primeiras curas, cheias de hesitação, com as alianças dos dois casamentos, o secular e o sagrado. Sobre a percepção de que Deus queria que ele passasse a mensagem divina de amor e cura a uma audiência mais ampla. As repetidas declarações — de joelhos e cheio de agonia — de que não era digno. E Deus respondendo que ele jamais teria recebido as alianças se não fosse. Jacobs fez parecer que tinha longas conversas com Deus em alguma tabacaria celestial, talvez fumando cachimbo e observando as colinas do céu.

Odiei a aparência dele — o rosto estreito de bedel e o brilho azul nos olhos. Também odiei o casaco preto. Quem participa do circuito de feiras chama esse tipo de roupa de casaca de mágico. Foi uma das coisas que aprendi trabalhando no número dos Retratos com Raios de Jacobs, no parque de diversões Bell.

— Juntem-se a mim em oração, por favor — pediu Jacobs e caiu de joelhos com o que soou como um breve gemido de dor. Reumatismo? Artrite? "Pastor Danny, cura a ti mesmo", pensei.

A congregação se ajoelhou em outro vasto farfalhar de roupas e murmúrios exaltados. Os que estavam na parte de trás repetiram o gesto. Eu quase resisti — mesmo para um ex-metodista como eu, aquilo era uma blasfêmia em nome do show —, mas a última coisa que eu queria era atrair a atenção dele, como acontecera em Tulsa.

"Ele salvou sua vida", pensei. "Não se esqueça disso."

Verdade. E desde então os anos tinham sido bons. Fechei os olhos, não em oração, mas em confusão. Desejei não ter ido, mas não tive escolha. Não pela primeira vez, desejei que Georgia Donlin jamais tivesse me passado o contato da filha especialista em computadores.

Tarde demais.

O pastor Danny orou pelos presentes. Orou pelos inválidos que queriam estar ali, mas não podiam. Orou pelos homens e mulheres de boa vontade. Orou pelos Estados Unidos da América e para que Deus imbuísse Sua sabedoria nos governantes. Depois voltou aos negócios, orando para que Deus trabalhasse a cura por meio de suas mãos e dos anéis sagrados, se fosse a Sua vontade.

E a banda continuava tocando.

— Existe entre vocês alguém que precise ser curado? — perguntou ele com um esgar, enquanto lutava para ficar de pé. Al Stamper deu alguns passos à frente para ajudar, mas Jacobs fez um gesto para que o ex-cantor soul recuasse. — Existe entre vocês alguém que carregue um fardo pesado do qual precise ser aliviado, aflições das quais queira se livrar?

A congregação disse que sim — em voz alta. A Brigada das Cadeiras de Rodas e os doentes crônicos nas primeiras duas fileiras olhavam, encantados. O mesmo acontecia com os que estavam nas fileiras atrás, exauridos e parecendo doentes às portas da morte. Havia pessoas enfaixadas, desfiguradas, máscaras de oxigênio e membros atrofiados ou engessados. Também havia os que não conseguiam parar de se balançar para a frente e para trás ou que mexiam os membros descontroladamente enquanto seus cérebros paralisados se contorciam no crânio.

Devina e as Gospel Robins começaram a cantar, de maneira tão suave quanto um vento de primavera soprando no deserto, a música "Jesus Says Come Forth", cuja letra era um chamado do filho de Deus aos que precisavam de cura. Ajudantes de palco vestindo calças jeans, camisas brancas e coletes verdes apareceram como que por encanto. Alguns começaram a organizar uma fila no corredor central para os que esperavam ser curados. Outros coletes verdes — *muitos* outros — circulavam na multidão recolhendo as oferendas em cestas de vime tão grandes que pareciam baldes. Ouvi o tilintar de moedas, mas era disperso e esporádico. A maioria jogava verdinhas dobradas. A mulher que falava em línguas foi colocada de volta na cadeira dobrável pelo marido ou namorado. O cabelo estava caído por cima do rosto ruborizado e exaltado, e o casaco do tailleur ficara todo sujo.

Também me senti todo sujo, mas tínhamos chegado ao que eu de fato queria ver. Tirei um bloco de anotações e uma Bic do bolso. Parte do conteúdo vinha de minhas próprias pesquisas. Outra, era cortesia de Brianna Donlin.

— O que você está fazendo? — perguntou Hugh, em voz baixa.

Sacudi a cabeça. A cura estava prestes a começar, e eu tinha assistido a vários vídeos no site do pastor Danny para saber como era.

— Isso é clássico — disse Bree, após assistir a alguns vídeos.

Uma cadeirante chegou à frente. Segurando o microfone próximo aos lábios da mulher, Jacobs perguntou seu nome. Com voz trêmula, ela respondeu que se chamava Rowena Mintour, uma professora que saíra da distante Des Moines e não conseguia mais andar por causa de uma artrite terrível.

Escrevi o nome no bloco, logo abaixo de Mabel Jergens, curada de uma lesão na medula um mês antes, em Albuquerque.

Jacobs colocou o microfone em um bolso externo da casaca de mágico e segurou a cabeça da mulher entre as mãos, pressionando os anéis contra as têmporas e posicionando o rosto dela contra seu peito. Ele fechou os olhos. Os lábios se mexeram em oração silenciosa... ou a letra de "Here We Go Round the Mulberry Bush", ao que me parecia. De repente, Rowena fez um movimento brusco. Os braços se ergueram para os lados, em um movimento que lembrava o bater de asas. Com os olhos esbugalhados, ela fitou o rosto de Jacobs — não sei se por assombro ou por causa do choque que levou.

Depois, ficou de pé.

A multidão entoou aleluias. Enquanto Rowena abraçava Jacobs e cobria sua face de beijos, vários homens lançaram os chapéus ao ar, uma cena que eu vira em filmes, mas nunca na vida real. Jacobs segurou a mulher pelos ombros, virou-a para a plateia — todos irrequietos, inclusive eu — e pegou o microfone com a suavidade vinda da prática de alguém experiente em shows de parques de diversão.

— Ande até seu marido, Rowena! — trovejou Jacobs, ao microfone. — Ande até ele e louve Jesus a cada passo! Louve Deus a cada passo! Louve Seu santo nome!

Chorando e esticando os braços para manter o equilíbrio, ela cambaleou até o marido. Um ajudante de palco de colete verde empurrava a cadeira de rodas logo atrás dela para o caso de as pernas vacilarem... o que não aconteceu.

A sessão de cura continuou por uma hora. A música não parou um segundo, nem os ajudantes com as grandes cestas de oferendas. Jacobs não curou a todos, mas posso dizer que a equipe de coleta explorou os caipiras até o limite de seus cartões de crédito. Muitos da Brigada das Cadeiras de Rodas não conseguiram se levantar depois do toque das alianças sagradas, mas meia dúzia deles, sim. Anotei todos os nomes, riscando aqueles que pareciam tão fodidos quanto antes após o toque curativo de Jacobs.

Uma mulher com catarata afirmou ter voltado a enxergar e, sob as luzes brilhantes, a película leitosa realmente pareceu ter sumido de seus olhos. Um braço torto ficou reto. Um bebê que chorava e tinha algum problema cardíaco parou o choro como se tivessem desligado um interruptor. Um homem que chegou ao palco de muletas e cabeça torta tirou o imobilizador de pescoço e jogou os apoios para os lados. Uma mulher com doença pulmonar obstrutiva crônica em estágio avançado tirou a máscara de oxigênio. Ela afirmou que conseguia respirar normalmente e que o peso no peito tinha desaparecido.

Muitas das curas eram impossíveis de comprovar, e é bem possível que algumas fossem encenação. O homem com úlcera que disse ter ficado livre da dor de estômago pela primeira vez em três anos, por exemplo. Ou a mulher com diabetes — e uma perna amputada abaixo do joelho — que dizia ter voltado a sentir as mãos e os dedos do pé remanescente. Um casal de portadores de enxaqueca crônica testemunhou ter se livrado completamente da dor, louvado seja Deus.

Anotei os nomes mesmo assim, e — quando diziam — as cidades e os estados de origem. Bree Donlin era boa, estava interessada no projeto, e eu queria lhe dar o máximo de informações.

Jacobs só extraiu um tumor naquela noite, e nem me dei ao trabalho de anotar o nome do sujeito depois de ver o pastor enfiar uma das mãos na casaca de mágico antes de aplicar as alianças sagradas. O que ele mostrou ao público boquiaberto e arrebatado sem dúvida parecia fígado de boi. Ele passou aquele negócio a um dos ajudantes, que o enfiou em uma jarra e logo deu um jeito de fazer com que sumisse de vista.

Por fim, Jacobs declarou que o toque de cura estava esgotado para aquela noite. Não sei se era verdade, mas *ele* parecia mesmo esgotado. Quase morto. O rosto ainda estava seco, mas a parte da frente da camisa estava colada ao peito. Quando se afastou dos fiéis que relutavam em ir embora por não terem conseguido uma chance (sem dúvida, muitos apareceriam no encontro de reavivamento seguinte), Jacobs tropeçou. Al Stamper estava ali para segurá-lo, e, dessa vez, ele aceitou a ajuda.

— Oremos — disse ele. O pastor estava com dificuldades de respirar e temi que ele desmaiasse ou tivesse um ataque cardíaco bem ali. — Vamos dar graças a Deus, assim como damos nossos fardos a Ele. Depois disso, irmãos e irmãs, Al, Devina e as Gospel Robins vão cantar em despedida.

Desta vez ele não tentou se ajoelhar, mas a congregação, sim, inclusive os que achavam que jamais se ajoelhariam de novo na vida. Depois houve outro farfalhar de roupas que quase encobriu o barulho de alguém com engulhos atrás de mim. Virei a tempo de ver a camisa xadrez de Hugh desaparecer entre as cortinas na entrada da tenda.

Eu o encontrei ao lado de um poste a cinco metros de distância, inclinado para a frente, segurando os joelhos. A noite estava bem mais fria, e a poça entre seus pés soltava uma leve fumaça. Quando me aproximei, Hugh contraiu o corpo, e a poça cresceu. Quando toquei seu braço, ele o afastou de supetão, perdeu o equilíbrio e quase caiu no próprio vômito, o que tornaria o cheiro da viagem de volta nada agradável.

O olhar de pânico que Hugh me lançou era o de um animal cercado por um incêndio na floresta. Depois de se acalmar e erguer o corpo, ele puxou uma bandana de rancheiro fora de moda do bolso de trás e limpou a boca. A mão tremia. O rosto estava branco como o de um cadáver. Em parte, por causa do brilho duro emitido pela luz do poste, mas não só por isso.

— Desculpe, Jamie. Você me assustou.

— Eu percebi.

— Deve ter sido o calor. Vamos sair logo daqui, o que acha? Sair antes da multidão.

Hugh começou a andar em direção ao Lincoln. Toquei seu cotovelo, mas ele afastou o braço. Só que isso não descreve bem o acontecido. Ele o puxou com um *tranco*, com medo.

— O que aconteceu, afinal?

Ele não respondeu de início, só continuou andando em direção ao lado oposto do estacionamento, onde a lancha construída em Detroit estava estacionada. Caminhei a seu lado. Hugh chegou ao carro e pôs a mão na capota úmida de sereno, como se procurasse conforto.

— Foi um prismático. O primeiro em muito, muito tempo. Senti que estava chegando enquanto o reverendo curava o último sujeito, o que disse que ficou paralisado da cintura para baixo depois de um acidente de carro. Quando o homem se levantou da cadeira, tudo ficou *nítido*. Tudo ficou *claro*. Entende?

Eu não entendia, mas fiz que sim. Lá atrás, a congregação batia palmas alegremente e cantava "How I Love My Jesus" a plenos pulmões.

— Então... quando o reverendo começou a orar... as cores. — Quando Hugh olhou para mim, a boca tremia. Ele parecia vinte anos mais velho. — Estavam mais brilhantes do que nunca. E estilhaçavam tudo.

Ele se aproximou e agarrou minha camisa com tanta força que arrancou dois botões. Era o abraço de um afogado. Os olhos estavam esbugalhados e horrorizados.

— Então... então todos os fragmentos se juntaram, mas as cores não desapareceram. Elas dançavam e giravam como a aurora boreal em uma noite de inverno. E as pessoas... não eram mais pessoas.

— O que eram, Hugh?

— Formigas — sussurrou ele. — Formigas imensas, do tipo que só vive nas florestas tropicais. Marrons, pretas e vermelhas. Olhavam para ele com olhos mortos, e aquele veneno que elas usam, ácido fórmico, pingava das bocas. — Hugh respirou fundo, ainda aterrorizado. — Se vir algo assim de novo, eu me mato.

— Mas já passou, não é?

— É. Passou. Graças a Deus!

Ele puxou as chaves do bolso e deixou cair na terra. Peguei-as antes dele.

— Deixa que eu dirijo na volta.

— Sim, por favor. — Ele foi em direção ao banco do carona, depois olhou para mim. — Você também, Jamie. Olhei para você e me vi ao lado de uma formiga enorme. Você virou... olhou para mim...

— Hugh, eu não olhei para você. Eu mal vi você sair.

Ele pareceu não ouvir.

— Você se virou... olhou para mim... e acho que tentou *sorrir*. Você estava rodeado de cores, mas seus olhos estavam mortos, como os de todos os outros. E sua boca estava cheia de veneno.

H**ugh não disse mais nada** até chegarmos ao grande portão de madeira que dava acesso a Wolfjaw. Estava fechado, e comecei a sair do carro para abrir.

— Jamie.

Olhei para Hugh. Ele já estava um pouco mais corado, mas só um pouco.

— Nunca mais mencione o nome dele para mim. *Nunca*. Se mencionar, você está demitido. Entendido?

Entendido. Mas isso não significava que eu me esqueceria de tudo.

IX

Obituários na cama.
Cathy Morse de novo. Ferrolhos.

No começo de agosto de 2009, durante uma manhã de domingo, Brianna Donlin e eu estávamos vasculhando obituários na cama. Graças ao tipo de magia informática que só os verdadeiros *geeks* dominam, Bree conseguira juntar notícias sobre mortes em uma dúzia dos principais jornais americanos e exibi-las em uma lista na ordem alfabética.

Não era a primeira vez que nós dois fazíamos isso em circunstâncias tão prazerosas, mas ambos percebemos que estávamos ficando cada vez mais próximos. Em setembro, ela partiria rumo a Nova York para fazer entrevistas de emprego em TI, no tipo de empresas que pagavam salários de seis dígitos para iniciantes — ela já tinha entrevistas agendadas em quatro delas —, e eu tinha meus próprios planos. Para mim, no entanto, nosso tempo juntos havia sido bom de várias maneiras, e não havia razão para duvidar quando Bree dizia que tinha sido bom para ela também.

Não fui o primeiro homem a curtir um romance com uma mulher com metade de sua idade, e, se você disser que não existe alguém mais tolo que um velho tolo e nenhum lobo como um velho lobo, não vou discutir, mas às vezes essas ligações são legais, pelo menos em curto prazo. Nenhum de nós estava envolvido, e nenhum de nós tinha ilusões sobre o futuro. Simplesmente aconteceu, e fora Brianna quem tomara a iniciativa. Acontecera cerca de três meses depois da ida à tenda de reavivamento no Condado de Norris, quatro depois do início da nossa investigação pelo computador. Eu não fui nada difícil de conquistar, ainda mais depois que ela tirou a blusa e a saia, certa noite, no meu apartamento.

— Tem certeza de que você quer fazer isso?

— Absoluta — respondeu ela, com um belo sorriso. — Daqui a pouco eu vou cair no mundo, então é melhor resolver logo meu complexo de Electra.

— E por acaso o seu pai é branco e ex-guitarrista?

A pergunta a fez gargalhar.

— À noite, todos os gatos são pardos, Jamie. E então? Vamos logo para os finalmentes?

Fomos, e foi incrível. Eu estaria mentindo se dissesse que a juventude dela não me excitava — Bree tinha vinte e quatro anos — e também estaria mentindo se dissesse que conseguia acompanhar o ritmo todas as vezes. Esticado ao lado dela naquela primeira noite e praticamente exausto depois de dar a segunda, perguntei o que Georgia diria daquilo.

— No que depender de mim, ela não vai saber de nada. E no que depender de você?

— Também não, mas Nederland é uma cidade pequena.

— Isso é verdade. E, em cidades pequenas, a discrição tem pernas curtas. Se *por acaso* ela falar comigo, vou responder que uma vez ela fez mais por Hugh Yates do que cuidar dos livros de registro.

— Você está falando sério?

Ela riu.

— Como é que vocês, homens brancos, conseguem ser tão *idiotas*?

Já com café ao seu lado e chá do meu, nós nos sentamos na cama, apoiados nos travesseiros, com o laptop de Bree no meio. O sol de verão — matinal, sempre o melhor — desenhou um retângulo no chão. Ela usava uma camisa minha e nada mais. O cabelo, curto, era cheio, preto e ondulado.

— Você pode muito bem continuar sem mim — disse ela. — Você fica aí fingindo ser *analfabyte*... aposto que é só para me bolinar quando passo a noite aqui. Mas usar ferramentas de busca está longe de ser complicado. E acho que você já tem material suficiente, não é?

De fato, eu tinha. Começamos com três nomes da página Testemunhos de Milagres do site de C. Danny Jacobs. Robert Rivard, o garoto curado de distrofia muscular em Saint Louis, encabeçava a lista. A esses três, acrescentamos as curas em que eu acreditava da reunião de reavivamento no Condado de Norris, como o de Rowena Mintour, cuja súbita recuperação era difícil de refutar. Se aquela caminhada vacilante e emocionada até o marido foi uma armação, ela merecia um Oscar.

Bree rastreou a Turnê de Reavivamento e Cura do Pastor Danny Jacobs do Colorado à Califórnia, com dez paradas no total. Com a avidez de biólogos marinhos que estudam uma espécie de peixe recém-descoberta, assistimos aos novos vídeos do YouTube incluídos na página Testemunhos de Milagres do site. Discutimos a veracidade de cada um (primeiro em minha sala, depois na cama), e por fim os dividimos em quatro

categorias: *enganação total*, *provável enganação*, *impossível ter certeza* e *difícil de não acreditar*.

Com esse processo, uma lista-mestra surgiu aos poucos. Naquela manhã ensolarada de agosto, no quarto de meu apartamento de segundo andar, havia quinze nomes. Eram curas de que tínhamos noventa e oito por cento de certeza, extraídas de um rol de quase setecentos e cinquenta possíveis. Robert Rivard estava na lista; Mabel Jergens, de Albuquerque, estava nela, bem como Rowena Mintour e Ben Hicks, o homem da tenda do Parque de Exposições do Condado de Norris que tirou o imobilizador de pescoço e jogou fora as muletas.

Hicks era um caso interessante. Ele e a mulher confirmaram a autenticidade da cura em um artigo publicado no *Denver Post* semanas após o show itinerante de Jacobs ter ido embora. Ele era professor de história na Faculdade Comunitária de Denver e tinha reputação impecável. Hicks se dizia cético em termos de religião e descreveu a ida à tenda de reavivamento do Condado de Norris como "último recurso". A mulher confirmou tudo. "Estamos impressionados e somos gratos", disse ela, acrescentando que os dois voltaram a frequentar a igreja.

Rivard, Jergens, Mintour, Hicks e todos os outros da lista-mestra tinham sido tocados pelas "alianças sagradas" de Jacobs entre maio de 2007 e dezembro de 2008, quando a Turnê de Reavivamento e Cura fora encerrada em San Diego.

Bree começou o trabalho de acompanhamento de coração leve, mas, em outubro de 2008, sua atitude se tornou mais sombria. Foi quando ela encontrou uma história sobre Robert Rivard no *Weekly Telegram,* do Condado de Monroe. Na verdade, não passava de um texto curto e um tanto irônico afirmando que o "garoto do milagre" tinha dado entrada no Hospital Infantil de St. Louis "por motivos não relacionados à antiga distrofia muscular".

Bree fez pesquisas por computador e por telefone. Os pais de Rivard se recusaram a falar, mas uma enfermeira do hospital finalmente aceitou quando Bree disse que estava tentando desmascarar a fraude de C. Danny Jacobs. Não era bem isso que estávamos fazendo, mas funcionou. Após Bree garantir que o nome da enfermeira não sairia em qualquer matéria ou livro, a mulher contara que Bobby Rivard dera entrada com "dores de cabeça crônicas" e passara por uma bateria de exames para descartar a possibilidade de tumor no cérebro. Câncer descartado, o garoto acabou sendo transferido para Gad's Ridge, em Oakville, Missouri.

— Que tipo de hospital é esse? — perguntou Bree.

— Um hospício — respondeu a enfermeira. E, enquanto Bree ainda digeria a informação: — A maioria dos pacientes que entra no Gad's nunca sai.

Os esforços de Bree para descobrir mais encontraram uma barreira intransponível em Gad's Ridge. Como eu considerava Rivard nosso paciente zero, peguei um voo até Saint Louis, aluguei um carro e segui para Oakville. Depois de várias tardes em um bar próximo ao hospício, encontrei um servente que concordou em falar pelo módico cachê de sessenta dólares. Robert Rivard ainda andava normalmente, mas nunca ia além dos limites do quarto. E, quando ia, ficava parado, como uma criança de castigo por mau comportamento, até que alguém o levasse de volta à cama ou à cadeira mais próxima. Nos dias bons, ele comia; durante os momentos ruins, muito mais comuns, era preciso alimentá-lo por sonda. O garoto foi classificado como semicatatônico. Um caso perdido, nas palavras do servente.

— Ele ainda sofre com as dores de cabeça?

O servente ergueu os ombros gordos.

— Quem sabe?

Quem, de fato.

Até onde sabíamos, nove pessoas da nossa lista-mestra estavam bem. Entre elas Rowena Mintour, que voltara a dar aulas, e Ben Hicks, que eu mesmo entrevistei em novembro de 2008, cinco meses após a cura. Não contei tudo a ele (não mencionei, por exemplo, eletricidade, seja comum ou do tipo especial), mas compartilhei o suficiente para estabelecer minha boa-fé: vício em heroína curado por Jacobs no início da década de 1990, seguido por efeitos colaterais perturbadores que acabaram perdendo a força até desaparecer. O que eu queria saber era se *ele* havia sofrido algum efeito colateral — blecautes, luzes piscantes, sonambulismo, talvez uma vontade incontrolável de xingar, semelhante à da síndrome de Tourette.

Nada disso, respondeu ele. Hicks estava melhor que nunca.

— Não sei se era Deus trabalhando através dele — comentou Hicks, enquanto tomávamos café em seu escritório. — Minha mulher acha que sim, e tudo bem, eu não me importo. Não sinto mais dor e caminho três quilômetros por dia. Em dois meses, espero estar liberado para jogar tênis, desde que seja em duplas, quando só é preciso correr alguns passos. É *isso* que me importa. Se você realmente foi curado, então sabe do que estou falando.

Eu sabia, mas também sabia de outras coisas.

Que Robert Rivard estava curtindo a cura em uma instituição para doentes mentais, tomando glicose por via intravenosa, em vez de beber Coca-Cola com os amigos.

Que Patricia Farmingdale, curada de neuropatia periférica em Cheyenne, Wyoming, tinha jogado sal nos próprios olhos, aparentemente para se cegar. Ela não se recordava de ter feito isso, menos ainda por quê.

Que Stefan Drew, de Salt Lake City, passara a caminhar longuíssimas distâncias depois de ser curado de um suposto tumor no cérebro. Essas caminhadas, que incluíam maratonas de vinte e cinco quilômetros, não ocorriam durante blecautes. Drew contou que sentia uma necessidade irrefreável de andar e não conseguia resistir.

Que Veronica Freemont, de Anaheim, sofrera o que chamava de "interrupções da visão". Uma delas causou uma batida de carro em baixa velocidade. Os exames deram negativo para drogas e álcool, mas ela preferiu devolver a carteira assim mesmo, com medo de que se repetisse.

Que, em San Diego, após a cura milagrosa de uma lesão no pescoço, Emil Klein passara a sentir compulsão de ir ao quintal de casa comer terra.

E que Blake Gilmore, de Las Vegas, afirmara ter sido curado por C. Danny Jacobs de um linfoma no final do verão de 2008. Um mês depois, perdera o emprego

como carteador de vinte e um em um cassino ao começar a usar palavrões ao falar com os clientes — coisas como: "Pede carta logo, pede carta nessa porra, seu imbecil de merda." Quando começou a gritar coisas parecidas com os três filhos, a mulher o expulsou de casa. Ele se mudou para um motel ao norte da estrada Fashion Show. Duas semanas depois, Gilmore foi encontrado morto no chão do banheiro com uma embalagem de supercola na mão. Ele a usara para colar as narinas e selar a boca. Esse não foi o único óbito ligado a Jacobs que Bree encontrara pela ferramenta de busca, mas era o único em que a conexão nos parecia clara.

Até Cathy Morse, claro.

Eu estava sonolento de novo, apesar da infusão de chá preto que tomara no café da manhã. Para mim, a culpa era do recurso de rolagem automática da tela do laptop de Bree. Era útil, disse eu, mas também hipnótico.

— Amor, sabe "You Ain't Heard Nothing Yet", aquela velha canção do Al Jolson? — perguntou ela. — Pois é, você está assim, ainda não ouviu, nem viu, nada. No ano que vem, a Apple vai lançar um computador que parece um bloquinho de notas e vai revolucionar... — Houve um "bing" antes que ela terminasse a frase, e a rolagem automática parou. Bree olhou para a tela, onde havia uma linha destacada em vermelho. — Xiii. É um dos nomes que você me deu quando começamos.

— O quê? — perguntei, querendo dizer "quem". Até então, eu só tinha conseguido dar uns poucos nomes, e um deles era o de meu irmão Con. Jacobs *afirmou* que era só um placebo, mas...

— Aguenta as pontas e deixa eu clicar.

Eu me inclinei para olhar, e a primeira sensação foi de alívio: não era Con, claro que não. A segunda foi uma espécie de terror misturada a abatimento.

O obituário, extraído do *World*, de Tulsa, era de uma Catherine Anne Morse, de trinta e oito anos. Morte súbita, dizia o texto. E mais: "Os pais enlutados de Cathy pedem que, em vez de flores, amigos e parentes enviem contribuições para a Rede de Ação para Prevenção de Suicídios. As contribuições são dedutíveis do imposto de renda".

— Bree, vá até a semana anterior...

— Pode deixar que eu sei o que fazer — interrompeu ela. Depois, olhando meu rosto por um segundo. — Você está bem?

— Estou — respondi, mas não sabia se era verdade.

Fiquei me lembrando do momento em que Cathy Morse subira ao palco dos Retratos com Raios, tantos anos antes. Uma mocinha bonita de Oklahoma com pernas bronzeadas aparecendo por baixo da barra desfiada da saia jeans. "Toda garota bonita tem sua própria carga positiva!", exclamara Jacobs, mas, em algum lugar do caminho, a de Cathy ficara negativa. Não havia menção a marido, embora não devam ter faltado pretendentes para uma belezura como ela. Também não havia menção a filhos.

"Talvez ela gostasse de garotas", pensei, mas era um pensamento ridículo.

— Aqui está, amor — disse Bree. Ela virou o laptop para que eu conseguisse ver melhor. — É o mesmo jornal.

MULHER SALTA PARA A MORTE DA PONTE CYRUS AVERY MEMORIAL, dizia a manchete. Cathy Morse não deixara qualquer bilhete suicida. Além de consumidos pela dor, os pais estavam perplexos. “Fico me perguntando se não foi alguém que a empurrou”, dissera a sra. Morse... embora afirmasse que a possibilidade de crime tinha sido afastada, a matéria não explicava por quê.

— Ele já fez isso antes, senhor? — perguntara-me o sr. Morse, em 1992, depois de ter rasgado o lábio do meu velho quinto personagem com um soco na cara. — Ele já mexeu com a cabeça de outras pessoas como mexeu com a da minha Cathy?

“Sim, senhor”, pensei agora. “Sim, senhor, acredito que sim.”

— Jamie, não dá para ter certeza — disse Bree, tocando meu ombro. — Dezesseis anos é muito tempo. Pode ter sido outra coisa completamente diferente. Ela pode ter descoberto um câncer agressivo ou outra doença fatal. Fatal e dolorosa.

— Foi ele. Eu sei disso, e, a essa altura, acho que você também sabe. A maioria das cobaias fica bem depois, mas algumas vão embora com uma bomba-relógio na cabeça. Cathy Morse foi uma delas, e a bomba explodiu. Quantas outras vão fazer a mesma coisa nos próximos dez ou vinte anos?

Eu me peguei pensando que poderia ser uma delas, e Bree com certeza sabia disso. Ela não sabia de Hugh, porque não cabia a mim contar. Ele não tinha sofrido novos prismáticos desde a noite da tenda de reavivamento — e aquele devia ter sido causado por estresse —, mas poderia acontecer de novo, e, embora não tenhamos tocado no assunto, ele sabia disso tão bem quanto eu.

Bombas-relógio.

— Então você vai encontrá-lo?

— Pode apostar que sim.

O obituário de Catherine Anne Morse foi a última prova de que eu precisava, a gota d’água que me fez tomar a decisão.

— E vai tentar convencê-lo a parar.

— Se eu conseguir.

— E se não conseguir?

— Aí, não sei.

— Posso ir junto, se quiser.

Mas *ela* não queria. Estava estampado em seu rosto. Bree era inteligente e tinha topado me ajudar graças ao interesse pela pesquisa em si, e então o sexo aparecera para deixar as coisas mais interessantes, mas já não se tratava mais da pesquisa, e as descobertas a deixaram bem assustada.

— Nem pense em chegar perto desse sujeito — respondi. — O problema é que ele já está há oito meses fora da estrada, e o programa de TV semanal só está passando reprises. Preciso da sua ajuda para descobrir onde foi que ele se escondeu.

— Deixa comigo. — Ela pôs o laptop de lado e enfiou a mão por baixo do lençol. — Mas tem uma coisa que eu queria fazer primeiro, se você estiver a fim.

Eu estava.

No início de setembro, Bree Donlin e eu nos despedimos naquela mesma cama. Foi uma despedida bem física na maior parte do tempo e satisfez a ambos, mas também foi triste. Mais para mim do que para ela, imagino. Bree estava ansiosa pelo passo seguinte na carreira, como mulher bonita e desimpedida em Nova York. Eu tinha diante de mim a perspectiva de me aproximar cada vez mais da terceira idade. Imaginei que jamais teria outra mulher jovem e cheia de vida, e nesse aspecto eu estava absolutamente certo.

Ela saiu da cama, linda e nua, com aquelas pernas longilíneas.

— Descobri o que você queria — disse ela, e começou a mexer na bolsa que estava na cômoda. — Foi mais difícil do que pensei, porque agora ele está usando o nome Daniel Charles.

— Esse é o meu garoto. Não é bem um pseudônimo, mas passa perto.

— Acho que é mais por precaução. Como fazem as celebridades quando vão se registrar no hotel com nome falso, ou a variação do nome verdadeiro, para despistar caçadores de autógrafos. Ele alugou o lugar onde vem morando sob o nome de Daniel Charles, o que é perfeitamente legal desde que possua conta bancária e os cheques tenham fundos, mas às vezes um sujeito precisa usar o nome verdadeiro, se quiser ficar dentro da lei.

— E o que isso significa, nesse caso?

— Ele comprou um carro em Poughkeepsie, no estado de Nova York, ano passado. Nada de mais, só um Ford Taurus bege. Só que ele fez o registro com o nome verdadeiro. — Ela voltou para cama e me passou um pedaço de papel. — Aqui está, bonitão.

Estava escrito “Daniel Charles (vulgo Charles Jacobs, vulgo C. Danny Jacobs), Ferrolhos, Latchmore, Nova York, 12 561.”

— Como assim, Ferrolhos?

— É o nome da casa que ele alugou. Na verdade, uma propriedade rural. Do tipo que tem *portões fechados*, então cuidado. Latchmore fica logo ao norte de New Paltz, o CEP é o mesmo. Fica em Catskills, onde Rip van Winkle jogava boliche com anões, antigamente. A diferença é que, na época... hum, suas mãos estão tão quentinhas... o jogo era chamado de bolão.

Ela chegou mais perto, e eu disse o que muitos homens da minha idade se veem obrigados a dizer com cada vez mais frequência: eu gostava da oferta, mas não me sentia capaz de aceitar naquele exato momento. Em retrospecto, eu me arrependo de não ter tentado. Uma última vez teria sido ótimo.

— Tudo bem, amor. Me abrace, então.

Eu a abracei. Acho que dormimos, porque, quando me dei conta, o sol já tinha saído da cama e ido para o chão. Bree se levantou de um salto e começou a se vestir.

— Preciso ir. Tenho mil coisas para fazer. — Ela colocou o sutiã, depois olhou para mim pelo espelho. — Quando você vai atrás dele?

— Acho que só depois de outubro. Hugh conseguiu um cara de Minnesota para me substituir, mas ele só deve chegar aqui por essa época.

— Não deixe de falar comigo. Por e-mail *e* telefone. Se não tiver notícias suas todos os dias em que você estiver lá, vou ficar preocupada. Sou capaz de ir até lá ver se você está bem.

— Não faça isso.

— É só manter contato, branquelo, e não vou precisar.

Já vestida, ela se aproximou e se sentou na beira da cama.

— Talvez você nem precise ir. Já pensou nisso? Não existe turnê marcada, o site está parado, e na TV só estão passando reprises. Outro dia, vi uma postagem de blog com o título: "Onde se meteu o pastor Danny?". A discussão se estendia por páginas.

— E o que você quer dizer com isso?

Ela segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos.

— Nós sabemos... bem, saber não *sabemos*, mas temos quase certeza de que ele fez mal a algumas pessoas no caminho, mas também ajudou outras. Isso está feito e não pode ser desfeito. Mas, se as curas pararam, ele não vai mais machucar ninguém. Nesse caso, qual a necessidade de confrontar o homem?

— Se ele parou com as curas, é porque já tem dinheiro suficiente para continuar.

— Com o quê?

— Eu não sei, mas, a julgar pelo histórico dele, talvez algo perigoso. E, Bree, me escute... — Eu me sentei e segurei a outra mão dela. — Deixando todo o resto de lado, alguém precisa fazer com que ele preste contas do que fez.

Ela levou minhas mãos aos lábios, beijando uma e depois a outra.

— Mas esse alguém tem que ser você, querido? Afinal, você foi uma das curas bem-sucedidas.

— Acho que é por isso. E também porque Charlie e eu... já nos conhecemos há muito tempo. Muito tempo mesmo.

Eu não a levei ao Aeroporto Internacional de Denver — isso era trabalho da mãe —, mas ela me ligou quando aterrissou, exalando nervosismo e empolgação. Olhando para a frente, não para trás. Fiquei feliz por ela. Quando meu telefone tocou, vinte minutos depois, achei que seria ela de novo. Não era. Era a mãe. Georgia me perguntou se podíamos conversar. Talvez durante o almoço.

"Ops", pensei.

Comemos no McGee's — uma refeição agradável, com uma conversa agradável, principalmente sobre a indústria da música. Quando dissemos não à sobremesa e sim ao café, Georgia inclinou os peitos de tamanho considerável sobre a mesa e passou ao que interessava.

— E então, Jamie? Vocês terminaram?

— Eu... hum... Georgia...

— Meu Deus, não precisa gaguejar. Você sabe muito bem do que eu estou falando, e não vou arrancar sua cabeça com uma dentada. Se eu quisesse fazer isso, já teria arrancado no ano passado, quando ela se enfiou nos lençóis com você pela primeira vez. — Ela viu minha expressão e sorriu. — Não, ela não me contou, e eu não perguntei. Nem precisava. Ela não me engana. Aposto que ela contou que eu já fiz o mesmo com Hugh. Certo?

Fiz sinal de fechar um zíper sobre os lábios. Transformei o sorriso em gargalhada.

— Muito bem. Gostei disso. E gosto de *você*, Jamie. Gostei praticamente de cara, quando você era magro feito um poste e ainda estava se recuperando do lixo que mandava para dentro do corpo. Você parecia o Billy Idol na sarjeta. Não tenho nada contra casais inter-raciais. Nem contra a diferença de idade. Sabe o que meu pai me deu, quando eu já tinha idade para tirar carteira?

Balancei a cabeça.

— Um Plymouth 1960 sem metade da grade dianteira, pneus carecas, ferrugem nos estribos e um motor que bebia óleo combustível reciclado feito um vampiro. Meu pai chamava o carro de "Bombardeiro". Ele dizia que todo novo motorista deveria começar com um carro detonado antes de ter outro que passasse por uma vistoria. Entendeu o que eu estou dizendo?

Sem dúvida. Bree não era santa, já tivera aventuras sexuais antes que eu aparecesse, mas foi comigo o primeiro relacionamento de longa duração. Em Nova York, ela subiria de nível — se não com um homem da mesma cor, pelo menos com algum de idade mais próxima.

— Só queria deixar isso claro antes de chegar aonde quero de verdade. — Ela se inclinou ainda mais para a frente, e a onda de peitos passou a ameaçar seriamente a xícara de café e a garrafa de água diante dela. — Bree não me contou muita coisa sobre a pesquisa que fez para você, mas sei que ela ficava assustada, e, quando perguntei a Hugh o que era, ele quase me decapitou.

"Formigas", pensei. "Para ele, a congregação inteira parecia um formigueiro."

— A história tem a ver com o tal pastor. Disso eu sei.

Continuei calado.

— O gato comeu sua língua?

— Pode-se dizer que sim.

Ela assentiu e se sentou de novo.

— Tudo muito bom, tudo muito bem. Só que, de agora em diante, quero que você deixe Brianna fora disso. Combinado? No mínimo, porque eu jamais sugeri que você mantivesse esse pau velho longe do meio das pernas dela.

— Ela está fora. Já decidimos isso.

Ela inclinou a cabeça, como se dissesse: "Negócio fechado".

— Hugh disse que você vai sair de férias.

— Vou.

— Vai ver o pastor?

Fiquei quieto. Foi o mesmo que confirmar, e ela entendeu.

— Tome cuidado — recomendou, estendendo o braço por sobre a mesa e entrelaçando os dedos nos meus, como a filha fazia. — Seja o que for que vocês estavam pesquisando, deixou Bree muito preocupada.

Peguei um voo até o Aeroporto Stewart, em Newburgh, no início de outubro. As árvores estavam mudando de cor, e a viagem até Latchmore foi linda. Quando cheguei, a tarde estava se desvanecendo. Fiz check-in no Hotel 6. Não tinha conexão discada, quanto mais wi-fi, então meu laptop não podia entrar em contato com o mundo do lado de fora do quarto, mas eu não precisava de internet para encontrar a Ferrolhos: Bree já fizera o serviço. Ficava a uns seis quilômetros e meio a leste do centro de Latchmore, na rota 27, e pertencera a uma família tradicional e rica chamada Vander Zanden. Por volta da virada do século XX, parecia que o dinheiro tinha acabado, porque a Ferrolhos foi vendida e transformada em clínica de reabilitação de alto nível para senhoras acima do peso e senhores alcoólatras. A clínica durou até quase a virada do século XXI. Desde então, estava disponível para venda ou aluguel.

Pensei que teria dificuldades para dormir, mas, enquanto tentava planejar o que dizer a Jacobs quando o encontrasse, apaguei quase sem notar. Isso *se* eu o encontrasse. Ao acordar cedo em outro dia claro de outono, decidi que ir no instinto seria a melhor solução. Ponderei (talvez em uma falácia) que, se não houvesse trilhos ao longo do caminho, o trem não poderia descarrilar.

Peguei o carro alugado às nove, dirigi seis quilômetros e meio e não encontrei a entrada. Quase dois quilômetros depois, parei em uma barraca de produtos agrícolas repleta com os últimos frutos da estação. As batatas pareciam muito sem graça aos meus olhos de caipira, mas as abóboras estavam de cair o queixo. A barraca estava sob a responsabilidade de um casal de adolescentes. A semelhança dizia que eram irmãos. As expressões diziam que ambos eram desmiolados e estavam entediados. Pedi informações sobre como chegar a Ferrolhos.

— Você já passou — respondeu a garota. Era a mais velha.

— Isso eu percebi. Não sei como consegui. Pensei que tinha boas informações e que o lugar fosse bem grande.

— Tinha uma placa, mas o cara que alugou tirou de lá — respondeu o garoto. — Meu pai disse que esse cara gosta de ficar na dele. Minha mãe diz que ele deve ter roubado alguém.

— Cala a boca, Willy. Você vai comprar alguma coisa, senhor? Meu pai diz que a gente não pode fechar até ter vendido trinta dólares.

— Compro uma abóbora se vocês me derem informações *decentes*.

Ela deu um suspiro teatral.

— Uma abóbora. Um dólar e cinquenta. Barato pra caramba.

— Que tal uma abóbora por cinco dólares?

Willy e a irmã trocaram olhares, depois ela sorriu.

— Negócio fechado.

Enquanto eu voltava, minha abóbora cara se acomodou no banco de trás como uma pequena lua laranja. A garota me dissera para procurar um grande bloco de pedra com

uma pichação METALLICA É DO CACETE. Vi a rocha e diminuí para vinte quilômetros por hora. Trezentos metros depois, cheguei ao desvio que tinha perdido antes. Era pavimentado, mas a entrada estava tomada por mato e coberta de folhas caídas por causa do outono. Parecia camuflagem. Quando perguntara aos garotos da barraca se eles sabiam o que o novo ocupante fazia, eles apenas deram de ombros.

— Meu pai diz que ele deve ter ganhado uma grana com ações — respondeu a garota. — Ele deve ser podre de rico para morar em um lugar assim. Minha mãe diz que tem uns cinquenta quartos lá.

— Por que você vai se encontrar com ele? — Dessa vez era o garoto.

A irmã lhe deu uma cotovelada.

— Isso é falta de educação, Willy.

— Se ele é quem eu penso, nós nos conhecemos há muito tempo — respondi. — E, graças a vocês, posso levar um presente. — Levantei a abóbora.

— Dá para fazer um montão de tortas com ela — comentou o garoto.

“Ou uma cabeça de Halloween”, pensei enquanto virava na passagem que levava a Ferrolhos. Os arbustos rasparam as laterais do carro. “Uma iluminada por luz elétrica, em vez de velas. Lâmpadas logo atrás dos olhos.”

A estrada — um caminho amplo e bem-pavimentado se abria logo depois da interseção com a rodovia — subia em uma série de curvas em S. Por duas vezes, tive que parar para cervos passarem à frente. Os animais olhavam o carro sem preocupação. Acho que fazia muito, muito tempo desde a última caça naquele bosque.

Por fim, cheguei a um portão de ferro fechado ladeado por placas: PROPRIEDADE PARTICULAR à esquerda, ENTRADA PROIBIDA à direita. Havia um interfone na mureta de pedra, com uma câmera logo acima, virada para baixo, na direção de quem chamava. Pressionei o botão. Eu suava, e meu coração estava disparado.

— Olá, tem alguém aí?

Nada, de início. Por fim:

— Posso ajudar?

A qualidade do som era muito melhor que a da maioria dos sistemas de intercomunicação — excelente, na verdade —, mas, dados os interesses de Jacobs, aquilo não me surpreendia. A voz não era a dele, mas me soou familiar.

— Vim encontrar Daniel Charles.

— O sr. Charles não recebe visitantes sem hora marcada — informou o interfone.

Pensei por um segundo, depois apertei o botão FALAR novamente.

— E que tal Dan Jacobs? Este era o nome que ele usava em Tulsa, quando tinha uma tenda chamada Retratos com Raios.

— Não faço ideia do que o senhor está falando, e tenho certeza de que o sr. Charles também não.

A ficha caiu, e percebi quem tinha aquela voz de tenor.

— Diga que é Jamie Morton, sr. Stamper. E não se esqueça de mencionar que testemunhei o primeiro milagre dele.

Houve uma pausa longa, bem longa. Pensei que a conversa tinha acabado, o que me deixaria completamente sem opções. A menos, claro, que eu tentasse jogar meu carro alugado contra o portão, e tinha certeza de que o portão venceria a batalha.

— Que milagre foi esse? — perguntou Al Stamper, quando eu já estava prestes a ir embora.

— Meu irmão Conrad perdeu a voz. O reverendo Jacobs fez com que ele voltasse a falar.

— Olhe para a câmera.

Olhei. Depois de alguns segundos, outra voz surgiu no interfone.

— Entre, Jamie — disse Charles Jacobs. — Que maravilha ver você.

Um motor elétrico começou a ronronar, e o portão se abriu por sobre um trilho escondido. “Como Jesus andando sobre o lago Plácido”, pensei, enquanto entrava no carro e o acelerava. Havia mais uma daquelas curvas sinuosas uns cinquenta metros acima, e, antes de chegar perto dela, vi o portão se fechar. A associação que me veio — os primeiros moradores do Éden expulsos por comerem a maçã errada — não era surpreendente. Afinal, cresci lendo a Bíblia.

A Ferrolhos era uma vasta extensão de terra que devia ter começado como uma construção vitoriana, mas acabara se tornando uma colcha de retalhos de experiências arquitetônicas. Tinha quatro andares, muitas empenas e uma cúpula arredondada e envidraçada na parte oeste que dava para os vales, colinas e lagoas do vale do Hudson. A rota 27 era uma linha escura cruzando uma paisagem que explodia em cores. O prédio principal era de madeira com acabamento em branco, e vários prédios ligados a ele apresentavam o mesmo estilo. Eu me perguntei qual deles abrigava o laboratório de Jacobs. Tinha certeza de que havia um laboratório. Atrás dos prédios, a terra ficava cada vez mais íngreme e o bosque começava a dominar a paisagem.

Estacionado sob o pórtico, onde outrora empregados descarregavam os carros chiques dos alcoólatras e das frequentadoras do spa, estava o modesto Ford Taurus que Jacobs registrara com o nome verdadeiro. Estacionei atrás dele e subi a escada que levava a uma varanda que mais parecia um campo de futebol. Eu ia tocar a campainha, mas, antes de apertar o botão, a porta se abriu. Al Stamper usava calças boca de sino bem no estilo anos 1970 e uma camisa *tie-dye*. Estava ainda mais gordo do que da última vez, na tenda do reavivamento, quase do tamanho de uma van.

— Olá, sr. Stamper. Jamie Morton. Sou fã do seu trabalho original. — Estendi-lhe a mão.

Ele não me cumprimentou.

— Não sei o que você quer, mas o sr. Jacobs não precisa de ninguém perturbando. Ele tem muito trabalho e não está muito bem de saúde.

— Você não quer dizer o pastor Danny? — perguntei (bem... meio que provoquei).

— Vamos até a cozinha. — Era a voz quente e sonora do Rei do Soul, mas o rosto dizia “a cozinha está ótima para alguém como você”.

Ir à cozinha *estava* ótimo para alguém como eu, mas, antes que ele pudesse me levar até lá, outra voz, que eu conhecia bem, exclamou:

— Jamie Morton! Você *sempre* aparece nas horas mais oportunas!

Mancando de leve e curvado para estibordo, Jacobs cruzou o corredor. O cabelo, praticamente todo branco, continuava raleando nas têmporas, expondo trechos da cabeça reluzente. Os olhos azuis, no entanto, estavam vivos como sempre. Os lábios se abriram em um sorriso que parecia (aos meus olhos, ao menos) predatório. Estendendo a mão direita já sem aliança, ele passou por Stamper como se aquela montanha não estivesse ali. A mão esquerda, por sua vez, ainda carregava uma aliança de ouro simples, fina e arranhada. Eu tinha certeza de que a aliança que correspondia àquela estava enterrada no solo do cemitério de Harlow, em um dedo que àquela altura era pouco mais do que um osso.

Cumprimentei-o.

— Trilhamos um longo caminho desde Tulsa, não é, Charlie?

Ele assentiu, apertando minha mão como um político em busca de votos.

— Longo, *longo* mesmo. Quantos anos você tem agora, Jamie?

— Cinquenta e três.

— E sua família? Estão todos bem?

— Não tenho me encontrado muito com eles, mas Terry continua em Harlow, cuidando da empresa de óleo. Ele tem três filhos, dois meninos e uma menina, que já estão bem crescidos. Con ainda observa estrelas no Havaí. Andy faleceu há alguns anos, de derrame.

— Sinto muito. Mas você está ótimo. Forte como um touro.

— Você também. — Que mentira deslavada. Pensei por um instante nas três idades do Macho: juventude, meia-idade e "Você está ótimo!". — Você deve ter... quanto? Setenta?

— Por aí. Ele continuava apertando minha mão. Era um aperto forte, mas dava para sentir um leve tremor escondido sob a pele. — E Hugh Yates? Ainda trabalha para ele?

— Trabalho. E ele está ótimo. Consegue ouvir um alfinete caindo na sala ao lado.

— Maravilha. *Maravilha*. — Ele finalmente soltou minha mão. — Al, Jamie e eu temos muito o que conversar. Pode nos trazer duas limonadas? Estaremos na biblioteca.

— O senhor não vai se esforçar demais, vai? — Stamper olhava para mim com raiva e desconfiança.

"Está com ciúme", pensei. "Teve Jacobs só para si desde o fim da última turnê, e é assim que gosta."

— Você precisa guardar forças para o trabalho — continuou Al.

— Eu vou ficar bem, Al. Não existe remédio melhor que um velho amigo. Venha comigo, Jamie.

Ele me guiou pelo corredor principal, passando por uma sala de jantar tão grande quanto um vagão de trem, à esquerda, e uma, duas, três salas de estar à direita, a do meio enfeitada com um enorme lustre que parecia ter saído do *Titanic* de James Cameron. Passamos por uma rotunda onde a madeira lustrosa dava lugar ao mármore lustroso e nossos passos ecoavam. Era um dia quente, mas a temperatura na casa estava

confortável. Eu ouvia o sussurrar sedoso dos aparelhos de ar-condicionado e me perguntei quanto custaria para refrigerar o lugar no pico do verão, quando a temperatura estaria muito mais do que quente. Ao me lembrar da oficina em Tulsa, eu diria que bem pouco.

A biblioteca era a sala circular no extremo da casa. Havia milhares de livros nas prateleiras já curvadas, mas eu não fazia ideia de como alguém conseguiria ler ali, diante daquela vista. A parede oeste era toda de vidro, e dava para ver centenas e centenas de metros do vale do Hudson, com o toque final do rio cor de cobalto brilhando a distância.

— Curar paga bem — comentei.

Pensei outra vez na montanha do Bode, aquele parque de diversões de ricos cujo portão servia para manter jecas como a família Morton do lado de fora. Algumas vistas só o dinheiro pode comprar.

— De todas as formas possíveis. Não vejo razão para perguntar se você parou de usar drogas. Dá para ver no seu corpo e nos seus olhos.

Depois de me lembrar da minha dívida, ele me convidou para sentar.

Ali, na presença dele, eu não fazia ideia de como ou quando começar. Também não queria tocar no assunto antes que Al Stamper chegasse com as limonadas, fazendo as vezes de assistente e garçom. Acabou não sendo um problema. Antes que eu conseguisse encontrar algum papo furado para passar o tempo, o ex-cantor dos Vo-Lites entrou, parecendo mais mal-humorado do que nunca.

— Obrigado, Al — disse Jacobs.

— De nada — respondeu ao patrão, me ignorando.

— Bela calça — disse eu. — Ela me faz voltar ao tempo em que os Bee Gees deixaram o lance transcendental de lado e mergulharam na discoteca. Agora você só precisa de uns sapatos plataforma *vintage* para combinar.

Ele me lançou um olhar que não tinha nada de transcendental (nem de cristão, que fique claro) e saiu. Não seria forçar a barra dizer que, ao sair, os passos de Stamper soaram como trovões.

Jacobs pegou a limonada e deu um gole. Pelos gominhos flutuando na superfície, deduzi que era caseira. E, pelo tilintar dos cubos de gelo quando ele pousou o copo, deduzi que não estava errado sobre a tremedeira. Sherlock Holmes não faria melhor que eu, naquele dia.

— Isso não foi muito educado, Jamie — disse Jacobs, mas, pelo tom, ele parecia divertido. — Principalmente para um hóspede que apareceu sem ser convidado. Laura ficaria envergonhada.

Deixei a referência à minha mãe — calculada, tenho certeza — passar batida.

— Convidado ou não, você parece feliz em me ver.

— Claro que estou. Por que não estaria? Tome a limonada. Você parece estar com calor. E, se me permite a franqueza, também um tanto desconfortável.

Era verdade. Mas pelo menos eu não tinha mais medo. Tinha era raiva. Ali estava eu, naquela casa gigantesca, rodeada por uma propriedade gigantesca que, sem dúvida, tinha uma piscina gigantesca e um campo de golfe — talvez tomado pelo mato e impossível de ser usado, mas ainda assim parte do latifúndio. Ali estava eu, naquele lar luxuoso para os experimentos elétricos de Charles Jacobs, em seus últimos anos de vida, enquanto Robert Rivard estava em pé em um canto, provavelmente de fraldas, porque as

funções excretoras tinham se tornado a menor de suas preocupações naqueles dias. Enquanto Veronica Freemont pegava o ônibus para ir ao trabalho, porque não tinha mais coragem de dirigir. Enquanto Emil Klein provavelmente ainda comia terra. Enquanto Cathy Morse, a mocinha bonita de Oklahoma, jazia em um caixão.

"Pegue leve, branquelo", ouvi Bree me aconselhar. "É melhor pegar leve."

Provei a limonada, depois a coloquei de volta na bandeja. Eu não queria estragar o acabamento caro em cerejeira da mesa, era bem provável que aquele negócio fosse uma antiguidade. Tudo bem, talvez eu estivesse um pouco assustado, mas pelo menos os cubos de gelo não ficavam tilintando no *meu* copo. Enquanto isso, Jacobs cruzou a perna direita sobre a esquerda, e notei que precisou usar as mãos.

— Artrite?

— É, mas nada de mais.

— Fico surpreso por você não usar as alianças sagradas para se curar. Ou isso seria algum tipo de masturbação?

Sem responder, ele olhou para a vista espetacular do lado de fora. As sobrancelhas grisalhas desgrenhadas — uma monocelha, na verdade — se contraíram por sobre os ferozes olhos azuis.

— Ou talvez você tenha medo dos efeitos colaterais. É isso?

Ele ergueu a mão em um gesto de "pare".

— Chega de insinuações. Você não precisa fazer esse jogo comigo, Jamie. Nossos destinos estão entrelaçados demais para isso.

— Eu acredito no destino tanto quanto você acredita em Deus.

Ele se virou para mim, mais uma vez mostrando aquele sorriso que era só dentes e nenhum acolhimento.

— Repito: já chega. Diga por que veio e eu digo por que estou feliz em ver você.

Não havia outra forma de dizer senão dizendo.

— Vim para dizer que você precisa parar com as curas.

Ele bebeu mais um pouco da limonada.

— E por que eu faria isso, Jamie, depois do bem que elas fizeram para tantas pessoas?

"Você sabe por que eu vim", pensei. Depois tive um pensamento ainda mais desconfortável: "Você estava me esperando."

Afastei a ideia da cabeça.

— Não foi tão bom assim para muita gente.

Eu tinha a lista-mestra no bolso de trás da calça, mas não havia por que lançar mão dela naquele momento. Eu decorara os nomes e os efeitos colaterais. Comecei com Hugh e os interlúdios prismáticos e expliquei como ele sofrera um no reavivamento no Condado de Norris.

Jacobs deu de ombros.

— Foi o estresse do momento. Ele teve algum depois disso?

— Não que tenha me contado.

— E acho que teria, pois você estava por perto quando ele teve o último. Hugh está bem, tenho certeza. E você, Jamie? Algum efeito colateral hoje em dia?

— Pesadelos.

Ele fez um barulho zombeteiro, porém polido.

— Todo mundo tem pesadelos de tempos em tempos, inclusive eu. Mas os blecautes que você sofreu acabaram, certo? Nada de falar compulsivamente, nada de mioclonia ou de espetar a pele, certo?

— Não.

— Então. Está vendo? Nada pior que um braço dolorido depois de tomar vacina.

— Ah, mas acho que os efeitos colaterais de alguns dos seus seguidores são um pouco piores que isso. Robert Rivard, por exemplo. Você se lembra dele?

— O nome até me diz alguma coisa, mas já curei muita gente.

— Missouri. Distrofia muscular. Tem um vídeo no seu site.

— Ah, sim, lembrei. Os pais dele fizeram uma oferenda muito generosa.

— A distrofia acabou, mas a mente dele se acabou junto. O menino está vegetando em um hospital psiquiátrico, desses onde quem entra raramente sai.

— Eu lamento muito ouvir isso — respondeu Jacobs, depois voltou a atenção para a vista. A região central do estado de Nova York ardia enquanto o inverno se aproximava.

Citei os outros, apesar de estar claro que ele já sabia de grande parte do que eu estava dizendo. Só o surpreendi de verdade uma vez, no final, quando lhe contei sobre Cathy Morse.

— Meu Deus — disse ele. — A filha daquele sujeito nervoso.

— Acho que, desta vez, o sujeito nervoso faria mais do que lhe dar um soco na cara. Se ele conseguisse encontrar você, claro.

— Talvez, Jamie, mas você não está olhando a situação como um todo. — Ele se inclinou para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos ossudos e me encarando. — Eu curei muitas pobres almas. Algumas pessoas, as que tinham problemas psicossomáticos, se curaram sozinhas, como você já sabe. Mas outras *realmente* foram curadas pela eletricidade secreta. Apesar de Deus levar todo o crédito, é claro.

Ele mostrou os dentes em um breve espasmo de sorriso sem alegria.

— Deixe-me fazer uma pergunta hipotética — continuou Jacobs. — Imagine que eu seja um neurocirurgião e você se consulte comigo por causa de um tumor maligno no cérebro que não seja impossível de operar, apenas bem difícil. Uma cirurgia arriscadíssima. Suponha que eu diga que os riscos de você morrer na mesa de operação sejam de... hum... vamos dizer vinte e cinco por cento. Ainda assim iria adiante, sabendo que a alternativa seria um período de profundo sofrimento seguido pela morte certa? É claro que iria. Você imploraria para que eu fizesse a operação.

Fiquei calado, porque a lógica era inatacável.

— Diga: quantas pessoas você acha que eu curei de verdade por intervenção elétrica?

— Não sei. Minha assistente e eu só listamos os que achamos que dava para ter certeza. Era uma lista bem pequena.

Ele meneou a cabeça.

— Boa técnica de pesquisa.

— Fico feliz que tenha aprovado.

— Eu tenho minha própria lista, e é bem maior. Porque eu *sei* quando acontece, entende? Quando funciona. Eu nunca fico em dúvida. E, com base no rastreamento feito

por meus seguidores, são poucos os que sofrem efeitos adversos. Três por cento. Talvez cinco. Comparado ao exemplo do tumor cerebral, eu diria que as chances são excelentes.

Eu perdi o rumo da conversa depois da frase “rastreamento feito por meus seguidores”. Eu só tivera Brianna. Ele tinha centenas, talvez milhares de seguidores que ficariam felizes em acompanhar as curas — bastava um pedido.

— Com exceção de Cathy Morse, você sabia de todos os casos que citei, não é?

Ele não respondeu. Só ficou me olhando. Não havia dúvida em seu rosto, só uma certeza pétrea.

— Claro que sabia — continuei. — Porque você mantém registros. Para você, são ratos de laboratório, e quem se importa se alguns ficam doentes ou morrem?

— Isso é absolutamente injusto.

— Eu não acho. Você transformou a coisa em experiência religiosa, porque, se fizesse isso no laboratório que com certeza existe aqui na Ferrolhos, o governo prenderia você por experimentos com cobaias humanas... causando a morte de algumas. — Eu me inclinei, mantendo os olhos fixos nos dele. — Os jornais chamariam você de Josef Mengele.

— Alguém chamaria um neurocirurgião de Josef Mengele só porque ele perdeu alguns pacientes?

— Eles não procuraram você com tumores cerebrais.

— Alguns procuraram, e muitos estão vivos e aproveitando a vida, em vez de jazer no chão. Quer saber se algumas vezes eu mostrei tumores falsos durante as apresentações? Mostrei, e não me orgulho disso, mas era *necessário.* Porque não há como exibir uma coisa que acabou de desaparecer. — Ele pensou por um instante. — É verdade que a maioria das pessoas que iam aos meus reavivamentos não sofria de doenças *terminais*, mas, de certa forma, esses problemas físicos não letais são ainda piores. São eles que fazem as pessoas levarem uma vida longa e cheia de dor. Agonia, em alguns casos. E você fica aí sentado me julgando.

Ele sacudiu a cabeça com tristeza, mas os olhos não estavam tristes. Estavam furiosos.

— Cathy Morse não estava com dor nem foi voluntária. Você a escolheu no meio da multidão porque era bonita. Um colírio para os caipiras.

Assim como Bree, Jacobs argumentou que poderia haver outra razão para o suicídio de Morse. Dezesseis anos era um longo tempo. Muita coisa poderia ter acontecido.

— Você sabe tão bem quanto eu — afirmei.

Ele bebeu mais um pouco e pousou o copo com a mão visivelmente trêmula.

— Esta conversa é inútil.

— Porque você não vai parar?

— Porque já parei. C. Danny Jacobs não vai mais levantar qualquer tenda de reavivamento. Neste momento, ainda existem algumas discussões e especulações sobre o sujeito na internet, mas o interesse está diminuindo. Em breve, ele vai desaparecer da memória do público.

Se fosse assim, eu tinha ido derrubar a porta e descobrira que ela estava destrancada. Em vez de me aliviar, a ideia só aumentou meu desconforto.

— Em seis meses, talvez um ano, o site vai anunciar que o pastor Jacobs se aposentou por problemas de saúde — continuou Jacobs. — Depois disso, vai sair do ar.

— Por quê? Sua pesquisa terminou?

Mas eu não acreditava que as pesquisas de Charlie Jacobs um dia teriam fim.

Ele se virou para contemplar a vista outra vez. Por fim, descruzou as pernas e se levantou, se apoiando nos braços da cadeira para conseguir ficar de pé.

— Venha comigo até o lado de fora, Jamie. Quero lhe mostrar uma coisa.

Al Stamper estava sentado à **mesa da cozinha** organizando correspondências. Parecia uma montanha de gordura em calças estilo discoteca. À frente dele havia uma pilha de waffles pingando manteiga e calda. Ao lado, uma caixa vazia de bebida. No chão, perto da cadeira, havia três caixas plásticas entregues pelo correio com pilhas enormes de cartas e pacotes. Enquanto eu assistia, Stamper abriu um envelope pardo e tirou de lá uma carta escrita em garranchos, a foto de um menino em cadeira de rodas e uma nota de dez dólares. Ele colocou a nota na caixa de gim e escaneou a carta, comendo um waffle no meio-tempo. Ao lado dele, Jacobs parecia mais magro do que nunca. Desta vez não pensei em Adão e Eva, mas no pai e na mãe de *Hairspray*.

— A tenda pode estar desmontada, mas vejo que as oferendas continuam chegando.

Stamper me olhou com indiferença malévola — se é que existe algo assim —, depois voltou a abrir e organizar as cartas. E a comer os waffles.

— Nós lemos todas as cartas — comentou Jacobs. — Não é, Al?

— Verdade.

— Você responde a todas elas?

— Deveríamos responder — disse Stamper. — Pelo menos, é o que *eu* acho. E conseguiríamos, se eu tivesse ajuda. Uma pessoa seria o suficiente, junto com um computador para substituir o que o pastor Danny levou para a oficina.

— Nós já discutimos isso, Al — disse Jacobs. — Se começarmos a nos corresponder com suplicantes...

— Nunca vamos parar, eu sei, mas fico me perguntando o que aconteceu com o trabalho de Deus.

— É o que você está fazendo — respondeu Jacobs, com voz gentil.

Os olhos, no entanto, denunciavam diversão: era o olhar de um homem que vê um cachorro fazendo um truque.

Stamper não respondeu, só abriu mais um envelope. Não havia foto, só uma carta e cinco dólares.

— Vamos lá, Jamie — disse Jacobs. — Vamos deixar Al trabalhar.

Vistos da entrada de carros, os prédios externos e os jardins pareciam bem-cuidados, mas, de perto, deu para notar que o acabamento de madeira estava rachado em alguns lugares e o jardim precisava de atenção. A grama sob nossos pés, sem dúvida um gasto considerável quando o paisagismo da propriedade foi feito pela última vez, precisava ser aparada. Se isso não acontecesse logo, o gramado dos fundos, uma expansão de oito mil metros quadrados, se transformaria em pasto.

Jacobs se deteve.

— Qual prédio você acha que é meu laboratório?

Apontei para o celeiro. Era o maior, quase do tamanho da oficina alugada em Tulsa.

Ele sorriu.

— Sabia que a equipe envolvida no Projeto Manhattan foi encolhendo constantemente antes de o primeiro teste com a bomba atômica ser feito, em White Sands?

Fiz que não.

— Quando a bomba foi detonada, vários dormitórios pré-fabricados que antes abrigavam trabalhadores já estavam vazios — continuou ele. — Eis uma regra pouco conhecida sobre pesquisas científicas: à medida que se avança em direção ao objetivo final, a necessidade de ajuda tende a encolher.

Ele me levou em direção ao que parecia uma humilde casa de ferramentas, sacou um chaveiro e abriu a porta. Eu esperava que estivesse quente lá dentro, mas a temperatura estava tão fresca quanto na casa principal. Uma mesa de trabalho ocupava o lado esquerdo com nada além de alguns blocos de anotação e um Macintosh, que exibia um protetor de tela com cavalos galopando. Diante do Mac, uma cadeira que parecia ergonômica e cara.

No lado direito, prateleiras estavam tomadas por caixas que pareciam maços de cigarros revestidos de prata... só que maços de cigarros não ficam zunindo como amplificadores em stand-by. No chão havia outra caixa, esta pintada de verde, que era praticamente do tamanho de um frigobar de hotel. Em cima dela, uma televisão. Jacobs bateu palmas de leve e a tela se acendeu, mostrando uma série de linhas — vermelhas, azuis e verdes — que subiam e desciam de maneira que lembrava a respiração. Em termos de entretenimento, acho que nunca conseguiria substituir o *Big Brother*.

— É aqui que você trabalha?

— É.

— Cadê os equipamentos, os instrumentos?

Ele apontou para o Mac, depois para o monitor.

— Ali e ali, mas a parte mais importante... — Ele apontou para a própria têmpora, como se fizesse a mímica de um suicídio. — Está aqui. Neste momento, você está nas instalações mais modernas de todo o mundo em termos de pesquisa em eletrônica. O que eu já descobri nesta sala faria o laboratório de Thomas Edison em Menlo Park parecer insignificante. São coisas que poderiam mudar o mundo.

Fiquei me perguntando se a mudança seria para melhor. Eu não gostava da expressão sonhadora e dominadora no rosto de Jacobs diante de algo que, para mim, parecia quase nada. Contudo, não dava para dizer que aquela afirmação fosse um delírio. Havia uma sensação de energia adormecida nos maços prateados e na caixa verde do tamanho de um frigobar. Estar naquela casa de ferramentas era como chegar perto

demais de uma usina elétrica a todo o vapor, o suficiente para sentir os volts errantes silvando por entre dentes obturados.

— Neste momento, estou gerando eletricidade geotérmica. — Ele deu um tapinha na caixa verde. — Isso é um gerador geossíncrono. Embaixo dele está um poço tubular do mesmo tamanho do que atende a uma fazenda de gado leiteiro de médio porte. Mesmo funcionando com metade da capacidade, essa belezinha pode criar vapor superaquecido o bastante para abastecer a Ferrolhos e todo o vale do Hudson. Com carga máxima, ferveria um aquífero inteiro como se fosse água em uma chaleira. Mas isso não serviria para nada — ponderou ele, rindo com gosto.

— Isso é impossível — comentei. Obviamente, curar tumores cerebrais e lesões na coluna com alianças sagradas também era.

— Eu lhe garanto que é possível, Jamie. Com um gerador um pouco maior, que eu poderia construir com peças entregues pelo correio, daria para iluminar toda a Costa Leste — explicou ele, com calma, não como alguém que se vangloria, mas que apenas diz uma verdade. — Não faço isso porque a geração de energia não me interessa. Que o mundo chafurde na própria merda. No que me diz respeito, acho que a humanidade não merece algo melhor. E, para meus objetivos, acho que a energia geotérmica é um beco sem saída. Ela não é suficiente. — Jacobs olhou carrancudo para os cavalos galopantes no monitor do computador. — Eu esperava mais deste lugar, principalmente no verão, quando... deixa pra lá.

— E nada disso funciona com a eletricidade conhecida hoje?

Ele me olhou com desdém divertido.

— Claro que não.

— Tudo é alimentado pela eletricidade *secreta*.

— Exato. Esse é o nome que eu uso.

— Um tipo de eletricidade que ninguém descobriu em todos esses anos, desde Escribônio. Até você aparecer. Um ministro da igreja que construía brinquedos a pilha como passatempo.

— Ah, mas ela é conhecida. Ou era. No *De vermis mysteriis*, escrito no final do século XV, Ludwig Prinn fala dela, chamando-a de "*potestas magnas universi*", a energia que alimenta o universo. Prinn cita Escribônio, inclusive. Nos anos que se passaram desde que saí de Harlow, a *potestas universum*, a busca por encontrá-la e os esforços para domá-la se tornaram a razão da minha vida.

Eu queria acreditar que ele estava fora de si, mas as curas e os estranhos retratos tridimensionais que eu o vira criar em Tulsa eram fortes contra-argumentos. Talvez isso não importasse. Talvez só importasse saber se ele estava falando a verdade sobre a aposentadoria de C. Danny Jacobs. Se não haveria mais curas milagrosas, minha missão estaria cumprida. Não estaria?

Então ele adotou um tom professoral.

— Para entender como eu progredi e descobri tanto por conta própria, você precisa entender que, de muitas maneiras, a ciência vive de ondas passageiras, como a indústria da moda. A experiência Trinity em White Sands aconteceu em 1945. Os russos explodiram a primeira bomba atômica em Semipalatinsk, quatro anos depois. A primeira geração da eletricidade por fissão nuclear ocorreu em Arco, Idaho, em 1951. No meio século transcorrido desde então, a eletricidade se tornou o patinho feio, e a energia nuclear virou a menina dos olhos por quem todos suspiram. Em breve a fissão será

rebaixada à condição de patinho feio e a fusão se tornará a menina dos olhos. Quando se trata de pesquisa sobre a teoria da eletricidade, a fonte de doações e subsídios secou. E, o que é mais importante, o *interesse* secou. Hoje a eletricidade é vista como antiguidade, embora *todas* as fontes de energia modernas precisem ser convertidas em ampères e volts!

Então o professor se revoltou.

— Apesar do enorme poder para matar e curar, apesar de ter transformado a vida de todos os habitantes do planeta, *e apesar de a eletricidade ainda não ser compreendida*, as pesquisas científicas neste campo são vistas com um desdém complacente! Nêutrons são sexy! A eletricidade é sem graça, o equivalente a um galpão empoeirado de onde tiraram todos os itens de valor e só deixaram o lixo imprestável. Existe uma porta ainda escondida nos fundos, que leva a aposentos que poucos viram. Eles estão cheios de infinitos objetos de beleza extraterrestre.

— Você está começando a me deixar nervoso, Charlie. — Eu queria dizer isso com leveza, mas o tom saiu muito grave.

Ele não percebeu, só começou a mancar entre a mesa de trabalho e as prateleiras, olhando para o chão, tocando a caixa verde sempre que passava por ela, como que para se certificar de que ainda estava lá.

— É verdade, outros já estiveram nestes aposentos. Não sou o primeiro. Escribônio foi um deles. Prinn, outro. Mas a maioria guardou as descobertas para si, como eu faço. Porque a energia é imensa. Impossível de conhecer por completo, na verdade. Energia nuclear? Pfff, que piada! — Ele tocou a caixa verde. — Se conectado a uma fonte poderosa o suficiente, o que está aqui poderia fazer a energia nuclear parecer tão insignificante quanto um revólver de espoleta.

Naquele momento, me arrependi de não ter levado a limonada, porque estava com a garganta seca. Tive que pigarrear para falar.

— Charlie, digamos que tudo o que você está me contando seja verdade. Você compreende com o que está lidando? Sabe como funciona?

— Sua pergunta é pertinente. Deixe eu responder com outra pergunta. *Você* entende o que acontece quando acende um interruptor em casa? Sabe listar a sequência de eventos que culmina com a luz espantando as sombras de uma sala escura?

— Não.

— Você sabe, pelo menos, se acender a luz significa abrir ou fechar um circuito?

— Não faço ideia.

— Mas isso nunca impediu que você acendesse a luz, certo? Ou que ligasse a guitarra na hora de tocar.

— Verdade, mas eu nunca a liguei a um amplificador capaz de iluminar toda a Costa Leste.

Ele me lançou um olhar de suspeita tão sombrio que parecia às portas da paranoia.

— Se você tem um argumento, eu não entendi.

Achei que ele soou sincero, e isso era a coisa mais assustadora de todas.

— Deixa pra lá.

Segurei-o pelos ombros para que parasse de andar de um lado para outro e esperei que olhasse para mim. O problema era que, mesmo com aqueles olhos enormes fixos em meu rosto, parecia que ele estava olhando através de mim.

— Charlie, se você parou com as curas e não quer dar um fim na discussão sobre energia, *o que você quer*?

Ele não respondeu de início. Parecia em transe. Depois se desvencilhou de mim e voltou a andar, encarnando de novo o professor.

— Os dispositivos de transferência, os que uso em seres humanos, tiveram várias versões. Quando curei a surdez de Hugh Yates, eu usava grandes anéis revestidos de ouro e paládio. Hoje, eles me parecem absurdamente antigos, são como videocassetes na era dos downloads. Os fones de ouvido que usei em você eram menores e mais poderosos. Quando você apareceu com o vício em heroína, eu já tinha trocado o paládio por ósmio, que é mais barato. Isso é importante para um homem de poucos recursos, como eu era na época. Enfim... eu já usava fones de ouvido eficientes, mas que nunca seriam convincentes em um encontro de reavivamento, concorda? Jesus usava fones de ouvido?

— Acho que não, mas duvido que usasse alianças também, já que era solteiro.

Ele não deu atenção. Continuava zanzando como um preso em uma cela. Ou como os paranoicos que habitam qualquer grande cidade, querendo falar sobre a CIA, a conspiração judaica internacional e os segredos da Rosa-cruz.

— Por isso voltei aos anéis e criei uma história que os tornaria... palatáveis... para os membros da minha congregação.

— Em outras palavras, uma isca.

Aquilo o trouxe de volta ao momento. Ele sorriu, e, por um instante, eu me vi com o reverendo Jacobs de minha infância.

— Certo, certo, uma isca. Na época eu estava usando rutênio e uma liga de ouro, e com isso as alianças eram muito menores e ainda mais poderosas. Quer sair daqui, Jamie? Você parece um pouco desconfortável.

— E estou. Posso não entender do que você está falando, mas consigo sentir. É quase como se meu sangue borbulhasse.

Ele riu.

— Isso! Dá para dizer que a atmosfera aqui é *elétrica*! Rá! Eu gosto, mas também já estou acostumado. Venha, vamos sair e respirar ar fresco.

O mundo exterior jamais teve um cheiro tão agradável quanto no momento em que voltamos à casa principal.

— Tenho mais uma pergunta, Charlie. Se você não se importar.

Jacobs suspirou, mas não pareceu contrariado. Fora daquele cubículo claustrofóbico, ele parecia normal outra vez.

— Se puder, responderei com prazer.

— Você diz aos caipiras que sua mulher e seu filho morreram afogados. Por que a mentira? Não entendo a razão.

Ele parou e baixou a cabeça. Quando a levantou, vi que a normalidade serena sumira, como se jamais tivesse existido. No rosto dele havia uma fúria tão profunda e sombria que, involuntariamente, eu dei um passo atrás. A brisa jogara o cabelo cada vez mais ralo sobre a testa vincada. Ele o jogou de volta para trás e pressionou as palmas das mãos contra as têmporas, como alguém sofrendo de uma dor de cabeça medonha. Ainda assim, quando falou, a voz era baixa e sem emoção. Não fosse pela expressão, talvez eu achasse que ele estava usando argumentos racionais.

— Eles não merecem a verdade. Você os chama de caipiras, e está certíssimo. Eles deixaram a inteligência de lado. Muitos são bastante inteligentes, mas mesmo assim empenharam a fé nessa gigantesca e fraudulenta companhia de seguros chamada religião, que promete uma eternidade de alegria após a morte, desde que eles sigam as regras nesta vida. E muitos tentam, mas nem isso é suficiente. Quando vem a dor, eles querem milagres. Para eles, eu não passo de um curandeiro que, em vez de sacudir um chocalho de osso por sobre suas cabeças, os toca com anéis mágicos.

— Nenhum deles descobriu a verdade?

Minhas pesquisas com Bree me convenceram de que Fox Mulder estava certo sobre uma coisa: a verdade está lá fora, e qualquer pessoa do mundo de hoje, em que a vida de quase todo mundo é um livro aberto, pode encontrá-la com um computador conectado à internet.

— Você não ouviu o que eu disse? Eles não merecem a verdade, e tudo bem, porque eles não *querem* a verdade. — Ele sorriu, mostrando os dentes; as arcadas estavam coladas uma na outra. — Também não querem a beatitude do Cântico dos Cânticos. Só querem ser curados.

Stamper não ergueu os olhos quando passamos pela cozinha. Duas das caixas com correspondências estavam vazias, e ele trabalhava na terceira. A caixa de bebida estava cheia de dinheiro até quase a metade. Havia alguns cheques, mas, na maioria dos casos, eram notas amassadas. Pensei no que Jacobs dissera sobre curandeiros. Em Serra Leoa, os clientes fariam fila do lado de fora, levando legumes, verduras e galinhas com o pescoço recém-quebrado. Era a mesma coisa, na verdade. Tudo dependia da isca, do anzol e do peixe.

De volta à biblioteca, Jacobs fez uma careta ao se sentar e bebeu o restante da limonada.

— Faço xixi a tarde inteira. É a maldição de envelhecer, Jamie. A razão de eu estar feliz por vê-lo é porque quero contratá-lo.

— Quer o *quê*?

— Você me ouviu. Al vai embora em breve. Não sei se ele sabe disso, mas já me decidi. Ele não quer tomar parte no meu trabalho científico. Mesmo sabendo que é a base das minhas curas, ele acha que é uma abominação.

Eu quase perguntei: “E se ele tiver razão?”.

— Você pode fazer o trabalho dele: abrir a correspondência diária, catalogar os nomes e as queixas dos remetentes, separar as oferendas e depositar os cheques em Latchmore uma vez por semana. Você também veria quem está no portão tocando o interfone. O número está diminuindo, mas ainda aparecem pelo menos dez por semana. Só precisaria despachá-los.

Ele se virou para ficar cara a cara comigo.

— Você também pode fazer o que Al se recusa a fazer — continuou Jacobs. — Me ajudar nos últimos passos em direção ao meu objetivo final. Estou quase lá, mas já não tenho tanta força. Um assistente seria inestimável, e nós já trabalhamos bem juntos. Não sei quanto Hugh está lhe pagando, mas pago o dobro. Melhor: o triplo. O que acha?

Não respondi de cara. Estava atordoado.

— Jamie, estou esperando.

Peguei a limonada, e *desta vez* o resto do gelo ainda não derretido tilintou no copo. Bebi, depois pousei o copo na mesa.

— Você fala de um objetivo. Qual é?

Ele pensou. Ou pareceu pensar.

— Ainda não. Venha trabalhar comigo e entenda um pouco melhor o poder e a beleza da eletricidade secreta. Talvez então...

Eu me levantei e estendi a mão.

— Foi bom ver você de novo. — Era outra dessas coisas que se fala da boca para fora, um pouco de graxa para manter as engrenagens girando, mas uma mentira muito maior do que dizer que ele estava ótimo. — Cuide-se. E tome cuidado.

Ele se levantou, mas não apertou minha mão.

— Estou desapontado. E, confesso, com raiva. Você veio de longe para repreender um velho cansado que já salvou sua vida.

— E se essa sua eletricidade secreta sair do controle, Charlie?

— Não vai.

— Aposto que as pessoas de Chernobyl também pensavam assim.

— Isso é um golpe baixo demais. Deixei você entrar na minha casa porque esperava gratidão e compreensão. Vejo que estava duplamente errado. Al vai lhe mostrar a saída. Preciso me deitar. Estou exausto.

— Charlie, eu *sou* grato. Reconheço o que você fez por mim, mas...

— Mas. — O rosto dele estava duro e cinzento. — Tem sempre um mas.

— Deixando a eletricidade secreta de lado, não posso trabalhar para um homem que se vinga de gente sofrida porque não pode se vingar de Deus por ter lhe roubado a mulher e o filho.

O rosto foi de cinzento a branco.

— Como você ousa? Como *ousa*?

— Você pode ter curado alguns, mas está cagando para todos. Vou embora. Não preciso que o sr. Stamper me mostre o caminho.

Saí andando em direção à porta de entrada. Eu estava cruzando a rotunda, com os sapatos estrepitando no mármore, quando ele gritou, a voz amplificada por todo aquele espaço vazio.

— Nossa história não acaba aqui, Jamie! Isso eu garanto! Ela não está nem perto de acabar!

Eu também não precisava que Stamper abrisse o portão; ele se abriu automaticamente quando meu carro se aproximou. Parei no sopé da estrada de acesso, vi que o celular tinha sinal e liguei para Bree. Ela atendeu no primeiro toque e perguntou se estava tudo bem antes mesmo de eu abrir a boca. Respondi que sim, depois contei que Jacobs tinha me oferecido um emprego.

— Você está falando sério?

— Estou. E eu recusei…

— Meu Deus, é *claro* que você tinha que recusar! — interrompeu ela.

— Mas essa não é a parte importante. Ele disse que não vai fazer mais turnês de reavivamento nem vai curar mais pessoas. Pela reação desapontada do sr. Al Stamper, ex-cantor do Vo-Lites e atual assistente pessoal de Charlie, eu acredito.

— Então acabou?

— Como o Cavaleiro Solitário dizia ao seu fiel companheiro índio: "Tonto, nosso trabalho aqui acabou." Desde que ele não exploda o mundo com a tal eletricidade secreta.

— Ligue para mim quando voltar ao Colorado.

— Eu ligo, linda. Como está Nova York?

— Tudo maravilhoso! — O entusiasmo na voz dela me fez sentir bem mais velho que meus cinquenta e três anos.

Conversamos um tempo sobre sua nova vida na cidade grande, depois pus o carro em movimento e entrei na rodovia, indo em direção ao aeroporto. Quilômetros depois, olhei pelo retrovisor e vi uma lua laranja no banco de trás.

Eu tinha me esquecido de dar a abóbora a Charlie.

X

Sinos matrimoniais. Como ferver um sapo.
A festa de volta para casa.
"Você vai querer ler isto."

Apesar de ter falado várias vezes com Bree ao longo dos dois anos seguintes, só voltei a vê-la em 19 de junho de 2011, quando, em uma igreja de Long Island, ela se tornou Brianna Donlin-Hughes. Muitas das nossas ligações eram sobre Charlie Jacobs e suas curas problemáticas — encontramos mais meia dúzia de pessoas que sofriam prováveis efeitos colaterais —, mas, com o passar do tempo, nossas conversas ficaram cada vez mais focadas no trabalho de Bree e em George Hughes, o homem que ela conhecera em uma festa e com quem em breve dividiria a cama. Ele era um poderoso advogado corporativo, afro-americano, e tinha acabado de fazer trinta anos. Eu sabia que a mãe de Bree tinha todas as razões para estar satisfeita... ou tão satisfeita quanto uma mãe solteira de filha única poderia estar.

Enquanto isso, o site do pastor Danny saiu do ar, e as conversas sobre ele na internet minguaram. Houve especulações sobre ele estar morto ou internado em alguma instituição particular, provavelmente sob um nome falso e sofrendo de Alzheimer. Até o fim de 2010, eu só conseguira coletar duas informações concretas, ambas interessantes, embora nada esclarecedoras: Al Stamper lançara um CD gospel chamado *Thank You Jesus* (entre os artistas convidados estava a favorita de Hugh Yates, Mavis Staples) e a Ferrolhos estava outra vez disponível para aluguel por "indivíduos ou empresas qualificados".

Charles Daniel Jacobs tinha sumido de vista.

Hugh Yates alugou um jato Gulfstream para as núpcias e pôs todos do Rancho Wolfjaw a bordo. Mookie McDonald representou muito bem a década de 1960 no casamento, usando uma camisa de caxemira com mangas bufantes, calça justa, botas de camurça estilo Beatles e lenço psicodélico na cabeça. Os olhos da mãe da noiva estavam quase saltando das órbitas em um vestido Ann Lowe alugado, e, enquanto os noivos faziam os votos, ela molhou o buquê de flores com lágrimas copiosas. O noivo parecia saído de um romance de Nora Roberts: alto, escuro e bonito. Batemos um papo amistoso na recepção, antes que a festa iniciasse a inevitável jornada desde as conversinhas ligeiramente ébrias até as danças completamente bêbadas. Não havia razão para achar que Bree tinha contado ao noivo que eu era a lata-velha com para-lama enferrujado em que se aprende a dirigir, embora eu tivesse certeza de que acabaria contando — um dia, na cama, depois de uma transa acima da média, provavelmente. Por mim, tudo bem, porque eu não estaria lá para o inevitável revirar de olhos masculino.

O grupo de Nederland voltou ao Colorado pela American Airlines, porque o presente de Hugh para os recém-casados foi a viagem de Gulfstream até o refúgio havaiano onde passariam a lua de mel. Quando Hugh fez o anúncio durante os brindes, Bree gritou como uma criança de nove anos, saiu pulando e o abraçou. Tenho certeza de que Charles Jacobs era a última coisa em que ela pensava naquele momento, exatamente como deveria ser. Mas ele nunca saiu da minha cabeça, pelo menos não completamente.

Perto do fim da festa, vi Mookie sussurrando com o líder da banda, um grupo de rock e blues bem decente, com ótimo vocalista e bom repertório de clássicos. O músico assentiu e perguntou se eu gostaria de subir ao palco para tocar umas músicas. Fiquei tentado, mas, como meu anjinho bom levou a melhor, declinei do convite. Por mais que digam que nunca se está velho demais para o rock and roll, as habilidades musicais diminuem com o passar dos anos, aumentando o risco de se fazer papel de bobo em público.

Eu não me considerava aposentado, mas já não tocava ao vivo fazia mais de um ano e só havia participado de três ou quatro sessões de gravação, sempre em situações de emergência. E não tinha ido bem em nenhuma. Durante o playback de uma delas, peguei o baterista fazendo careta, como se tivesse chupado limão. Ele percebeu que eu tinha visto e disse que o baixo estava desafinado. Não estava, e nós dois sabíamos. Se era ridículo para um cinquentão ficar brincando de jogos de alcova com uma mulher jovem o suficiente para ser filha dele, também era ridículo empunhar uma Stratocaster e chutar o ar enquanto tocava “Dirty Water”. Ainda assim, assisti ao show com certa empolgação e muita nostalgia.

Alguém pegou minha mão, e, quando me virei para ver, era Georgia Donlin.

— Você sente muita falta, Jamie?

— Não tanto quanto sinto respeito. E é por isso que estou aqui sentado. Os caras são bons.

— E você deixou de ser?

Eu me peguei lembrando o dia em que entrei no quarto do Con e ouvi o violão Gibson sussurrando para mim, dizendo que eu conseguia tocar “Cherry, Cherry”.

— Jamie? — Ela estalou os dedos diante dos meus olhos. — Terra chamando Jamie.

— Sou bom o suficiente para me divertir sozinho, mas meus dias atrás de uma guitarra e diante de uma plateia acabaram.

Só que eu estava errado.

Em 2012, fiz cinquenta e seis anos. Hugh e sua namorada de longa data me levaram para jantar. Na volta para casa, eu me lembrei de uma velha história sobre como ferver um sapo. Basta colocar o bicho na água fria, sobre o fogo. Se a temperatura aumenta aos poucos, o sapo é burro demais para perceber o que está acontecendo e pular da panela. Não sei se é verdade, mas concluí que era uma ótima metáfora para o envelhecimento.

Quando adolescente, eu olhava para pessoas com mais de cinquenta anos e sentia pena e desconforto: eles andavam devagar, falavam devagar, viam TV em vez de ir ao cinema ou a um show, achavam que festa era fazer um jantar com os vizinhos e iam para cama logo depois do jornal das sete. Só que, assim como a maioria dos cinquentões, sessentões e setentões em relativa boa forma, não me importei muito quando chegou minha vez. Porque o *cérebro* não envelhece, embora as opiniões sobre o mundo possam ficar mais ácidas e exista uma tendência geral a falar demais sobre como eram as coisas nos bons e velhos tempos. (Pelo menos fui poupado disso, já que passei a maior parte dos meus ditos bons e velhos tempos viciado em drogas.) Acho que, para a maioria, os delírios enganadores da vida começam a sumir após os cinquenta anos. Os dias correm mais depressa, as dores se multiplicam, você diminui o passo, mas existem compensações. Com a calma vem o apreço e — no meu caso — a determinação de ser, tanto quanto possível, um sujeito do bem no tempo que resta. Isso significa servir sopa uma vez por semana em um abrigo para os sem-teto em Boulder e trabalhar para três ou quatro candidatos com a ideia radical de que o Colorado não deve ser varrido para baixo do tapete.

Eu ainda saía com alguma mulher, vez ou outra, jogava tênis duas vezes por semana e andava pelo menos dez quilômetros de bicicleta todos os dias, o que mantinha a barriga lisa e as endorfinas circulando. Claro, eu via rugas a mais em torno da boca e dos olhos quando me barbeava, mas, no todo, achava que parecia o mesmo de sempre. Isso, claro, é a ilusão benigna dos últimos anos de vida. Foi preciso voltar a Harlow no verão de 2013 para enxergar a verdade: eu não passava de um sapo na panela. A boa notícia: até então, a temperatura ainda estava no médio. A má: o processo não ia parar tão cedo. As verdadeiras três idades do homem são juventude, meia-idade e "Como é que eu fui ficar velho tão rápido?".

Em 19 de junho de 2013, dois anos após o casamento de Bree e George Hughes e um após o nascimento do primeiro filho do casal, cheguei em casa depois de uma sessão de gravação bem mais ou menos e encontrei na caixa de correio um envelope decorado com balões de festa. O endereço do remetente era familiar: RFD #2, Estrada dos Metodistas, Harlow, Maine. Abri e me peguei olhando para uma fotografia da família de meu irmão Terry com a seguinte legenda: DOIS É MELHOR QUE UM! VENHA À NOSSA FESTA!

Parei um instante antes de abrir, notando o cabelo branco de Terry, a barriga cada vez maior de Annabelle e os filhos de ambos, três jovens adultos. A menininha que dava risadas enquanto atravessava correndo o gramado vestindo apenas uma calcinha larga da Smurfette se tornara uma bela jovem com um bebê nos braços — minha sobrinha-neta, Cara Lynne. Um de meus sobrinhos, o magricela, lembrava Con. O fortinho era assustadoramente parecido com nosso pai... e um pouco comigo, pobre garoto.

Abri o convite.

VENHA CELEBRAR DOIS GRANDES DIAS COM A GENTE
EM 31 DE AGOSTO DE 2013!
35º ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO DE
TERENCE E ANNABELLE!
1º ANIVERSÁRIO DE CARA LYNNE

HORÁRIO: DE MEIO-DIA ATÉ...
LOCAL: NOSSA CASA, PARA COMEÇAR, DEPOIS NA ASSOCIAÇÃO DE FAZENDEIROS EUREKA
COMIDA: MUITA!
BANDA: THE CASTLE ROCK ALL-STARS
BEBIDA: NÃO OUSE TRAZER A SUA! CERVEJA E VINHO À VONTADE!

Embaixo havia um bilhete do meu irmão. Apesar de estar às vésperas de fazer sessenta anos, Terry escrevia com os mesmos garranchos de colegial que levaram uma de suas professoras a mandá-lo para casa com um bilhete que dizia "Terence PRECISA melhorar a caligrafia!" preso com clipe no boletim escolar.

Ei, Jamie! Venha para a festa, ok? Não vou aceitar desculpas quando você tem dois meses para organizar a agenda. Se o Connie consegue vir do Havaí, você consegue fazer uma viagem do Colorado para cá! Estamos com saudades, caçulinha!

Joguei o convite na cesta de vime pendurada atrás da porta da cozinha. Eu a chamava de Cesta Qualquer Hora, porque estava cheia de correspondências que eu acreditava vagamente que responderia a qualquer hora... o que, na prática, significava nunca, como você já deve estar imaginando. Eu disse a mim mesmo que não tinha a menor vontade de voltar a Harlow, e isso até podia ser verdade, mas a força gravitacional da família ainda agia. Springsteen devia saber do que estava falando ao escrever que não havia nada melhor do que sangue do nosso sangue.

Minha faxineira se chamava Darlene. Ela aparecia uma vez por semana no apartamento para passar a vassoura e o aspirador e trocar a roupa de cama (tarefa que ainda sinto culpa de delegar, depois de ter aprendido a arrumar a cama sozinho, quando criança). Era uma senhorinha vagarosa, e eu dava um jeito de não estar em casa quando ela ia lá. Em um dos dias de Darlene, voltei para casa e descobri que ela pescara o convite da Cesta Qualquer Hora e o deixara aberto na mesa da cozinha. Ela nunca tinha feito nada parecido, por isso concluí que era um sinal. Naquela noite, eu me sentei diante do computador, suspirei e enviei um e-mail para Terry com três palavras: "Pode contar comigo".

Foi um fim de semana e tanto. Eu me diverti demais e mal acreditava que quase tinha negado o convite... ou que quase não respondi, o que provavelmente teria rompido meus laços familiares, já frágeis, para sempre.

Estava quente na Nova Inglaterra, e, por causa do ar instável, o avião chacoalhou mais do que de costume durante a descida no aeroporto de Portland, na tarde de sexta. A viagem para o norte em direção ao Condado de Castle foi lenta, mas não por causa do tráfego. Eu parava para olhar todos os marcos da região — as fazendas; as paredes de rocha; a Brownie's Store, fechada e escura — e me maravilhar com eles. Era como se minha infância ainda estivesse ali, quase invisível sob uma peça de plástico arranhada, empoeirada e semiopaca devido à passagem do tempo.

Eram mais de seis da tarde quando cheguei à velha casa, que ganhara mais cômodos e quase dobrara de tamanho. Na entrada da garagem, havia um Mazda vermelho com toda a pinta de carro alugado no aeroporto (como o meu Mitsubishi Eclipse) e um caminhão da Óleo Combustível Morton estacionado no gramado. O caminhão estava enfeitado com tanto papel crepom e flores que parecia um carro alegórico. Um painel enorme apoiado nas rodas dianteiras dizia: "O PLACAR ESTÁ: TERRY E ANNABELLE, 35, CARA LYNNE, 1! VITÓRIA DE TODOS!! VOCÊ CHEGOU À FESTA! PODE ENTRAR!". Estacionei, subi a escada, ergui o punho para bater na porta, então pensei: "Que bobagem, eu cresci aqui". Entrei.

Por um momento, senti que tinha voltado no tempo para os anos em que podia contar minha idade nos dedos. Minha família estava reunida em torno da mesa de jantar exatamente como nos anos 1960, com todo mundo falando ao mesmo tempo, rindo e

discutindo, passando costelinhas de porco, purês de batata e uma bandeja coberta com pano de prato molhado: milho cozido, mantido quente do jeito que minha mãe fazia.

De início não reconheci o distinto homem de cabelo grisalho na ponta da mesa da sala de estar, e com certeza não conhecia o homenzarrão bonito e de cabelo escuro sentado ao lado dele. Então o sujeito com cara de professor emérito me viu, se levantou e abriu um sorriso, e percebi que era meu irmão Con.

— JAMIE! — gritou ele, e saiu abrindo caminho em volta da mesa, quase derrubando Annabelle da cadeira.

Ele me agarrou em um abraço de urso e encheu meu rosto de beijos. Eu ri e dei uns tapinhas em suas costas. Logo Terry também estava ali, agarrando nós dois, e, juntos, os três parecíamos fazer uma dança cerimonial mal-ajambrada que fazia tremer o chão. Vi que Con estava chorando, e percebi que eu também chorava um pouco.

— Melhor a gente se conter! — disse Terry, embora continuasse pulando. — Senão vamos acabar parando no porão.

Continuamos pulando por um tempo. Parecia que a gente precisava daquilo. E tudo bem, a sensação era boa.

Con me apresentou o homenzarrão, que devia ter vinte anos a menos que ele, como "meu bom amigo do Departamento de Botânica da Universidade do Havaí". Cumprimentei-o, imaginando se eles tinham se dado ao trabalho de ocupar dois quartos no Castle Rock Inn. Nos dias de hoje, e com aquela idade, acho que não. Eu não me lembro de quando percebi que Con era gay. Acho que foi quando ele estava no mestrado e eu ainda tocava "Land of 1000 Dances" com os Cumberlands, na Universidade do Maine. Tenho certeza de que nossos pais souberam muito antes. Eles nunca fizeram alarde por causa disso, bem como nenhum de nós, irmãos. Os filhos aprendem muito mais com exemplos mudos do que com regras faladas, pelo menos é o que eu acho.

Só ouvi meu pai mencionar a orientação sexual do segundo filho uma vez, no final da década de 1980. Deve ter me causado um grande impacto, porque eram meus anos de blecaute, e eu ligava para casa o mínimo possível. Queria que meu pai soubesse que eu ainda estava vivo, mas sempre temia que ele ouvisse a proximidade da morte em minha voz, algo que eu já aceitava.

— Oro por Connie todas as noites — comentou ele, durante a ligação. — Essa maldita aids. Parece que estão deixando se espalhar de propósito.

Con passara incólume e parecia incrivelmente saudável, mas não dava para esconder o fato de que estava envelhecendo, ainda mais ao lado do amigo do Departamento de Botânica. Tive um flash de lembrança de Con e Ronnie Paquette sentados ombro a ombro no sofá da sala de estar, cantando "House of the Rising Sun" e tentando fazer a harmonia... em um perfeito exercício de futilidade.

Devo ter deixado transparecer, porque Con sorriu enquanto enxugava as lágrimas.

— Faz tempo desde que a gente discutia de quem era a vez de tirar as roupas do varal, hein?

— Muito tempo — concordei, pensando outra vez no sapo, burro demais para perceber que a água de sua lagoa sobre a boca do fogão estava ficando cada vez mais quente.

A filha de Terry e Annabelle, Dawn, se juntou a nós com Cara Lynne nos braços. Os olhos do bebê tinham aquele tom que minha mãe costumava chamar de azul Morton.

— Oi, tio Jamie. Olhe só sua sobrinha-neta. Ela vai fazer um ano amanhã e ganhou um dente novo para comemorar.

— Ela é linda! Posso segurar?

Dawn sorriu timidamente para o estranho que vira pela última vez quando ainda usava aparelho nos dentes.

— Pode tentar, mas ela costuma abrir o berreiro quando fica nos braços de desconhecidos.

Peguei o bebê já pronto para devolver à mãe no instante em que o choro começasse. Mas não começou. Cara Lynne me examinou, estendeu a mão e deu uma torcidinha em meu nariz. Depois riu. Minha família fez festa e aplaudiu. O bebê olhou em volta, assustado, depois olhou de volta para mim com olhos que eu juraria serem os de minha mãe.

E riu de novo.

A festa de fato, no dia seguinte, tinha basicamente o mesmo elenco, só que com mais coadjuvantes. Alguns eu reconheci de imediato; outros eram vagamente familiares, e percebi que muitos eram filhos de antigos funcionários do meu pai e trabalhavam para Terry, cujo império tinha crescido: além da empresa de óleo, ele era dono de uma cadeia de lojas de conveniência chamadas Morton's Fast-Shops, que se estendia por toda a Nova Inglaterra. A caligrafia ruim não fora empecilho para o sucesso.

A equipe de uma empresa de bufê de Castle Rock comandava quatro grelhas, produzindo hambúrgueres e cachorros-quentes para acompanhar uma enorme oferta de sobremesas e saladas. A cerveja fluía de barris de aço e o vinho, de barris de madeira. Enquanto eu comia uma bomba de calorias cheia de bacon no quintal, um dos vendedores de Terry — bêbado, alegre e falador — contou que meu irmão também era dono do parque aquático Splash City, em Fryeburg, e do Autódromo Littleton, em New Hampshire: "A pista não dá um centavo de lucro, mas você conhece o Terry: ele sempre foi louco por *stock-cars* e gaiolas".

Eu me lembrei dele trabalhando com meu pai em várias encarnações do Foguete da Estrada na garagem, ambos metidos em camisas sujas de graxa e macacões de fundilhos frouxos. De repente me dei conta de que meu irmão interiorano, aquele que permanecera na cidade natal, estava bem de vida. Talvez até rico.

Todas as vezes que Dawn se aproximava com Cara Lynne, a menininha estendia os braços para mim. Acabei carregando o bebê para tudo que é lado a maior parte da tarde, até que ela finalmente dormiu em meu ombro. Ao ver isso, o pai me aliviou do peso.

— Estou surpreso — comentou ele, enquanto a colocava em um cobertor embaixo da sombra da maior árvore do quintal. — Ela nunca se deu tão bem com ninguém.

— Estou lisonjeado — respondi, dando um beijinho na bochecha rosada do bebê.

Conversamos muito sobre os velhos dias e os velhos tempos, o tipo de papo que é fabulosamente interessante para aqueles que estiveram lá e estupendamente chato para quem não esteve. Fiquei longe da cerveja e do vinho. Então, quando a festa se mudou para a Associação de Fazendeiros Eureka, a uns sete quilômetros dali, fui um dos motoristas e lutei para me entender com as marchas da enorme picape Nissan Frontier que pertencia à empresa de óleo. Fazia trinta anos que eu não dirigia um carro com câmbio manual, e meus passageiros, todos embebedados — devia ter uns doze, contando os sete ou oito na carroceria —, uivavam de rir cada vez que eu arranhava as marchas e a picape engasgava. Foi um milagre ninguém ter sido lançado para fora da carroceria.

A equipe do bufê chegou antes de nós, e já havia mesas de comida arrumadas ao lado da pista de dança de que eu me lembrava tão bem. Fiquei olhando para aquele pedaço de chão de madeira encerada, até que Con apertou meu ombro.

— Muitas lembranças, caçulinha?

Eu me vi subindo no palco pela primeira vez, morrendo de medo e fedendo a suor, que escorria em ondas dos sovacos. Depois, vi mamãe e papai dançando juntos enquanto tocávamos "Who'll Stop the Rain".

— Mais do que você imagina.

— Acho que imagino — retrucou ele, me abraçando. Em meu ouvido, sussurrou mais uma vez. — Acho que imagino.

Havia umas setenta pessoas em casa para o almoço do meio-dia. Às sete da noite, havia o dobro na Associação de Fazendeiros Eureka nº 7 e o ar-condicionado mágico de Charlie Jacobs teria dado uma bela força aos cansados ventiladores de teto do lugar. Peguei o tipo de sobremesa que ainda era uma das especialidades de Harlow — gelatina de limão com cobertura de frutas em conserva — e levei para fora. Fiquei andando por um canto do prédio, comendo devagar com uma colher de plástico, e cheguei à escada de incêndio sob a qual beijei Astrid Soderberg pela primeira vez. Lembro bem como a parca de pele que ela usava emoldurava aquele rosto perfeito. Lembrei o gosto do batom de morango.

"Mas foi bom, não foi?", perguntei. Ao que ela respondeu: "Beija de novo, que eu digo".

— Ei, calouro — disse uma voz atrás de mim, me fazendo dar um pulo. — Quer tocar alguma coisa hoje?

De início, não o reconheci. O adolescente alto, magro e cabeludo que me recrutara para tocar guitarra nos Chrome Roses agora estava careca no topo da cabeça, grisalho nas laterais e carregava uma pança que se dependurava na calça, presa por um cinto apertado. Fiquei olhando para ele segurando o copinho de papel com a gelatina.

— Norm? Norm Irving?

Ele me deu um sorriso largo o suficiente para deixar à mostra os dentes de ouro na parte de trás da boca. Derrubei a gelatina e o abracei. Ele gargalhou e me abraçou de volta. Dissemos um ao outro que estávamos ótimos. Dissemos um ao outro que fazia muitos anos. E, claro, falamos dos velhos tempos. Norm contou que engravidara Hattie Greer e se casara com ela. Durara poucos anos, mas, depois de um período de animosidade pós-divórcio, eles decidiram deixar o passado para trás e ser amigos. A filha, Denise, tinha quase quarenta anos e era dona de um salão de cabeleireiros em Westbrook.

— Estou livre e desimpedido também, com tudo quitado no banco. Tenho dois meninos com a segunda mulher, mas, cá entre nós, Deenie é meu amorzinho. Hattie tem um filho do segundo casamento. — Ele chegou mais perto, com um sorriso triste. — Vive entrando e saindo da cadeia. O garoto não vale a pólvora que o mandaria para o inferno.

— E Kenny e Paul?

Kenny Laughlin, nosso baixista, também se casara com a namorada da época dos Chrome Roses, e ainda estavam juntos.

— Ele é dono de uma corretora de seguros em Lewiston. Faturando bem. Veio hoje. Você não o viu?

— Não. — Talvez tivesse visto, mas não reconhecido. E talvez ele não tivesse me reconhecido.

— Já Paul Bouchard... — Norm balançou a cabeça. — Estava fazendo uma escalada no Parque Estadual de Acadia e acabou caindo. Viveu mais dois dias, depois não resistiu. Foi em 90. Talvez tenha sido melhor assim. Os médicos disseram que ficaria paralisado do pescoço para baixo, se sobrevivesse. Ficaria, como dizem, tetraplégico.

Por um momento, imaginei nosso antigo baterista sobrevivendo ao acidente, deitado na cama com uma máquina para ajudá-lo a respirar, assistindo ao pastor Danny na TV. Afastei o pensamento da cabeça.

— E Astrid? Sabe dela?

— Está em algum lugar no sudoeste. Castine ou Rockland, não sei. — Ele sacudiu a cabeça. — Não lembro. Sei que ela largou a faculdade para se casar, e os pais dela ficaram putos. E devem ter ficado duplamente putos quando ela se divorciou. Acho que é dona de um restaurante, uma dessas espeluncas que servem lagosta, mas não diga que fui eu quem falou. Vocês eram loucos um pelo outro, não eram?

— Éramos. Com certeza.

Ele assentiu.

— Amor jovem. Não tem nada igual no mundo. Não sei se eu gostaria de reencontrá-la hoje, porque a mocinha era um rastilho de pólvora naqueles tempos. Era nitroglicerina pura, não era?

— Era — respondi, pensando na cabana arruinada perto do Teto do Céu. E no mastro de ferro. E no brilho vermelho quando o raio o atingiu. — Era, sim.

Não dissemos nada por um tempo, então ele me deu um tapinha no ombro.

— Enfim, o que acha? Quer tocar com a gente? É melhor aceitar, porque a banda vai ser uma porcaria se você disser que não.

— *Você* está na banda? Na Castle Rock All-Stars? Kenny também?

— Claro. A gente não tem tocado muito ultimamente, não como nos velhos tempos. Mas essa nenhum de nós poderia recusar.

— Foi Terry quem mandou você fazer isso?

— Seu irmão até deve ter pensado que você tocaria umas músicas, mas não. Ele só queria uma banda dos velhos tempos, e Kenny e eu somos praticamente os únicos daquela época que ainda estão vivos, morando nessa porcaria de região e tocando. Na quarta passada, nosso guitarrista base, um carpinteiro de Lisbon Falls, caiu de um telhado e quebrou as duas pernas.

— Ai que dor! — exclamei.

— A dor dele foi minha alegria — retrucou Norm Irving. — A gente ia tocar como um trio, e você sabe que o som fica uma porcaria. Três de quatro Chrome Roses não é nada mau, considerando que o nosso último show foi na Liga Atlética da Polícia, há mais de trinta e cinco anos. Toque com a gente. Vamos fazer uma miniturnê de reencontro.

— Norm, eu nem trouxe guitarra.

— Tenho três na picape. Você pode escolher primeiro. Mas não se esqueça: a gente ainda começa com "Hang On Sloopy".

Subimos no palco diante de aplausos entusiasmados, turbinados de álcool. Kenny Laughlin, magro como sempre, mas ostentando várias verrugas nada adoráveis no rosto, parou de ajustar a correia de seu Fender P-Bass e me deu um empurrão. Eu não estava nervoso como da primeira vez em que subi no palco com uma guitarra, mas senti como se estivesse em um sonho particularmente real.

Norm ajustou o microfone com uma das mãos, como sempre fazia, e falou com o público, que esperava para dançar um pouco ao som do bom e velho rock and roll.

— Está escrito Castle Rock All-Stars na bateria, amigos, mas hoje nós temos um convidado especial na guitarra base. Então, durante as próximas horas, somos os Chrome Roses outra vez. Manda ver, Jamie.

Pensei nos beijos de Astrid sob a escada de incêndio. Pensei no micro-ônibus enferrujado de Norm e no pai dele, Cicero, sentado no sofá detonado do velho trailer, enrolando um baseado em papel de seda e me dizendo que, para conseguir a carteira de motorista de primeira, eu precisava cortar a porra do cabelo. Pensei nos bailes adolescentes em que tocamos no Auburn RolloDrome, e lembrei que nunca parávamos quando aconteciam as inevitáveis brigas entre os alunos do Edward Little e do Colégio

Lisbon, ou entre os do Colégio Lewinston High e os do St. Dom's. Apenas aumentávamos o volume. Pensei em como tinha sido minha vida antes de eu perceber que era um sapo na panela.

Gritei: "Um, dois, vocês sabem o que vem depois".

Entramos com tudo.

Em mi maior.

Toda essa merda começa em mi.

Nos velhos tempos, teríamos tocado até o toque de recolher de uma da manhã, mas já não estávamos nos anos 1970. Por volta das onze da noite, estávamos exaustos e empapados de suor. E bastou. A mando de Terry, a cerveja e o vinho pararam de ser servidos às dez, e, sem combustível, a multidão começou a encolher depressa. Quase todos os sobreviventes estavam sentados, felizes em ouvir a banda, mas cansados demais para dançar.

— Você está absurdamente melhor do que era, calouro — brincou Norm, quando guardamos os instrumentos.

— Você também.

Aquilo era tão mentira quanto "você está ótimo". Aos catorze anos, eu nunca acreditaria que um dia seria melhor guitarrista de rock que Norman Irving, mas esse dia chegou. Ele sorriu para dizer que sabia o que era melhor não ser dito. Kenny se juntou a nós, e os três remanescentes do Chrome Roses se juntaram em um abraço que teríamos chamado de "coisa de veado" quando estávamos no colégio.

Terry se juntou a nós, trazendo com ele Terry Jr., o filho mais velho. Meu irmão parecia cansado, mas em êxtase.

— Olha só, Con e o amigo dele levaram de volta a Castle Rock um bando que estava bêbado demais para dirigir. Você se importa de carregar um grupo de Harlow na picape, se eu lhe emprestar o Terry Jr. como copiloto?

Respondi que seria um prazer e, após o último "até mais" a Norm e Kenny (acompanhado por aqueles apertos de mão de peixe morto peculiares a músicos), juntei meu bando de bêbados e fui embora. Durante um tempo, meu sobrinho me deu instruções de que eu não precisava, mesmo no escuro. Quando larguei os últimos dois ou três casais na estrada Stackpole, porém, ele já tinha parado. Percebi que o garoto estava apoiado na janela do carona, dormindo. Acordei-o quando chegamos em casa, na estrada dos Metodistas. Terry Jr. me deu um beijo na bochecha (que me tocou profundamente, mais do que ele poderia imaginar) e entrou cambaleante em casa, onde provavelmente dormiria até o meio-dia de domingo, como fazem os adolescentes. Fiquei me perguntando se ele dormia em meu velho quarto e pensei que provavelmente não. O quarto dele devia ficar na parte nova da casa. O tempo muda tudo, e talvez isso seja bom.

Pendurei as chaves da picape no porta-chaves do corredor, segui até meu carro alugado e vi as luzes acesas no celeiro. Fui até lá, entrei e vi Terry. Ele tinha tirado as

roupas da festa e colocado um macacão. Seu novo brinquedo, um Chevy SS do final da década de 1960, ou início da de 1970, brilhava sob as luzes como uma joia azul. Meu irmão estava polindo a belezura.

Ele olhou para mim quando entrei.

— Não consegui dormir. Foi muita emoção. Vou dar um trato nesse bebê durante um tempo e, depois, cama.

Passei a mão pelo capô.

— É lindo.

— *Agora* é, mas você devia ter visto quando o comprei em um leilão em Portsmouth. Para a maioria dos compradores, não passava de lixo, mas achei que poderia trazer ele de volta.

— Fazer reviver — disse eu. Sem estar realmente falando com Terry.

Ele me olhou com interesse, depois encolheu os ombros.

— Pode-se dizer que sim. E, quando eu colocar um câmbio novo, vai faltar pouco para chegar lá. Bem diferente dos velhos Foguetes da Estrada, não é?

Dei uma gargalhada.

— Lembra quando o primeiro ficou de cabeça para baixo no autódromo?

Terry revirou os olhos.

— Na primeira volta. Aquele infeliz do Duane Robichaud. Aposto que ele comprou a carteira.

— Ele ainda está vivo?

— Não, morreu já faz dez anos, pelo menos. Câncer no cérebro. Quando descobriram, já era tarde demais para o infeliz.

“Imagine que eu seja um neurocirurgião”, dissera Jacobs naquele dia na Ferrolhos. “Suponha que eu diga que os riscos de você morrer na mesa de operação sejam de vinte e cinco por cento. Ainda assim iria adiante?”

— Dureza.

Ele assentiu.

— Você se lembra do que dizíamos quando éramos crianças? “O que é dureza? A vida. E o que é a vida? O que não passa na TV. E você tem TV? Tenho não. Que dureza. O que é dureza? A vida.” E assim ia.

— Eu lembro. Na época, a gente pensava que era uma piada. — Hesitei. — Você pensa muito na Claire, Terry?

Meu irmão jogou o pano de flanela em um balde e foi até a pia lavar as mãos. Antigamente só havia uma torneira — e de água fria —, mas agora eram duas. Ele abriu ambas, pegou o sabonete de pedra-pomes e começou a se lavar. Até os cotovelos, como nosso pai ensinou.

— Todo santo dia. Também penso no Andy, mas com menos frequência. Acho que é a ordem natural das coisas, mas ele poderia ter vivido um pouco mais, se não fosse tão bom de garfo. Mas o que aconteceu com a Claire... foi *errado*. Não é?

— É verdade.

Ele se inclinou sobre o capô do SS, com o olhar perdido.

— Lembra como ela era linda? — Ele balançou a cabeça devagar. — Nossa irmã linda. Aquele imbecil... aquele *monstro*... roubou todos os anos que restavam da vida dela e depois fez aquela covardia. — Ele passou a mão pelo rosto. — É melhor não falar da Claire. Eu fico muito emocionado.

Eu também ficava. Claire tinha idade suficiente para que eu a visse como uma segunda mãe. Claire, nossa linda irmã, que nunca machucou ninguém.

Caminhamos até a frente da casa, ouvindo os grilos na grama. O canto era sempre mais alto entre o fim de agosto e o início de setembro, como se soubessem que o verão estava no fim.

Terry parou no início da escada, e vi que seus olhos ainda estavam marejados. Ele tivera um ótimo dia, que nem por isso deixara de ser longo e estressante. Fora um erro falar de Claire no apagar das luzes.

— Passe a noite aqui, caçulinha. Temos um sofá-cama.

— Obrigado, mas não posso. Prometi ao Connie que tomaria café com ele e o parceiro dele no hotel.

— *Parceiro?* — disse ele, revirando os olhos. — Sei.

— Deixa disso, Terence. Já estamos no século XXI. Hoje em dia eles podem se casar em doze estados, se quiserem. Inclusive neste.

— Ah, eu não ligo para isso. Não tenho nada a ver com o casamento de ninguém. O problema é que esse sujeito é tudo menos *parceiro*, por mais que o Connie se iluda. Eu reconheço um aproveitador quando vejo um. Pelo amor de Deus, ele tem metade da idade do Connie.

Isso me fez pensar em Brianna, que tinha *menos* da metade da minha idade.

Dei um abraço em Terry e um beijo em seu rosto.

— A gente se vê amanhã. Almoçamos antes de eu voltar para o aeroporto.

— Combinado. E... Jamie? Você tocou muito no show de hoje.

Agradeci e caminhei até o carro. Estava abrindo a porta quando ele me chamou pelo nome. Olhei de volta.

— Você se lembra do último domingo do reverendo Jacobs no púlpito? Quando ele fez o que a gente chamava de Sermão Terrível?

— Lembro. Muito bem.

— Todo mundo ficou chocado na época, e nós achamos que tudo aquilo era culpa do luto pela perda da mulher e do filho. Mas quer saber? Quando penso na Claire, penso que gostaria de encontrá-lo e apertar a mão dele. — Os braços de Terry, fortes como os de nosso pai, estavam cruzados sobre o macacão. — Porque hoje acho que ele foi muito corajoso em dizer aquilo tudo. Hoje acho que cada palavra estava certa.

Terry podia ter enriquecido, mas continuava econômico, então, no almoço de domingo, comemos o que sobrou da festa. Passei a maior parte do tempo com Cara Lynne no colo, dando-lhe pedacinhos de comida. Quando chegou minha hora de partir, eu a devolvi a Dawn, mas o bebê estendeu os braços para mim.

— Não, querida — disse, beijando aquela testa incrivelmente suave. — Eu preciso ir.

Cara Lynne só sabia falar umas dez palavras — uma delas era meu nome —, mas eu tinha lido que o entendimento dos bebês é muito maior que isso, e ela sabia o que eu estava dizendo. O rostinho se contraiu, ela estendeu os braços de novo, e aqueles olhinhos azuis, do mesmo tom que os da minha mãe e da minha falecida irmã, se encheram de lágrimas.

— Fuja, rápido, senão você vai ter que adotá-la — brincou Con.

E assim me fui. De volta ao carro alugado, ao aeroporto de Portland, ao aeroporto internacional de Denver, a Nederland. Sem deixar de pensar naqueles braços gordinhos estendidos e naqueles olhos azul Morton cheios de lágrimas. Ela só tinha um aninho, mas queria que eu ficasse mais tempo. É assim que a gente sabe que está em casa, acho, não importa quão longe se vá ou quanto tempo se passe em outro lugar.

Casa é onde querem que você fique mais.

Em março de 2014, quando a maioria das marias-esqui já tinha ido embora de Vail, Aspen, Steamboat Springs e da nossa montanha Eudora, chegaram notícias de que uma nevasca monstruosa estava se aproximando. A parte que nos cabia do famoso vórtice polar já tinha deixado Greeley sob mais de um metro de neve.

Fiquei em Wolfjaw a maior parte do dia, ajudando Hugh e Mookie a preparar os estúdios e a casa-grande para a tempestade. Fiquei até o vento começar a soprar mais forte e os primeiros flocos de neve começarem a cair do céu cor de chumbo. Então Georgia saiu, metida em um casaco de lona e usando protetores de ouvido e um boné do Rancho Wolfjaw. Ela estava em modo esporro com cem por cento de potência.

— Mande esses homens para casa — disse a Hugh. — A menos que você queira que fiquem presos na estrada até junho.

— Seríamos como aqueles sobreviventes que começam a canibalizar o grupo, depois de um tempo — comentei. — Mas acho que eu nunca jantaria o Mookie. A carne é muito dura.

— Vão embora, seus selvagens, agora mesmo — disse Hugh. — Só não se esqueçam de conferir as portas dos estúdios no caminho até a estrada.

Obedecemos. Também demos uma conferida no celeiro, por via das dúvidas. Até parei um tempinho para distribuir pedaços de maçã, embora Bartleby, meu favorito, tivesse morrido três anos antes. Quando deixei Mookie na pensão onde ele morava, já estava nevando pesado, e o vento devia estar soprando a mais de cinquenta quilômetros por hora. O centro de Nederland estava vazio, os sinais de trânsito balançavam e já havia montinhos de neve nas portas das lojas que tinham fechado mais cedo.

— Corre para casa! — gritou Mookie, tentando se fazer entender em meio ao uivo dos ventos. Ele colocou a bandana sobre a boca e o nariz. Ficou parecendo um criminoso da terceira idade.

Fiz o que ele mandou, o vento empurrando meu carro como um valentão mal-humorado ao longo de todo o caminho. A ventania estava ainda mais forte quando andei

até o prédio, segurando o colarinho próximo ao rosto. Eu estava de barba feita, despreparado para a força do inverno do Colorado quando ele decidiu vir com tudo. Depois de entrar, precisei usar ambas as mãos para fechar a porta do prédio.

Conferi a caixa de correio, e só havia uma carta. Peguei, e bastou uma olhada para saber de quem era. A letra de Jacobs estava tremida e vacilante, mas ainda reconhecível. A única surpresa foi o endereço do remetente: "Caixa postal, Motton, Maine". Não era a minha cidade, mas ficava bem perto. Perto demais para eu ficar tranquilo.

Fiquei tamborilando no envelope e quase cedi ao primeiro impulso, que era rasgar tudo, abrir a porta e jogar os pedaços ao vento. Ainda me imagino fazendo isso — todo dia; às vezes, toda hora — e me pergunto o que mudaria se eu tivesse rasgado. Só que, em vez disso, virei o envelope. Ali, escrita em letra vacilante, havia uma única frase: "Você vai querer ler isto".

Eu não queria, mas abri assim mesmo. Puxei uma única folha de papel embrulhando um envelope menor. Nesse segundo envelope, estava escrito: "Leia minha carta antes de abrir este aqui". Foi o que fiz.

Que Deus tenha piedade de mim, mas foi o que fiz.

4 de março de 2014

Querido Jamie,

Consegui seu e-mail pessoal e de trabalho (como você sabe, eu tenho meus métodos), mas agora sou um homem velho, tenho hábitos de velho, e acredito que assuntos particulares e importantes devam ser tratados por carta. Quando possível, por carta escrita a mão. Como você pode ver, ainda consigo escrever "a mão", embora não saiba por mais quanto tempo. Tive um pequeno derrame no segundo semestre de 2012 e outro, bem mais grave, no último verão. Espero que perdoe minha caligrafia deplorável.

Tenho outra razão para contatá-lo por carta. É muito fácil deletar e-mails, mas é um pouco mais difícil destruir uma carta que alguém redigiu com caneta e tinta. Vou acrescentar uma frase nas costas do envelope para aumentar as chances de que você leia esta mensagem. Se não me responder, precisarei mandar um emissário, e isso eu não quero fazer, porque o tempo é curto.

Um emissário. Não gostei disso.

Quando nos encontramos pela última vez, pedi que você se tornasse meu assistente. Você recusou. Agora peço mais uma vez, e tenho certeza de que você vai aceitar. Você precisa aceitar, pois meu trabalho está chegando ao estágio final. Falta apenas um último experimento. Tenho certeza de

que vai dar certo, mas não ouso prosseguir sozinho. Preciso de ajuda e, da mesma forma, preciso de uma testemunha. Acredite quando digo que você tem uma participação quase tão grande quanto a minha nesse experimento.

Você acha que vai dizer não, mas eu o conheço bem, meu velho amigo, e acredito que, depois de ler a carta anexada, sua opinião vai mudar.

Forte abraço,
Charles D. Jacobs

O vento uivava e a neve soava como areia fina ao atingir a porta. A estrada para Boulder seria fechada em breve, se já não estivesse. Segurei o envelope menor, pensando: "Alguma coisa aconteceu". Eu não queria saber o quê, mas senti que era muito tarde para voltar atrás. Sentei na escada que levava ao meu apartamento e abri a carta enquanto uma rajada de vento particularmente selvagem sacudia o prédio. A letra estava tão tremida quanto a de Jacobs e descia tortuosa pela página, mas eu a reconheci de cara. Como não reconheceria? Eu tinha recebido cartas de amor, algumas muito tórridas, escritas por aquela mão. Meu estômago se revirou e, por um instante, achei que iria desmaiar. Baixei a cabeça, cobri os olhos e apertei as têmporas com a mão que não segurava a carta. Quando a tontura passou, eu já estava quase arrependido.

Li a carta.

25 de fevereiro de 2014

Caro pastor Jacobs,

O senhor é minha última esperança.

Eu me sinto uma louca escrevendo isto, mas é verdade. Estou tentando falar com o senhor porque minha amiga Jenny Knowlton insistiu. Ela é enfermeira e diz que nunca acreditou em curas milagrosas (apesar de acreditar em Deus). Muitos anos atrás, ela foi a um de seus reavivamentos de cura em Providence, em Rhode Island, e o senhor a curou de uma artrite tão grave que ela mal conseguia abrir e fechar as mãos e estava viciada em OxyContin. Ela me contou o seguinte: "Eu disse a mim mesma que só fui para ouvir Al Stamper cantar, porque tinha todos os discos dele com os Vo-Lites, mas bem no fundo eu devia saber o motivo de ter ido lá, porque, quando ele perguntou se havia alguém que queria ser curado, eu entrei na fila". Ela disse que não só a dor nas mãos e nos braços desapareceu quando o senhor tocou suas têmporas com as alianças, mas também a necessidade de tomar o analgésico. Achei isso ainda mais difícil de acreditar do que a cura da artrite, porque onde moro muita gente usa esse negócio, e sei que é muito difícil "largar o hábito".

Pastor Jacobs, eu tenho câncer de pulmão. Perdi o cabelo durante a radioterapia e a químio me fez vomitar o tempo todo (perdi vinte e sete quilos), mas, ao fim dessas terapias infernais, o câncer ainda estava lá. Agora meu médico quer que eu faça uma operação para retirar um pulmão, mas minha amiga Jenny se sentou comigo e me disse: "Vou contar a verdade nua e crua, querida. Quando apelam para isso, geralmente é porque já não tem mais jeito, e eles sabem, mas tentam assim mesmo, porque é o único recurso que resta".

Virei a folha de papel com a cabeça latejando. Pela primeira vez em muitos anos, queria estar doidão. Se estivesse, talvez conseguisse olhar a assinatura que esperava por mim no fim da página sem querer gritar.

Jenny me disse que procurou suas curas na internet, e muitas outras, além da dela, pareceram ser reais. Sei que o senhor já não está mais viajando pelo país. Talvez tenha se aposentado, talvez esteja doente, talvez até morto (estou orando para que não, para o seu e para o meu próprio bem). Mesmo que esteja vivo e bem, talvez o senhor não leia suas cartas. Assim, sei que meio que estou colocando uma mensagem em uma garrafa e jogando-a ao mar, mas alguma coisa — não apenas Jenny — insiste para que eu tente. Afinal, às vezes a garrafa acaba chegando à praia e alguém lê a mensagem.

Não quero fazer a operação. O senhor é realmente minha última esperança. Sei que ela é débil e talvez seja vã, mas a Bíblia diz: "Com fé, tudo é possível". Vou pagar para ver. Ou não. Seja como for, que Deus o abençoe e proteja.

Com esperança, me despeço,

Astrid Soderberg
Estrada Morgan Pitch, 17
Mt. Desert Island, Maine 04660
(207) 555-6454

Astrid. Meu Deus!

Astrid outra vez, depois de tantos anos. Fechei os olhos e a vi sob a escada de incêndio, emoldurada pela parca.

Abri os olhos e li a mensagem que Jacobs deixara abaixo do endereço.

Vi os registros médicos e as últimas radiografias. Pode acreditar. Como eu disse na carta, tenho meus métodos. A radiação e a quimioterapia encolheram o tumor no pulmão esquerdo, mas não o erradicaram, e mais pontos apareceram no pulmão direito. O estado dela é grave, mas eu posso salvá-la. Pode acreditar nisso também, mas esse tipo de câncer é como um incêndio em mato seco — ele se espalha depressa. O tempo dela é curto, e você precisa decidir logo.

“Se é tão curto, por que você não ligou, ou pelo menos não mandou esse pacto com o demônio por carta expressa?”

Mas eu sabia. Ele *queria* que o tempo fosse curto, porque não estava interessado em Astrid. Ela era um peão. Eu, por outro lado, era uma das peças da segunda fila. Eu não fazia ideia da razão, mas sabia que era assim.

A carta tremia em minhas mãos enquanto eu lia as últimas linhas.

Se você concordar em me ajudar enquanto concluo meu trabalho no próximo verão, sua velha amiga (e talvez namorada) será salva, e o câncer, extirpado de seu corpo. Se recusar, vou deixar que ela morra. É claro que isso vai soar cruel a seus ouvidos, até monstruoso, mas, se você estivesse a par da enorme importância do meu trabalho, pensaria de outra forma. Exato, até você! Meu telefone residencial e meu celular estão abaixo. Ao meu lado, enquanto escrevo esta carta, está o contato da srta. Soderberg. Se você me ligar — com uma resposta positiva, é claro —, ligarei para ela.

A escolha é sua, Jamie.

Fiquei sentado na escada por alguns minutos, respirando fundo e esperando o coração desacelerar. Pensei no quadril de Astrid pressionado contra o meu enquanto meu pau pulsava, duro como um vergalhão; na mão de Astrid acariciando minha nuca enquanto soprava a fumaça do cigarro em minha boca.

Por fim, levantei e subi até o apartamento com as cartas na mão. A escada não era longa, nem íngreme, e eu estava em boa forma de tanto pedalar, mas tive que parar duas vezes para recobrar o fôlego antes de chegar ao topo. Minha mão tremia tanto que tive que usar a outra para controlá-la e conseguir colocar a chave na fechadura.

O dia estava escuro e meu apartamento, cheio de sombras, mas não me dei ao trabalho de acender as luzes. Era melhor fazer logo o que eu tinha que fazer. Tirei o celular do cinto, me joguei no sofá e liguei para Jacobs. Tocou apenas uma vez.

— Alô, Jamie — disse ele.

— Seu filho da puta. Seu filho da puta desgraçado.

— É bom falar com você também. Qual é a sua decisão?

Quanto ele sabia sobre Astrid e eu? Será que eu chegara a contar alguma coisa? Ou ela contara? Se não, o que ele descobrira? Eu não sabia, e não importava. Pelo tom de Jacobs, dava para perceber que a pergunta era mera formalidade.

Eu disse que estaria lá o mais rápido possível.

— Se quiser vir, fique à vontade. Será um prazer receber você, embora eu só precise da sua presença em julho. Se você preferir não vê-la... quer dizer, do jeito que ela está agora...

— Vou entrar no primeiro avião assim que o tempo abrir. Se puder fazer sua parte antes que eu chegue... conserte... cure... depois continue o que tiver que fazer. Mas não a deixe sair daí enquanto eu não puser os olhos nela. Não importa o que aconteça.

— Você não confia em mim, não é? — A voz soava como se eu o tivesse deixado profundamente triste, mas não dei muito crédito. Ele era mestre em projetar emoções.

— Por que confiaria, Charlie? Já vi como você trabalha.

Ele suspirou. O vento soprou em uma rajada forte, chacoalhando o prédio e uivando ao longo dos beirais.

— Onde você está em Motton? — perguntei, mas também foi mera formalidade.

A vida é uma roda, e sempre volta ao ponto onde começou.

XI

Montanha do Bode. Ela espera.
Más notícias do Missouri.

Então, pouco mais de seis meses após a breve reencarnação dos Chrome Roses, aterrissei novamente no aeroporto de Portland e, mais uma vez, segui para o norte, em direção ao condado de Castle. Dessa vez, no entanto, não segui para Harlow. Faltando oito quilômetros para chegar à minha cidade natal, saí da rota 9 e entrei na estrada da montanha do Bode. Era um dia quente, mas o Maine fora circundado por uma nevasca de primavera dias antes, e a música do degelo e da água escoando estava por toda parte. Pinheiros e abetos dominavam as margens da estrada, com os galhos vergados sob o peso da neve, mas a estrada em si fora desobstruída e brilhava de umidade ao sol da tarde.

Parei por alguns minutos em Longmeadow, local de tantos piqueniques da Juventude Metodista durante minha infância, e fiquei ainda mais tempo diante da passagem que levava ao Teto do Céu. Eu não tinha tempo para revisitar a cabana caindo aos pedaços onde Astrid e eu perdêramos a virgindade, mas, mesmo que tivesse, não conseguiria chegar lá. O chão de cascalho estava pavimentado e a estrada tinha sido desobstruída, mas o caminho estava bloqueado por um imenso portão de madeira com um cadeado do tamanho do punho de um orc. Como se aquilo já não deixasse tudo bastante claro, uma placa enorme dizia: ENTRADA TOTALMENTE PROIBIDA. INVASORES SERÃO PROCESSADOS ATÉ O LIMITE MÁXIMO DA LEI.

Um quilômetro e meio acima, cheguei à cancela da montanha do Bode. O caminho não estava bloqueado, mas havia um segurança usando um casaco leve por cima do uniforme marrom. O casaco estava desabotoado, talvez por causa do dia quente, talvez

para mostrar a quem chegasse a arma que o homem trazia no coldre. Parecia das grandes.

Abaixei o vidro, mas, antes que o segurança perguntasse meu nome, a cancela se abriu e Charlie Jacobs saiu de lá. A parca pesada que usava não disfarçava o pouco que sobrava de seu corpo. Na última vez que nos encontramos, ele estava magro. Mas, ali, parecia mais um esqueleto. Meu velho quinto personagem mancava cada vez mais, e, embora possa ter pensado que o sorriso que me deu era caloroso e receptivo, ele mal conseguiu erguer o lado esquerdo do rosto, e o resultado foi algo parecido com uma expressão de escárnio.

"O derrame", pensei.

— Jamie, que bom ver você! — Ele estendeu a mão, e eu o cumprimentei... embora com reservas. — Pensei que só chegaria amanhã.

— Os aeroportos do Colorado abrem rápido depois de nevascas.

— Com certeza, com certeza. Posso fazer o caminho até a casa com você? — Ele meneou a cabeça em direção ao segurança. — Sam me trouxe até aqui em um carrinho de golfe, e tem um aquecedor na cabine de segurança, mas eu fico gripado com frequência, mesmo em um dia típico de primavera. Você se lembra de como chamávamos a neve de primavera, Jamie?

— Fertilizante dos pobres. Entre.

Mancando, ele circundou a frente do carro. Quando Sam tentou segurar seu braço, ele o afastou depressa. O rosto não funcionava direito e o mancar parecia quase um solavanco, mas ele continuava ágil como sempre. "Um homem em uma missão", pensei.

Ele deu um grunhido de alívio ao entrar, aumentou o aquecimento e posicionou as mãos nodosas diante da saída de ar do lado do carona, como se estivesse se aquecendo diante de uma fogueira.

— Espero que você não se importe.

— Fique à vontade.

— Parece a entrada da Ferrolhos, não parece? — perguntou, ainda esfregando as mãos, produzindo um som desagradável, parecido com o de papel. — Pelo menos, eu acho.

— Parece... com exceção daquilo ali. — Apontei para a esquerda, onde antes havia uma pista de esqui de nível intermediário chamada Trilha da Fumaça. Ou talvez Espiral da Fumaça. Olhando de dentro do carro, vi que um dos cabos do teleférico estava rompido e duas cadeiras jaziam meio submersas em meio à corrente de degelo, que provavelmente continuaria ali por mais cinco semanas, a menos que a temperatura continuasse quente.

— Está uma bagunça mesmo, mas não há motivo para consertar. Vou mandar tirar todos os teleféricos quando não houver mais neve. Eu diria que meus dias de esquiador já ficaram para trás, concorda? Você esteve aqui quando criança, Jamie?

Sim, uma meia dúzia de vezes. Já tinha ido muito ali, atrás de Con, Terry e seus amigos da cidade, mas não tinha mais estômago para conversa fiada.

— Ela está aqui?

— Está. Chegou por volta do meio-dia. Foi Jenny Knowlton, a amiga, quem a trouxe. Elas esperavam chegar ontem, mas a nevasca foi muito pior no sudeste. Ah, já me adiantando à sua próxima pergunta, não, eu não a tratei. A coitada está exausta. Amanhã

teremos tempo suficiente para isso e para que ela veja você. Se quiser, pode vê-la ainda hoje no jantar, enquanto ela come o pouco que consegue engolir. O restaurante tem circuito interno de câmeras.

Comecei a dizer a Jacobs o que pensava daquilo, mas ele ergueu a mão.

— Paz, meu amigo. Não fui eu quem colocou as câmeras, elas já estavam aqui quando comprei o lugar. Acho que a administração usava as imagens para monitorar o desempenho da equipe de atendimento. — O sorriso de um só lado parecia mais desdenhoso do que nunca. Talvez fosse só impressão, mas duvido.

— Você está se vangloriando? É isso que você está fazendo, agora que me trouxe aqui?

— Claro que não. — Ele se virou para olhar os montes de neve que derretiam passando dos lados do carro. Depois se voltou para mim. — Bem, talvez. Só um pouquinho. Você estava tão cheio de si na última vez em que nos encontramos. Tão *arrogante*!

Naquele momento eu não me sentia cheio de mim, e certamente não me sentia arrogante. A sensação era a de ter caído em uma armadilha. Afinal, eu estava ali por causa de uma mulher que não via fazia quarenta anos. Uma mulher que comprara a própria ruína, maço a maço, na loja de conveniência mais próxima. Ou na farmácia de Castle Rock, onde dava para comprar cigarros no balcão da frente. Quem precisava de remédios tinha que seguir até os fundos. Uma das ironias da vida. Eu me imaginei deixando Jacobs no chalé e simplesmente indo embora. A ideia exercia uma atração cruel sobre mim.

— Você realmente a deixaria morrer?

— Deixaria.

Ele ainda estava aquecendo as mãos em frente à saída de ar. Eu me imaginei quebrando aqueles dedos nodosos como se fossem palitos.

— Por quê? Por que eu sou tão importante para você?

— Porque você é o meu destino. Acho que soube disso desde a primeira vez que o vi, ajoelhado na entrada da sua casa, brincando com terra — explicou ele, com a paciência de um verdadeiro crente. Ou de um lunático. Talvez não haja diferença. — E tive certeza quando você apareceu em Tulsa.

— O que você está fazendo, Charlie? Para que precisa de mim neste verão?

Não era a primeira vez que eu perguntava, mas havia outras perguntas que eu não ousava fazer. "É muito perigoso? Você sabe o que está fazendo? Você ao menos se importa?"

Ele pareceu avaliar se me contaria ou não, mas eu nunca conseguia saber o que ele estava pensando de verdade. Então o Resort da Montanha do Bode surgiu diante de nós — ainda maior que a Ferrolhos, porém mais feio e cheio de ângulos modernosos. Parecia feito por um Frank Lloyd Wright doidão. Talvez a construção tivesse parecido moderna, até futurista, aos ricos que frequentavam o lugar na década de 1960. Mas ali, olhando do carro, ela me parecia um dinossauro cubista com olhos de vidro.

— Ah! — exclamou ele. — Chegamos. Imagino que você queira se refrescar e descansar um pouco. *Eu*, pelo menos, quero descansar um pouco. É muito empolgante ter você aqui, Jamie, mas também é cansativo. Você vai ficar na Suíte Nevada, no terceiro andar. Rudy vai mostrar o caminho.

Rudy Kelly era um armário metido em jeans desbotados, túnica cinza e sapatos brancos de enfermeiro com sola de crepe. Ele disse que era *mesmo* enfermeiro, além de assistente pessoal do sr. Jacobs. A julgar pelo tamanho, também poderia ser guarda-costas. O aperto de mão de Kelly passava longe do cumprimento de peixe morto comum aos músicos.

Eu estivera no lobby do resort quando criança e chegara a almoçar ali com meu irmão Con e a família de um de seus amigos (morrendo de medo de usar o garfo errado ou deixar algo cair na camisa), mas nunca tinha subido. O elevador era uma caixa de metal barulhenta, aquele tipo de transporte antigo que, em livros de terror, fica preso entre andares, por isso resolvi usar as escadas durante toda a estada.

O lugar era bem-aquecido (sem dúvida, por obra e graça da eletricidade secreta de Charlie Jacobs) e dava para ver que alguns consertos tinham sido feitos, embora parecessem pontuais. Todas as lâmpadas funcionavam e a madeira do piso não rangia, mas era difícil não sentir o clima de abandono. A Suíte Nevada ficava no fim do corredor, e a vista da espaçosa sala de estar era quase tão boa quanto a do Teto do Céu, mas o papel de parede estava manchado pela umidade em alguns pontos e um vago aroma de mofo tomava o lugar do cheiro de cera e tinta fresca que dava para sentir no lobby.

— O sr. Jacobs gostaria que o senhor jantasse com ele em sua suíte, às dezoito horas — disse Rudy. A voz era suave e cortês, mas o homem parecia um dos detentos daqueles filmes de prisão: não o que planeja a fuga, mas o condenado à morte que mata todos os policiais que cruzam o caminho dos fugitivos. — Tudo bem para o senhor?

— Tudo bem — respondi e, quando ele saiu, tranquei a porta.

Tomei um banho — a água quente era abundante e saiu na hora —, depois separei roupas limpas. Feito isso e com tempo livre, me deitei na cama *queen size*. Tinha dormido mal na noite anterior, e, como nunca durmo em aviões, um cochilo teria sido bom, mas não consegui pregar os olhos. Fiquei pensando em Astrid, em como ela era antes e em como devia estar. Astrid, que estava no mesmo prédio que eu, dois andares abaixo.

Faltando dois minutos para as seis, Rudy bateu de leve na porta, mas eu já estava de pé e vestido. Quando sugeri que usássemos as escadas, ele deu um sorriso de quem reconhecia um medroso quando via um.

— O elevador é completamente seguro. O próprio sr. Jacobs supervisionou alguns consertos, e o do elevador era um dos primeiros da lista.

Não protestei. Estava pensando que meu velho quinto personagem não era mais reverendo, não era mais pastor. No fim da vida, Jacobs voltara a ser tratado apenas como senhor e passara a ter a pressão aferida por um sujeito que parecia o Vin Diesel depois de uma cirurgia plástica malfeita.

A suíte de Jacobs era no primeiro andar da ala oeste. Ele estava usando terno escuro e blusa branca, aberta no colarinho. Jacobs se levantou para me cumprimentar e

deu aquele sorriso de canto.

— Obrigado, Rudy. Pode dizer a Norma que estaremos prontos para comer em quinze minutos?

Rudy fez que sim e saiu. Jacobs se virou para mim, ainda sorrindo e, mais uma vez, produzindo aquele desagradável som de papel ao esfregar as mãos. Do lado de fora da janela, uma colina de esqui sem luzes para iluminá-la e sem esquiadores rasgando a neve de outono mergulhava na escuridão, uma autoestrada para lugar nenhum.

— Só teremos sopa e salada, infelizmente. Parei de comer carne há dois anos. Cria depósitos de gordura no cérebro.

— Sopa e salada está ótimo.

— Também tem o pão de massa azeda que a Norma faz. É delicioso.

— Parece ótimo. Charlie, eu quero ver Astrid.

— Norma vai servir Astrid e Jenny Knowlton por volta das sete. Depois de comerem, a srta. Knowlton vai dar o analgésico a Astrid e ajudá-la a fazer as abluções noturnas. Eu disse à srta. Knowlton que Rudy poderia ajudar, mas ela nem quis ouvir. Aliás, ao que parece, Jenny Knowlton não confia mais em mim.

Pensei na carta de Astrid.

— Mesmo depois que você a curou da artrite?

— Ah, mas à época eu era o pastor Danny. Agora eu me despi de todo o aparato religioso, achei que era necessário, e a srta. Knowlton está cheia de suspeitas.

— Ela está sofrendo algum efeito colateral?

— Nenhum. Só está desconfortável por não poder mais se apoiar em todos aqueles salamaleques milagrosos. Mas, já que você trouxe à baila o assunto dos efeitos colaterais, venha ao meu estúdio. Quero mostrar uma coisa, e há tempo de sobra até a chegada de nosso repasto noturno.

O estúdio era um nicho anexo à saleta da suíte. O computador estava ligado e a tela extragrande mostrava os cavalos galopando. Ele se sentou com uma careta de desconforto e apertou uma tecla. Os cavalos deram lugar a uma tela azul com apenas duas pastas, chamadas de **A** e **B**.

Jacobs clicou na pasta **A**, revelando uma lista de nomes e endereços em ordem alfabética. Então, apertou um botão do mouse, e a lista começou a rolar pela tela numa velocidade razoável.

— Sabe o que é isso?

— São as curas, imagino.

— Curas *comprovadas*, todas feitas por administração de corrente elétrica no cérebro, embora não o tipo de corrente que um eletricista qualquer reconheceria. Mais de três mil e cem. Você acredita nisso?

— Acredito.

Ele se virou para me olhar, embora o movimento claramente lhe causasse dor.

— Mesmo?

— Mesmo.

Parecendo satisfeito, ele fechou o arquivo **A** e abriu o **B**. Mais nomes e endereços, também em ordem alfabética, e dessa vez a rolagem era lenta o suficiente para que eu reconhecesse vários deles. Stefan Drew, o caminhante compulsivo; Emil Klein, o comedor de terra; Patricia Farmingdale, que jogara sal nos próprios olhos. A lista era muito mais curta que a primeira. Antes que acabasse, vi Robert Rivard passar pela tela.

— Esses são os que sofreram efeitos colaterais significativos após a cura. Oitenta e sete no total. Acho que disse isso quando nos encontramos da última vez, mas isso significa menos de três por cento do total. Já houve mais de cento e setenta nomes no arquivo **B**, mas muitos pararam de ter problemas. Em linguajar médico, estão em remissão completa. Como você. Parei de acompanhar as curas há oito meses, mas, se continuasse, tenho certeza de que a lista seria ainda mais curta. A capacidade do corpo humano para se recuperar de um trauma é extraordinária. Com a aplicação adequada da nova eletricidade no córtex cerebral e nas ramificações nervosas, essa capacidade se torna praticamente ilimitada.

— Quem você está tentando convencer? A mim ou a si mesmo?

Ele bufou, fazendo um som desgostoso.

— Só estou *tentando* deixar sua mente tranquila. Prefiro um assistente interessado a um relutante.

— Estou aqui. Vou cumprir o que prometi... se você conseguir curar Astrid. Isso basta.

Bateram de leve na porta.

— Pode entrar — disse Jacobs.

A mulher que entrou tinha a figura roliça e matronal da Vovó das histórias infantis, mas com os olhos pequenos e brilhantes de um vigia de loja de departamentos. Ela colocou uma bandeja na mesa da saleta, depois ficou de pé com as mãos entrelaçadas com muito decoro diante do vestido preto. Jacobs se levantou com outra careta, depois perdeu o equilíbrio. Em minha primeira ação como assistente — pelo menos neste novo estágio de nossa vida —, eu o segurei pelo cotovelo e o ajudei a recuperar o equilíbrio. Ele me agradeceu e me guiou para fora do estúdio.

— Norma, quero que você conheça Jamie Morton. Ele vai ficar conosco pelo menos até o café da manhã, depois voltará para uma estada mais longa no verão.

— Prazer — cumprimentou ela, e estendeu a mão. Retribuí o gesto.

— Você não sabe a vitória que este aperto de mão representa para Norma — disse Jacobs. — Desde a infância, ela sofria de uma profunda aversão a tocar em outras pessoas. Não é verdade, querida? Como você sabe, não é um problema físico, mas psicológico. Seja como for, ela está curada. Acho isso interessante. Você não?

Eu disse a Norma que era um prazer conhecê-la e segurei sua mão por um momento além do necessário. Vi o desconforto aumentar, depois a soltei. Curada, mas talvez não *completamente*. Aquilo também era interessante.

— A srta. Knowlton disse que vai trazer sua paciente para jantar um pouco mais cedo hoje, sr. Jacobs.

— Tudo bem, Norma. Obrigado.

Ela saiu. Nós comemos. A comida era leve, mas parecia pesar no estômago. Meus nervos estavam à flor da pele. Jacobs comeu devagar — como que para me provocar —, mas por fim pôs de lado a tigela de sopa vazia. Ele parecia prestes a pegar outra fatia de pão, mas olhou para o relógio e se afastou da mesa.

— Venha comigo. Acho que está na hora de rever sua velha amiga.

A porta do outro lado do corredor tinha a inscrição SOMENTE FUNCIONÁRIOS DO RESORT. Jacobs me guiou por um grande escritório externo mobiliado com mesas e prateleiras vazias. A porta para o escritório interno estava fechada.

— Além da empresa de segurança que fornece vigias para o portão vinte e quatro horas por dia, minha equipe tem apenas Rudy e Norma. E, embora eu confie em ambos, não há razão para tentá-los. E a tentação de espiar o insuspeitado é grande, não acha?

Não respondi. Não tinha certeza de que conseguiria. Minha boca estava seca como um deserto. Havia doze monitores no total, dispostos em três filas de quatro. Jacobs apertou o botão de ligar em CÂMERA DO RESTAURANTE 3.

— Acho que é essa que queremos.

Que divertido. Um cruzamento entre o pastor Danny e o apresentador de um *game show*.

Pareceu se passar uma eternidade até que a imagem em preto e branco ficasse nítida. O restaurante era grande, com pelo menos cinquenta mesas, mas só uma estava ocupada. Duas mulheres estavam sentadas ali, mas de início eu só vi Jenny Knowlton, porque Norma bloqueava a visão da outra enquanto se inclinava para servir as tigelas de sopa. Jenny era bonita, tinha o cabelo escuro e cinquenta e poucos anos. Vi a boca se movendo em um "obrigada" silencioso. Norma meneou a cabeça, aprumou o corpo e se afastou. Foi então que vi o que restava da primeira mulher que amei.

Se isto aqui fosse um romance, eu diria algo assim: "Embora mudada pelo passar dos anos e um tanto marcada pelas depredações da doença, ela ainda guardava sua beleza intrínseca". Bem que eu gostaria, mas, se eu começasse a mentir agora, tudo o que disse até aqui se tornaria inútil.

Astrid era uma velha encarquilhada em cadeira de rodas, o rosto, uma bolsa de carne pálida cujos olhos escuros encaravam com apatia a comida que ela obviamente não sentia a menor vontade de comer. Jenny colocara um grande gorro de crochê — que lembrava uma boina escocesa — na cabeça da amiga, mas ele tombou para o lado e revelou um crânio careca, com curtíssimos fios brancos.

Astrid pegou a colher com a mão ossuda que era só tendões, depois a pousou de novo. A mulher de cabelo escuro insistiu. A criatura pálida assentiu. Quando Astrid mexeu a cabeça, o gorro caiu, mas ela não pareceu notar. Mergulhou a colher na sopa e levou-a lentamente à boca. Metade da carga ficou pelo caminho. Ela tomou o que sobrou, estendendo os lábios de maneira que me lembrou o falecido Bartleby pegando uma fatia de maçã das minhas mãos.

Meus joelhos fraquejaram. Se não houvesse uma cadeira diante da central de monitores, eu teria ido direto ao chão. Jacobs estava a meu lado, as mãos nodosas entrelaçadas nas costas, balançando-se para a frente e para trás com um leve sorriso no rosto.

E como este é um relato verdadeiro e não um romance, devo acrescentar que me senti aliviado. Eu nunca precisaria cumprir minha parte no pacto que fizera com o diabo, porque era impossível que aquela mulher de cadeira de rodas se recuperasse. O câncer é o pitbull das doenças e enfiara as presas em Astrid, mordendo e rasgando-lhe o corpo. E não pararia enquanto não a tivesse feito em pedaços.

— Desligue — sussurrei.

Jacobs se inclinou em minha direção.

— Perdão, não entendi. Minha audição já não é tão boa quanto costum...

— Você ouviu perfeitamente o que eu disse, Charlie. *Desligue*.

Foi o que ele fez.

Estávamos nos beijando embaixo da escada de incêndio da Associação de Fazendeiros Eureka nº 7 enquanto a neve caía. Astrid soprava fumaça de cigarro em minha boca enquanto a língua ia para a frente e para trás, primeiro ao longo do meu lábio superior, depois dentro de minha boca, acariciando de leve a linha da minha gengiva. Minha mão apertava seu seio, embora não desse para sentir muita coisa por causa da parca pesada que ela estava usando.

"Me beije para sempre", pensei. "Me beije para sempre. Assim, não vou precisar ver aonde os anos nos levaram e no que você se transformou."

Só que nenhum beijo dura para sempre. Ela se afastou, e vi o rosto pálido dentro dos pelos do capuz, os olhos cinzentos, a boca frouxa. A língua que estivera dentro da minha boca era negra e descamada. Eu estava beijando um cadáver.

Ou talvez não, porque os lábios se curvaram em um sorriso.

— Alguma coisa aconteceu — disse Astrid. — Não foi, Jamie? Alguma coisa aconteceu, e em breve a Mãe estará aqui.

Acordei em um sobressalto, sem ar. Eu tinha ido para cama de cueca, mas me vi nu e de pé no canto. A caneta do criado-mudo estava na minha mão direita, e eu a usava para golpear o antebraço esquerdo, onde havia uma pequena e crescente constelação de pontos azuis. Atirei-a no chão e cambaleei para trás.

"Estresse", pensei. "Foi o estresse que trouxe de volta os prismáticos de Hugh na tenda de reavivamento no Condado de Norris, e foi o estresse, hoje. Pelo menos não joguei sal nos olhos nem acordei e me vi comendo terra no quintal."

Eram quinze para as quatro da manhã, aquela hora morta em que é tarde demais para voltar a dormir e cedo demais para acordar para a vida. Puxei um livro da bolsa de viagem, sentei-me ao lado da janela e o abri. Meus olhos receberam as palavras como minha boca recebera a salada e a sopa de Norma: sem saborear. Acabei desistindo de tentar ler e fiquei olhando para a escuridão, aguardando o amanhecer.

Havia um longo tempo pela frente.

Tomei café da manhã na suíte de Jacobs... se é que se pode chamar meia xícara de café e uma torrada de café da manhã. Charlie, por sua vez, traçou salada de frutas, ovos mexidos e uma pilha considerável de frios. Magro daquele jeito, era difícil dizer para onde ia tudo aquilo. Na mesa ao lado da porta havia uma caixa de mogno. Segundo Jacobs, os instrumentos de cura estavam nela.

— Não uso mais as alianças. Não preciso mais delas, agora que minha carreira de *showman* acabou.

— Quando você vai começar? Quero terminar tudo e dar o fora daqui.

— Em breve. Sua velha amiga dorme durante o dia, mas não consegue pegar no sono à noite. E a noite passada foi particularmente difícil para ela, porque eu disse à srta. Knowlton para não lhe dar os remédios noturnos, que diminuem as ondas cerebrais. Vamos fazer o tratamento na Sala Leste. É a minha favorita nesta hora do dia. E, se você e eu não soubéssemos que Deus é uma construção lucrativa e autossustentável das igrejas do mundo, a incidência de luz da manhã no local seria quase suficiente para nos transformar em fiéis novamente.

Ele se inclinou para a frente, olhando para mim com sobriedade.

— Você sabe que não precisa tomar parte nisso. Vi como ficou transtornado a noite passada. Preciso de ajuda no verão, mas hoje Rudy ou a srta. Knowlton podem me ajudar. Por que não volta amanhã? Vá até Harlow, visite seu irmão e sua família. Acho que, se fizer isso, você verá uma Astrid Soderberg completamente diferente, quando voltar.

De certa forma, era exatamente isso que me dava medo, porque, depois de sair de Harlow, Charlie Jacobs construíra uma carreira feita de ardis. Como pastor Danny, ele exibira fígados de porco e dissera que eram tumores extraídos. Não era um currículo que inspirasse confiança. Como eu poderia ter certeza absoluta de que a mulher esquelética na cadeira de rodas era *realmente* Astrid Soderberg?

Meu coração dizia que era, mas minha cabeça dizia a meu coração para tomar cuidado e não confiar em nada. A tal da Knowlton poderia ser uma cúmplice — uma isca, como se diz por aí. A meia hora seguinte seria um martírio, mas eu não tinha a menor intenção de me esquivar e permitir que Jacobs falsificasse uma cura. Claro que, para isso, ele precisaria da verdadeira Astrid, mas os muitos anos lucrativos no circuito de feiras tornavam a possibilidade real, principalmente se minha antiga namorada vivesse tempos difíceis, financeiramente falando.

Um cenário improvável, com certeza. No fim, restou a obrigação que eu sentia de acompanhar tudo até o provável final infeliz.

— Prefiro ficar.

— Como quiser. — Ele sorriu, e, embora o lado ruim da boca ainda se recusasse a cooperar, dessa vez não havia sinal de desdém. — Vai ser bom trabalhar de novo com você. Como nos velhos tempos em Tulsa.

Ouvimos uma batida leve na porta. Era Rudy.

— As mulheres estão na Sala Leste, sr. Jacobs. A srta. Knowlton disse que estão prontas para quando o senhor quiser começar. E quanto antes, melhor, porque a srta. Soderberg está extremamente desconfortável.

Caminhei lado a lado com Jacobs pelo corredor, carregando a caixa de mogno sob o braço, até chegarmos à Ala Leste. Então, por um momento, minha coragem me traiu, e eu o deixei prosseguir enquanto fiquei parado no portal.

Ele não percebeu. Toda a sua atenção — e seu considerável carisma — estava focada nas mulheres.

— Jenny e Astrid! — disse ele, caloroso. — Minhas favoritas!

Jenny Knowlton respondeu com frieza ao cumprimento de Jacobs — foi o suficiente para eu ver que os dedos estavam retos e pareciam jamais ter sido vítimas de artrite. Astrid nem tentou erguer a mão. Estava encurvada na cadeira, olhando para ele com dificuldade. Ela usava máscara de oxigênio, e havia um tanque no carrinho a seu lado.

Jenny disse algo a Jacobs, baixo demais para eu ouvir, e ele balançou a cabeça vigorosamente.

— Claro, não podemos mais perder tempo. Jamie, você... — Ele olhou em volta, viu que eu não estava por perto e acenou para mim com impaciência.

Eram poucos passos até o centro da sala iluminada pela luz brilhante da manhã, mas pareci levar muito tempo para dá-los. Como se eu estivesse caminhando debaixo d'água.

Astrid olhou para mim com desinteresse, como quem está investindo toda a energia para aguentar a dor. Ela não pareceu me reconhecer, só voltou a olhar para o colo, e tive um instante de alívio. Então ela ergueu a cabeça em um sobressalto. A boca se abriu por dentro da máscara transparente. Ela cobriu o rosto com as mãos, jogando a máscara para o lado. Em parte, era mera incredulidade, imagino. A maior parte, porém, era horror por eu vê-la naquele estado.

Talvez Astrid desejasse ter se escondido atrás das mãos por mais tempo, mas não tinha forças para isso e as deixou cair no colo. Estava chorando. As lágrimas lavaram seus olhos e os deixaram jovens outra vez. Qualquer dúvida que restasse sobre sua identidade se desfez. Era Astrid, com certeza. Ainda a moça que amei, mas vivendo no corpo de uma mulher velha e doente.

— Jamie? — A voz dela era rouca como a de uma gralha.

Eu me abaixei, apoiado em um dos joelhos, como um pretendente prestes a pedir a namorada em casamento.

— Sou eu mesmo, querida. — Segurei uma das mãos de Astrid, virei-a e beijei a palma. A pele estava fria.

— É melhor ir embora. Não quero que você... — Havia um silvo toda vez que ela respirava — ... me veja assim. Não quero que *ninguém* me veja assim.

— Está tudo bem. — "Porque Charlie vai fazer você melhorar", eu gostaria de acrescentar, mas não consegui. Já não havia mais como ajudar Astrid.

Jacobs afastara Jenny e estava conversando com ela, o que nos deu um momento de privacidade. O inferno de estar com Charlie é que, às vezes, ele era terno.

— Cigarros — disse ela naquela voz rouca de gralha. — Que maneira mais idiota de se matar. O pior é que eu sabia bem no que estava me metendo. *Todo mundo* sabe. E o mais engraçado é que ainda sinto vontade de fumar. — Ela riu, e o riso se transformou em um terrível acesso de tosse que claramente doía. — Vim para cá com três maços escondidos. Jenny os encontrou e tomou de mim. Como se isso agora fizesse alguma diferença.

— Não fale mais.

— Eu parei. Durante sete meses, parei. Se o bebê tivesse sobrevivido, talvez eu tivesse parado de vez. Alguma coisa... — Ela inspirou profundamente, arquejando. — Alguma coisa nos ilude. É nisso que acredito.

— É maravilhoso ver você.

— Você é um belo de um mentiroso, Jamie. O que ele fez por você?

Fiquei calado.

— Bem, deixa pra lá. — Ela levou a mão à minha nuca, como fazia quando nos agarrávamos, e por um momento horrível eu pensei que tentaria me beijar com aquela boca moribunda. — Você não perdeu o cabelo. Está cheio e gostoso de tocar. Perdi o meu para a quimioterapia.

— Vai crescer de novo.

— Não vai, não. Esta... — Ela olhou em volta. A respiração assobiava como um brinquedo de criança. — ... é uma batalha perdida. E quem perdeu fui eu.

Jacobs se aproximou com Jenny.

— Está na hora. — Depois, para Astrid: — Não vai demorar, minha querida, nem doer. Acho que você vai desmaiar, mas a maioria das pessoas nem se dá conta disso.

— Minha vontade é desmaiar para sempre — respondeu Astrid, dando um sorriso pálido.

— Ora, ora, deixe disso. Eu nunca dou garantias absolutas, mas acredito que, em pouco tempo, você vai se sentir muito melhor. Vamos começar, Jamie. Abra a caixa.

Abri. Dentro dela, com cada item guardado em sua divisória forrada de veludo, havia duas hastes de aço grossas com pontas em plástico preto e uma caixa de controle branca com um interruptor deslizante na parte de cima. Parecia igual ao que Jacobs usara no dia em que Claire e eu levamos Con até ele. Passou pela minha cabeça que, dos quatro presentes, três eram idiotas e o outro, louco.

Jacobs retirou as hastes das divisórias e encostou as duas pontas de plástico.

— Jamie, pegue o controle e deslize o interruptor um pouquinho só. O mínimo possível. Você vai ouvir um clique.

Quando deslizei, ele afastou as pontas. Surgiu uma faísca azul brilhante e um breve, porém poderoso, "mmmmmm" fez-se ouvir. Não vinha das hastes, mas do lado oposto da sala, em uma estranhíssima ventriloquia elétrica.

— Excelente — disse Jacobs. — Estamos prontos. Jenny, preciso que você coloque as mãos nos ombros de Astrid. Ela vai ter espasmos, e não queremos que vá parar no chão, não é?

— Cadê as alianças sagradas? — perguntou Jenny. A cada instante ela parecia mais insegura.

— Isto aqui é muito melhor que os anéis. Muito mais poderoso. Mais *sagrado*, se você preferir. Segure os ombros dela, por favor.

— Não vá eletrocutar minha amiga!

— Essa é a menor das minhas preocupações, Jen — disse Astrid, naquela voz de gralha.

— Ela não vai ser eletrocutada — afirmou Jacobs, em tom professoral. — É impossível. Na terapia eletroconvulsiva, ou eletrochoque, para usar o termo leigo, os médicos usam até cento e cinquenta volts, o que provoca uma crise convulsiva. Mas este dispositivo *aqui*... — Ele fez as hastes se tocarem. — Mesmo com força total, mal faria o

marcador de um amperímetro se mexer. A energia que pretendo aplicar, e que está presente nesta sala e nos envolvendo neste exato momento, não pode ser medida por instrumentos comuns. Ela é essencialmente desconhecida.

"Desconhecida" era uma palavra que eu não queria ouvir.

— Vamos logo, por favor — pediu Astrid. — Estou exausta, e tem um rato pegando fogo dentro do meu peito.

Jacobs olhou para Jenny. Ela hesitou.

— Não era assim no reavivamento. *Não mesmo!*

— Talvez não, mas isto é um reavivamento — rebateu Jacobs. — Você vai ver. Segure os ombros dela, Jenny. Esteja preparada para fazer força. Não vai machucá-la.

Ela obedeceu.

Jacobs voltou a atenção para mim.

— Quando eu colocar as pontas das hastes nas têmporas de Astrid, deslize o comando. Conte os cliques à medida que avançar. Quando sentir o quarto clique, pare e aguarde mais instruções. Pronto? Aqui vamos nós.

Ele colocou as pontas das hastes nas depressões das têmporas de Astrid, onde pulsavam delicadas veias azuis.

— Foi bom rever você, Jamie — disse Astrid com um fiapo de voz em tom grave. Depois fechou os olhos.

— Ela pode ficar agitada, então esteja preparada para fazer força ao segurá-la — disse Jacobs a Jenny. Depois: — Pode começar, Jamie.

Deslizei o comando. Clique... e clique... e clique... e *clique*.

Nada aconteceu.

"Delírios de um velho", pensei. "Seja lá o que ele fazia no passado, já não consegue mais..."

— Avance mais dois cliques, por favor. — A voz era seca e confiante.

Obedeci. Ainda nada. Com as mãos de Jenny nos ombros, Astrid estava mais encurvada do que nunca. Era doloroso ouvir sua respiração sibilante.

— Mais um — disse Jacobs.

— Charlie, estou quase no final do...

— Não me ouviu? *Mais um!*

Deslizei o comando de novo. Houve outro clique, e dessa vez o zumbido no outro lado da sala se tornou muito mais alto — não era "mmmmmm", mas "MMMOUUU". Não houve qualquer clarão de luz que eu tenha visto (ou de que me lembre, pelo menos), mas, mesmo assim, fiquei ofuscado por um momento. Era como se uma carga de profundidade tivesse sido lançada bem no âmago do meu cérebro. Acho que Jenny Knowlton gritou. Mal consegui ver Astrid se contrair na cadeira em um espasmo tão poderoso que jogou Jenny — que não era peso-pena — para trás e quase a

derrubou. As pernas magras de Astrid se esticaram, relaxaram e depois se esticaram outra vez. Um alarme de segurança começou a soar.

Rudy entrou correndo na sala, seguido de perto por Norma.

— *Eu disse a você para desligar essa coisa antes de começarmos!* — gritou Jacobs para Rudy.

Astrid jogou os braços para cima, um deles bem na frente do rosto de Jenny, que tinha voltado para segurar seus ombros.

— Desculpe, sr. Jacobs...

— *Desligue LOGO, seu idiota!*

Charlie arrancou a caixa de controle de minhas mãos e deslizou o comando de volta à posição de desligado. Astrid fazia uma série de sons que pareciam engasgos.

— *Pastor Danny, ela está sufocando!* — gritou Jenny.

— Deixe de bobagem! — retrucou Jacobs. Ele tinha o rosto afogueado e os olhos brilhantes. Parecia vinte anos mais novo. — Norma! Ligue para a segurança do portão! Diga que o alarme foi um acidente!

— Não é melhor...

— Liga! *Liga logo!* Pelo amor de Deus! *VAI!*

Ela foi.

Astrid abriu os olhos, mas *não havia* olhos, só protuberâncias brancas. Ela teve mais um espasmo de mioclonia, depois escorregou para a frente, as pernas chutando e se contraindo em espasmos. Os braços se agitavam sem parar, como os de um afogado. O alarme soava sem cessar. Eu a segurei pelos quadris e a coloquei de volta na cadeira antes que fosse parar no chão. A entreperna da calça estava escura, e dava para sentir um forte cheiro de urina. Quando olhei para cima, vi espuma saindo de um dos lados da boca de Astrid, escorrendo do queixo para o colarinho da blusa, escurecendo-o também.

O alarme parou.

— Graças a Deus, pelo menos isso — disse Jacobs. Ele estava inclinado para a frente, com as mãos nas coxas, observando as convulsões de Astrid com interesse, mas sem preocupação.

— *Precisamos de um médico!* — gritou Jenny. — *Eu não consigo mais segurá-la!*

— Bobagem — disse Jacobs. Ele tinha um meio sorriso no rosto. Era o único tipo de sorriso que conseguia esboçar. — Você achou que seria fácil? É *câncer*, pelo amor de Deus. Dê mais um minuto, e ela...

— Tem uma porta na parede — disse Astrid.

A voz já não era mais rouca. Os olhos voltaram às órbitas... mas não ao mesmo tempo; um de cada vez. Quando estavam de novo no lugar, era Jacobs que fitavam.

— Você não consegue ver. É pequena e está coberta de hera. Só que a hera está morta. Ela espera do outro lado, sobre a cidade partida. Sobre o céu de papel.

Sangue não fica frio, não de verdade, mas na hora pareceu que o meu tinha esfriado. "Alguma coisa aconteceu", pensei. "Alguma coisa aconteceu, e em breve a Mãe estará aqui."

— Quem? — perguntou Jacobs, segurando uma das mãos de Astrid. O meio sorriso tinha desaparecido. — Quem espera?

— Sim. — Os olhos de Astrid estavam fixos nos dele. — Ela.

— Quem, Astrid? *Quem?*

De início, ela não disse nada. Depois os lábios se contraíram em um sorriso terrível que mostrou todos os dentes da boca.

— Não quem *você* quer.

Ele a estapeou. Astrid tombou para o lado, a baba voando. Surpreso, gritei e agarrei o pulso de Jacobs quando ele ergueu a mão para bater de novo. Consegui detê-lo, mas não sem esforço. Ele estava mais forte do que jamais poderia ser. Era o tipo de força que vem da histeria. Ou da fúria reprimida.

— *Você não pode bater nela!* — gritou Jenny, soltando os ombros de Astrid e dando a volta na cadeira de rodas para enfrentá-lo. — *Seu lunático, você não pode bater ne...*

— Pare — disse Astrid. A voz estava fraca, porém lúcida. — Pare com isso, Jenny.

Jenny olhou para trás. Os olhos se arregalaram diante do que ela viu: um suave tom de rosa começando a surgir nas bochechas pálidas de Astrid.

— Por que você estava gritando com ele? Alguma coisa aconteceu?

"Aconteceu", pensei. "Alguma coisa aconteceu. Não resta dúvida."

Astrid se voltou para Jacobs.

— Quando você vai começar? É melhor ser rápido, porque a dor é muito... muito...

Nós três fixamos o olhar nela. Não, nós cinco. Rudy e Norma estavam outra vez na soleira da porta da Sala Leste e também estavam olhando.

— Espere — disse Astrid. — Espere só um minutinho.

Ela tocou o peito e apalpou o pouco que restava dos seios. Depois apertou a barriga.

— Você já fez, não é? Eu sei que fez, porque *não sinto* mais dor! — Ela inspirou longamente e depois gargalhou, incrédula. — E eu consigo respirar! *Jenny, eu consigo respirar de novo!*

Jenny Knowlton se ajoelhou, levou as mãos aos lados da cabeça e começou a recitar o pai-nosso tão rápido que parecia um disco de quarenta e cinco rotações girando em setenta e oito rpm. Outra voz se juntou à dela: a de Norma. Ela também estava de joelhos.

Jacobs me lançou um olhar sarcástico que foi fácil de entender: "Está vendo, Jamie? Eu faço todo o trabalho, e quem ganha o crédito é o senhor D".

Astrid tentou sair da cadeira de rodas, mas as pernas fracas não a sustentaram. Eu a segurei antes que caísse de cara e a envolvi nos braços.

— Ainda não, querida — disse eu. — Você está muito fraca.

Ela me encarou com olhos arregalados enquanto eu a colocava de volta na cadeira. A máscara de oxigênio tinha virado de lado e agora jazia, esquecida, no lado esquerdo do pescoço de Astrid.

— Jamie? É você? O que está fazendo aqui?

Olhei para Jacobs.

— É comum perder a memória recente após o tratamento — afirmou ele. — Astrid, sabe me dizer quem é o presidente?

Ela parecia aturdida com a pergunta, mas respondeu sem hesitar.

— Obama. E o vice-presidente é Joe Biden. Eu estou melhor mesmo? É permanente?

— Você está e é permanente, mas não se preocupe com isso agora, me diga...

— Jamie? É você mesmo? Seu cabelo está tão branco!

— Está chegando lá, com certeza. Ouça o Charlie.

— Eu era louca por você. Mas, apesar de tocar bem, você nunca foi muito bom de dança, a menos que estivesse doidão. Nós jantamos no Starland depois do baile de formatura e você pediu... — Ela parou e passou a língua pelos lábios. — Jamie?

— Bem aqui.

— Eu consigo respirar. É verdade, *eu consigo respirar* de novo. — Ela chorava.

Jacobs estalou os dedos diante dos olhos dela, como um hipnotizador em um palco.

— Concentre-se, Astrid. Quem a trouxe aqui?

— J-Jenny.

— O que você jantou ontem?

— Popa. Popa e salada.

Ele estalou os dedos outra vez diante dos olhos úmidos de Astrid. Ela piscou e recuou. Os músculos sob a pele pareciam ficar mais fortes e firmes diante de meus olhos. Era maravilhoso e terrível.

— *Sopa*. Sopa e salada.

— Muito bem. O que é a porta na parede?

— Porta? Eu não...

— Você disse que estava coberta de hera. E disse que havia uma cidade partida do outro lado.

— Eu... não me lembro disso.

— Você disse que ela está esperando. Você disse... — Jacobs olhou para o rosto confuso dela e suspirou. — Não importa. Você precisa descansar, minha querida.

— Acho que sim — concordou Astrid. — Mas o que eu queria mesmo era dançar. Dançar de alegria.

— No tempo certo, você dançará. — Jacobs afagou as mãos dela.

O homem sorria, mas sou capaz de jurar que estava profundamente desapontado porque Astrid não se lembrou da porta e da cidade. Eu não estava, pois não queria saber o que ela vira quando a eletricidade secreta de Charlie atingira os recantos mais recônditos de seu cérebro. Eu não queria saber o que estava esperando atrás da porta escondida, embora já soubesse.

A Mãe.

Sobre o céu de papel.

Astrid dormiu a manhã inteira e boa parte da tarde. Ao acordar, disse que estava faminta. Isso agradou a Jacobs, que mandou Norma Goldstone levar um queijo quente e um pedaço de bolo sem cobertura à "nossa paciente". Ele achava que a cobertura poderia ser

pesada demais para um estômago maltratado. Jacobs, Jenny e eu assistimos a Astrid devorar todo o sanduíche e metade do bolo antes de pousar o garfo.

— Quero comer o resto, mas não aguento mais.

— Dê um tempo a si mesma — ponderou Jenny, que tinha aberto um guardanapo no colo e ficava arrancando pedacinhos do papel.

Ela não olhava para Astrid por muito tempo e nunca punha os olhos em Jacobs. Ir até lá tinha sido ideia de Jenny, e não tenho dúvida de que ela estava feliz com a súbita recuperação da amiga, mas estava claro que os acontecimentos da Sala Leste a abalaram profundamente.

— Quero ir para casa — disse Astrid.

— Ah, querida, eu não sei...

— Já me sinto bem para viajar. De verdade. — Astrid lançou um olhar de desculpas a Jacobs. — Não é ingratidão, vou orar por você pelo resto da vida, mas quero voltar para o meu canto. A menos que você ache...

— Não, não — respondeu Jacobs. Suspeito que, com o trabalho, ele estava ansioso por se livrar dela. — Não consigo imaginar remédio melhor do que dormir na própria cama, e, se você partir rápido, vai chegar em casa pouco depois do anoitecer.

Jenny não fez qualquer objeção, só continuou arrancando pedacinhos do guardanapo, mas, antes que virasse a cabeça, vi o alívio estampado em seu rosto. Ela queria sair dali tanto quanto Astrid, embora, em grande medida, não pelas mesmas razões.

A cor que voltava ao rosto de Astrid era apenas parte da incrível mudança em processo. Ela passara a se sentar ereta na cadeira de rodas, e os olhos tinham brilho e interesse.

— Nem sei como agradecer, sr. Jacobs, e certamente não tenho como retribuir, mas se houver qualquer coisa que eu possa dar em troca, é só pedir.

— Na verdade, tem algumas coisas. — Conforme falava, ele foi contando nos dedos nodosos da mão direita. — Coma. Durma. Trabalhe duro para recuperar suas forças. Pode fazer isso?

— Posso e vou. E nunca mais vou pôr a mão em um cigarro.

Ele balançou a mão, afastando a ideia.

— Você nem vai querer. Vai, Jamie?

— Provavelmente não — respondi.

— Srta. Knowlton?

Ela tomou um susto, como se Jacobs tivesse beliscado sua bunda.

— Astrid precisa procurar de um fisioterapeuta, ou você precisa encontrar um para ela. Quanto antes ela conseguir sair da cadeira, melhor. Estou certo? Ou estou colocando o carro na frente dos bois, como se costuma dizer?

— Tudo certo, pastor Danny.

Ele fez um muxoxo, mas não a corrigiu.

— Tem outra coisa que as senhoras podem fazer, e isso é extremamente importante: *deixem meu nome fora disso*. Tenho muito trabalho a fazer nos próximos meses, e a última coisa de que preciso são hordas de doentes vindo até aqui em busca de cura. Entenderam?

Jenny assentiu sem olhar para ele.

— Astrid, quando for ao médico e ele ficar estupefato, como certamente vai acontecer, só diga que você orou pela remissão e suas preces foram atendidas. A fé que ele tem, ou não, no poder da oração não importa. De uma forma ou de outra, ele vai ser forçado a aceitar as provas nas radiografias. Sem contar a sua cara sorridente. Sorridente e *saudável*.

— Claro, como o senhor quiser.

— Deixe-me levar você de volta à suíte — disse Jenny. — Se vamos embora, é melhor eu fazer as malas. — Subtexto: "Me tire daqui!". Nisso, ela e Charlie Jacobs pensavam igual, estavam tão doidos para aquilo acabar que queriam colocar o carro na frente dos bois.

— Vamos, então. — Astrid olhou para mim, timidamente. — Jamie, pode me trazer uma Coca-Cola? Eu gostaria de falar com você.

— Claro.

Jacobs observou Jenny empurrar a cadeira de Astrid pelo restaurante vazio, em direção à porta oposta. Quando as duas saíram, ele se virou para mim.

— E então? Temos um trato?

— Temos.

— E você não vai dar para trás, vai?

— Não, Charlie, não vou dar para trás.

— Ótimo. — Ele ficou olhando para a porta pela qual as mulheres saíram. — A srta. Knowlton não gosta muito de mim, agora que saí da Equipe Jesus, não é?

— Ela está é com medo de você.

Jacobs deu de ombros. Na verdade, como acontecia com o sorriso, era quase dar de um ombro só.

— Dez anos atrás, eu não conseguiria curar a srta. Soderberg. Talvez nem cinco anos atrás. Mas agora as coisas estão acontecendo muito depressa. Neste verão...

— Neste verão o quê?

— Quem sabe? Quem sabe?

"Você", pensei. "Você sabe, Charlie."

— **Olha só isso, Jamie — disse Astrid,** quando cheguei com o refrigerante.

Ela se levantou da cadeira de rodas e arriscou três passos até a cadeira próxima à janela, apoiando-se nela ao se virar. Depois se sentou com um suspiro de alívio e prazer.

— Eu sei que não é muito, mas...

— Está brincando? É incrível. — Entreguei-lhe um copo de Coca-Cola cheio de gelo. Coloquei até uma rodela de limão na borda, para dar sorte. — E você vai fazer mais a cada dia.

Tínhamos o quarto só para nós. Jenny dera a desculpa de acabar de fazer as malas, embora, para mim, parecesse que o trabalho já estava feito. O casaco de Astrid estava sobre a cama.

— Acho que devo tanto a você quanto ao sr. Jacobs.

— Isso não é verdade.

— Não minta, Jamie, seu nariz vai crescer. Até hoje ele deve receber milhares de cartas implorando por cura. Acho que ele não me escolheu por acaso. Era você o encarregado de ler tudo?

— Não, o encarregado era Al Stamper, o ídolo da sua amiga Jenny. Charlie entrou em contato comigo depois.

— E você veio. Depois de tantos anos, você veio. Por quê?

— Porque eu tinha que vir. Não consigo explicar melhor que isso, mas houve um tempo em que você era tudo para mim.

— Você não prometeu nada a ele? Nada de uma mão lava a outra?

— Nada disso — respondi, sem hesitar.

Durante meus anos de vício, eu me tornara um mentiroso de talento, e a triste verdade é que esse tipo de habilidade não nos abandona.

— Venha até aqui. Chegue mais perto.

Cheguei. Sem hesitação ou embaraço, ela colocou a mão na frente da minha calça.

— Você foi gentil com isto aqui — disse ela. — Muitos rapazes não teriam sido. Você não tinha experiência, mas soube ser gentil. Você também era tudo para mim.

Ela tirou a mão e olhou para mim com olhos que já não estavam apáticos e preocupados com a própria dor. Pareciam cheios de vitalidade. E apreensão.

— Você *prometeu* — continuou Astrid. — Eu sei que prometeu. Não vou perguntar o quê, mas, se você já me amou algum dia, tome cuidado com esse homem. Eu devo minha vida a ele e me sinto horrível por ter que dizer isso, mas acho Jacobs perigoso. E acho que você concorda comigo.

Então eu não mentia tão bem quanto pensava, no fim das contas. Ou, vai ver, ela era capaz de enxergar muito mais, depois de *curada*.

— Astrid, você não tem com que se preocupar.

— Eu... posso lhe dar um beijo, Jamie? Enquanto estamos a sós? Sei que não estou lá essas coisas, mas...

Apoiei um joelho no chão — me sentindo outra vez como um pretendente de um romance — e a beijei. A aparência de Astrid não era lá essas coisas, mas, comparada a como eu a vira de manhã, estava de parar o trânsito. Ainda assim, o beijo foi apenas pele contra pele. Não havia brasa nas cinzas. Para mim, pelo menos. Mesmo assim, estávamos entrelaçados. Jacobs era o laço.

Ela tocou minha nuca.

— Grisalho ou não, seu cabelo ainda é maravilhoso. A vida nos deixa tão poucas coisas, mas deixou isso para você. Adeus, Jamie. E muito obrigada.

Ao sair, parei para conversar um instante com Jenny. Acima de tudo, eu queria saber se ela morava perto de Astrid e se conseguiria monitorar o progresso da amiga.

Ela sorriu.

— Astrid e eu somos colegas de divórcio desde que cheguei a Rockland e comecei a trabalhar no hospital de lá. Isso faz dez anos. Quando ela ficou doente, eu me mudei para a casa dela.

Dei-lhe o número do meu celular e o telefone de Wolfjaw.

— Alguns efeitos colaterais podem aparecer.

Ela meneou a cabeça.

— O pastor Danny já me explicou. Quer dizer, o sr. Jacobs. Não consigo me acostumar a chamá-lo assim. Ele disse que Astrid pode ter sonambulismo até que as ondas cerebrais se autorregulem. De quatro a seis meses, segundo ele. Já vi esse tipo de comportamento em gente que toma uma overdose de zolpidem e zopiclone.

— É, isso é o mais provável. — Embora também haja gente que coma terra, ande compulsivamente, tenha síndrome de Tourette ou cleptomania, além dos prismáticos de Hugh Yates. Até onde eu sabia, o zolpidem não causava tudo isso. — Mas se acontecer alguma outra coisa... *me liga*.

— Por que tanta preocupação? Eu devo estar preparada para quê?

— Na verdade, eu não sei, e é provável que ela fique bem.

Afinal, a maioria dos curados estava bem, pelo menos de acordo com Jacobs. E, por mais que eu desconfiasse dele, tinha que contar com isso, até porque era tarde demais para tentar qualquer outra coisa. O que estava feito, estava feito.

Jenny ficou na ponta dos pés e me beijou o rosto.

— Ela está *melhor*. E pela graça de Deus, Jamie, não importa o que o sr. Jacobs pense, agora que perdeu a fé. Sem isso, sem *Deus*, ela morreria em seis semanas.

Astrid desceu a rampa para deficientes na cadeira de rodas, mas entrou no Subaru de Jenny por conta própria. Jacobs fechou a porta. Ela colocou o braço para fora da janela aberta, tomou uma das mãos dele entre as suas e agradeceu outra vez.

— O prazer foi todo meu — disse ele. — Só não se esqueça da promessa. — Ele puxou a mão para pôr o dedo sobre os lábios dela, fazendo o gesto de silêncio. — O que aconteceu aqui fica aqui.

Eu me agachei e beijei a testa de Astrid.

— Coma, descanse, faça terapia e aproveite a vida.

— Positivo e operante — respondeu Astrid. Ela olhou por trás de mim, viu Jacobs subindo lentamente a escada até a varanda, depois me olhou nos olhos e repetiu o que dissera mais cedo. — *Tome cuidado*.

— Não se preocupe.

— Até parece. — Os olhos estavam fixos nos meus, tomados por uma profunda aflição. Ela estava envelhecendo, assim como eu, mas, com a doença extirpada do corpo,

dava para ver a moça que ficava em frente ao palco com Hattie, Carol e Suzanne rebolando enquanto o Chrome Roses tocava "Knock on Wood" ou "Nutbush City Limits". A moça que beijei debaixo da escada de incêndio. — Não *tem como* não me preocupar.

Eu me juntei a Charlie na varanda, e vimos o Subaru Outback bem-cuidado de Jenny Knowlton descer o caminho que levava ao portão. Era um belo dia de degelo, e a neve já tinha se retraído, revelando a grama que começava a ficar verde. "Fertilizante dos pobres", pensei. "Era assim que chamávamos."

— Será que essas mulheres vão ficar de bico calado? — perguntou Jacobs.

— Vão. — Talvez não para sempre, mas pelo menos até que o trabalho estivesse concluído, se é que estava tão próximo da conclusão quanto ele afirmava. — Elas prometeram.

— E você, Jamie? Vai cumprir a promessa?

— Vou.

Aquilo pareceu bastar para ele.

— Por que você não passa a noite aqui?

Balancei a cabeça.

— Já reservei um quarto no Embassy Suites. Meu voo sai cedo.

"E mal posso esperar para sair daqui, assim como mal podia esperar para sair da Ferrolhos."

Eu não disse isso, mas tinha certeza de que ele sabia.

— Tudo bem. Só esteja pronto quando eu ligar.

— Do que mais você precisa, Charlie? De uma declaração por escrito? Eu já disse que vou aparecer e cumprir a promessa.

— Ótimo. A gente vem se esbarrando, como duas bolas de sinuca, por grande parte da nossa vida, mas isso está prestes a acabar. Em fins de julho, ou, no máximo, meados de agosto, nossa ligação chega ao fim.

Ele estava certo. Jacobs, que Deus tenha piedade dele, estava certo.

Sempre partindo do pressuposto de que Ele existe, claro.

Mesmo com uma escala em Cincinnati, cheguei a Denver antes da uma da tarde, no dia seguinte — no que diz respeito a viajar no tempo, nada melhor do que voar de jato para oeste. Liguei o celular e vi que tinha duas mensagens. A primeira era de Jenny. Ela disse que tinha trancado a porta do quarto de Astrid na noite anterior, antes de ir para cama, mas a babá eletrônica não fizera qualquer barulho. Quando Jenny se levantou, às seis e meia da manhã, Astrid ainda estava apagada.

— Ela acordou e comeu um ovo pochê e duas torradas. E a aparência dela... Eu tenho que ficar repetindo para mim mesma que não é algum tipo de ilusão.

Essa era a mensagem boa. A ruim vinha de Brianna Donlin — agora Brianna Donlin-Hughes. Ela deixara o recado poucos minutos antes da aterrissagem do meu voo

da United.

— Robert Rivard morreu, Jamie. Não sei os detalhes.

No início da noite, porém, ela os conseguiu.

Uma enfermeira disse a Bree que a maioria dos pacientes que entram em Gad's Ridge nunca mais sai, e isso era verdade para o menino com distrofia muscular que fora curado pelo pastor Danny. Robert foi encontrado no quarto, pendendo do nó corrediço feito com uma calça jeans. Ele deixou um bilhete: "Não consigo parar de ver os condenados. A fila se estende ao infinito".

XII

Livros proibidos. Minhas férias no Maine.
A triste história de Mary Fay.
A chegada da tempestade.

Cerca de seis semanas depois, recebi um e-mail da minha antiga companheira de pesquisas.

De: Bree
Assunto: PSI

Depois que esteve no norte de Nova York, na casa de Jacobs, você comentou em um e-mail que ele havia mencionado um livro chamado *De vermis mysteriis.* O nome ficou na minha cabeça, talvez porque as minhas aulas de latim no colégio tenham bastado para saber que isso significa *Os mistérios do verme*.

Acho que as pesquisas sobre Jacobs são um hábito difícil de largar, porque acabei investigando o que era. Sem contar ao meu marido, devo acrescentar, porque ele acha que deixei Jacobs para trás.

Seja como for, é coisa muito pesada. De acordo com a Igreja Católica, o *De vermis mysteriis* é um dos chamados Livros Proibidos, um

grupo de meia dúzia de obras conhecidas como “grimórios”. Os outros cinco são: *O livro de Apolônio* (um médico da época de Cristo), *O livro de Alberto Magno* (encantos, talismãs, conversas com os mortos), *Lemegeton* e *Clavicula salomonis* (supostamente escritos pelo rei Salomão) e *O grimório de Picatrix*. Este, junto com *De vermis mysteriis*, foi supostamente a base para o grimório fictício de H.P. Lovecraft, *O necronômicon*.

Existem edições disponíveis de todos os Livros Proibidos, EXCETO o *De vermis mysteriis*. De acordo com a Wikipédia, emissários secretos da Igreja Católica (alô, alô, chamando Dan Brown) queimaram praticamente todas as cópias do livro na virada do século XX, restando apenas seis ou sete. (Aliás, o Exército do Papa atual se recusa a reconhecer que o livro sequer tenha existido.) Os remanescentes sumiram de vista, e acredita-se que tenham sido destruídos ou estejam em poder de colecionadores particulares.

Jamie, todos os Livros Proibidos lidam com PODER e como obtê-lo por meios que combinam alquimia (que hoje chamamos de “ciência”), matemática e rituais ocultos cruéis. É bem provável que seja tudo conversa para boi dormir, mas fico com a pulga atrás da orelha — você me disse que Jacobs passou a vida estudando fenômenos elétricos, e, com base nas curas que ele realizou, só consigo pensar que tenha em mãos um poder absolutamente incrível. O que me leva a pensar no velho provérbio: “Quem segura um tigre pela cauda não ousa largar”.

Mais duas coisas a se pensar:

Um: até meados do século XVII, os católicos que estudavam o *potestas magnum universum* (a força que sustenta o universo) estavam sujeitos a excomunhão.

Dois: a Wikipédia afirma — embora sem citar fontes confiáveis, devo acrescentar — que o dístico mais lembrado de *O necronômicon* foi roubado de uma cópia do *De vermis* a que Lovecraft teve acesso (o livro decerto não pertencia a ele, que era pobre demais para comprar uma raridade dessas). Eis o dístico: “Não está morto o que pode em eterno jazer/ Em estranhos éons, mesmo a morte pode morrer.” Isso me deu pesadelos. É sério.

Às vezes você chamava Charles Daniel Jacobs de “meu velho quinto personagem”. Espero que, enfim, você tenha cortado os laços com ele, Jamie. Houve um tempo em que eu teria rido de tudo isso, mas naquela época eu achava que curas milagrosas em encontros de reavivamento eram pura encenação.

Ligue para mim qualquer dia, por favor. Preciso saber se você deixou a pesquisa de Jacobs para trás.

Com carinho, como sempre,

Bree

Imprimi a mensagem, li e reli. Depois procurei pelo *De vermis mysteriis* no Google e encontrei tudo o que Bree me contara no e-mail, além de uma coisa que ela não mencionou. Em um blog sobre livros antigos chamado Tomos Sombrios de Magia e Encantamentos, alguém disse que o grimório desaparecido de Ludwig Prinn é "o livro mais perigoso já escrito".

Saí do apartamento, desci o quarteirão e comprei um maço de cigarros pela primeira vez desde um breve flerte com o tabaco na faculdade. Era proibido fumar no meu prédio, então sentei-me na escada de fora para acender. Sentindo uma vertigem, tossi a primeira tragada. Pensei: "Essas coisas teriam matado Astrid, não fosse pela intervenção de Charlie".

Pois é. Charlie e suas curas milagrosas. Charlie que segurava um tigre pela cauda e *não queria* largar.

"Alguma coisa aconteceu", dissera Astrid em meu sonho, falando através de um sorriso despido de toda a antiga doçura. "Alguma coisa aconteceu, e em breve a Mãe estará aqui."

Então, depois, quando Jacobs descarregou a eletricidade secreta na cabeça dela: "Tem uma porta na parede. É pequena e está coberta de hera. Só que a hera está morta. Ela espera". E quando ele perguntou de quem Astrid falava: "Não quem *você* quer".

"Posso quebrar minha promessa", pensei, jogando o cigarro fora. "Não seria a primeira."

Verdade, mas não essa. Não essa promessa.

Voltei para dentro, esmaguei o maço de cigarros e o joguei na lata de lixo embaixo das caixas de correio. Quando subi, liguei para o celular de Bree pronto para deixar uma mensagem, mas ela atendeu. Agradeci pelo e-mail e disse que não tinha a menor intenção de rever Charles Jacobs. Contei a mentira sem culpa ou hesitação. O marido de Bree estava certo: ela precisava dar um fim à pesquisa sobre Jacobs. E, quando chegasse a hora de voltar ao Maine e cumprir a promessa, eu mentiria para Hugh Yates pela mesma razão.

Era uma vez dois adolescentes que se apaixonaram perdidamente, como só os adolescentes conseguem fazer. Anos depois eles fizeram amor em uma cabana arruinada enquanto trovões ressoavam e raios caíam do céu — tudo muito Victoria Holt. O tempo passou, e Charles Jacobs salvou os dois de pagarem com a vida o preço de seus vícios. Eu tinha duas dívidas para com ele. É compreensível, e eu poderia parar por aqui, mas assim omitiria uma verdade maior: *eu também estava curioso*. Que Deus tenha piedade de mim, mas eu queria vê-lo erguer a tampa da caixa de Pandora e espiar lá dentro.

— **Este não é o jeito ridículo** que você encontrou para me dizer que quer se aposentar, é? — Hugh tentou fazer soar como se estivesse brincando, mas os olhos traíam preocupação.

— De jeito nenhum. Só quero dois meses fora. Talvez seis semanas, se eu ficar entediado. Preciso me reconectar com a minha família no Maine enquanto ainda posso. Não estou ficando mais jovem.

Eu não tinha a menor intenção de chegar perto da minha família no Maine. Não com eles tão próximos da montanha do Bode.

— Você é uma criança — disse Hugh, mal-humorado. — Quando o outono chegar, vou ter um ano para cada um dos setenta e seis trombones que tocam na grande parada. Já não basta Mookie ter pendurado as chuteiras no fim do ano passado? Se você também for embora, vou acabar tendo que fechar este lugar. — Ele suspirou. — Eu devia ter tido filhos, alguém para tomar meu lugar quando eu morresse, mas sabe quando esse tipo de coisa acontece? Raramente. Quando você diz que espera que o garoto assuma os negócios da família, ele diz: "Desculpe, pai, mas eu e meu amigo maconheiro do colégio, aquele que você odeia, vamos para a Califórnia fazer pranchas de surfe equipadas com wi-fi".

— Agora que você já desabafou...

— Certo, certo, volte para as raízes, faça isso. Brinque de adoleta com sua sobrinha e ajude seu irmão a reconstruir um carro clássico. Você sabe como é o verão aqui.

Eu sabia: devagar, quase parando. O verão significa emprego até para as piores bandas, e, quando todos estavam tocando ao vivo em bares e em um monte de festivais de verão no Colorado e em Utah, não sobrava muito tempo para gravações.

— George Damon vai aparecer — comentei. — Ele largou a aposentadoria em grande estilo.

— Pois é. O único sujeito no Colorado que consegue fazer "I'll Be Seeing You" soar como "God Bless America".

— Talvez o único em todo o mundo. Hugh, você não teve mais nenhum daqueles prismáticos, teve?

Ele me olhou, curioso.

— Não. Por que se lembrou *disso* agora? — Dei de ombros. — Estou ótimo. Preciso levantar duas vezes por noite para me livrar de meia xícara de xixi, mas acho que isso é coisa da idade. Apesar de... quer ouvir uma coisa engraçada? Que para mim, na verdade, é assustadora.

Eu não tinha certeza de que queria, mas achei que precisava. Era começo de junho. Jacobs ainda não tinha ligado, mas com certeza ligaria. Eu sabia que ligaria.

— Estou tendo um sonho recorrente. Nele, eu não estou aqui em Wolfjaw, mas em Arvada, na casa em que cresci. Alguém começa a bater na porta. Só que não está batendo, está *socando* a porta. Não quero abrir, porque sei que é a minha mãe, e ela está morta. É muito idiota, porque em Arvada ela ainda estava viva e forte como um cavalo, mas eu sabia da morte mesmo assim. Então cruzo o corredor sem querer seguir em frente, mas meus pés continuam se mexendo... você sabe como são os sonhos. Aí ela começa a espancar a porta, a bater com os dois punhos, ao que parece, e penso nessa história de terror que tínhamos que ler nas aulas de literatura do colégio. Acho que se chamava "Calor de agosto".

“Não era ‘Calor de agosto’”, pensei. “Você está falando de ‘A pata do macaco’. É essa que tem as batidas na porta.”

— Alcanço a maçaneta e depois acordo, banhado de suor. Qual o sentido disso? Será o meu subconsciente me preparando para a grande cena final?

— Talvez — concordei, mas minha cabeça tinha abandonado a conversa. Eu estava pensando em outra porta. Uma coberta de hera morta.

Jacobs ligou em primeiro de julho. Eu estava em um dos estúdios, atualizando o software Apple Pro. Quando ouvi a voz dele, fiquei sentado diante do painel de controle e olhei pela janela da sala de passagem de som que, não fosse por uma bateria desmontada, estaria completamente vazia.

— A hora de cumprir sua promessa está quase chegando — disse Jacobs. A voz estava pastosa, como se ele tivesse bebido, embora eu nunca o tenha visto tomar nada mais forte que café preto.

— Tudo bem. — Minha voz estava calma. E por que não estaria? Era a ligação que eu estava esperando. — Quando você quer que eu apareça?

— Amanhã. Depois de amanhã, no máximo. Suspeito que você não queira ficar comigo no resort, pelo menos de início...

— Suspeitou certo.

— ... Mas preciso que você esteja a menos de uma hora de distância. Eu ligo, você vem.

Isso me fez lembrar de outra história assustadora, intitulada “Ah, apite, e eu irei até você, meu jovem”, do poeta Robert Burns.

— Tudo bem. Mas tem uma coisa, Charlie.

— O quê?

— Você tem dois meses do meu tempo, e é só. Depois disso, estaremos quites, não importa o que aconteça.

Outra pausa, mas eu ouvia a respiração dele. Parecia pesada, o que me fez pensar no som que Astrid fizera quando estava na cadeira de rodas.

— Isso é... aceitável. — “Acheitável.”

— Você está bem?

— Outro derrame, infelizmente. — “Infelischmente.” — Minha fala já não é tão clara quanto antes, mas garanto que a minha *mente* está lúcida como sempre.

“Pastor Danny, cura-te a ti mesmo”, pensei, não pela primeira vez.

— Uma notícia para você, Charlie. Robert Rivard morreu. Sabe o garoto do Missouri? Ele se enforcou.

— “Chinto” muito ouvir isso. — Ele não parecia sentir coisa alguma, nem perdeu tempo perguntando por detalhes. — Quando chegar, ligue e me diga onde está. Não se esqueça: fique a menos de uma hora de distância.

— Combinado — respondi e desliguei o telefone.

Fiquei sentado naquele estúdio estranhamente silencioso durante vários minutos, olhando para as capas de discos emolduradas das paredes, depois liguei para Jenny Knowlton em Rockland. Ela atendeu na primeira chamada.

— Como vai a nossa garota?

— Bem. Ganhando peso e caminhando um quilômetro e meio por dia. Ela parece vinte anos mais jovem.

— Nenhum efeito colateral?

— Nenhum. Nada de convulsão, sonambulismo, amnésia. Ela não se lembra muito do tempo que passamos na montanha do Bode, mas isso é até uma bênção, não acha?

— E você, Jenny? Está bem?

— Estou ótima, mas preciso desligar. Estamos muito ocupados no hospital, hoje. Ainda bem que minhas férias estão chegando.

— Você não vai viajar e deixar a Astrid sozinha, vai? Porque não acho que é uma boa id...

— Não, claro que não! — Havia alguma coisa na voz dela. Parecia nervosa. — Jamie, acabaram de chamar pelo pager. Preciso ir.

Fiquei sentado diante do painel de controle desligado. Olhei para as capas de discos — na verdade, hoje, capas de CD, coisinhas pequenas, do tamanho de cartões-postais. Lembrei de um tempo logo depois de ter ganhado meu primeiro carro de presente de aniversário, aquele Ford Galaxie 1966. Estava rodando com Norman Irving, e ele me enchia o saco para meter o pé no acelerador no trecho de pouco mais de três quilômetros da rota 9 que chamávamos de reta de Harlow. "Só para ver do que o carro é capaz", dissera ele. A cento e trinta por hora, a frente começou a vibrar, mas eu não queria passar por bunda-mole — aos dezessete anos, não ser bunda-mole é muito importante —, por isso continuei acelerando. A cento e quarenta, a vibração diminuiu. A cento e quarenta e cinco, o Galaxie atingiu uma leveza irreal e perigosa, como se o contato com a estrada tivesse diminuído, e percebi que estava no limite do controle. Tomei cuidado para não encostar no freio — meu pai já tinha me explicado que isso era desastre certo em alta velocidade —, tirei o pé, e o Galaxie começou a perder velocidade.

Gostaria de poder ter feito isso com toda aquela situação.

O Embassy Suites próximo ao aeroporto me parecera ótimo quando me hospedei lá na noite após a milagrosa recuperação de Astrid, então decidi ficar no mesmo lugar. Passara pela minha cabeça ficar no Castle Rock Inn, mas a possibilidade de encontrar algum velho conhecido — Norman Irving, por exemplo — era grande demais. Se isso acontecesse, a notícia com certeza chegaria a Terry. Ele iria perguntar por que eu estava no Maine e não tinha me hospedado na casa dele. Essas eram questões que eu não queria ter que responder.

O tempo passou. Em 4 de julho, Dia da Independência, assisti aos fogos da Parada de Portland com milhares de outras pessoas, todos fazendo "Aaah" enquanto peônias, crisântemos e diademas explodiam sobre nossas cabeças e eram refletidos na baía de Casco, onde balançavam com as ondas. Nos dias que se seguiram, fui ao zoológico em York, ao Museu do Bonde à Beira-Mar em Kennebunkport e ao farol de Pemaquid Point. Visitei o Museu de Arte de Portland, onde há três gerações de Wyeth em exposição, e assisti à matinê da peça *A história de Buddy Holly* na Ogunquit Playhouse — o cantor/ator era bom, mas estava longe de ser um Gary Busey. Comi lagosta até nunca mais querer ver outra pela frente. Fiz longas caminhadas pela costa rochosa. Duas vezes por semana visitei a livraria Books-A-Million no Shopping Center Maine e comprei livros que li no quarto até cair no sono. Levava o celular para cima e para baixo, esperando a ligação de Jacobs, mas ela não vinha. Em duas ocasiões pensei em *fazer* a ligação, depois disse a mim mesmo que só podia estar maluco por sequer considerar a possibilidade. Para que mexer com quem está quieto?

O tempo estava perfeito, com baixa umidade, céu claro e temperatura na casa dos 23ºC, todos os dias. Chovia, mas geralmente à noite. Certo dia, ouvi Joe Cupo, o homem do tempo da TV, chamar de "chuva considerada". Ele disse que aquele era o verão mais lindo em trinta e cinco anos de transmissões.

Depois do jogo das estrelas em Minneapolis, a temporada regular do beisebol recomeçou, e, à medida que agosto se aproximava, comecei a ter esperança de voltar ao Colorado sem sequer ver Charlie. Passou pela minha cabeça que ele poderia ter sofrido um quarto derrame, desta vez de proporções cataclísmicas, por isso passei a acompanhar o obituário no *Portland Press Herald*. Não exatamente com esperança de que acontecesse, mas...

Foda-se, com esperança, sim. "Esperança" era a palavra.

Durante o noticiário do dia 25 de julho, um pesaroso Joe Cupo informou a mim e ao resto da audiência no Maine que tudo o que era bom durava pouco e que a onda de calor que assava o Meio-Oeste estava de mudança para a Nova Inglaterra no fim de semana. As temperaturas chegariam à casa dos 35ºC durante a última semana de julho, e agosto não parecia muito melhor, pelo menos de início.

— Verifiquem seus aparelhos de ar-condicionado, amigos — aconselhou Cupo. — O calor vai ser de fritar os miolos.

Jacobs ligou naquela noite.

— Espero você domingo às nove da manhã, sem atrasos.

Eu disse que estaria lá.

Joe Cupo estava certo sobre o tempo. O calor chegou na tarde de sábado, e, quando entrei no carro alugado às sete e meia da manhã de domingo, o ar já estava pesado. As estradas estavam vazias, por isso cheguei depressa à montanha do Bode. Na subida até o

portão principal, notei que o caminho que levava ao Teto do Céu fora reaberto, com o enorme portão de madeira levantado.

Sam, o segurança, me aguardava, mas sem uniforme. Estava sentado na caçamba aberta de uma picape Tacoma, vestindo jeans e comendo um bolinho. Ele o guardou com muito cuidado em um guardanapo quando desci do carro e se aproximou.

— Olá, sr. Morton. O senhor chegou cedo.

— O trânsito estava ótimo.

— Ah, sim, no verão esta é a melhor hora para viajar. Os babacas de Massachusetts só saem mais tarde e vão direto para a praia. — Sam olhou para o céu, onde o azul já começava a perder força e dar lugar ao branco enevoado. — Eles que tostem e depois se virem com o câncer de pele. Eu só quero chegar em casa e assistir ao jogo do Sox com o ar-condicionado no máximo.

— Seu turno já está acabando?

— Este é o último turno de todo mundo aqui. Assim que eu ligar para o sr. Jacobs e avisar que o senhor está chegando, é ponto final. Trabalho feito.

— Bem, aproveite o fim do verão — falei, estendendo-lhe a mão. Ele respondeu ao cumprimento.

— O senhor faz alguma ideia do que ele está tramando? Sei guardar segredo. Obrigação contratual, entende?

— Sei tanto quanto você.

Ele piscou, como se dissesse que nós dois estávamos escondendo o jogo, e acenou, dando adeus. Ao chegar à primeira curva, vi pelo retrovisor Sam pegar o bolinho, fechar a caçamba da Tacoma e pôr a mão no volante.

Ponto final. Trabalho feito.

Eu gostaria de poder dizer o mesmo.

Devagar e com cuidado, Jacobs desceu os degraus da varanda para me receber. Na mão esquerda, uma bengala. A boca estava mais torta do que nunca. Logo reconheci o único carro do estacionamento: um pequeno e bem-cuidado Subaru Outback. No vidro traseiro havia um adesivo que dizia: “SALVE UMA VIDA, E VOCÊ SERÁ UM HERÓI. SALVE MILHARES DE VIDAS, E VOCÊ SERÁ UM ENFERMEIRO”. Meu coração gelou.

— Jamie! Que maravilha ver você! — O “você” saiu como “vochê”. Ele me estendeu a mão que não segurava a bengala. Era claramente um esforço, mas eu ignorei.

— Se Astrid estiver aqui, ela sai, e sai agora — bradei. — Se acha que estou blefando, pague para ver.

— Fique calmo, Jamie. Astrid está a mais de duzentos quilômetros daqui, continuando a recuperação em seu confortável ninho ao norte de Rockland. A amiga dela, Jenny, concordou gentilmente em me auxiliar enquanto concluo meu trabalho.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas duvido que isso tenha a ver com gentileza.

— Entre. Já está bem quente aqui fora. Mais tarde você pode pôr o carro no estacionamento.

Jacobs subiu os degraus bem devagar, mesmo com a ajuda da bengala, e tive que ampará-lo quando ele cambaleou. O braço que segurei era pouco mais do que osso. Quando chegamos ao alto da escada, ele estava sem fôlego.

— Preciso descansar um minuto — disse, e se deixou cair em uma das cadeiras de balanço enfileiradas ao longo da varanda.

Sentei na grade e o encarei.

— Cadê o Rudy? Pensei que *ele* fosse seu enfermeiro.

Jacobs me brindou com seu sorriso peculiar, agora mais assimétrico do que nunca.

— Logo após a sessão com a srta. Soderberg na Sala Leste, Rudy e Norma entregaram as cartas de demissão. Não dá mais para achar bons funcionários hoje em dia, Jamie. Com exceção da que está trabalhando comigo agora, é claro.

— Então você contratou Knowlton.

— Contratei, e, acredite, fiz um ótimo negócio. Ela sabe muito mais de enfermagem do que Rudy Kelly jamais sonhou em aprender. Pode me dar uma ajudinha, por favor?

Ajudei-o a se levantar, e entramos, fugindo do calor.

— Tem suco e pães doces na cozinha. Sirva-se à vontade e me encontre no salão principal.

Os pães doces eu passei, mas peguei um copo do suco de laranja na enorme geladeira. Quando coloquei o jarro de volta no lugar, avaliei os suprimentos e percebi que havia comida suficiente para uns dez dias, mais ou menos. Duas semanas, no máximo. Era este o tempo em que ficaríamos lá? Ou será que eu ou Jenny Knowlton teríamos que dar um pulo até Yarmouth, que devia ser a cidade com supermercado mais próxima?

O serviço de segurança estava encerrado. Jacobs arranjara uma substituta para o enfermeiro — o que não chegava a me surpreender por completo, dada sua saúde instável —, mas não para a governanta, o que significava (entre outras coisas) que Jenny também devia estar cozinhando e, talvez, trocando a roupa de cama. Éramos um trio, ou pelo menos era isso que eu pensava.

Na realidade, éramos um quarteto.

A parede norte do salão principal era toda de vidro, e a vista mostrava Longmeadow e o Teto do Céu. Não dava para ver a cabana, mas vislumbrei o mastro de ferro se erguendo em direção ao céu enevoado. Olhando para ele, o quebra-cabeça finalmente começou a fazer sentido, embora ainda devagar, e Jacobs ocultava uma peça essencial que tornaria a

imagem absolutamente clara. Pode-se dizer que eu já deveria ter percebido — afinal, todas as peças estavam lá —, mas eu era guitarrista, não detetive, e, em se tratando de raciocínio dedutivo, nunca fui o galgo mais veloz da matilha.

— Cadê Jenny? — perguntei.

Jacobs tinha ocupado o sofá. Sentei-me de frente para ele, em uma poltrona que tentou me engolir por inteiro.

— Ocupada.

— Com o quê?

— Nada que seja da sua conta agora, mas será em breve. — Com as mãos entrelaçadas na bengala, ele se inclinou para a frente. Parecia uma ave de rapina. Uma que em breve estaria velha demais para voar. — Você tem perguntas. Entendo isso melhor do que imagina, Jamie. Sei que, em grande parte, foi sua curiosidade que o trouxe aqui. As respostas virão no tempo certo, mas não hoje.

— Quando, então?

— É difícil dizer, mas em breve. Enquanto isso, você vai cuidar das refeições e me atender, se eu chamar.

Jacobs me mostrou uma caixa branca — não muito diferente da que usei naquele dia, na Sala Leste, embora essa tivesse um botão em vez de um comando deslizante e um nome comercial gravado: Notiflex. Ele apertou o botão e uma campainha disparou, ecoando em todas as espaçosas salas do primeiro andar.

— Não preciso que você me ajude a ir ao banheiro, isso eu ainda consigo fazer sozinho. Mas preciso que esteja por perto quando eu for tomar banho, infelizmente. Para o caso de eu escorregar. Você vai precisar passar um gel nas minhas costas, nos quadris e nas coxas duas vezes por dia. Ah, e terá que levar as refeições até minha suíte. Não porque eu seja preguiçoso, ou porque queira transformar você em mordomo particular, mas porque me canso fácil e preciso conservar as forças. Tem uma última coisa que preciso fazer. É algo grande, de importância vital, e, quando chegar a hora, vou precisar das minhas forças.

— Estou à disposição para fazer e servir as refeições, Charlie, mas, no que diz respeito à parte de enfermagem, imaginei que seria Jenny Knowlton que...

— Ela está ocupada, eu já disse. Por isso você precisa substituí-la... Por que está me olhando assim?

— Estava me lembrando do dia em que o conheci. Eu só tinha seis anos, mas a lembrança é clara. Eu fiz uma montanha de terra...

— Exato. Também é uma lembrança clara para mim.

— ... e estava brincando com meus soldados. Uma sombra se abateu sobre mim. Olhei para cima, e era você. O que eu estava pensando é que sua sombra esteve sobre mim a vida inteira. O que eu devia fazer é ir embora daqui neste instante e sair de baixo dessa sombra.

— Mas você não vai.

— Não, não vou. Mas vou lhe dizer uma coisa: eu também me lembro do homem que você era, o homem que se ajoelhou e começou a brincar comigo. Eu me lembro do seu sorriso. Quando você sorri hoje, tudo o que vejo é desdém. Quando fala, tudo o que eu ouço são ordens: faça isso, faça aquilo, que eu explico depois. Em que você se transformou, Charlie?

Jacobs se levantou do sofá com dificuldade, e, quando fiz menção de ajudá-lo, ele fez um gesto para eu me afastar.

— Se você precisa perguntar isso, é porque aquele garoto esperto se transformou em um homem estúpido. Pelo menos eu não busquei refúgio nas drogas quando perdi minha mulher e meu filho.

— Você tinha sua eletricidade secreta. *Ela* é a sua droga.

— Obrigado por esse valioso comentário, mas, como essa discussão não vai levar a lugar algum, vamos parar por aqui, certo? Vários quartos do segundo andar estão arrumados. Tenho certeza de que você vai encontrar um que o agrade. Quero um sanduíche de salada de ovos no almoço, um copo de leite desnatado e um cookie de aveia com passas. Fibras fazem bem para o intestino, pelo que me disseram.

— Charlie...

— Chega! — interrompeu ele, andando com dificuldade em direção ao elevador. — Em breve você vai descobrir tudo. Enquanto isso, guarde seus julgamentos burgueses para si. Almoço ao meio-dia. Deixe a bandeja na Suíte Cooper.

E me deixou ali, embasbacado demais para dizer alguma coisa.

Três dias se passaram.

Estava um calor de cozinhar os miolos do lado de fora, e o horizonte parecia borrado por uma nuvem de umidade. Do lado de dentro, o resort estava fresco e confortável. Cozinhei, e, apesar de Jacobs ter jantado comigo no térreo, na segunda noite, fez todas as outras refeições na suíte. Sempre que fui levar a comida lá, a TV estava no último volume, mostrando que sua audição também tinha descido ladeira abaixo. Ele parecia especialmente interessado no Canal do Tempo. Quando eu batia, sempre desligava a TV antes de me mandar entrar.

Esses dias foram minha introdução à enfermagem prática. Ele ainda conseguia se despir e ligar o chuveiro para o banho da manhã sozinho — havia uma cadeira de chuveiro para inválidos em que ele ficava sentado para se ensaboar e enxaguar. Eu ficava sentado na cama, esperando. Quando ele me chamava, eu fechava a água, ajudava-o a sair e o enxugava. O corpo parecia o resquício adoecido do que tinha sido nos tempos de ministro metodista e nos dias do circuito de feiras. Os quadris se projetavam como os ossos de um peru depenado para o Dia de Ação de Graças, todas as costelas saltavam e os glúteos pareciam dois ovos fritos. Por causa dos derrames, tudo pendia para a direita quando eu o ajudava a voltar para cama.

Eu esfregava Voltaren Gel por seu corpo, para combater as dores, depois dava os comprimidos, que ficavam em uma caixa de plástico com quase tantos compartimentos quanto as teclas de um piano. Quando acabava de tomar todos, já havia passado tempo suficiente para o Voltaren agir, então ele conseguia se vestir sozinho, com exceção da meia do pé direito. Essa eu precisava colocar, mas sempre esperava que ele vestisse a cueca antes. Eu não tinha o menor interesse em ficar cara a cara com aquele bilau ancião.

— Está ótimo — dizia ele, quando a meia estava puxada até a canela magricela. — O resto eu faço sozinho. Obrigado, Jamie.

Ele sempre agradecia, e sempre ligava a TV assim que a porta se fechava.

Foram dias muito, muito longos. A piscina do resort estava vazia, e fazia calor demais para caminhar pela propriedade. Mas havia uma academia, e, quando não estava lendo (havia um monte de porcarias reunidas à guisa de biblioteca, praticamente só Erle Stanley Gardner, Louis L'Amour e velhos livros condensados da Reader's Digest), eu me exercitava sozinho, no esplendor do ar-condicionado. Corri quilômetros na esteira, pedalei quilômetros na bicicleta ergométrica, subi no *step* da StairMaster e levantei pesos.

A TV do meu quarto só sintonizava o Canal 8 de Poland Spring, e a recepção era péssima: com aquela imagem não dava para assistir a nada. O mesmo valia para o televisor do tamanho da parede no Lounge Pôr do Sol. Deveria haver uma antena parabólica em algum lugar, mas só a TV de Charlie Jacobs estava ligada a ela. Pensei em pedir que ele a compartilhasse, mas desisti. Ele poderia ter concordado, e eu havia conseguido com ele tudo o que quis, até então. Mas os presentes de Charlie sempre vinham com um preço.

Mesmo com tanto exercício, eu dormia muito mal. Meu velho pesadelo, que não se repetia há anos, retornou: parentes mortos sentados em volta da mesa de jantar da minha casa e um bolo de aniversário mofado que dava à luz insetos enormes.

Acordei logo depois das cinco na manhã de 30 de julho, pensando ter ouvido algo no primeiro andar. Concluí que eram resquícios do sonho, voltei a me deitar e fechei os olhos. Eu estava quase pegando no sono quando o barulho voltou: um ruído abafado que lembrava o de utensílios de cozinha.

Eu me levantei, vesti uma calça jeans e desci as escadas correndo. A cozinha estava vazia, mas, pela janela, vi um vulto descendo a escada dos fundos, ao lado da área de carregamento. Quando cheguei lá, Jenny Knowlton estava sentando ao volante de um carrinho de golfe com a inscrição RESORT DA MONTANHA DO BODE na lateral. No banco do carona havia uma tigela com quatro ovos.

— Jenny! Espere!

Ela deu a partida, depois viu que era eu e sorriu. Eu queria lhe dar um dez pelo esforço, mas aquele sorriso não valia tanto. Parecia dez anos mais velha do que da última vez que eu a vira, e as olheiras sugeriam que eu não era o único com problemas para dormir. Ela parara de pintar o cabelo, e havia pelo menos cinco centímetros de grisalho sob o preto brilhante.

— Acordei você, não foi? Desculpe, mas a culpa foi sua. O escorredor de pratos estava cheio de potes e panelas, e bati nele com o cotovelo. Sua mãe não ensinou a usar o lava-louça?

A resposta era não, porque nunca tivemos um. O que minha mãe me ensinou foi que era mais fácil deixar a louça secando ao ar, desde que não houvesse muita. Mas não

era sobre a limpeza da cozinha que eu queria falar.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim pegar ovos.

— Você sabe do que estou falando.

Ela desviou o olhar.

— Não posso dizer. Fiz uma promessa. Na verdade, assinei um contrato. — Ela riu, mas sem humor. — Duvido que tenha valor jurídico, mas mesmo assim pretendo honrar o que foi acordado. Tenho uma dívida, assim como você. Além disso, em breve você vai saber.

— Quero saber agora.

— Preciso ir, Jamie. Ele não quer que a gente converse. Se descobrir, vai ficar furioso. Eu só queria uns ovos. Se tiver que olhar para mais uma tigela de Cheerios ou de Sucrilhos, vou acabar gritando.

— A menos que seu carro esteja com a bateria arriada, você poderia ter ido ao Food City de Yarmouth e comprado quantos ovos quisesse.

— Não vou sair daqui enquanto tudo não estiver acabado. Nem você. Não me pergunte mais nada. Tenho que manter minha promessa.

— Por Astrid.

— Bem... ele está me pagando muito bem por um trabalhinho de enfermagem, o suficiente para eu me aposentar, mas, sim, principalmente por Astrid.

— Quem está cuidando dela enquanto você está aqui? É melhor que alguém esteja. Não sei o que Charlie lhe disse, mas muitos tratamentos têm efeitos colaterais, que podem ser...

— Ela está sendo muito bem-cuidada, não precisa se preocupar com isso. Nós temos... bons amigos na comunidade.

Desta vez o sorriso foi maior, mais natural, e pelo menos uma coisa ficou clara para mim.

— Vocês são namoradas, não são? Você e Astrid?

— *Parceiras*. Pouco depois de o Maine legalizar o casamento gay, nós marcamos a data para oficializar tudo. Então ela ficou doente. É tudo o que eu posso dizer. Preciso ir agora. Eu não deveria ficar longe muito tempo. Deixei muitos ovos para você, não se preocupe.

— Por que não pode ficar muito tempo longe?

Ela balançou a cabeça, sem me olhar nos olhos.

— Preciso ir.

— Você já estava aqui quando nos falamos pelo telefone?

— Não... mas eu já *sabia* que viria.

Observei-a descer a colina aos trancos e barrancos, as rodas do carrinho de golfe marcando o gramado coalhado de diamantes de orvalho. Mas as joias não durariam muito. O dia mal tinha nascido e o calor já fazia meu suor brotar nos braços e na testa. Jenny desapareceu por entre as árvores. Eu sabia que, se descesse por ali, encontraria uma trilha. E, se seguisse a trilha, chegaria a uma cabana. Aquela em que me deitei colado a Astrid Soderberg, em outra vida.

Pouco depois das dez da manhã, enquanto eu lia *O misterioso caso de Styles* (um dos favoritos de minha falecida irmã), a campainha de Jacobs começou a soar por todo o primeiro andar. Subi até a Suíte Cooper, torcendo para não encontrá-lo deitado no chão com o quadril fraturado. Preocupei-me à toa. Ele estava vestido, apoiado na bengala, e olhava pela janela. Quando se virou para mim, os olhos brilhavam.

— Acho que hoje pode ser o nosso dia. Prepare-se.

Mas ainda não era. Quando levei o jantar — sopa de cevada e sanduíche de queijo —, a televisão estava desligada. Ele não abriu a porta e me mandou embora aos gritos, como uma criança petulante.

— Você precisa comer, Charlie.

— O que eu preciso é de paz e silêncio! Me deixe quieto!

Subi outra vez por volta das dez, com a intenção de ficar do lado de fora da porta até ouvir o barulho da TV. Caso ouvisse, perguntaria se ele queria pelo menos uma torrada antes de ir dormir. A TV estava desligada, mas Jacobs estava acordado e falando com a voz alta que quem está ficando surdo sempre usa ao telefone.

— Ela não se vai enquanto eu não estiver pronto! Se vira! É para isso que estou pagando, então *se vira*!

Problemas — e com Jenny, me pareceu de início. Ela estava chegando ao limite e querendo ir embora. Voltar para a casa que dividia com Astrid no sudeste parecia o mais provável, até que me ocorreu que talvez ele estivesse falando *com* Jenny. O que isso significaria, então? A única coisa que me veio à mente foi o sentido mais comum do verbo reflexivo "ir-se" quando se tratava de pessoas com a idade de Charlie Jacobs.

Eu me afastei da suíte sem bater.

O que ele estava esperando — o que todos estávamos esperando — aconteceu no dia seguinte.

A campainha de Jacobs tocou à **uma da tarde,** pouco depois de eu ter levado o almoço. A porta da suíte estava aberta, e, quando me aproximei, ouvi o especialista em meteorologia dizendo que o golfo do México estava muito quente e o que isso prenunciava para a temporada de furacões. Então, a voz do homem foi cortada por uma série de zumbidos de doer o ouvido. Quando entrei, vi uma faixa vermelha passando pela parte de baixo da tela. O texto desapareceu antes de eu conseguir ler, mas sei reconhecer um alerta meteorológico quando vejo um.

Mau tempo durante um longo período de calor significava tempestades, tempestades significavam raios, e, para mim, raios significavam Teto do Céu. E para Jacobs também, eu podia apostar.

Mais uma vez, ele estava completamente vestido.

— Hoje não tem alarme falso, Jamie. As células de tempestade estão ao norte do estado de Nova York neste momento, mas estão se deslocando para o leste e se intensificando.

O zumbido recomeçou, e desta vez eu li a legenda: ALERTA METEOROLÓGICO PARA YORK, CUMBERLAND, ANDROSCOGGIN, OXFORD E CONDADOS DE CASTLE ATÉ 2H DE 1º DE AGOSTO. POSSIBILIDADE DE TEMPESTADES DE GRANDE PORTE: 90%. AS TEMPESTADES PODEM PRODUZIR CHUVA E VENTOS FORTES, COM GRANIZO DO TAMANHO DE BOLAS DE GOLFE. EVITAR ATIVIDADES AO AR LIVRE.

"É mesmo, Sherlock?", pensei.

— Essas células não podem se dissipar nem mudar de rota — disse Charlie, com a calma da loucura ou da certeza absoluta. — *Não podem*. Ela não vai durar muito mais tempo, e estou velho e doente demais para recomeçar com outra pessoa. Quero que você traga um carrinho de golfe para perto da área de carregamento da cozinha e fique pronto para sair a qualquer momento.

— Para o Teto do Céu.

Ele deu aquele sorriso de um lado só.

— Vá agora. Tenho que ficar de olho nessas tempestades. Elas estão produzindo mais de cem raios por hora na região de Albany. Não é maravilhoso?

Não era bem a palavra que eu usaria. Eu não me lembrava de quantos volts ele dissera que um único raio produzia, mas sabia que eram muitos.

Na casa dos milhões.

A campainha de Charlie tocou de novo pouco depois das cinco da tarde. Subi as escadas. Parte de mim já esperava encontrá-lo deprimido e irritado; a outra parte estava tomada pela maldita curiosidade, como sempre. Pensei que seria esta parte que seria atendida, porque o dia estava escurecendo rápido a oeste, e já dava para ouvir o rumor de trovões ao longe, ainda ao longe, mas se aproximando. Um Exército no céu.

Jacobs continuava tombado para estibordo, mas a animação — ele estava quase explodindo — o fazia parecer muito mais novo. A caixa de mogno estava na mesa de canto. Ele tinha desligado a TV e ligado o laptop.

— Olhe para isso, Jamie. É lindo!

A tela exibia a previsão do tempo da agência meteorológica americana para aquela noite. A imagem mostrava um cone laranja e vermelho bem em cima do Condado de Castle. A linha do tempo projetava a maior probabilidade de tempestade entre sete e oito da noite. Olhei para o relógio e vi que eram 17h15.

— Não é? Não é lindo?

— Se você diz, Charlie...

— Sente-se, mas me sirva um copo d'água antes, por favor. Preciso explicar algumas coisas e acho que temos tempo suficiente. Por mais que fosse melhor irmos agora, vamos chegar a tempo. Para usar o termo popular, não vamos dar pra trás. — Ele gargalhou.

Peguei uma garrafa d'água no frigobar e enchi um copo de cristal Waterford — só o melhor do melhor para os hóspedes da Suíte Cooper. Jacobs bebeu um gole e estalou os lábios de satisfação, fazendo um som bovino que eu poderia dispensar. Um trovão ressoou. Ele olhou na direção do som com o sorriso de alguém que esperava a chegada de um velho amigo. Depois voltou a atenção para mim.

— Como você bem sabe, eu faturei muito no papel de pastor Danny. Mas, em vez de gastar com jatinhos particulares, casas de cachorro aquecidas e torneiras folheadas a ouro, concentrei meus investimentos em duas coisas. Uma delas é a privacidade. Já tive o suficiente de pagãos gritando o nome de Jesus para esta vida. A outra foi em agências de detetive, uma dúzia no total, as melhores de todas, situadas em doze grandes cidades americanas. A tarefa delas era encontrar e rastrear pessoas que sofriam de determinadas doenças. Raridades comparativas. Oito enfermidades no total.

— Pessoas *doentes*? Sem relação com suas curas? Porque foi isso que você me contou.

— Ah, elas também rastrearam um número expressivo de curas. Você não era o único interessado em efeitos colaterais, Jamie. Mas esta não era a tarefa principal. De dez anos para cá, os detetives encontraram centenas desses infelizes sofredores e passaram a me enviar atualizações regulares. Enquanto trabalhou para mim, Al Stamper ficou responsável por acompanhar os dossiês. Quando ele foi embora, eu mesmo passei a acompanhar. Muitos morreram desde então. Outros os substituíram. Como você sabe, o homem nasceu para a doença e a dor.

Não respondi, mas o trovão, sim. O céu a oeste estava escuro e anunciava suas más intenções.

— À medida que meus estudos progrediram...

— Um livro chamado *De vermis mysteriis* faz parte dos seus estudos, Charlie?

Ele me olhou surpreso, depois relaxou.

— Muito bem. O *De vermis* não foi só parte dos meus estudos: foi a base de tudo. Você sabia que Prinn enlouqueceu? Terminou seus dias em um castelo na Alemanha, estudando matemática oculta e comendo insetos. Deixou as unhas crescerem e, certa noite, rasgou a garganta com as garras e morreu pintando equações com sangue no chão do quarto. Tinha trinta e sete anos.

— É mesmo?

Ele deu de um ombro só, depois sorriu de um lado só.

— Quem pode ter certeza? Se for verdade, é uma história para servir de advertência, mas os relatos sobre esses visionários eram escritos por pessoas interessadas em evitar que alguém seguisse seus passos. Religiosos, na maioria das vezes, supervisores da Companhia Seguradora Celestial. Mas isso não importa agora; falaremos de Prinn outro dia.

"Duvido muito", pensei.

— À medida que meus estudos progrediram, meus detetives começaram um processo de peneira. Centenas viraram dezenas. No começo deste ano, as muitas dezenas se reduziram a uma. Em junho, os dez viraram três. — Ele se inclinou para a frente. — Eu estava procurando por quem sempre imaginei como o Paciente Ômega.

— Sua última cura?

A pergunta pareceu diverti-lo.

— Eu diria que sim. Por que não? O que nos leva à triste história de Mary Fay, que eu tenho o tempo exato para contar antes de irmos ao laboratório. — Ele deu uma gargalhada rouca que lembrou a voz de Astrid antes da cura. — Laboratório Ômega, pode-se dizer. Só que esse é um quarto de hospital muito bem-equipado.

— Administrado pela enfermeira Jenny.

— Que achado ela é, Jamie! Rudy Kelly estaria perdido. Ou teria corrido estrada abaixo, feito um cachorro com uma vespa na orelha.

— Conte a história. Quero saber no que estou me metendo.

Ele se acalmou.

— Era uma vez, na década de 1970, um homem chamado Franklin Fay. Ele se casou com uma mulher chamada Janice Shelley. Ambos eram alunos da Faculdade de Letras na Universidade Columbia e depois começaram a dar aulas. Franklin era poeta com livros publicados. Li o trabalho dele, e é bom. Se tivesse tido mais tempo, poderia ter se tornado um dos grandes. A mulher escreveu uma dissertação sobre James Joyce e ensinava literatura inglesa e irlandesa. Em 1980, os dois tiveram uma filha.

— Mary.

— Exato. Em 1983, eles foram convidados a dar aulas no American College de Dublin, como parte de um programa de intercâmbio de dois anos. Está acompanhando?

— Estou.

— No verão de 1985, enquanto você era músico de banda e eu trabalhava no circuito de feiras com os Retratos com Raios, a família Fay resolveu viajar pela Irlanda antes de voltar para os Estados Unidos. Eles alugaram um *motorhome* e caíram na estrada. Um dia, pararam para almoçar em um pub no Condado de Offaly. Logo depois de saírem de lá, colidiram de frente com um caminhão que transportava produtos agrícolas. Os pais morreram na hora. A filha, que estava no banco de trás, presa pelo cinto de segurança, sofreu ferimentos graves, mas sobreviveu.

Era um replay quase perfeito do acidente que matara a mulher e o filho dele. Na hora imaginei que ele tivesse percebido, mas agora já não sei. Às vezes, estamos próximos demais de alguma coisa para conseguir enxergá-la.

— Eles estavam na contramão. Minha teoria é de que Franklin tomou uma caneca de cerveja ou uma taça de vinho a mais, se esqueceu de que estava na Irlanda e seguiu o velho hábito de dirigir pela direita. O mesmo deve ter acontecido com aquele ator americano, acho, mas não me lembro do nome dele.

Eu me lembrava, mas não me dei ao trabalho de dizer.

— No hospital, a jovem Mary Fay recebeu várias transfusões de sangue. Percebeu onde isso vai dar?

Fiz que não com a cabeça.

— O sangue estava contaminado, Jamie — continuou Jacobs. — Pelo príon que causa a doença de Creutzfeldt-Jakob, conhecida como mal da vaca louca.

Mais trovões. Dessa vez não um rumor, mas um estrondo.

— Mary foi criada por um casal de tios. Ela foi bem na escola, tornou-se assistente jurídica, voltou à faculdade para cursar direito, largou após dois períodos e acabou retomando as funções como assistente. Isso em 2007. A doença que ela carregava estava latente, e assim permaneceu até o verão passado. Foi então que ela começou a exibir sintomas normalmente associados ao uso de drogas ou a um colapso nervoso, ou ambos. Saiu do emprego. O dinheiro ficou curto, e, em outubro de 2013, os sintomas

físicos estavam aparecendo: mioclonia, ataxia, convulsões. O príon tinha despertado e trabalhava a pleno vapor, abrindo buracos no cérebro dela. Uma punção lombar e uma ressonância magnética revelaram o culpado.

— Meu Deus!

As imagens de um antigo noticiário, assistido em algum quarto de hotel ou coisa assim na época em que eu viajava com as bandas, começaram a passar pela minha cabeça: uma vaca em um estábulo lamacento, patas espalhadas, cabeça tombada, olhos revirados, mugindo inutilmente enquanto tentava se equilibrar.

— Nem Deus pode ajudar Mary Fay — declarou Jacobs.

— Mas você pode.

A resposta foi um olhar que não consegui decifrar. Depois ele virou a cabeça e estudou o céu cada vez mais escuro.

— Me ajude a levantar. Não quero perder meu encontro com o raio. Venho esperando por ele a vida inteira. — Apontou para a caixa de mogno na mesa de canto. — E leve isso. Preciso do que está dentro.

— Hastes mágicas, em vez de alianças mágicas.

Mas ele balançou a cabeça.

— Não para isso.

Pegamos o elevador. Jacobs foi até o lobby com as próprias forças, depois se jogou em uma das cadeiras próximas à lareira apagada.

— Vá até a sala de suprimentos no final do corredor da Ala Leste. Lá você vai encontrar um equipamento que venho evitando.

Era uma cadeira de rodas antiga, com assento em vime e rodas de ferro que rangiam como o diabo. Empurrei-a até o lobby e o ajudei a subir nela. Ele estendeu as mãos para pegar a caixa de mogno, e, receoso, eu a entreguei. Jacobs aninhou o objeto junto ao peito como se fosse um bebê, e, enquanto eu o empurrava pelo restaurante em direção à cozinha deserta, retomou a história com uma pergunta.

— Sabe por que a srta. Fay desistiu da faculdade de direito?

— Porque ficou doente.

Ele balançou a cabeça, em desaprovação.

— Você não ouviu? O príon ainda estava latente à época.

— Então ela não estava gostando do curso? Tirava notas baixas?

— Nada disso. — Ele se virou para mim e ergueu as sobrancelhas como se fosse um velho libertino. — Mary Fay é uma heroína dos tempos modernos, é mãe solteira. O filho, Victor, tem sete anos. Não o conheço, Mary não quis deixar, mas me mostrou várias fotos do menino quando discutimos o futuro dele. Victor me lembra meu próprio filho.

Tínhamos chegado à porta que levava à área de carregamento, mas não a abri.

— O menino tem a mesma doença que a mãe?

— Não. Pelo menos, não até agora.

— Mas vai ter?

— É impossível ter certeza, mas os exames deram negativo para o príon. Até agora. — Mais trovões ribombaram. O vento já havia começado a ficar mais forte, sacudindo a porta e, por um momento, uivando baixo sob os beirais. — Anda, Jamie. Temos que ir agora mesmo.

Os degraus da escada da área de carregamento eram íngremes demais para Jacobs descer com a bengala, então precisei carregá-lo. Ele estava assustadoramente leve. Coloquei-o no banco do passageiro do carrinho de golfe e peguei no volante. Cruzamos o cascalho e avançamos pelo gramado que descia a colina atrás do resort, e outro trovão ribombou. As nuvens a oeste eram aglomerados púrpura, quase negros. Quando olhei, três raios romperam as barrigas distendidas dos aglomerados no céu. Não havia qualquer possibilidade de a tempestade nos evitar. E, quando ela passasse por ali, sacudiria nosso mundo.

— Muitos anos atrás, contei a você sobre o mastro de ferro que atrai raios no Teto do Céu — disse Charlie. — Muito mais do que um para-raios comum. Lembra?

— Lembro.

— Você veio aqui alguma vez para ver com os próprios olhos?

— Não — menti sem hesitar.

O que acontecera no Teto do Céu no verão de 1974 só dizia respeito a mim e a Astrid. Talvez eu tivesse contado a Bree, se algum dia ela houvesse perguntado sobre minha primeira vez, mas não a Charlie Jacobs. A ele, jamais.

— No *De vermis mysteriis*, Prinn menciona a "vasta engrenagem que faz girar o moinho do universo" e o rio que movimenta essa engrenagem. Ele chama o rio de...

— *Potestas magnum universum* — concluí.

Jacobs me encarou, as sobrancelhas fartas alcançando onde um dia estivera o início do cabelo.

— Eu estava errado. Você não tem nada de estúpido.

O vento vinha em rajadas. Rápidas ondulações perpassavam a grama que não era cortada havia semanas. O ar, que se deslocava cada vez mais rápido, ainda batia quente em meu rosto. Quando o vento esfriasse, a chuva chegaria.

— É o raio, não é? Ele é o *potestas magnum universum*.

— Não, Jamie — respondeu ele, quase gentil. — Apesar de toda a voltagem, o raio é uma mera *gota* de energia, uma de muitas que alimentam o que eu chamo de eletricidade secreta. E essa eletricidade secreta, por mais incrível que seja, é apenas um afluente, que alimenta algo muito mais poderoso, uma energia além da capacidade de compreensão do ser humano. *Isso* é o *potestas magnum universum* sobre o qual Prinn escreveu, e é isso que espero explorar hoje. O raio... e isto — ele ergueu a caixa com as mãos ossudas — são apenas meios para se atingir o fim.

Passamos pelas árvores, seguindo a trilha que Jenny tinha tomado depois de pegar os ovos. Os galhos farfalhavam acima de nós: as folhas que em breve seriam arrancadas pelo vento e pelo granizo conversavam agitadas. Tirei o pé do acelerador do carrinho de repente, e ele parou na hora, como fazem os veículos alimentados por eletricidade.

— Se está planejando explorar os segredos do universo, Charlie, é melhor não contar comigo. As curas já são assustadoras demais. Você está falando de... sei lá... um tipo de *portal*.

"Um pequeno", pensei. "Coberto por hera morta."

— Acalme-se. Sim, existe um portal. Prinn fala dele, e acho que Astrid também falou. Mas eu não quero abri-lo. Só quero olhar pelo buraco da fechadura.

— Em nome de Deus, *por quê*?

Ele me olhou com uma espécie de desdém descontrolado.

— Ora, você é idiota? Que nome você daria a uma porta que está fechada para toda a humanidade?

— Por que você não me diz?

Ele suspirou, como se eu não tivesse mais conserto.

— Anda com esse carrinho, Jamie.

— E se eu não quiser?

— Então eu vou andando, e, quando minhas pernas não aguentarem mais, vou me arrastando.

Ele estava blefando, é claro. Ele não *conseguiria* ir sem mim. Só que eu não sabia disso naquele momento, então segui em frente.

A cabana em que fiz amor com Astrid não existia mais. No lugar onde ela ficava — torta, parcialmente desmoronada, toda pichada —, estava um belo chalé branco com detalhes em verde. Havia também um gramado quadrado com flores vistosas que já não estariam mais lá no fim do dia, varridas pela tempestade. A leste do chalé, a estrada pavimentada dava lugar ao cascalho de que eu me lembrava das idas ao Teto do Céu com Astrid. Ela acabava naquela escarpa protuberante de granito, de onde o mastro de ferro se erguia contra o céu negro.

Vestida com uma blusa florida e calças brancas de nylon muito usadas por enfermeiras, Jenny estava de pé na varanda, os braços cruzados sob os seios e as mãos nos cotovelos, como se estivesse com frio. Tinha um estetoscópio em volta do pescoço. Parei perto dos degraus e dei a volta pela frente do carrinho de golfe até alcançar Charlie, que lutava para sair. Jenny desceu a escada e me ajudou a levantá-lo.

— Graças a Deus vocês estão aqui! — Ela precisou gritar para se fazer ouvir, por causa do vento cada vez mais forte. Os pinheiros e os abetos se arqueavam ante a ventania. — Pensei que não vinham mais! — Mais um trovão ressoou, e, quando um relâmpago o seguiu, ela se encolheu.

— Para dentro! — gritei. — Agora! — O vento tinha esfriado, e minha pele suada me serviu de termômetro, registrando a mudança no ar. A tempestade estava a minutos de distância.

Ajudamos Jacobs a subir a escada, um de cada lado. O vento enrolava os fios finos que restavam em sua cabeça. Ele ainda segurava a bengala e abraçava a caixa de mogno contra o peito, protegendo-a. Ouvi um estrépito no Teto do Céu e vi o cascalho, arrancado do granito pelos raios de outras tempestades, sendo empurrado encosta abaixo pela força do vento e caindo pelo despenhadeiro.

Quando entramos, Jenny não conseguiu fechar a porta. Eu consegui, mas com muito esforço. Depois de fechada, o uivo do vento diminuiu um pouco. Dava para ouvir o esqueleto de madeira do chalé rangendo, mas ele parecia bastante resistente. Eu achava que o vento não derrubaria a construção e o mastro de ferro absorveria todos os raios próximos. Pelo menos, era o que eu esperava.

— Tem meia garrafa de uísque na cozinha. — Jacobs parecia sem fôlego, embora estivesse calmo. — A menos que você a tenha enxugado, srta. Knowlton.

Ela fez que não. O rosto estava pálido, os olhos, arregalados e brilhantes — não por causa de lágrimas, mas de horror. Ela dava um pulo a cada trovão que irrompia.

— Traga uma provinha para mim — pediu Jacobs. — Só um dedo. E sirva uma dose para você e para a srta. Knowlton. Vamos brindar ao sucesso de nossa empreitada.

— Não quero beber nem brindar — disse Jenny. — Só quero que isso acabe. Não sei onde eu estava com a cabeça quando me envolvi nisso.

— Vá em frente, Jamie — disse Jacobs. — Traga três, e rápido. *Tempus fugit*.

A garrafa estava na bancada ao lado da pia. Peguei três copos de suco e servi uma pequena dose em cada um. Bebo muito raramente, por medo de que o álcool me leve de volta às drogas, mas daquela dose eu precisava.

Quando voltei à sala de estar, Jenny tinha sumido. Os relâmpagos emitiram um brilho azulado do lado de fora; os abajures e as luzes do teto piscaram, depois voltaram ao normal.

— Ela precisou ver nossa paciente — comentou Jacobs. — Vou beber a dose dela. A menos que você queira, é claro.

— Você me mandou ir à cozinha para poder falar com ela, Charlie?

— Deixe de bobagem — respondeu Jacobs, sorrindo na metade sã do rosto.

A outra metade permaneceu grave e observadora. "Você sabe que eu estou mentindo", parecia dizer, "mas agora é tarde demais, não é?"

Dei-lhe um dos copos de suco e coloquei o que deveria ser de Jenny em uma mesa que ficava ao lado do sofá, onde algumas revistas estavam organizadas com bom gosto, em formato de leque. Então me ocorreu que talvez eu tivesse penetrado Astrid pela primeira vez no local exato onde estava aquela mesa. "Não se mexa, amor", dissera ela, e depois: "Está maravilhoso".

Jacobs ergueu o copo.

— Um brinde a...

Bebi minha parte antes que ele terminasse.

Ele me lançou um olhar reprovador, depois tomou a dele, com exceção de uma gota que escorreu pelo lado paralisado da boca.

— Você me acha odioso, não é? Eu lamento que se sinta assim. Mais do que pode imaginar.

— Odioso, não: assustador. E acharia assustador qualquer um que brincasse com forças que não compreende.

Ele pegou a bebida que seria de Jenny. Através do copo, o lado paralisado de seu rosto aparecia aumentado.

— Eu poderia argumentar, mas para que me dar ao trabalho? A tempestade está quase em cima da gente, e, quando os céus clarearem de novo, nossa ligação estará terminada. Pelo menos, seja homem o suficiente para admitir que está curioso. A curiosidade é um dos grandes motivos de você estar aqui. Você *quer saber*. Assim como eu. Assim como Prinn. A única que está aqui contra a vontade é a pobre Jenny. Ela veio pagar uma dívida de amor. O que dá a ela uma nobreza da qual não compartilhamos.

A porta atrás dele se abriu. Senti uma lufada de cheiros de quarto de doente — urina, loção corporal, desinfetante. Jenny saiu e a fechou, viu o copo na mão de Jacobs e o tomou dele. Ela engoliu com uma careta que fez os tendões do pescoço saltarem.

Jacobs se apoiou na bengala, estudando-a de perto.

— Posso presumir que...

— Pode. — Mais um trovão. Ela deu um gritinho e largou o copo vazio, que caiu no tapete e rolou.

— Volte para lá e fique com ela — disse Jacobs. — Jamie e eu vamos entrar em um instante.

Jenny voltou ao quarto sem dizer uma palavra. Jacobs olhou para mim.

— Ouça com muita atenção. Quando entrarmos, você vai ver uma cômoda à esquerda. Tem um revólver na gaveta de cima. Foi Sam, o segurança, quem conseguiu. Acho que você não vai precisar usar, mas, se for o caso, Jamie... não hesite.

— Em nome de Deus, por que eu...

— Nós falamos de uma porta. É a porta para a morte, e cedo ou tarde todos ficamos pequenos, reduzidos a nada além de mente e espírito, e é nesse estado reduzido que passamos por ela, deixando o corpo para trás, como uma luva vazia. Às vezes a morte é natural, um ato de misericórdia que dá fim ao sofrimento. Mas em muitos casos ela surge como uma assassina prenhe de crueldade sem sentido ou qualquer vestígio de compaixão. Minha mulher e meu filho, levados em um acidente estúpido e inútil, são exemplos perfeitos. Sua irmã é outro. E esses são apenas três em meio a milhões. Durante a maior parte da vida, vociferei contra aqueles que tentam explicar essa estupidez e essa inutilidade com baboseiras sobre fé e historinhas infantis sobre o céu. Esses absurdos nunca me confortaram, e tenho certeza de que nunca confortaram você, Jamie. Ainda assim... existe *alguma coisa*.

"É verdade", pensei, enquanto um trovão ribombava tão perto e com tanta força que sacudiu os vidros das janelas. "Alguma coisa está lá, além da porta, e alguma coisa vai acontecer. Alguma coisa terrível. A menos que eu impeça."

— Em meus experimentos, vislumbrei provas indiretas dessa coisa. Vi seus contornos em todas as curas que a eletricidade secreta realizou. Eu a vejo até pelos efeitos colaterais, e algumas você mesmo percebeu. São fragmentos de alguma existência desconhecida além de nossas vidas. Em algum momento, todo mundo se pergunta o que está por trás do muro da morte. Hoje, Jamie, vamos ver com nossos próprios olhos. Eu quero saber o que aconteceu com minha mulher e meu filho. Quero saber o que o universo tem guardado para todos nós assim que a vida se acaba, e pretendo descobrir.

— Isso não é para nós vermos. — A surpresa roubara quase toda a minha voz, e eu não sabia se ele me ouviria em meio ao barulho do vento, mas ouviu.

— Você não pensa em Claire todos os dias? Não fica se perguntando se ela ainda existe *em algum lugar*?

Eu não respondi, mas ele balançou a cabeça como se tivesse ouvido uma resposta.

— É claro que se pergunta, e vamos saber em breve. Mary Fay nos dará as respostas.

— Como? — Meus lábios estavam dormentes, e não era culpa da bebida. — Como ela pode responder, se você a curar?

Ele me lançou um olhar que parecia perguntar como eu conseguia ser tão obtuso.

— Eu *não posso* curá-la. Essas oito doenças que mencionei foram escolhidas porque *nenhuma* é curável pela eletricidade secreta.

O vento começou a uivar lá fora, e as primeiras rajadas erráticas de chuva atingiram o lado oeste da casa, batendo com tanta força que pareciam pedras.

— A srta. Knowlton desligou o respirador de Mary Fay enquanto vínhamos para cá. Ela já está morta há quase quinze minutos. O sangue já está esfriando. Ainda que maravilhoso, o computador dentro do crânio dela se apagou, ferido pela doença que ela carregou desde a infância.

— Você acha... Você acha *mesmo*... — Não consegui terminar. Eu estava estupefato.

— Acho. Foram anos de estudos e experimentos para chegar a este ponto, mas acho. Usando o raio como estrada para a eletricidade secreta, e a eletricidade secreta como passagem para o *potestas magnum universum*, pretendo devolver alguma forma de vida a Mary Fay. Pretendo descobrir a verdade sobre o que está do outro lado da porta que leva ao Reino dos Mortos. Vou ouvir isso dos lábios de alguém que esteve lá.

— Você está louco. — Fui em direção à porta. — Não vou tomar parte nisso.

— Se você quer mesmo ir embora, não posso impedir. Mas sair em meio a essa tempestade seria a maior das temeridades. Ajudaria se eu dissesse que vou prosseguir sem você, colocando a vida da srta. Knowlton em risco, bem como a minha própria? Seria muita ironia se ela morresse logo depois de Astrid ter sido salva.

Dei meia-volta. Minha mão estava na maçaneta, e a chuva esmurrava a porta. Um relâmpago imprimiu um breve retângulo azulado no tapete.

— Você *pode* descobrir o que aconteceu com Claire. — A voz de Jacobs agora estava baixa, suave e sedosa, no tom mais persuasivo do pastor Danny.

Era a voz de um demônio sedutor.

— Quem sabe consiga até falar com ela... ouvir Claire dizer que o ama. Não seria maravilhoso? Levando em conta que ela esteja lá como entidade consciente, é claro... *Você não tem vontade de descobrir?*

Houve outro relâmpago, e, da caixa de mogno, uma luz venenosa em tom roxo-esverdeado piscou por entre o vão da fechadura. Estava lá em um segundo e, no outro, já desaparecera.

— Se lhe serve de conforto, a srta. Fay concordou com o experimento. A documentação é cristalina e inclui uma procuração assinada que me dá poder para suspender as chamadas medidas heroicas a meu único critério. Em troca do uso breve e

totalmente respeitoso de seus restos mortais, o filho de Mary será cuidado por um fundo generoso que vai sustentá-lo até boa parte da vida adulta. Não existem vítimas aqui, Jamie.

“Isso é o que você diz”, pensei. “Isso é o que você diz.”

Mais um trovão. Dessa vez, logo antes do relâmpago, ouvi um leve som de clique. Jacobs também.

— A hora chegou. Entre no quarto comigo ou vá embora.

— Vou entrar. E vou orar para que nada aconteça. Porque isso não é um experimento, Charlie. Isso é uma obra do diabo.

— Pense no que quiser e ore quanto quiser. Talvez você tenha mais sorte que eu... mas duvido muito.

Ele abriu a porta e eu o segui para dentro do quarto onde Mary Fay havia morrido.

XIII

Mary Fay revive.

Havia uma grande janela voltada para o leste na câmara mortuária de Mary Fay, mas a tempestade estava quase em sua força total acima de nós, e eu só conseguia ver uma cortina prateada manchada de chuva. O quarto era um ninho de sombras, apesar do abajur de mesa. Meu ombro esquerdo esbarrou na cômoda que Jacobs mencionara, mas nem me lembrei do revólver que estava na gaveta de cima. Toda a minha atenção foi capturada pela figura que jazia na cama de hospital. Eu tinha uma visão clara, porque os vários monitores estavam desligados e o suporte de soro tinha sido empurrado para um canto.

Ela era linda. A morte apagara quaisquer marcas da doença que lhe infestara o cérebro, e o rosto voltado para cima — pele de alabastro emoldurada por um cabelo castanho-escuro, belo e volumoso — era tão perfeito quanto o de qualquer camafeu. Os olhos estavam fechados. Cílios grossos repousavam sobre eles. Os lábios estavam ligeiramente entreabertos. Um lençol tinha sido puxado até os ombros. As mãos entrelaçadas estavam pousadas nele, acima da ondulação dos seios. Um trecho de poesia me veio à mente, algo da aula de literatura do último ano da escola: "Teu cabelo jacinto, teu rosto clássico... És como estátua, a ti contemplo...".

Jenny Knowlton ficou ao lado do já então inútil respirador, esfregando as mãos.

Mais um relâmpago. O brilho momentâneo me fez ver o mastro de ferro do Teto do Céu, erguido ali sabe Deus há quantos anos, desafiando cada tempestade a fazer o pior possível.

Jacobs segurava a caixa.

— Preciso de ajuda, Jamie. Temos que ser rápidos. Pegue e abra. Eu faço o resto.

— Não — implorou Jenny do canto onde estava. — Pelo amor de Deus, deixe-a descansar em paz.

Talvez Jacobs não tenha ouvido o que ela disse, por causa do batucar da chuva e dos gritos do vento. Eu ouvi, mas preferi ignorá-la. É assim que conjuramos nossa própria danação — ao ignorar a voz que nos implora para parar. Parar enquanto é tempo.

Abri a caixa. Não havia hastes lá dentro, nem botão de controle, só uma faixa de cabeça metálica, tão fina quanto a tira de um sapatinho de menina. Jacobs a retirou com cuidado — e reverência —, puxando-a com delicadeza. Vi a faixa se esticar. E, quando veio o raio seguinte, mais uma vez precedido por aquele som de clique em baixo volume, vi uma radiância esverdeada dançar por ela, fazendo-a parecer algo além de metal morto. Uma serpente, talvez.

— Srta. Knowlton, levante a cabeça dela para mim — pediu Jacobs.

Ela fez que não com a cabeça com tanta força que o cabelo esvoaçou.

Ele suspirou.

— Jamie. Levante você.

Fui até a cama como se estivesse vivendo um sonho. Pensei em Patricia Farmingdale jogando sal nos olhos. Em Emil Klein comendo terra. Em Hugh Yates assistindo aos fiéis da tenda de reavivamento do pastor Danny serem substituídos por formigas enormes. Pensei: "Toda cura tem seu preço".

Houve mais um *clique*, seguido por outro raio. Um trovão ribombou, sacudindo a casa. Por um instante, o quarto mergulhou nas sombras, e então um gerador deu sinal de vida.

— Rápido! — A voz de Jacobs traía dor. Vi queimaduras nas palmas de suas mãos, mas ele não deixou cair a faixa de cabeça. Aquele metal era o último condutor, seu conduíte para o *potestas magnum universum*, e na hora tive certeza (como ainda tenho) de que Jacobs não o largaria nem se morresse eletrocutado. — Rápido, antes que o relâmpago atinja o mastro!

Levantei a cabeça de Mary Fay. O cabelo castanho escorreu daquele rosto perfeito (e perfeitamente imóvel) em ondas escuras que inundaram o travesseiro. Charlie estava a meu lado, inclinado para a frente e respirando em espasmos custosos e empolgados. As expirações cheiravam a idade e enfermidade. Então me ocorreu que ele poderia esperar alguns meses e investigar pessoalmente o que estava do outro lado da porta. Mas não era isso que ele queria, é claro. No coração de toda religião existe um mistério sagrado que sustenta a crença e inspira fidelidade até chegar ao extremo do martírio. Jacobs queria saber o que estava além da porta da morte? Sem dúvida. Mas o que ele mais queria — acredito nisso de todo o coração — era violar esse mistério, trazê-lo à luz e esfregar na cara do mundo, gritando: "Olhem aqui! Vejam a que as cruzadas e os assassinatos em nome de Deus se prestaram! Olhem aqui! Agora me digam o que acham disso!".

— O cabelo... levante o cabelo. — Ele se virou de um jeito acusador para a mulher que tremia de medo no canto. — Sua infeliz, eu disse para cortar!

Jenny não respondeu.

Levantei o cabelo de Mary Fay. Era suave e pesado como uma peça de seda, e entendi por que Jenny não o cortara. Ela não conseguira suportar a ideia.

Jacobs escorregou a fina faixa de metal pela testa da mulher, prendendo-a bem nas depressões das têmporas.

— Muito bem — disse ele, erguendo-se.

Coloquei gentilmente a cabeça da falecida de volta no travesseiro, e, ao olhar para o contraste entre aqueles cílios escuros e as maçãs do rosto, fui tomado por um pensamento reconfortante: não ia funcionar. Curar era uma coisa, reviver uma mulher morta há quinze minutos — ou melhor, há quase meia hora — era outra. Era simplesmente impossível. E, se um raio que encapsulava milhões de volts *produzisse* alguma coisa — se a fizesse mexer os dedos ou virar a cabeça —, seria tão em vão quanto o espasmo da perna de um sapo morto ao receber a carga elétrica de uma bateria. O que Jacobs pretendia? Depois daquele tempo, mesmo um cérebro perfeitamente saudável já estaria em decomposição. A morte cerebral é irrevogável; até eu sabia disso.

Dei um passo para trás.

— E agora, Charlie?

— Agora esperamos. Não vai demorar.

Cerca de trinta segundos depois, quando a luz do abajur apagou pela segunda vez para não mais voltar, eu já não ouvia o rugido do gerador por causa do rugido do vento. Depois de colocar a faixa de metal em torno da cabeça da morta, Jacobs pareceu perder o interesse nela. Ficou olhando pela janela, com as mãos entrelaçadas nas costas, como um capitão na ponte de comando. Não dava para ver o mastro de ferro em meio à chuva forte — nem mesmo como uma sombra —, mas nós o enxergaríamos assim que o raio caísse. *Se* o raio caísse. Até então, nada.

"Talvez Deus *exista*, sim, e Ele está contra Charles Jacobs."

— Cadê a caixa de controle? — perguntei. — E a conexão ao mastro lá fora?

Ele olhou para mim como se eu fosse um imbecil.

— Não há maneira de controlar o poder que se esconde por trás de um raio. Mesmo que a caixa fosse de titânio, o raio a transformaria em cinzas. E a conexão… é *você*, Jamie. Ainda não entendeu por que está aqui? Acha mesmo que eu o trouxe para *fazer comida*?

Assim que ele terminou a frase, não entendi como não tinha percebido antes. Por que demorei tanto tempo. A eletricidade secreta nunca me abandonou. Na verdade, ela nunca abandonou qualquer das pessoas que o pastor Danny havia curado. Às vezes ficava dormente, como a doença que se escondera por tanto tempo no cérebro de Mary Fay. Às vezes despertava e fazia alguém comer terra, jogar sal nos olhos ou se enforcar com a própria calça. O pequeno portal precisava de duas chaves para se abrir. Mary Fay era uma delas.

Eu era a outra.

— Charlie, você precisa parar.

— *Parar?* Você perdeu o juízo?

"Não, foi você quem perdeu", pensei. "Eu recobrei o meu."

Eu só esperava que não fosse tarde demais.

— Tem alguma coisa esperando do outro lado. Astrid chamou de Mãe. Acho que você não vai querer ver o que é, e eu sei que não quero.

Eu me inclinei para tirar a faixa de metal na cabeça de Mary Fay. Ele me agarrou em um abraço de urso e me afastou. Seus braços eram esqueléticos, e eu deveria ser capaz de me libertar dele, mas não consegui, pelo menos não de início. Ele me segurou com toda a força de sua obsessão.

Enquanto lutávamos naquele quarto mal-iluminado e tomado por sombras, o vento perdeu força de repente. A chuva amainou. Pela janela, eu revi o mastro, além de riachos correndo pelos vincos daquele frontão de granito chamado Teto do Céu.

“Graças a Deus”, pensei. “A tempestade está passando.”

Parei de lutar no exato instante em que estava prestes a me desvencilhar. Com isso, perdi a chance de terminar a abominação daquele dia antes que começasse. A tempestade não tinha passado, só estava tomando fôlego antes de atacar com carga máxima. O vento voltou, desta vez com velocidade de furacão, e, na fração de segundo antes do raio, tive outra vez a mesma sensação do dia em que estivera ali com Astrid: todos os pelos do meu corpo se arrepiaram e parecia que o ar no quarto tinha se transformado em óleo. Desta vez não foi um *clique*, mas um ESTALO, tão alto quanto o de uma arma de baixo calibre. Jenny gritou, horrorizada.

Um braço dentado de fogo desceu das nuvens e atingiu o mastro de ferro no Teto do Céu, deixando-o azul. Minha cabeça foi tomada por um imenso coral de vozes que gritavam, e entendi que eram todos os que Charles Jacobs tinha curado, mais aqueles fotografados pela câmera dos Retratos com Raios. Não só os que sofreram efeitos colaterais; todos, aos milhares. Se aquela gritaria tivesse durado dez segundos, eu teria enlouquecido. No entanto, as vozes em agonia perdiam intensidade à medida que o fogo elétrico que envolvia o mastro perdia força, deixando-o com um brilho vermelho-cereja opaco, como ferro em brasa que acabara de sair do fogo.

Mais um ressoar de trovão, e a chuva desceu com toda a força, acompanhada de uma rajada de granizo.

— *Meu Deus!* — gritou Jenny. — *Meu Deus, olhem aquilo!*

O círculo em torno da cabeça de Mary Fay emitia um brilho verde e pulsante. Vi a imagem não só com os olhos, mas também nas profundezas do cérebro, porque eu era a conexão. Eu era o conduíte. O brilho começou a perder força, e um novo raio atingiu o mastro. O coro gritou de novo. Desta vez, a faixa passou do verde para um branco reluzente, brilhante demais para olhar. Fechei os olhos e tapei os ouvidos. No escuro, a imagem remanescente do círculo subsistiu em azul-etéreo.

Os gritos interiores diminuíram. Abri os olhos e vi que o brilho do círculo também perdia força. Jacobs encarava o cadáver de Mary Fay com os olhos arregalados de fascínio. Do lado paralisado da boca, a baba pingava.

O granizo caiu em uma última e furiosa rajada, depois cessou. A chuva começou a amainar. Vi raios caindo em meio às árvores além do Teto do Céu, mas a tempestade já se encaminhava para o leste.

Jenny saiu do quarto de forma abrupta, deixando a porta aberta. Eu a ouvi trombar com alguma coisa enquanto cruzava a sala de estar, e ouvi também o estrondo quando a porta de entrada — que eu lutara para fechar — se abriu e bateu na parede. A enfermeira tinha fugido.

Jacobs nem prestou atenção. Ele se inclinou sobre a falecida, deitada com os olhos cerrados e os cílios negros emoldurando as pálpebras. O círculo voltara a ser apenas metal morto, que, no quarto tomado pelas sombras, não emitia qualquer brilho. Se havia queimadura na testa dela, a marca estava escondida sob a faixa. Duvidei que houvesse, pois teria sentido o cheiro da carne queimada.

— Acorde — disse Jacobs. Como não houve resposta, ele gritou. — Acorde! — insistiu, sacudindo o braço da morta, primeiro com gentileza, depois com força. — Acorde! Acorde, infeliz, *acorde*!

A cabeça balançava de um lado para outro enquanto Jacobs a sacudia, como se estivesse em negação.

— ACORDE, SUA PUTA! ACORDE!

Se não parasse, ele acabaria arrastando o corpo da cama e jogando-o no chão, e eu não suportaria tamanha violação. Agarrei-o pelo ombro direito e o puxei. Saímos cambaleando para trás, em uma dança bizarra, até nos chocarmos contra a cômoda.

Ele se virou para mim com olhos selvagens, tomados de fúria e frustração.

— Me solta! Me solta! Eu salvei sua vida inútil e miserável, e exijo que você...

Então alguma coisa aconteceu.

Um zumbido baixo veio da cama. Soltei Jacobs. O cadáver estava deitado como antes, só que com as mãos estendidas para os lados, por causa do chacoalhar de Charlie.

“Foi só o vento”, pensei. Tenho certeza de que, se houvesse tempo, poderia ter me convencido disso, mas, antes de sequer tentar, o zumbido voltou, vindo da mulher na cama.

— Ela está voltando! — exclamou Charlie. Seus olhos estavam esbugalhados, quase saltando das órbitas, como os de um sapo sufocado por uma criança cruel. — Ela está revivendo. Está *viva*.

— Não.

Se me ouviu, Charlie não fez caso. Toda a sua atenção estava fixa na mulher deitada na cama, a face pálida e ovalada mergulhada nas sombras trêmulas que infestavam o quarto. Ele foi em direção a ela como Ahab no convés do *Pequod*, arrastando a perna ruim e com a língua de fora, no lado que não estava paralisado, lutando para respirar.

— Mary — chamou ele. — Mary Fay.

O zumbido voltou, baixo e monocórdio. Os olhos permaneceram fechados, mas percebi, com um arrepio de horror, que se mexiam debaixo das pálpebras, como se, na morte, ela sonhasse.

— Está me ouvindo? — A voz dele estava seca e traía uma ânsia quase lasciva. — Se estiver me ouvindo, dê um sinal.

O zumbido continuou. Jacobs pôs a palma da mão no seio esquerdo dela, depois se voltou para mim — sorrindo, para minha incredulidade. Na penumbra, ele parecia a cabeça da morte.

— O coração não está batendo — constatou. — Mesmo assim, ela está viva. *Viva!*

"Não", pensei. "Ela está esperando, mas a espera está quase no fim."

Jacobs se virou e baixou o rosto paralisado até ficar a centímetros da face da falecida: um Romeu com sua Julieta.

— *Mary!* Mary Fay! Volte para nós! Volte e nos diga onde esteve!

Se já é difícil pensar no que aconteceu depois, imagine pôr no papel, mas é preciso, no mínimo como alerta para alguém que esteja pensando em brincar com a danação e, ao ler este texto, desista da empreitada.

Ela abriu os olhos.

Mary Fay abriu os olhos, mas já não eram olhos *humanos*. O raio destruíra a tranca de uma porta que jamais deveria ter sido aberta, e a Mãe entrou.

No início, os olhos eram azuis. De um azul brilhante. Mas nada havia neles. Estavam absolutamente vazios. Ficaram olhando para o teto através do rosto ávido de Jacobs, e através do teto, e através do céu nublado. Então voltaram. Registraram Jacobs, e aí algum entendimento — alguma compreensão — se apossou deles. Ela zumbiu novamente, mas não a vi respirar uma única vez. Por que respiraria? Ela era uma coisa morta... com exceção daqueles olhos fixos inumanos.

— Onde você esteve, Mary Fay? — A voz dele tremia. A saliva continuava pingando do lado ruim da boca, deixando manchas úmidas no lençol. — Onde esteve? O que viu? O que espera além da morte? *O que está do outro lado?* Diga!

A cabeça dela começou a pulsar, como se o cérebro morto estivesse grande demais para a caixa craniana. Os olhos começaram a escurecer: primeiro púrpura, depois roxo, depois índigo. Os lábios se moveram em um sorriso que se ampliou até exibir todos os dentes. Uma das mãos se mexeu sobre as cobertas como uma aranha e agarrou o pulso de Jacobs. Ele arfou com o agarrão gelado e ergueu a mão livre, em busca de equilíbrio. Eu a segurei, e assim nós três — dois vivos, uma morta — estávamos conectados. A cabeça de Mary pulsava no travesseiro. Crescendo. *Inflando*. Ela já não era linda, tampouco humana.

O quarto não desapareceu; ainda estava lá, mas percebi que era uma ilusão. O chalé era uma ilusão, e o Teto do Céu, e o resort. O que eu pensava ser a realidade era apenas uma tela, tão fina quanto uma meia-calça de nylon.

O mundo *real* estava atrás.

Blocos de basalto se elevavam até um céu escuro e perfurado por estrelas uivantes. Acho que esses blocos eram o que restou de uma enorme cidade arruinada. Estavam cravados em uma terra estéril. Estéril, sim, mas não vazia. Uma coluna ampla e aparentemente infinita de seres humanos nus marchava ali, cabisbaixos e aos tropeções. Esse cortejo de pesadelo se estendia até o horizonte. Os humanos eram comandados por criaturas que lembravam formigas, a maioria negras, algumas vermelhas como sangue

venoso. Quando os humanos caíam, as coisas-formiga se lançavam sobre eles, mordendo e batendo, até que os corpos se postassem em pé. Vi homens jovens e mulheres velhas. Vi adolescentes com bebês nos braços. Vi crianças tentando se ajudar. E, em cada rosto, a mesma expressão de horror vazio.

Eles marchavam sob as estrelas uivantes, caíam e eram punidos com mordidas nos braços, nas pernas e no abdômen. A carne se abria, mas o sangue não derramava. Não havia sangue porque aqueles eram os mortos. A tola miragem da vida terrestre fora arrancada e, em vez do paraíso que os pregadores prometiam, o que os esperava era uma cidade morta de blocos de pedra titânicos sob um céu que, por sua vez, era uma tela. As estrelas uivantes não eram estrelas. Eram *buracos*, e os uivos que deles emergiam vinham do verdadeiro *potestas magnum universum*. Além do céu havia *entidades*. Essas eram vivas, todo-poderosas e absolutamente insanas.

"Os efeitos colaterais são fragmentos de alguma existência desconhecida além de nossa vida", dissera Charlie, e essa existência estava próxima daquele local estéril, um mundo prismático de verdade insana que enlouqueceria qualquer homem ou mulher que o vislumbrasse. As coisas-formiga serviam a essas grandes entidades, assim como os mortos nus em marcha serviam às coisas-formiga.

Talvez a cidade não fosse exatamente uma cidade, mas uma espécie de formigueiro onde todos os mortos da Terra fossem escravizados e depois comidos. E, quando isso acontecesse, será que morreriam de fato? Talvez não. Eu não queria me lembrar do dístico que Bree citara no e-mail, mas não consegui evitar: "Não está morto o que pode em eterno jazer/ Em estranhos éons, mesmo a morte pode morrer".

Em algum lugar daquela horda estavam Patsy Jacobs e Chaveirinho. Em algum lugar estava Claire — que merecia o paraíso, mas recebera aquilo: um mundo estéril sob estrelas ocas, um reino-sepulcro guardado por coisas-formiga, às vezes rastejantes, às vezes eretas, cujas caras repulsivas sugeriam rostos humanos. *Esse horror era o pós-vida, que esperava não só pelos pecadores entre os justos, mas por todos nós.*

Minha mente começou a vacilar. Era um alívio, e quase me rendi. Uma ideia salvou minha sanidade, e ainda me agarro a ela: a possibilidade de que a terra arrasada também fosse uma miragem.

— *Não!* — gritei.

Os mortos em marcha se viraram em direção à minha voz. As coisas-formiga fizeram o mesmo, as mandíbulas rangendo e os olhos brilhando de ódio (cheios de ódio, mas *inteligentes*). O céu começou a se rasgar com um ruído titânico. Uma enorme perna negra coberta de tufos espinhosos abria caminho pelo tecido. A perna acabava em uma enorme garra feita de rostos humanos. Seu dono só queria uma coisa: silenciar a voz da negação.

Era a Mãe.

— *Não!* — gritei outra vez. — *Não, não, não, não!*

O que causava a visão era nossa conexão com a morta revivida; mesmo em meu horror extremo, eu sabia disso. A mão de Jacobs se agarrou à minha como uma algema. Se fosse a direita — a mão *boa* —, eu nunca teria me libertado a tempo. No entanto, era a esquerda, enfraquecida. Puxei com toda a vontade para escapar daquela perna obscena que se estendia em minha direção e daquela garra de rostos que me procurava aos gritos, querendo me puxar para o desconhecido universo de terror que esperava por trás daquele céu de papel preto. Através do rasgo no firmamento, eu via luzes e cores insanas

que jamais deveriam ser vistas por criaturas mortais. As cores tinham vida. Eu as sentia rastejar sobre mim.

Dei um último puxão para me libertar da mão de Charlie e caí aos trancos para trás. A planície vazia, a vasta cidade partida, a garra que vinha me pegar: tudo desapareceu. Eu estava de volta ao quarto do chalé, jogado no chão. Meu velho quinto personagem estava de pé ao lado da cama. Mary Fay — ou seja lá que criatura sombria a eletricidade secreta de Jacobs tinha invocado para o cadáver e o cérebro dela — estava agarrada à mão dele. A cabeça da mulher se tornara uma enorme água-viva com um rosto humano toscamente desenhado. Os olhos eram negros e sem brilho. O sorriso... você diria que ninguém ri de orelha a orelha *de verdade*, que é só maneira de falar, mas a morta que não estava morta fazia exatamente isso. A metade inferior do rosto tinha se tornado um poço escuro que tremia e pulsava.

Jacobs a encarava com olhos esbugalhados. O rosto dele estava amarelado como um queijo.

— Patricia? Patsy? Cadê você? Cadê o Morrie?

A coisa falou pela primeira e última vez.

— *Foram servir aos Grandes, no Vazio. Sem morte, sem luz, sem descanso.*

— Não. — O nó no peito de Jacobs se traduziu em um grito. — *Não!*

Ele tentou se soltar. Ela — a *coisa* — o segurou com força.

Da bocarra da falecida começou a sair uma perna negra com uma garra flexível na ponta. A garra estava viva; era um rosto. Reconheci. Era Chaveirinho, e ele gritava. Os lábios mortos emitiram um sussurro medonho ao serem atravessados pela perna; em meus pesadelos, ainda o escuto. A perna se projetou, se esticou, tocou o lençol e começou a arranhar o tecido como se fosse um dedo sem pele, deixando marcas de queimadura que soltavam finos tentáculos de fumaça. Os olhos negros da coisa que um dia fora Mary Fay estavam cada vez maiores e mais esbugalhados. Eles se juntaram sobre o nariz e se tornaram uma única e enorme orbe que olhava com uma avidez inexpressiva.

A cabeça de Charlie vergou para trás, e a boca começou a emitir um gargarejo. Ele estava na ponta dos pés, fazendo um esforço galvânico para se libertar de uma vez da garra da coisa que tentava sair daquele submundo doentio que agora sei estar tão perto do nosso. Então Charlie caiu de joelhos e tombou para a frente, com a testa na cama. Parecia estar orando.

A coisa o soltou e voltou sua indescritível atenção para mim. Livrou-se do lençol e lutou para se levantar, com a perna negra de inseto ainda se projetando para fora da goela escancarada. O rosto de Patsy se juntou ao de Morrie. Eles se contorceram até se dissolverem em um só.

Consegui me levantar apoiando as costas na parede e me empurrando contra ela com as pernas. O rosto inchado e pulsante de Mary Fay estava cada vez mais escuro, como se a coisa dentro dela a estrangulasse. Aquele olho negro e liso me olhava, e nele eu via o reflexo da cidade ciclópica e da infinita coluna de mortos em marcha.

Não me lembro de abrir a gaveta da cômoda. Só sei que, de um instante para outro, o revólver estava em minha mão. Acho que, se fosse uma pistola automática com o pino de segurança travado, eu teria ficado ali, apertando o gatilho inerte, até que a coisa se erguesse, se arrastasse pelo quarto e me agarrasse. A garra poderia ter me puxado para aquela boca enorme e me levado para o outro mundo, onde eu sofreria uma punição indescritível por ter tido a ousadia de dizer uma palavra: *não*.

Mas não era uma pistola automática. Era um revólver. Atirei cinco vezes, e quatro das balas atingiram a coisa que tentava se erguer do leito de morte de Mary Fay. Tenho uma razão para saber exatamente quantos tiros dei. Ouvi o estampido, vi os flashes dos disparos na penumbra, senti os coices da arma em minha mão, mas tudo isso parecia acontecer com outra pessoa. A coisa se contorceu e caiu para trás. Os rostos dissolvidos gritaram com as bocas unidas. Eu me lembro de pensar: "Não dá para matar a Mãe com balas, Jamie. Não, não dá".

Mas ela já não se mexia. A obscenidade que tinha saído da boca da coisa estava tombada e se arrastava sobre o travesseiro, exaurida. Os rostos da mulher e do filho de Jacobs estavam desaparecendo. Cobri os olhos e gritei, gritei sem parar. Gritei até ficar rouco. Quando baixei as mãos, a garra tinha desaparecido. A Mãe também.

"Se é que ela esteve lá", você poderia dizer, e não o culpo. Eu não teria acreditado em mim, se não estivesse lá. Mas estive. *Eles* estavam — os mortos. E *ela* estava.

Naquele momento, no entanto, havia apenas Mary Fay, uma mulher cuja serenidade pós-morte fora destruída por quatro balas disparadas contra o seu cadáver. Ela estava ali caída, toda torta, com a cabeleira desgrenhada e a mandíbula pendurada. Dava para ver dois buracos de bala na camisola e mais dois abaixo, no lençol que estava enrolado em torno de seus quadris. Também dava para ver as marcas de queimadura deixadas por aquela garra tenebrosa, embora já não restasse sinal dela.

Jacobs começou a tombar para a esquerda muito lentamente. Fui em direção a ele, mas o movimento pareceu lento e irreal. Nem cheguei perto de segurá-lo. Ele desabou de lado no chão, com os joelhos ainda dobrados. Os olhos estavam bem abertos, mas vidrados. Em seu rosto havia estampada uma expressão de horror indescritível.

"Charlie, parece que você acabou de levar um tremendo choque", pensei e comecei a gargalhar. Ah, como eu gargalhei! Eu me inclinei para a frente, segurando os joelhos para não cair. Era quase silenciosa, aquela gargalhada — os gritos tinham exaurido a minha voz —, mas era sincera. Porque *era* engraçado. Dá para ver a graça, não? Um choque tremendo! Um desdobramento chocante! Hilário!

No entanto, durante todo o tempo em que fiquei rindo — convulsiva e descontroladamente —, mantive os olhos em Mary Fay, esperando que a perna negra e peluda começasse a sair outra vez pela boca, parindo aqueles rostos que não paravam de gritar.

Por fim, saí cambaleando daquela câmara ardente e cruzei a sala de estar. Alguns galhos partidos estavam caídos no tapete, soprados para dentro pela porta que Jenny Knowlton deixara aberta. Eles estalaram como ossos sob meus pés, e eu quis gritar de novo, mas estava cansado demais. Ah, como eu estava exausto.

As pilhas de nuvens de tempestade se encaminhavam para leste, lançando raios ramificados a esmo pelo caminho. Em pouco tempo as ruas de Brunswick e Freeport estariam inundadas e os bueiros ficariam temporariamente entupidos pelo granizo. Mas, entre as nuvens negras e o lugar onde eu estava, um arco-íris multicor surgiu sobre todo o Condado de Androscoggin. Não houvera um arco-íris na primeira vez em que Astrid e eu estivemos ali?

"Deus deu a Noé o sinal do arco-íris." Era o que cantávamos nos encontros da Juventude Metodista das noites de quinta, enquanto Patsy Jacobs se balançava na banqueta do piano e seu rabo de cavalo ia de um lado a outro. O arco-íris deveria ser um

sinal de *bonança*, pois significava que a tempestade tinha passado, mas aquele me encheu de horror e asco, porque me lembrava de Hugh Yates. Hugh e seus prismáticos. Hugh, que também tinha visto as coisas-formiga.

O mundo começou a escurecer. Percebi que estava prestes a desmaiar, e aquilo era bom. Talvez, quando acordasse, minha mente apagasse tudo aquilo de minha memória. Seria ainda melhor. Até a loucura seria melhor... desde que não houvesse a Mãe.

A morte seria o melhor de tudo. Robert Rivard sabia disso. Cathy Morse também. Então me lembrei do revólver. Com certeza ainda havia uma bala para mim, mas isso não seria solução. Talvez fosse, se eu não tivesse ouvido o que a Mãe dissera a Jacobs: "Sem morte, sem luz, sem descanso".

Só os Grandes, dissera.

No Vazio.

Meus joelhos vacilaram, escorreguei ao lado da porta e fui ao chão. E então desmaiei.

XIV

Efeitos colaterais.

Tudo isso aconteceu há três anos. Hoje moro em Kailua, perto do meu irmão Conrad. É uma bela cidade litorânea no Havaí. Moro na rua Oneawa, em um bairro bem longe da praia e ainda mais longe de ser badalado, mas o apartamento é espaçoso e barato, pelo menos para o Havaí. Além disso, fica perto da estrada Kuulei, algo que preciso levar em conta. O Centro Psiquiátrico Brandon L. Martin fica na estrada Kuulei, e é lá que meu psiquiatra tem consultório.

Edward Braithwaite diz que tem quarenta e um anos, mas, para mim, ele parece ter trinta. Descobri que, quando se tem sessenta e um anos — idade que completarei em agosto —, todos aqueles entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos parecem ter trinta. É difícil levar a sério alguém que parece mal ter saído das fraldas, mas me esforço bastante com Braithwaite, porque ele já me fez muito bem... embora precise dizer que os antidepressivos fizeram mais. Sei que muita gente não gosta deles. Dizem que os comprimidos abafam pensamentos e emoções, e posso testemunhar que sim.

Graças a Deus.

Conheci Ed graças a Con, que desistiu do violão em prol dos esportes e desistiu dos esportes em prol da astronomia... embora se ele ainda seja um monstro no vôlei e não faça feio quando está em uma quadra de tênis.

Contei ao dr. Braithwaite tudo o que você leu nestas páginas. Não escondi nada. É claro que ele não acredita muito na história — quem em sã consciência acreditaria? —, mas que alívio foi contar tudo! E certos elementos o fizeram parar para pensar, pois são verificáveis. O pastor Danny, por exemplo. Até hoje, uma busca no Google por esse nome gera quase um milhão de resultados. Veja por si mesmo, se não acredita. Se as

curas foram reais ou não, ainda há controvérsias, mas o mesmo se aplica até ao papa João Paulo II, que supostamente curou uma freira francesa do Mal de Parkinson enquanto ainda estava vivo e uma costa--riquenha de um aneurisma, seis anos depois de morrer (excelente truque!). O que aconteceu com muitos dos curados por Charlie — o que fizeram a si próprios e a outrem — também é mais factual do que conjectural. Ed Braithwaite acredita que costurei esses fatos na minha narrativa para dar verossimilhança. Ele disse isso com quase todas as letras durante uma sessão no ano passado, quando citou Jung: "Os confabuladores mais brilhantes do mundo estão em hospícios".

Eu não estou em um hospício. Quando a sessão no Centro Psiquiátrico Martin acaba, estou livre para ir embora e voltar para meu apartamento silencioso e ensolarado. Sou grato por isso. Também sou grato por estar vivo, porque muitos dos que foram curados pelo pastor Danny não estão. Entre o verão de 2014 e o outono de 2015, dezenas deles cometeram suicídio. Talvez centenas — é difícil ter certeza. Não consigo deixar de imaginá-los despertando naquele outro mundo, marchando nus sob as estrelas uivantes, fustigados por terríveis formigas-soldado, e me sinto muito feliz por não estar entre eles. Acho que a gratidão pela vida, seja por que razão for, indica que alguém conseguiu se agarrar ao cerne da sanidade. Eu, porém, preciso conviver com o fato de que parte da minha sanidade se foi para sempre — amputada, como um braço ou uma perna, pelo que vi no leito de morte de Mary Fay.

E, durante cinquenta minutos, todas as terças e quintas, entre as 14h e as 14h50, eu falo.

E como falo.

Na manhã após a tempestade, acordei em um dos sofás do lobby do Resort da Montanha do Bode. Meu rosto doía e minha bexiga estava estourando, mas eu não queria me aliviar no banheiro masculino que ficava do outro lado do restaurante. Havia espelhos lá, e eu não queria ver meu reflexo nem por decreto.

Saí para mijar e encontrei um dos carrinhos de golfe do resort batido contra a escada da varanda. Havia sangue no banco e no painel rudimentar. Olhei para minha camisa e vi mais sangue. Quando limpei o nariz inchado, uma crosta vermelho-escura se esfarelou em meus dedos. Percebi que eu dirigira o carrinho de golfe e acabara batendo e machucando o rosto, embora não lembrasse.

Dizer que eu não queria voltar ao chalé no Teto do Céu não chegava nem perto de expressar meu sentimento, mas era preciso. Entrar no carrinho de golfe foi a parte fácil. Seguir pela trilha em meio ao bosque foi mais difícil, e, cada vez que eu parava para tirar os galhos caídos do caminho, menos vontade tinha de continuar. Meu nariz latejava e a cabeça estava quase explodindo de dor por causa da tensão.

A porta ainda estava aberta. Parei o carrinho, desci e, em um primeiro momento, só consegui ficar ali parado, esfregando o nariz inchado até voltar a sangrar. O dia estava

lindo e ensolarado — a tempestade varrera o calor e a umidade —, mas a sala além daquela porta aberta era uma caverna de sombras.

"Não há com o que se preocupar", disse eu a mim mesmo. "Nada vai acontecer. Acabou."

E se não tivesse acabado? E se *alguma coisa* ainda estivesse acontecendo?

E se *ela* estivesse esperando por mim, pronta para me pegar com a garra feita de rostos?

Eu me obriguei a subir os degraus, um de cada vez, e, quando ouvi o grasnado desagradável de um corvo vindo do bosque atrás de mim, me encolhi todo, gritei e cobri a cabeça. Só não saí correndo porque, se não visse o que estava ali dentro, o leito de morte de Mary Fay me assombraria pelo restante da vida.

Não havia abominação pulsante com um único olho negro. A Paciente Ômega de Charlie jazia no mesmo lugar onde eu a vira pela última vez, com dois buracos de bala na camisola e mais dois no lençol, em torno dos quadris. A boca estava aberta, e, embora não houvesse sinal daquela horrível extrusão negra, nem tentei me convencer de que tinha imaginado aquilo tudo. Eu sabia a verdade.

A faixa de metal, então já fosca e escura, ainda circundava sua cabeça.

A posição de Jacobs tinha mudado. Em vez de deitado de lado perto da cama, com os joelhos dobrados, ele estava sentado no outro lado do quarto, apoiado na cômoda. Meu primeiro pensamento foi de que ele não estava morto ao cair. O terror do que tinha acontecido ali causara outro derrame, porém não fulminante. Ele recobrara a consciência, se arrastara até a cômoda e morrera ali.

Poderia ter sido assim, não fosse o revólver na mão dele.

Olhei para aquilo durante um bom tempo, cenho franzido, tentando lembrar. Não consegui naquele momento, e depois recusei a oferta de Ed Braithwaite, que pretendia me hipnotizar para recuperar as lembranças bloqueadas. Recusei em parte por temer o que a hipnose poderia libertar das áreas mais sombrias da minha mente, mas, principalmente, por saber o que deve ter acontecido.

Eu me afastei do corpo de Charlie (que ainda trazia a expressão de horror estampada no rosto) e fui ver Mary Fay. Eu tinha disparado o revólver cinco vezes, não restava dúvida, mas só quatro balas a atingiram. Uma se perdeu, o que não é de surpreender, dado o meu estado mental. Mas, quando olhei para a parede, vi *dois* buracos de bala.

Eu tinha ido ao resort, depois voltara ali, na noite anterior? Era possível, mas acho que não teria sido capaz disso, mesmo durante um blecaute. Não, eu tinha arrumado aquela cena antes de sair. *Então* voltei, bati o carrinho de golfe, subi a escada aos trancos e barrancos e caí no sono no lobby.

Charlie não se arrastou pelo quarto, eu o puxei, o encostei na cômoda, coloquei a arma em sua mão e atirei contra a parede. Os policiais que descobrissem aquela cena bizarra talvez nem procurassem por resíduos na mão de Charlie, mas, se procurassem, encontrariam.

Tive vontade de cobrir o rosto de Mary Fay, mas tudo tinha que ser deixado exatamente como estava, e o que eu queria, acima de tudo, era escapar daquele quarto de sombras. Demorei mais um instante, no entanto. Eu me ajoelhei ao lado de meu velho quinto personagem e toquei seu pulso magro.

— Você devia ter parado, Charlie. Você devia ter parado há muito tempo.

Mas será que ele conseguiria? Seria fácil dizer que sim, porque com isso eu poderia pôr a culpa nele. Só que também teria que me culpar, porque, assim como ele, eu não parei. A curiosidade é uma coisa terrível, mas é humana.

Humana demais.

— **Nunca estive lá** — afirmei ao dr. Braithwaite. — Foi isso que decidi, e só havia uma pessoa que poderia testemunhar em contrário.

— A enfermeira — concluiu Ed. — Jenny Knowlton.

— Pensei que ela não teria escolha senão me ajudar. Precisávamos nos ajudar, e a melhor maneira seria dizer que saímos da montanha do Bode juntos, quando Jacobs surtou e disse que precisávamos desligar os aparelhos de Mary Fay. Jenny aceitaria a encenação, com certeza, no mínimo para garantir que eu jamais mencionasse sua participação. Eu não tinha o celular dela, mas Charlie, sim, eu sabia. A agenda dele estava na Suíte Cooper e, como esperado, o número estava lá. Liguei, e caiu na caixa postal. Pedi que ela me ligasse de volta. O número de Astrid também estava na agenda, então liguei para ela em seguida.

— E também caiu na caixa postal.

— Isso. — Cobri o rosto com as mãos. Os dias em que Astrid poderia atender ao telefone já tinham se esgotado. — Exatamente isso.

Eis o que aconteceu: Jenny voltou ao resort em seu carrinho de golfe, entrou no Subaru e fez todo o caminho de volta a Mount Desert Island sem parar. Só queria o conforto do lar. Isso significava Astrid, que, sem dúvida, esperava por ela. Os corpos foram encontrados dentro de casa, bem ao lado da porta de entrada. Astrid deve ter enfiado a faca de açougueiro na garganta da parceira assim que ela entrou. Depois a usou para cortar os pulsos. Cortou de um lado a outro, a técnica menos recomendável... mas o corte foi até os ossos. Imagino as duas deitadas em uma poça de sangue coagulado, enquanto o telefone de Jenny, na bolsa, tocou primeiro, e logo depois o de Astrid, na bancada da cozinha, sob o porta-facas de parede. Eu *não quero* imaginar a cena, mas não consigo evitar.

Nem todos os curados por Jacobs se mataram, mas, ao longo dos dois anos seguintes, muitos cometeram suicídio. Nem todos levaram junto algum ente querido, porém mais de cinquenta o fizeram. Sei disso por causa de minhas pesquisas, que compartilhei com Ed Braithwaite. Ele bem que gostaria de colocar esses casos na conta das coincidências, mas não consegue. No entanto, faz questão de contestar minha conclusão sobre esse cortejo de loucuras, suicídios e assassinatos: que a Mãe exige sacrifícios.

Patricia Farmingdale, a mulher que jogou sal nos olhos, recuperou parte da visão e, com isso, foi capaz de asfixiar o pai idoso enquanto ele dormia e depois estourar os próprios miolos com a pistola Ruger do marido. Emil Klein, o comedor de terra, atirou na mulher e no filho, depois foi até a garagem, se ensopou com a gasolina do cortador de grama e acendeu um fósforo. Alice Adams, curada de câncer em um encontro de reavivamento em Cleveland, entrou em uma loja de conveniência com o AR-15 do namorado e o descarregou, matando três pessoas. Quando o pente ficou vazio, puxou uma .38 de cano curto do bolso e atirou no céu da boca. Margaret Tremayne, uma das curas do pastor Danny em San Diego (doença de Crohn), jogou o filho pequeno da varanda do apartamento de nono andar, depois pulou. Testemunhas disseram que ela não emitiu um som sequer enquanto caía.

E tem o caso de Al Stamper. Você já deve saber o que aconteceu: quem não leu as manchetes em letras garrafais dos tabloides? Ele convidou as duas ex-mulheres para jantar, mas uma — a segunda, se não me engano — ficou presa no trânsito e se atrasou, para sorte dela. Quando entrou pela porta aberta da casa de Stamper em Westchester, ela descobriu a Mulher Número Um amarrada a uma cadeira na mesa de jantar, com o topo da cabeça afundado. O ex-vocalista dos Vo-lites saiu da cozinha brandindo um taco de beisebol manchado de sangue e cheio de cabelo grudado. A Mulher Número Dois saiu correndo da casa, gritando, com Stamper atrás dela. Depois de descer correndo metade da rua residencial, ele foi ao chão, fulminado por um ataque cardíaco. Nenhuma surpresa, pois era um peso-pesado.

Tenho certeza de que não encontrei todos os casos, espalhados pelo país e enterrados em meio às irrupções diárias de violência sem sentido nos Estados Unidos. Bree teria encontrado outros, mas ela não me ajudaria mesmo que ainda fosse solteira e morasse no Colorado. Bree Donlin-Hughes não quer me ver nem pintado de ouro hoje em dia, e entendo perfeitamente.

Pouco antes do Natal do ano passado, Hugh ligou para a mãe de Bree e pediu a ela que fosse até o escritório na casa-grande. Disse que tinha uma surpresa para ela, e tinha mesmo. Estrangulou a antiga amante com o fio do abajur, levou o corpo até a garagem e o colocou no banco do carona do antigo Lincoln Continental. Depois foi para o lado do motorista, ligou o motor, botou um rock para tocar no rádio e morreu asfixiado.

Bree sabe que prometi ficar longe de Jacobs... e sabe que eu menti.

— **Vamos supor que tudo seja verdade** — disse Ed Braithwaite, durante uma de nossas sessões mais recentes.

— Que ousadia a sua — respondi.

Ele sorriu, mas não perdeu o rebolado.

— Mesmo assim, isso não quer dizer que sua visão infernal da outra vida seja *real*. Eu sei que a imagem ainda o persegue, Jamie, mas considere todas as pessoas, inclusive João de Patmos, autor do Livro do Apocalipse, que tiveram visões do paraíso e do inferno. Anciãos... Anciãs... Até crianças disseram ter visto o que há por trás do véu. *O céu é de verdade* trata basicamente da visão do pós-vida de um menino que quase morreu quando tinha quatro anos...

— Colton Burpo. Eu li. Fala de um cavalo que só Jesus pode cavalgar.

— Pode fazer piada — disse Braithwaite, dando de ombros. — É fácil ironizar um relato desses... mas Burpo também encontrou uma irmã que morreu em um aborto natural, e, na época, não sabia nada a respeito disso. São informações verificáveis. Como todos esses assassinatos seguidos de suicídio.

— São muitos assassinatos seguidos de suicídio, mas Colton só encontrou uma irmã. A diferença é de um para vários. Nunca fiz curso de estatística, mas sei disso.

— Não tenho problemas em admitir que a visão do menino sobre a outra vida é falsa, porque ela corrobora minha tese de que a sua visão também é, com a cidade estéril, as coisas-formiga, o céu de papel preto. Você vê aonde quero chegar, não vê?

— Claro, e adoraria concordar com você.

Claro que adoraria. Qualquer um adoraria. Porque todo homem e toda mulher vão morrer, e a ideia de ir para o lugar que vi fez mais do que lançar uma sombra sobre minha vida: fez minha vida parecer frágil e insignificante. Aliás, não só a minha vida — *qualquer* vida. Então eu me agarro a um pensamento. É meu mantra, a primeira coisa que digo a mim mesmo de manhã e a última coisa que digo à noite.

A Mãe mentiu.

A Mãe mentiu.

A Mãe mentiu.

Às vezes, quase acredito... mas existem razões para que eu não consiga crer.

Existem *sinais*.

Antes de voltar a Nederland — onde eu descobriria que Hugh tinha se matado depois de assassinar a mãe de Bree —, fui até minha casa em Harlow. Havia duas razões. Depois que o corpo de Jacobs fosse encontrado, a polícia poderia entrar em contato comigo e perguntar o que fiz enquanto estive no Maine. Aquilo parecia importante (embora, no fim das contas, eles nunca tenham perguntado), mas havia algo ainda mais importante: eu precisava do conforto de um lugar familiar e de pessoas que me amavam.

Não consegui.

Você se lembra de Cara Lynne, não é? Minha sobrinha-neta. A que eu carreguei para todo lado na festa em 2013, até que ela dormisse em meu ombro? A que esticava os bracinhos sempre que eu chegava perto? Quando entrei na casa onde tinha crescido, Cara Lynne estava entre a mãe e o pai, sentada em uma velha cadeira de alimentação em que eu mesmo já devia ter me sentado. Quando me viu, a menininha desatou a gritar e a se jogar de um lado para outro com tanta violência que teria caído no chão se o pai não a tivesse segurado. Ela enterrou o rosto no peito dele, ainda aos berros. Só parou quando Terry, o avô, foi comigo até a varanda.

— O que foi *isso*? — perguntou ele, meio brincando. — Da última vez, ela não conseguia ficar longe de você.

— Não sei — respondi, mas é claro que sabia. Eu queria passar uma noite, talvez duas, sorvendo a normalidade como um vampiro sorve sangue, mas vi que não ia dar certo. Eu não sabia exatamente o que Cara Lynne sentira em mim, mas jamais queria ver aquele rostinho tomado de horror de novo.

Falei para Terry que tinha passado só para dar um alô, que não podia ficar nem para o jantar, pois precisava pegar o avião em Portland. Disse que estava em Lewiston, gravando uma banda de que Norm Irving tinha falado. Ele acreditava que os caras tinham potencial para fazer sucesso em todo o país.

— E têm? — perguntou ele.

— Não mesmo. O som é alternativo demais. — Fiz um teatro e olhei para o relógio.

— Não se preocupe com o avião. Você pode pegar outro voo. Entre para jantar com a família, caçulinha. Cara Lynne vai se acalmar.

Eu tinha certeza de que não.

Menti para Terry que tinha sessões de gravação marcadas em Wolfjaw e não poderia perder de jeito nenhum. Disse que ficava para outra vez. E, quando ele estendeu os braços, eu o abracei com força, sabendo que era bem possível que nunca mais nos víssemos. Eu ainda não sabia dos assassinatos e suicídios, mas já sabia que carregava algo venenoso, e que provavelmente carregaria pelo resto da vida. A última coisa que eu queria era infectar as pessoas que amava.

Na volta para o carro alugado, parei e fiquei olhando para a faixa de terra entre o jardim e a estrada dos Metodistas. A rua já estava pavimentada fazia anos, mas a faixa de terra continuava igual àquela em que eu brincava com os soldadinhos que minha irmã me dera quando fiz seis anos. Eu estava ajoelhado ali, brincando com eles, naquele dia de outono de 1962 em que uma sombra se abateu sobre mim.

A sombra persiste.

— *Você* já matou alguém?

Ed Braithwaite me fez essa pergunta várias vezes. É, acredito, o que se chama de "repetição periódica". Eu sempre sorrio e respondo que não. É verdade que meti quatro

balas na pobre Mary Fay, mas ela já estava morta, e Charles Jacobs morreu de um derrame de proporções cataclísmicas. Se não tivesse acontecido naquele dia, teria acontecido em outro, provavelmente antes do final do ano.

— E você obviamente não cometeu suicídio — continuou Ed, rindo também. — A menos que você seja uma alucinação, é claro.

— Não sou.

— Você não tem um impulso?

— Não.

— Nem como possibilidade teórica? Um que o tome na calada da noite, talvez, quando você não consegue dormir?

— Não.

Minha vida nesses dias está longe de ser feliz, mas os antidepressivos me deixaram com os pés no chão. O suicídio não é uma hipótese para mim, e, dado o que pode vir após a morte, quero viver o máximo possível. E tem mais uma coisa: certo ou errado, eu sinto que preciso compensar muitos erros. Por causa disso, ainda tento ser um homem caridoso. Faço comida no sopão da instituição Harbor House, na rua Aupupu. Duas vezes por semana, sou voluntário do programa de assistência da Goodwill, que fica perto da confeitaria Nene Goose. Quem está morto não pode compensar erro algum.

— Diga uma coisa, Jamie: por que você é a cobaia especial que não se sente compelida a pular do penhasco? Por que você é imune?

Eu me limito a sorrir e dar de ombros. Até poderia explicar, mas ele não acreditaria. Mary Fay era a porta de entrada da Mãe para o nosso mundo, mas eu era a chave. Atirar em um cadáver não mata nada — não que um ente imortal como a Mãe *pudesse* ser morto —, mas, quando disparei o revólver, eu tranquei a porta. Usei mais do que a boca para dizer "não". Se dissesse ao meu psiquiatra que um ente do além, um dos Grandes, estava me poupando para um ato de vingança apocalíptico por causa daquele "não", ele poderia começar a pensar em internação compulsória. E isso eu não quero, porque tenho outra obrigação, uma que considero muito mais importante do que ajudar na Harbor House ou separar roupas na Goodwill.

Ao fim de cada sessão com Ed, eu pago à recepcionista com cheque. Posso pagar porque o guitarrista de rock itinerante que virou engenheiro de gravação é hoje um homem rico. Irônico, não é? Hugh Yates não tinha herdeiros e deixou para trás uma fortuna considerável (que passou do bisavô para o avô, deste para o pai e chegou até ele). Houve várias deixas testamentárias de menor valor, inclusive doações em dinheiro para Malcolm "Mookie" McDonald e Hillary Katz (também conhecida como Estrela Pagã), mas a maior parte do legado deveria ser dividida entre Georgia Donlin e eu.

Como Georgia morreu pelas mãos de Hugh, essa deixa testamentária em particular poderia render a advogados especialistas em família e sucessões uns vinte anos

de ruminações judiciais e custas saborosas, mas, como não havia ninguém para ficar contando centavos (eu certamente não faria isso), não houve disputa. Os advogados de Hugh contataram Bree e explicaram a ela que, como filha da falecida, ela poderia reivindicar direitos sobre o espólio.

Só que Bree não queria reivindicar coisa alguma. O advogado que cuidava da minha parte no processo me informou que ela considerava o dinheiro de Hugh "contaminado". Talvez sim, mas eu não tinha problema algum em ficar com a parte que me cabia. Um tanto porque eu não tinha qualquer relação com a cura de Hugh, mas principalmente porque já me considerava contaminado e achava melhor viver essa contaminação no conforto do que na pobreza. Não tenho ideia do que aconteceu aos milhões destinados a Georgia, nem faço a menor questão de saber. Conhecimento demais não faz bem. Hoje eu sei.

Finda a sessão e paga a conta, saio do consultório de Ed Braithwaite na clínica. Do lado de fora há um amplo corredor acarpetado e vários outros consultórios. Uma virada à direita me levaria de volta ao lobby, depois à estrada Kuulei. Só que eu não viro à direita, mas à esquerda. Ed foi apenas um acaso feliz. Meu contato inicial no Centro Psiquiátrico Brandon L. Martin foi para tratar de outro assunto.

Desço o corredor e cruzo o jardim perfumado e muito bem-cuidado, o coração verde das amplas instalações. Os pacientes ficam sentados enquanto são banhados pelo franco sol do Havaí. Muitos usam roupas comuns, outros estão de pijama, uns poucos (os recém-chegados, imagino) usam camisola de hospital. Alguns conversam, seja com outros pacientes ou amigos imaginários. Outros simplesmente permanecem sentados, fitando árvores e flores com o olhar vazio de quem está entupido de remédios. Dois ou três têm acompanhantes, caso contrário poderiam machucar a si mesmos ou aos outros. Os acompanhantes em geral me cumprimentam pelo nome quando passo, pois já me conhecem bem.

Do outro lado desse átrio a céu aberto fica Cosgrove Hall, uma das três residências de pacientes do Centro Martin. As outras duas se destinam a estadias de curta duração, em geral para tratar problemas com abuso de substâncias. O prazo de permanência normal é de vinte e oito dias. Já Cosgrove é para pacientes com problemas que levam mais tempo para solucionar. Isso quando têm solução.

Como no prédio principal, o corredor de Cosgrove é amplo e acarpetado. Como no prédio principal, o corredor de Cosgrove está na temperatura perfeita. No entanto, não há quadros nas paredes ou música de elevador, porque, ao passar por ali, alguns pacientes ouvem vozes murmurando obscenidades ou dando ordens sinistras. No corredor do prédio principal, algumas portas ficam abertas. Aqui, todas estão fechadas. Meu irmão Conrad está em Cosgrove há quase dois anos. Os administradores do Centro Martin e o psiquiatra responsável pelo caso querem transferi-lo para uma instalação mais permanente — chegaram a mencionar o Aloha Village, em Maui —, mas,

até agora, eu resisti. Aqui em Kailua, posso visitá-lo após as sessões com Ed e, graças à generosidade de Hugh, pagar a estada dele.

Embora eu precise admitir que minhas caminhadas pelos corredores de Cosgrove sejam uma provação.

Tento atravessá-los com os olhos fixos nos pés. Posso fazer isso porque sei que são exatamente cento e quarenta e dois passos da porta do átrio até a pequena suíte de Con. Nem sempre eu consigo — às vezes ouço uma voz sussurrando meu nome —, mas, na maioria das vezes, sim.

Você se lembra do parceiro de Con, não é? O homenzarrão do Departamento de Botânica da Universidade do Havaí? Não o chamei pelo nome antes e não tenho intenção de fazer isso agora, embora pudesse mudar de ideia se ele visitasse Connie pelo menos uma vez. Só que ele nunca apareceu. Se alguém o interpelasse, tenho certeza de que diria: “Por que, em nome de Deus, eu visitaria o homem que tentou me matar?”.

Consigo pensar em duas razões.

A primeira: Con não estava em seu juízo perfeito... ou, para ser mais exato, perdera totalmente o juízo. Depois de bater com o abajur na cabeça do homenzarrão, meu irmão correu para o banheiro, trancou a porta e engoliu um punhado de comprimidos de Valium — um *pequeno* punhado. Quando recobrou a consciência, o Bonitão da Botânica (com um sangramento na cabeça e precisando de pontos, e mais nada que afetasse sua integridade física) ligou para a emergência. A polícia chegou e derrubou a porta do banheiro. Con tinha desmaiado e estava roncando na banheira. Os paramédicos o examinaram e nem se deram ao trabalho de fazer uma lavagem estomacal.

Con tentou matar a si mesmo e ao Bonitão da Botânica sem muita convicção — essa é a segunda razão. No entanto, ele foi uma das primeiras curas de Jacobs. Talvez *a primeira*. No dia em que saiu de Harlow, Charlie me disse que era quase certo que Con tivesse curado a si mesmo e que o restante fora um truque, puro ilusionismo. “É uma habilidade que tentam ensinar na faculdade de estudos religiosos”, disse ele. “Eu sempre fui bom nisso.”

Só que era mentira. A cura tinha sido tão verdadeira quanto o atual estado semicatatônico do Con. Agora eu sei. Fui *eu* quem Charlie enganou, não só naquele dia, mas muitas e muitas vezes desde então. Ainda assim — não se esqueça de dar graças, certo? —, Conrad Morton passou muitos anos observando estrelas, antes que eu acordasse a Mãe. E ainda existe esperança para o Con. Ele joga tênis, apesar de tudo (embora nunca fale), e, como eu disse, é um monstro no vôlei. O médico diz que a resposta a estímulos externos aumentou (seja lá o que isso signifique, no fim das contas), e é cada vez menos frequente as enfermeiras e os atendentes o encontrarem no canto, batendo a cabeça de leve contra a parede, quando entram no quarto. Ed Braithwaite diz que, com o tempo, Conrad pode voltar a ser o que era, pode *reviver*. Prefiro acreditar que ele vai mesmo. Dizem que enquanto há vida há esperança, e não discuto isso, mas também acredito no inverso.

Enquanto há esperança, há vida.

Duas vezes por semana, após as sessões com Ed, eu me sento na sala de estar da suíte do meu irmão e falo mais um pouco. Parte do que conto é verdade — uma confusão na Harbor House que deu até polícia, uma remessa particularmente grande de roupas quase novas que chegaram à Goodwill, como finalmente consegui ver todas as cinco temporadas de *The Wire* — e outra parte é inventada, como a mulher que eu

supostamente namoro e é garçonete na confeitaria Nene Goose e as longas conversas com Terry pelo Skype. As visitas são monólogos, não diálogos, por isso a ficção se faz necessária. Minha vida real não basta, porque hoje ela é tão monótona quanto a decoração de um quarto de hotel barato.

Sempre termino dizendo que ele está muito magro, que precisa comer mais, e que o amo.

— Você também me ama, Con?

Até agora ele não respondeu, mas às vezes dá um leve sorriso. É uma forma de resposta, não acha?

Às **quatro da tarde**, quando a visita acaba, inverto a rota e caminho de volta ao átrio, onde as sombras — das palmeiras, dos abacateiros e da enorme e retorcida figueira-de-bengala no centro de tudo — começam a se estender.

Conto os passos e, vez ou outra, olho brevemente para a porta à frente, mas na maior parte do tempo mantenho a atenção fixa no carpete. A menos que ouça aquela voz sussurrando meu nome.

Às vezes, quando isso acontece, eu consigo ignorá-la.

Às vezes, não.

Às vezes, olho para cima contra a vontade e vejo que a parede do hospital, pintada em um tom amarelo-pastel reconfortante, dá lugar a rochas cinzentas coladas por argamassa ancestral e cobertas de hera. A hera está morta, e os galhos parecem mãos esqueléticas tentando me pegar. A pequena porta está escondida na parede, como Astrid falou, mas continua lá. As vozes vêm de trás dela, passando por uma fechadura velha e enferrujada.

Resoluto, continuo caminhando. É claro. Horrores além da nossa compreensão esperam do outro lado da porta. Não só a terra dos mortos, mas a terra *além* da morte, um lugar cheio de cores insanas, geometria absurda e abismos sem fundo onde os Grandes vivem sua vida infinita e alienígena e pensam seus pensamentos infinitos e malévolos.

Além daquela porta é o Vazio.

Sigo em frente e penso no dístico do último e-mail de Bree: "Não está morto o que pode em eterno jazer/ Em estranhos éons, mesmo a morte pode morrer."

— Jamie — sussurra uma voz anciã pela fechadura da porta que só eu posso ver. — Venha. Venha até mim e viva para sempre.

— Não — respondo, como já tinha respondido em minha visão. — Não.

E... até agora, tudo bem. Mas chegará o dia em que alguma coisa vai acontecer. Alguma coisa sempre acontece. E *quando* acontecer...

Eu irei até a Mãe.

6 de abril de 2013 — 27 de dezembro de 2013.

Nota do autor

CHUCK VERRILL é meu agente. Ele vendeu o livro e me ajudou e reconfortou ao longo do caminho.

NAN GRAHAM editou o livro com olho aguçado e uma caneta azul ainda mais aguçada.

RUSS DORR, meu incansável pesquisador, forneceu informações sempre que necessário. Se escrevi besteira, é porque não fui capaz de entender. Nesses casos, a culpa é minha, não dele.

SUSAN MOLDOW atendeu a todas as minhas ligações, mesmo quando eu estava sendo chato pra cacete, e sempre me fez seguir em frente.

MARSHA DEFILIPPO e JULIE EUGLEY cuidam das minhas obrigações no mundo real para que eu consiga viver na imaginação.

TABITHA KING, minha mulher e melhor crítica, apontou os fios soltos e me incitou a corrigi-los. Foi o que fiz, com o melhor das minhas habilidades. Eu a amo demais.

Obrigado a todos vocês, e aqui vai um agradecimento especial a todos do THE ROCK BOTTOM REMAINDERS, que me ensinaram que nunca se está velho demais para o rock and roll e me mantêm chutando o ar com "In the Midnight Hour" desde 1992. Em mi. *Toda* essa merda começa em mi.

— Bangor, Maine